

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE
MESTRADO**

ERNANI VIANA DA SILVA NETO

**TEM, MAS TÁ FALTANDO:
GESTOS INTERPRETATIVOS SOBRE TURISMO E CARNAVAL DE RUA NA
CIDADE DE MACEIÓ-AL (Brasil)**

CAXIAS DO SUL

2014

ERNANI VIANA DA SILVA NETO

**TEM, MAS TÁ FALTANDO:
GESTOS INTERPRETATIVOS SOBRE TURISMO E CARNAVAL DE RUA NA
CIDADE DE MACEIÓ-AL (Brasil)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado, para obtenção do título de Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Linha de pesquisa: Turismo, Cultura e Educação.

Orientadora: Dr^a. Susana de Araújo Gastal

CAXIAS DO SUL

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S586t Silva Neto, Ernani Viana da

Tem, mas tá faltando [recurso eletrônico] : gestos interpretativos sobre turismo e carnaval de rua na cidade de Maceió-AL (Brasil) / Ernani Viana da Silva Neto. – 2014.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2014.

Orientação: Susana de Araújo Gastal.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Turismo - Maceió. 2. Cultura. 3. Carnaval. I. Gastal, Susana de Araújo, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.48-61:394.25(813.5)

Catálogo na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

ERNANI VIANA DA SILVA NETO

TEM, MAS TÁ FALTANDO: GESTOS INTERPRETATIVOS SOBRE TURISMO E
CARNAVAL DE RUA NA CIDADE DE MACEIÓ – AL

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo. Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Educação.

Aprovado em 05/12/2014

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Susana de Araújo Gastal (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Dra. Luciene Jung de Campos
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Rafael José dos Santos
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

*A todos os profissionais da Cultura
e do Turismo do Estado de Alagoas*

AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão para com todos que passaram por meu caminho, neste processo de maestria acadêmica e de vida, é imenso. Cairia muito bem começar com *“Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos, foi a idade da tolice, foi a época da fé (...)”*, mas já disseram isso em outra obra. Já que agradecer não requer tanta originalidade assim, tentarei ser prático.

Agradeço a minha mãe Maria Wirla Ramalho, aos meus irmãos Julio César Viana Ramalho e José Henrick Viana Ramalho e a minha cunhada Aline Matias pelo carinho, zelo e atenção constante, amo muito vocês.

A Edson Bezerra que há uma década trabalhamos, discutimos, e pensamos a região metropolitana de Maceió sob a perspectiva das culturas presentes nos seus entornos lagunares e dos seus periféricos.

A todos os membros dos afoxés e maracatus de Alagoas, em especial ao Coletivo AfroCaeté.

A Karla Cristian pelo cuidado nas orientações iniciais de como seria a dinâmica acadêmica na vida de um mestrando.

A secretária do programa de mestrado em Turismo da UCS, Regina de Azevedo Mantes, pelo *“Não desista de vir, tudo pode acontecer aqui...”* Também agradeço a Regina por ter me posto em contato com Marcela Marinho e Flávio Marinho na sequência, responsáveis pelo meu acolhimento em Caxias do Sul, os terei próximo sempre.

Aos queridos e queridas Luciana Vitória, Mirella Honorato, Henrique Patto e Leandro Bazotti, pelo compartilhar das experiências e suportes nesta nossa caminhada que está longe de acabar.

A Maguil Marsílio pela disponibilidade e simpatia de sempre e a Carlos Alberto Krause por me presentear com os sobretudos mais charmosos que eu poderia ter, imprescindíveis nos frios da Serra Gaúcha.

Ao professor Rafael José dos Santos por ter aceitado a proposta inicial da pesquisa e ter me posto em contato com seu meio familiar em tão pouco tempo convivência com tanta simpatia.

A minha orientadora Susana Gastal por ser uma exemplificação viva da digna postura que uma pesquisadora profissional deve possuir em sua área de atuação e... pelas broncas regulares também, muito obrigado mesmo!

A professora Luciene Jung pelo desvelar dos mecanismos do inconsciente em suas disciplinas e nelas poder vir a conhecer um pouco mais dos meus aspectos nas relações com a vida.

Ao Professor José Carlos Köche por ter me apresentado ao Programa Negócio a Negócio SEBRAE/UCS, aos coordenadores deste projeto Prof. João Vicente e Prof. Fábio Teixeira, pela competência na gestão e no lidar com a equipe, fazendo dela referência em todo Rio Grande do Sul, a todos os Agentes de Orientação Empresarial do NN, também, meu muito obrigado.

A Casa do Amor Perfeito pelas sessões semanais de reiki aliviando um pouco as dores do corpo e da alma.

Ao grupo Zingado pelas oficinas de música e dança brasileira, grupo que puxa também o Nordeste para a Serra Gaúcha, me fazia sentir e lembrar do bom som dos tambores da minha terra.

Já que tempo e intensidade nas relações humanas nem sempre coincidem em suas proporções, minha amada companheira Luciana Gregoletto não deixa de ter sua importância neste processo também.

Ao *brother* Daniel Vargas que não me deixou fugir do cineclubismo, pelo contrário, reforçou os laços que imaginaria ter que deixar de lado.

A Breno Dallas por ter confiado na ideia das oficinas de cineclube na cidade e pelos trabalhos com a vida cultural urbana que desenvolve, entre os que mais admiro, o Festival Brasileiro de Música de Rua.

A Conrado Heoli pelo convite para integrar a CASF - Comissão de Avaliação, Seleção e Fiscalização do FINANCIARTE em 2013, pelo aprendizado a cada reunião e pela confiança de poder contribuir com as discussões, um especial agradecimento a todos que também compõem e compuseram a mesma desde então, Cíntia Hecher, Pedro Fialho, Cassiane Boff, Iliriana Rodrigues e Isa Molina.

A comunidade cultural de Caxias do Sul, a qual me fez eleito para permanecer na mesma CASF em 2014. Foi quando, de fato, deixei de me sentir um forasteiro em fronteiras alheias

A cidade de Caxias do Sul por ter sido meu décimo quinto arcano, minha maior prova de fogo. Foi aqui que ampliei perspectivas e renovei valores, fui amadurecido, por pouco que seja, no carvalho dos seus barris, não tenho como não exalar seu aroma por onde quer que eu vá. Muito obrigado *Cassias!*

*Faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade.*
Paulo Leminski - 1976

*Não há fatos,
somente interpretações.*
Nietzsche, 1885 - 1887

RESUMO

Esta pesquisa aborda as configurações do debate contemporâneo acerca dos campos do Turismo e da Cultura e suas mediações via planejamento público nacional, com referenciais nos países alinhados com a economia global. Toma-se como base investigativa o processo de turistificação da cidade de Maceió, no estado brasileiro de Alagoas, pondo em paralelo o percurso histórico das suas particularidades culturais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório, no seu primeiro momento, a ser seguida de uma análise interpretativa dos dados levantados. Todo este percurso se faz necessário para responder a seguinte problemática: Sendo o Carnaval o momento em que se performatizam as tramas relacionais existentes de um dado agrupamento social, quais são os aspectos que esta festividade revela no que se refere à articulação entre os Campos do Turismo e da Cultura na cidade de Maceió? Como objetivos colocam-se: Historicizar o Carnaval em Maceió-AL; dissertar sobre os principais eventos desenvolvidos durante as festividades de Carnaval, em paralelo com a oferta turística no período; analisar a inserção-inter-relação da cultura no processo histórico do Turismo em Maceió e sua atual configuração; investigar, nos discursos dos sujeitos de pesquisa, os eixos de tensão e entendimentos dos campos turístico e cultural. Para alcançar estes objetivos utilizamos como técnica: Pesquisa bibliográfica e documental e entrevista em profundidade semiestruturada. Constatamos que as mudanças da centralidade festiva carnavalesca muda conforme a expansão urbana. Os dados indicam que o abandono de Maceió pelas elites locais no feriado momesco é uma ação tradicional que perdura no tempo. Radicaliza-se na passagem para o século XXI, pela oferta turística de programação foliã em cidades litorâneas nos estados vizinhos. Alagoas insere-se geograficamente entre os dois maiores polos carnavalescos do país, Pernambuco e Bahia, nos quais haveria a assimilação identitária das expressões populares da cultura local em seus Carnavais, alimentando certo senso de pertencimento (*baianidade; pernambucanidade*), o que ainda seria pouco presente na busca por uma *alagoanidade*.

Palavras-chave: Turismo; Cultura; Carnaval; Maceió, Alagoas; Brasil.

ABSTRACT

This research addresses the contemporary debate settings within the fields of tourism and culture and its mediation via the public planning of countries aligned with the global economy. Take as investigative basis the process of turistification of the city of Maceió-AL putting in parallel the history of their cultural particularities. It is a qualitative research with exploratory character, in his first moment, to be followed by an interpretative analysis of the data collected. This entire route is necessary to answer the following question: Being the carnival time when is set forth its existing relational settings of a given social group, what are the aspects that this festivity reveals with regard to the articulation between the tourism and culture fields in the city of Maceió? Put themselves as objectives: Historicize Carnival in Maceió-AL; Discuss about the main events developed during the Carnival festivities, in parallel with the tourist offer in the period; Analyze the insertion-interrelationship of culture in the historical process of Tourism in Maceió and its current configuration; Investigate, in the discourses of the research subjects, the axes of tension and understandings of the tourist and cultural fields. To achieve these objectives, we used the following technique: Bibliographic and documentary research and semi-structured in-depth interview. We found that the changes in the carnivalesque festive centrality change according to urban expansion. The data indicate that the abandonment of Maceió by the local elites during the momo's holiday is a traditional action that lasts in time. It is rooted in the turn of the 21st century, a tourist offers of revelry programming in coastal cities in neighboring states. Alagoas is geographically inserted between the two largest carnival centers in the country, Pernambuco and Bahia, in which there would be an identity assimilation of popular expressions of local culture in their Carnivals, feeding a sense of belonging (*Bahianity; Pernambucanity*), which would still be little present in the search for an *Alagoanity*.

Key words: Tourism; Culture; Carnival; Maceió, Alagoas, Brasil.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Circunscrição do objeto de investigação.	19
FIGURA 2: Marca Brasil e representação das cores	26
FIGURA 3: Marco Lógico PNT em Ação	29
FIGURA 4: Articulações intersetoriais com Ministérios parceiros / Minc – Mtur.	47
FIGURA 5: Premissas de uma Maceió Negra	53
FIGURA 6: Reação dos moradores em relação ao evento Maceió Verão na orla pública de Maceió	60
FIGURA 7: La battaglia della “Ratapignata” 1875	78
FIGURA 8: Sua Majestade Triboulet abrindo o Carnaval de 2014 com o tema: Rei da Gastronomia	79
FIGURA 9: Bloco da Velha	85
FIGURA 10: Cena de Carnaval	87
FIGURA 11: I chamada do Manifesto Carnavalista	89
FIGURA 12: Mapa Geomorfológico de Maceió	97
FIGURA 13: Clube Fênix Alagoana	102
FIGURA 14: Jaraguá Folia	108
FIGURA 15: Pinto da Madrugada	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: No contato com o corpus	20
QUADRO 2: Histórico das Políticas Nacionais de Turismo	25
QUADRO 3: Estrutura do Plano Nacional de Cultura – 1975	42

SUMÁRIO

1. RELAÇÃO ENTRE PESQUISADOR E PESQUISA: UMA INQUIETUDE MEDIADORA.....	16
1.1. Construção Temática, Metodologia e Recorte Analítico.....	17
1.2. Descrição dos Capítulos.....	22
2. AQUECENDO A BATERIA.....	23
2.1. Turismo.....	23
2.1.1. Plano Nacional de Turismo.....	25
2.1.1.1. Turismo em Alagoas.....	30
2.2. Cultura.....	39
2.2.1. Plano Nacional de Cultura.....	41
2.2.1.1. Cultura em Alagoas.....	47
3. ITINERÁRIO DO CORTEJO.....	60
3.1. Problemática da Pesquisa.....	64
3.2. Objetivos.....	66
3.3. Aspectos Metodológicos.....	67
3.4 Técnicas de Pesquisa.....	71
4. SAMBA ENREDO: REFERÊNCIAIS TEÓRICOS E HISTORIGRÁFICOS...	73
4.1. Sr. Carnaval e o Turismo em Nice.....	76
4.2. Carnaval na América Latina.....	79
4.3. Carnaval no Brasil.....	85
4.3.1. Eixo Rio – São Paulo.....	88
4.3.2. Carnaval no Nordeste.....	92
4.3.3. Descrições sobre Turismo, Cultura e Carnaval em Maceió – AL.....	96

5. DISPERSÃO DOS QUESTIONAMENTOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS...	132
REFERENCIAIS.....	134
APÊNDICE A - Entrevista com Vinicius Palmeira – <i>Presidente da FMAC - Fundação Municipal de Ação Cultural da Cidade de Maceió.....</i>	146
APÊNDICE B - Entrevista com Edberto Ticianeli – <i>Presidente da Liga dos Blocos do Jaraguá Folia.....</i>	161
APÊNDICE C - Entrevista Rádio Educativa de Alagoas – <i>Vinicius Palmeira e Claudia Pessoa – Educativa em Revista.....</i>	172
APÊNDICE D - Entrevista com Bruno César Cavalcanti – <i>Antropólogo e pesquisador no Laboratório da Cidade e do Contemporâneo (LACC) do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas.....</i>	183
APÊNDICE E - Panfletarias <i>SEMPTUR – Secretaria Municipal de Promoção Turística da Cidade de Maceió.....</i>	192
APÊNDICE F - Programação Oficial do Carnaval 2014 em Maceió – <i>Nas ondas do Edécio.....</i>	200

1. RELAÇÃO ENTRE PESQUISADOR E PESQUISA: UMA INQUIETUDE MEDIADORA.

Não foi ao acaso que este estudo surgiu, nem se dará por encerrado nas considerações que o concluirão. Virá tomando forma a cada experiência adquirida ao longo de uma trajetória em curso. A ideia da construção de objetos de análise aliada às circunstâncias de inserção do observador é a que tem mais me agradado, já que o construto das problemáticas passíveis de investigação se dá nesta dialética. Há muito tempo a cidade de Maceió, no estado brasileiro de Alagoas, é ofertada ao visitante enquanto lugar de descanso para os que fogem da folia de Carnaval. O que mais me intrigava era a cidade deserta neste período e hotéis, com quase cem por cento de ocupação, com programações carnavalescas em suas dependências.

Ora, se os visitantes estavam dispostos para folias circunscritas em ambientes privativos, por que o Turismo da municipalidade não o fomentaria, sobretudo em torno do que os atuais debates sobre o fazer turístico estimulam, o encontro destes com os residentes possibilitando exercitar a *dádiva* local? Esta percepção se dá por conta de uma atuação profissional no campo da Cultura da cidade de Maceió, no início dos anos 2000, mediada pela apropriação da historiografia do Estado por livre iniciativa e por ser um compulsivo leitor das áreas sociológicas e antropológicas, apesar das dificuldades da manifestação deste saber na escrita.

Tal simpatia também com as culturas, comumente chamada de *populares*, também não foi ao acaso. Morador de bairros onde se avizinhavam *grotões*¹ e por participar de fluxos que me permitiam enxergar outras possibilidades, esta situação sempre me pôs em situações fronteiriças. Uma lembrança agradável, quando criança, a secretária doméstica que trabalhava em minha casa, quando em vez nos levava para sua residência, nos pondo em contato com seus amigos, vizinhos e familiares. Humildes vendedores de temperos, acessórios de moda e de suas forças de trabalho na limpeza dos ambientes domésticos e institucionais. Mesmo diante das dificuldades em suas condições de moradia em termos de precariedades com saneamento, fiação elétrica, abastecimento de água, ainda assim, foi lá que presenciei uma constante alegria no modo de viver. Apesar desta visão

¹ Grotões são moradias precárias em terreno acidentado, favela.

extremamente romântica e infantil, foi com ele que aprendi a fazer pipa, jogar bola de gude, rodar pião e jogar capoeira, sempre com eles, na grota Alto do Céu, uma idealização semântica para suportar a vida terrena aos fundos do bairro do Farol.

Essas experiências me deixaram muito confortável em poder participar de movimentos importantes na cidade, atuando diretamente no ressurgimento dos seus Maracatus neste início de século, organização de eventos e dos debates em torno das culturas presentes nas margens da orla lagunar da região metropolitana de Maceió.

A familiaridade com os temas de pesquisa do Turismo se deu com a formação que o Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas me proporcionou em suas classes no final dos anos de 1990, por ter trabalhado em hotéis e agências de viagens e por ter desenvolvido o estágio curricular da graduação no Distrito Federal. Estas experiências me municiaram de informações acerca do estado de forças que compõem o campo do Turismo, seus agentes e suas estratégias para ampliação de número de visitantes e consolidação de destinos turísticos. Como todo alagoano bem informado, quando não acaba se tornando um angustiado, torna-se um resignado, neste caso, a opção pela investigação foi a mais sensata para fugir um pouco daquele binômio identificado por mim como sendo o senso comum dos produtores culturais médios de Maceió. E é neste campo que permanecerei enquanto houver sentido.

1.1. Construção Temática, Metodologia e Recorte Analítico

Já que perder-se também é caminho, como diria o poeta, resguardando suas devidas proporções, o itinerário desta pesquisa fez um viesou-se por várias vezes. A construção do tema vem da percepção de uma dinâmica própria do Carnaval celebrado em Maceió, desde o final da década de 1990, comumente chamada de Prévias Carnavalescas. Termo controverso, já que não haveria pujança festiva durante os dias de Carnaval na cidade. Seriam as prévias de algo que, de fato, não existirá. Se pensarmos de forma barroca, esta pesquisa é referente a uma ausente-presença, possível de ser associada ao entendimento psicanalítico, nos moldes lacanianos, de uma manifestação do amor telúrico mediado por aquilo que nos falta, estimulando pulsões de vida e de morte, como diria Freud. Como se não bastasse,

tentar juntar ao entendimento desta problemática à tentativa de compreender as configurações da dinâmica turística da cidade, deixou ainda mais difícil a empreitada, já que este último acopla perfeitamente esta ausência em sua propaganda para venda do destino como uma cidade de descanso, para descobrir quem é a causa e quem é a consequência deste atual estado de coisas, ou se há uma retro determinação entre as manifestações da cultura local no período carnavalesco e sua imagética turística no dado período ainda fazem parte dos meus questionamentos.

No momento que este trabalho é escrito, a cultura vem sendo trabalhada, no Brasil, como um importante insumo comercial, via planejamento das esferas públicas federais, estaduais e municipais, de desenvolvimento social e de elevação da estima dos seus representados. Ou seja, trabalhada em sua dimensão cidadã, econômica e simbólica. Ora, se o humano vem sendo o principal foco das ações que articulam a esfera dos interesses públicos, no entanto políticos, no que refere também ao campo da Cultura e do Turismo, por que este sujeito é o que menos aparece em destinos paradisíacos, e quando aparece, o faz oferecendo um *welcome drink* local? Esta não é a pergunta principal desta pesquisa, mas a lógica que a norteou é similar, bem como as demais perguntas que são expostas ao longo deste trabalho. Para entender estas relações optei na qualificação desta pesquisa alinhavá-los com os saberes metodológicos da Análise do Discurso da Escola Francesa fundada por Michael Pêcheux, (1938-1983). Esta articula em seu campo de conhecimento outros três metacampos, a saber: A Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Com a compreensão acerca desta escola nas disciplinas que fiz no PPGTURH-UCS ao longo dos anos de 2012 e 2013, elaborei o seguinte esquema analítico para circunscrição do objeto.

Formação Ideológica - FI

Conjunto das Representações e Atitudes
de um dado Agrupamento Social

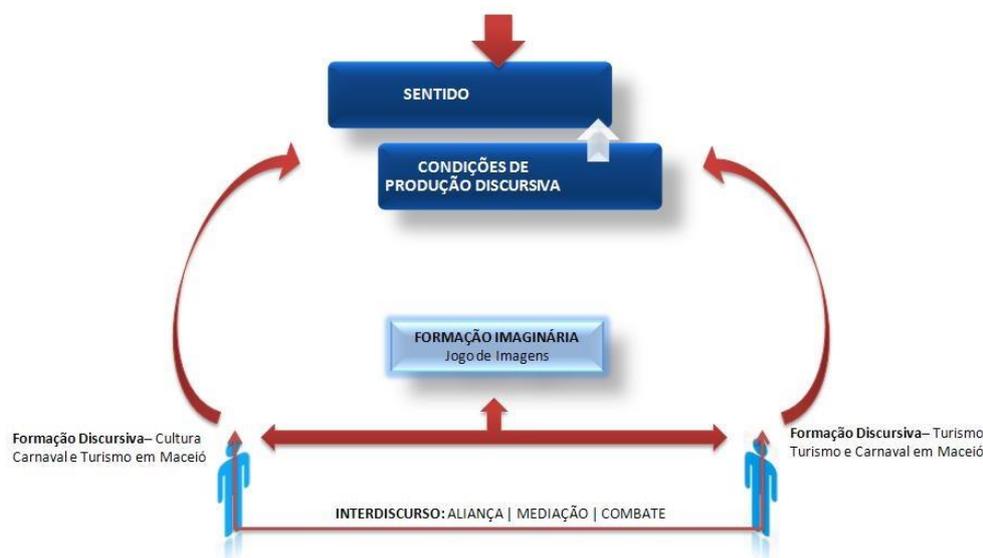


FIGURA 1: Circunscrição do objeto de investigação.

Fonte: Ernani Viana, 2013

A Figura 1 demonstra de forma esquemática a relação de sentidos, que seria investigada pela proposta anterior a este formato de estudo, para tentar descrever os sentidos de cultura e turismo produzida pelo conjunto de agentes que compõe o segmento turístico em Maceió e dos produtores culturais que desenvolvem atividades nos festejos de Carnaval. Deste modo, elenquei algumas categorias trabalhadas pela AD nos estudos de Orlandi (2010):

- **Formação Ideológica:** Complexo conjunto de representações e atitudes de um dado agrupamento social, refletindo as relações estruturais de sua formação social. Subsidiária das Formações discursivas que nela operam.
- **Condições de Produção Discursiva:** Definição das relações de força existentes no universo dos discursos presentes em um contexto sócio-histórico e ideológico. É o que leva o contexto dos efeitos de sentido.
- **Formação Imaginária:** Pêcheux (1975) afirma que resultante de processos discursivos que antecedem as elaborações do sujeito discursivo. Atuam como forças que possibilitam a antecipação dos efeitos do discurso no interlocutor. "Elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito). [...] Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso dentro de uma conjuntura sócio-histórica" (ORLANDI, 2010, p.40). Deste modo atua seguindo este jogo de imagens: (a) Posição sujeito locutor – *Quem sou eu pra falar lhe falar assim?* (b) Posição sujeito interlocutor – *Quem é ele pra me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?*

- **Formação Discursiva;** Possibilidade discursiva existente em uma determinada caracterização de Formação Ideológica. “Permite compreender o processo de produção de sentidos, e sua relação com a ideologia, ou seja, a partir de uma condição sócio-histórica dada – determina o que pode e o que não pode ser dito” (ORLANDI, 2010, p.43).
- **Interdiscurso:** Apanhado das formações discursivas existentes. Funciona como fator de aproximação e refutamento entre Formações Discursivas constituindo uma memória de sentidos. “O interdiscurso – a memória discursiva – sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos.” (ORLANDI, 2010, p.54).

Sobre a análise destas dinâmicas Orlandi (2010) questiona: “*Como compreender a opacidade da linguagem, a determinação do sentido pela história, a constituição do sujeito pela ideologia e pelo inconsciente, fazendo espaço para o possível, a singularidade, a ruptura, e resistência?*” (p.77) e oferece um pequeno esquema que pode facilitar o desvendar de sentidos produzidos pelo corpus.

1ª Etapa: Passagem da	Superfície lingüística para	Texto (Discurso)
	o ↓	
2ª Etapa: Passagem do	Objeto Discursivo para o	Formação Discursiva
	↓	
3ª Etapa:	Processo Discursivo	Formação Ideológica

QUADRO 1: No contato com o corpus
Fonte: ORLANDI, 2010, p.77

Neste sentido, acredito que a banca que avaliou a proposta na qualificação, a aprovou num sentido extremante pedagógico, para me fazer caminhar nos desertos epistêmicos e nele me encontrar. Este esquema teria plena razão de ser com uma equipe de pesquisa que se propusesse investigar o fenômeno ao longo dos anos, ou, como mais provável, não fui capaz, assim como Fausto, de dar conta das forças que invoquei. Já que estamos vivendo na fase em que conhecimento é poder, o desejo de apreender a problemática, suas determinações e variáveis, em sua totalidade é o desejo de quem se aventura por estas searas. Talvez a maturidade científica venha com o entendimento desta impossibilidade no campo social. Ao menos para mim, já que me adequo ao entendimento que por sermos sujeitos desejosos, elaboramos constantemente estratégias para satisfação e materialização deste naquilo que se chama de espírito criativo, disposição que reconfigura constantemente os estados conjunturais, restando-nos caracterizá-los historicamente e interpretá-los por gestos que sinalizem seus significados em estudos situados.

Um incômodo que tive com a Escola Francesa, apenas um dos aspectos contrários a minha simpatia com esta linha teórica, foi o cálculo quase matemático de inscrição dos sujeitos em seus ambientes de produção discursivas, em suas abordagens científicas. O próprio Pêcheux ansiara pela construção de um *software* que identificasse o mapeamento linguístico na ideologia, já que a análise sobre seus discursos também são considerações embasadas nos pântanos da ideologia em que o pesquisador se encontra inserido. As condições sobre a quais um está embasado são as mesmas circunstâncias do outro. Além de, às vezes, *um charuto, ser apenas um charuto*. Ainda que se tente romper com as ideologias, como a teoria pretende, retornamos ao mito do Pai Primevo em Freud e a metáfora da Hospedagem do opressor em Paulo Freire. Também começo a desconfiar que ideologia não seja ocultamento do poder presente nas relações - claro que preciso me inteirar mais com os teóricos deste objeto - e que apenas os iluminados possuam o conhecimento sobre os mecanismos desta, e sim que seja um grande acordo tácito capilarizado nos mais diversos campos, onde seu desvelar normalmente cria incômodos e espasmos, assim reacomodando novas formas relacionais em nome do próprio jogo, como diria o italiano Giuseppe Tomasi di Lampedusa em seu romance *O Leopardo* (1956): *Tudo deve mudar para que tudo continue como está*. Ou mesmo nas estratégias de aperfeiçoamento da *Matrix* gerando *Neo's* em seus ambientes de controle. Esta discussão não será encerrada, nem prolongada, aqui, mas acho necessária essa introdução, para justificar minha mudança analítica neste estudo.

Com esta explicação, retornei aos escritos de Geertz, sobre a cadeia de significados nos sistemas culturais, e Bourdieu sobre *Habitus, Campo e Capital Simbólico* para melhor iluminar as dinâmicas articulatórias nos jogos entre os agentes da Cultura e do Turismo na cidade de Maceió, além de uma maior liberdade interpretativa do fenômeno delimitado, ainda que por uma esforçada racionalidade já que somos sobre determinados por ações inconscientes. Encontrei nestas o suporte necessário para que o pesquisador funcione como um tradutor na descrição desses, mediante seu posicionamento legitimado pelos demais pesquisados. Além disto, a análise a luz desta teoria não se dá em termos de uma conjuntura total e totalizante, e sim nos contextos dos jogos locais em micronarrativas. Bem como iniciei uma imersão na teoria barthesiana sobre Texto e descrição dos signos ali manifestos. Identifiquei similaridades entre as categorias da Análise do Discurso e na Teoria do

Campo, por exemplo, do *Interdiscurso* na Análise do Discurso, Bourdieu aborda como *Taxas de Conversão* entre os campos.

Desse modo, utilizei como recorte temporal as atividades dos campos turístico e cultural, durante os festejos de Carnaval na cidade de Maceió em 2014. Das técnicas de investigação utilizei da revisão bibliográfica e da pesquisa documental sobre os temas Turismo, Cultura e Carnaval; Planos Políticos sobre os mesmos temas; e entrevistas conforme será visto no Capítulo 3, seguido de uma abordagem interpretativa para responder a seguinte pergunta: *Sendo o Carnaval o momento em que se performatizam as tramas relacionais existentes de um dado agrupamento social, quais são os aspectos que esta festividade revela no que se refere à articulação entre os Campos do Turismo e da Cultura na cidade de Maceió?*

1.2. Descrição dos Capítulos

Subdividi este trabalho aludindo às etapas de um cortejo em curso festivo. No Capítulo 2, *Aquecendo a Bateria*, serão vistas as discussões teóricas sobre Turismo e Cultura, As Políticas Nacionais de ambos, suas configurações no estado de Alagoas e como estas se caracterizam em sua capital, Maceió. No Capítulo 3 veremos o *Itinerário do Cortejo* que esclarece os caminhos metodológicos DE que lancei mão nesta pesquisa. No Capítulo 4, *Samba Enredo*, será abordada a historiografia do Carnaval, sinalizando suas origens no mundo ocidental, sua vinda para as Américas, focando nas suas configurações de rua nos dias atuais e suas características em Maceió, AL. No Capítulo 5 será feito a *Dispersão* deste cortejo, avaliando o caminho por qual percorri e as considerações que findarão este trabalho.

2. AQUECENDO A BATERIA

A pesquisa realizada teve como pressupostos os termos Turismo e Cultura. Antes de aprofundar o Objeto, mais propriamente, é importante apresentar meu posicionamento teórico, sobre os referidos termos e, desta maneira, iluminando meu objeto de investigação. Sendo assim, conforme as definições forem apresentadas, descreverei as particularidades do Turismo, da Cultura e do Carnaval em Maceió, AL.

2.1 Turismo

Nas últimas décadas o Turismo vem assumindo um importante papel na gestão das cidades. É importante vir junto a necessidade de ordenar este setor à compreensão DE que a cidade que é boa para seu residente, é agradável ao seu visitante. Não tem como trabalhar O Turismo sem levar em consideração as novas tecnologias de informação e a simbolização associada ao consumo de bens materiais e imateriais, das localidades. A lógica que deve acompanhar os processos de *turistificação* das cidades, ou seja, o da apropriação dos espaços para finalidade turística, é a de promover movimentos, percursos, encontros, estranhamentos, conhecimentos e reconhecimentos entre visitantes e anfitriões (HENRIQUES, 2003; GASTAL, 2005).

A antiga superficialidade da fruição dá lugar à exigência de um novo turista que espera maior aderência ao conjunto de experiências que este pode colecionar no espaço que visita (MENESES, 2006), e o que eram práticas discretas podem tornar-se uma nova combinação de *estrutura sentimental e prática* (CANCLINE, 2003). Neste sentido, para provocar processos de estranhamento e aproximações, o Turismo deve ser compreendido como:

[...] um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer (GASTAL e MOESCH, 2007, p.11).

O sujeito que atua no campo descrito pelas pesquisadoras é conceituado como Turista Cidadão. Ou seja, um agente atado ao corpo da cidade, exercendo seu

direito de ir e vir pelos nos lugares que a cidade consagra enquanto centros e margens.

O turista cidadão é aquele morador da localidade que vivencia práticas sociais, no seu tempo rotineiro, dentro de sua cidade, de forma não rotineira, onde é provado em relação à cidade. Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade, fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre, no espaço cotidiano, outras culturas, outras formas étnicas e outras oportunidades de lazer e entretenimento (Idem, p.65).

Situado o conceito de campo de práticas turísticas e de turista, percebe-se que a Cultura é parte integrante da definição descrita. Aliado desta Última está a ideia de cidadania, ou seja, sujeito a leis, compromissos, deveres e direitos assegurados a todos os membros de uma circunscrição pública, ou seja, política. Sendo assim, faz-se necessário que o que cortejo desta pesquisa passe pelas políticas nacionais que articulam, regem e orientam as estratégias que possam ser materializadas, nas cidades, entre a Cultura e o Turismo. Pode-se considerar estas políticas como uma das regras do jogo dos referidos *campos*, já que estas aliam interesses públicos e privados, expressando suas compreensões e dinâmicas na orientação dos seus mercados e nas formas de usufruir seus bens culturais. Falarei mais a respeito, quando da descrição da metodologia deste trabalho.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 assegura um pacto federativo baseado em União, Distrito Federal, Estados e Municípios. A municipalidade brasileira é um fato novo no mundo, já que esta detém poder tríplice, judiciário, legislativo e executivo, semelhantes às demais esferas da organização pública, contando com tributação e arrecadação própria. Cavalcante (2011, p. 1787-1788) explica as características da descentralização política do governo brasileiro com os municípios, em três movimentos: primeiro, *a priorização da municipalização dos serviços*; segundo, *o governo federal com papéis de coordenação e financiamento*; e, por fim, *o sucesso das experiências está vinculado à criação de uma estrutura de incentivos aos governos subnacionais*. Neste sentido a União assume, portanto, um papel regulador das práticas e subsidiário de recursos ante as imensas particularidades existentes nas cidades e nos estados. Deste modo descreverei como este processo tem tomado corpo nas políticas nacionais de turismo e cultura e

como ela vem se configurando na cidade de Maceió, já que este é um dos objetivos do trabalho auxiliando-me a pensar a dinâmica local com este referente nacional.

2.1.1. Plano Nacional de Turismo

Peters (1986, *apud* Pimentel, 2014 p. 18) afirma que política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou de forma representativa, e que influenciam a vida do cidadão. Acrescento que hoje as políticas também são influenciadas pelos cidadãos, conforme as demandas decisórias e consultivas das bases representadas, demonstrando uma porosidade nas estruturas políticas. Pimentel (2014), assim, configura o panorama histórico das políticas do Turismo no Brasil, conforme ilustra a tabela 2 na seguinte ilustração:

Período	Princípio Organizador	Efeito Esperado
Getulismo – 1930/1955	Exportação Invisível	Influxo de turistas estrangeiros; Construção de um mercado interno; Organização e fiscalização das atividades turísticas
De Juscelino ao recuo do milagre – 1956/1979	Empreendedorismo Estatal	Desenvolvimento do turismo interna e externamente; planejamento, sistematização e coordenação do desenvolvimento turístico. Fundo para custeio de programas.
Liberalização – Década de 90	Gerenciamento	Ampliação do mercado turístico nacional e estrangeiro; ações executivas descentralizadas para os estados, regiões e municípios, ampliação do mix público-privado.
Recuperação do desenvolvimento – Primeira década de 2000	Desenvolvimento e agenda social	Desenvolvimento do turismo interno e incremento do fluxo externo; melhoria da qualidade e produtividade; descentralização de planejamento e execução; regionalização; Envolvimento das comunidades; Sustentabilidade; Inclusão social pelo aumento da oferta de trabalho; Redução das desigualdades.

QUADRO 2: Histórico das Políticas Nacionais de Turismo

Fonte: Pimentel (2011, p. 34)

Até 1966 existia, a nível federal, a Divisão de Turismo e Certames do Departamento Nacional do Comércio, da Secretaria do Comércio, do Ministério da Indústria e do Comércio. Esta foi extinta pelo Decreto-Lei N°55, de 18 de novembro

de 1966. Este mesmo Decreto cria a Embratur – Empresa Brasileira de Turismo, com natureza de empresa pública e capital integralmente constituído pela União, com Personalidade Jurídica de Direto Público, vinculada ao Ministério da Indústria e do Comércio, com sua sede no Rio de Janeiro. De acordo com a publicação no Diário Oficial da União de 21 de dezembro de 1987, a Embratur passa a ser considerada como Autarquia Especial pelo parecer SR 49 da Consultoria Geral da República, a adaptação para a nova situação dando-se pela Lei N° 8.181, de 28 de março de 1991, quando houve a mudança de denominação, passando a ser Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo, Autarquia com vínculo à Secretaria de Desenvolvimento Regional da Presidência da República, com nova sede em Brasília-DF. Pela Lei de N° 8.490 do dia 19 de novembro de 1992, a Embratur passa a ser vinculada ao Ministério da Indústria, Comércio e do Turismo.

Em 1999 passa a ser vinculada ao Ministério do Esporte e Turismo pela Medida Provisória N° 1.795, de 01 de janeiro de 1999. Em 2003 passa a ser vinculada com o Ministério do Turismo, criado pelo Decreto N° 4.566, de 01 de janeiro de 2004. Neste período de criação do Ministério do Turismo, teve a frente do Instituto seu 15° presidente, Eduardo Sanovicz (2003/2006). Suas ações tinham focos no planejamento estratégico, viabilização de novas formas de atuação no exterior, apoio à comercialização e marketing do Destino Brasil, bem como o trabalho baseado em coleta e gerenciamento de dados. O Plano Aquarela – Marketing Turístico Internacional do Brasil, e a Marca Brasil passam a nortear e dar unidade às ações da Embratur desde então.



FIGURA 2: Marca Brasil e representação das cores
Fonte: MARKETING TURÍSTICO INTERNACIONAL DO BRASIL, 2007-2010.

O primeiro Plano Nacional de Turismo 2003-2007, *Diretrizes, Metas e Programas*, situado no campo da retomada de desenvolvimento do Brasil (Pimentel 2014), pretende ser um instrumento de erradicação da pobreza, considerando a Cultura como um dos instrumentos de necessária valoração:

Plano Nacional do Turismo, cuja construção, consolidação e execução deverão ocorrer ao longo dos próximos anos, tendo presente que o turismo: [...] atuará como mecanismo instigador de processos criativos, resultando na geração de novos produtos turísticos apoiados na regionalidade, genuinidade e identidade cultural do povo brasileiro, fortalecendo a autoestima nacional e a de nossas comunidades (...). (pp. 8-9).

O plano segue enquanto estratégia de inserção da cultura aos produtos turísticos:

e.1) Objetivos Gerais

Desenvolver o produto turístico brasileiro com qualidade, contemplando nossas diversidades regionais, culturais e naturais.

METAS PARA O TURISMO – 2003-2007 (p. 22).

5.1 - Criar condições para gerar 1.200.000 novos empregos e ocupações

5.2 - Aumentar para 9 milhões o número de turistas estrangeiros no Brasil - *Temos que integrar à esta imagem a essência brasileira, sua cultura, sua diversidade étnica, social e as diferentes regiões do país.* (p. 25).

5.3 - Gerar 8 bilhões de dólares em divisas – *A mudança do foco da promoção, contemplando a diversidade cultural e regional brasileira, o incremento à comercialização de novos produtos de lazer, negócios, eventos e incentivos; vão proporcionar ao visitante estrangeiro um leque ampliado de opções. O fortalecimento destes segmentos cria as condições para o aumento do tempo de permanência do turista no Brasil.* (p. 27).

5.4 - Aumentar para 65 milhões a chegada de passageiros nos vôos domésticos - *Destacamos abaixo os principais eixos de intervenção: oferta de novos produtos, contemplando nossa diversidade cultural e regional.* P 29

5.5 – Ampliar a oferta turística brasileira, desenvolvendo no mínimo três produtos de qualidade em cada Estado da Federação e Distrito Federal. P 23 *Os produtos atualmente ofertados não contemplam a pluralidade cultural e a diversidade regional brasileira. Existe um potencial a ser revelado e trabalhado no interior do país, e uma urgente necessidade de encontrar alternativas de desenvolvimento local e regional.* (p 29, Grifos meus)

No segundo Plano Nacional 2007-2010, *Uma Viagem de Inclusão*, aumenta a ênfase na inclusão social e no aumento das movimentações iniciadas em 2003. A então ministra Marta Suplicy insere em sua fala de abertura do Plano:

Mas também possuímos roteiros culturais muito ricos que certamente interessam tanto ao turista estrangeiro, como ao turista brasileiro. O nosso acervo barroco, as nossas *manifestações populares*, como *Carnaval*, as festas juninas e a festa de Parintins, além do nosso patrimônio arquitetônico

e cultural, *encantam o turista*. Quem viaja busca lazer, mas também conhecimento e cultura. O turismo tem um importante papel na educação e na formação cultural da sociedade. [...] O turismo brasileiro vai ampliar a oferta de produtos tanto para *consumidores de baixa renda, como para a classe média e para o turista de renda alta*. (P. 8, grifo meu)

Na exposição do Programa de Aceleração do Crescimento:

O turismo é uma atividade multifacetada que se inter-relaciona com diversos segmentos econômicos e demanda um complexo conjunto de ações setoriais para o seu desenvolvimento. Somente por meio de uma ação intersetorial integrada nas três esferas da gestão pública e da parceria com a iniciativa privada, conforme a proposta do PAC, os recursos turísticos nas diversas regiões do País se transformarão, efetivamente, em produtos turísticos, propiciando o desenvolvimento sustentável da atividade, com a valorização e a proteção do patrimônio natural e cultural e o respeito às diversidades regionais. (p. 13).

É neste plano que a ideia de segmentação de mercado toma maior vulto no intento de ordenar as particularidades locais nas estratégias nacionais. Os segmentos são: Turismo Cultural, Turismo Rural, Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Esportes, Turismo Náutico, Turismo de Saúde, Turismo de Pesca, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Sol e Praia e Turismo Social. Além destas amplia o número de programas de aportes financeiros para *infraestrutura* e financiamentos de *eventos com finalidades culturais e artísticas*. Dentre elas destaco o Macro Programa 7: Qualificação dos Equipamentos e Serviços Turísticos:

Como premissas para este macroprograma deve-se considerar: a busca da excelência nos serviços, as condições higiênico-sanitárias de atrativos e alimentos ofertados, a garantia de acessibilidade para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida em todos os equipamentos turísticos do País, o combate ao trabalho infantil e a exploração sexual de crianças e adolescentes, o compromisso com a sustentabilidade dos destinos turísticos brasileiros, *a conservação de patrimônio histórico e natural e a promoção e valorização das manifestações artísticas e culturais como patrimônio das populações locais*. (p. 75) Grifo meu

No *Documento Referencial do Turismo 2011-2014* descrevem a atuação pública descentralizada do setor como razão dos sucessos das metas atingidas, o sucesso da captação dos megaeventos, Olimpíadas de 2016, Copa do Mundo de 2014 e Encontro Mundial da Juventude Católica, e da cultura como veículo da promoção nacional. Continua como meta de planejamento:

Manter os atuais vetores de desenvolvimento do Turismo: promoção da igualdade de oportunidades, redução das desigualdades sociais e regionais, geração e distribuição de renda, geração de trabalho e ocupação, proteção do patrimônio histórico e cultural, respeito ao meio ambiente e propiciar ao brasileiro conhecer o Brasil (p. 130)

Articular ações para promover a recuperação do patrimônio histórico-cultural; (p.144).

O Plano Nacional de Turismo 2013- 2016, *O Turismo Fazendo muito mais pelo Brasil*, é mais ousado, pretende tornar-se o terceiro maior destino mundial em volume de recursos, perdendo apenas para os Estados Unidos e China. Neste mesmo programa o Turismo Cultural já se configura nos Macroambientes de negócios, conforme A FIGURA 3, a seguir:



FIGURA 3: Marco Lógico PNT em Ação
Fonte: PNT 2013 - 2016

E definido como Macroambiente de negócios, pelo fato de *que é nele que as oportunidades se concretizam* (PNT 2013-2016, p.105). Segundo Cartilha de Segmentação Turística (2010, p. 5) do Ministério do Turismo: “Turismo Cultural

compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

O palco de realização desta atividade são as construções arquitetônicas significativas para comunidade, sendo os recursos que acompanham o conjunto das experiências, os fazeres e saberes locais, culinária local, artesanato e os eventos articulados com as manifestações culturais próprias da localidade.

2.1.1.1. Turismo em Alagoas

Em Alagoas, especificamente na capital, Maceió – pois a partir dela se constituirá sua expansão pelo Estado – o início das movimentações turísticas SE DÁ no final da I Guerra Mundial, tendo como principais atrativos da cidade seus bares e seus cassinos (Viana e Bezerra, 2014; Veras Filho, 1991). Já na publicação *Vade mecum do turista em Alagoas*, Brandão (1937) sinaliza que em meados da década de 1930 se desenvolvia, ali, uma crescente sensibilidade voltada para as paisagens marinhas e lacustres. Nesta publicação, Brandão pretendia que esta funcionasse como um guia turístico dentro de um projeto maior de desenvolvimento da atividade no Estado. O autor faz uma descrição da organização política e cultural local e apresenta como ‘lugares pitorescos’ aqueles marcados pelas águas, matas e serras. Como ‘lugares históricos’, os bairros de Maceió, com destaque para região portuária do bairro de Jaraguá, e as cidades de Marechal Deodoro, Penedo, Porto Calvo, Maragogi e Coruripe.

Apesar da atenção dada ao Turismo nesta publicação, o primeiro plano de gestão da atividade, idealizado por José Maria de Azevedo, somente aconteceria em 1961, na administração do prefeito de Maceió, Sandoval Cajú. O plano vislumbrava a possibilidade de ampliar a receita do município através do Turismo, e com este propósito criaram-se museus, fonografia de músicas folclóricas, calendário turístico e outros artefatos culturais, graças a articulação com o governo estadual, assegurada por Veras Filho (1991). Todavia, o Estado de Alagoas somente viria ter uma política voltada para o Turismo em 1968, com a implantação do Conselho Estadual de Turismo (CETUR), presidido pelo médico Ib Gatto Falcão. O Conselho apontava a

necessidade da formação de um corpo técnico com saberes específicos, através da oferta de cursos voltados a qualificar o atendimento da rede hoteleira.

Em 1970 dar-se-ia a inauguração do Ginásio Rei Pelé, em Maceió, que redimensionaria as atividades desportivas na cidade, mas também disponibilizaria alojamentos para hospedar autoridades públicas de outros Estados, devido a ausência de uma rede hoteleira na cidade (Veras Filho, 1991). Na década de 1970, agressivas campanhas de marketing começaram a vender o Nordeste sob o slogan “Conheça o Nordeste” destacando como o *leitmotiv*, o Sol e Mar da região. A Embratur registra 32.300 turistas que visitaram o Nordeste no verão de 1972. Os percentuais foram: Salvador, 22,2%; Recife, 15,8%, Aracaju, 12,2%, Fortaleza, 10,6%; Maceió, 9,2%, João Pessoa, 7,5% e Natal, 6,3%.

Acompanhando a tendência da época, onde se destacavam roteiros paradisíacos – as Ilhas Canárias, Riviera del Fiori, etc. –, além de balneários em Acapulco, Ibiza e ilhas da América Central, muitas destas colônias de países imperiais. Como resultado da implantação daquele modelo, o Nordeste se transforma no grande sonho de consumo da classe média em ascensão no país, tornando em pouco tempo o litoral alagoano, especialmente as praias urbanas de Maceió, em destaque nacional por sua cor e temperatura. Com a construção do Hotel Jatiúca, em 1979, onde os turistas, constituindo sua principal fatia de visitantes paulistas, muitas vezes vinham apenas para ficar ali “enfornados”. Hospedar-se ali se tornara símbolo de status, era *Hype*, pois neste período foram gravados ali 10 capítulos da novela *Amor com Amor se Paga* da emissora Rede Globo.

Quanto às manifestações culturais, elas se intensificam em volume com a criação do Festival de Verão, em Marechal Deodoro, cidade histórica e primeira capital alagoana, que teria sete edições; do Festival de Cinema, na também histórica cidade de Penedo, que teve cinco edições, sempre no mês de janeiro, coincidindo com a procissão do Bom Jesus dos Navegantes; e, já na década de 1980, seguindo o crescente das emergências das demandas turísticas, pela criação do Festival do Mar, na capital Maceió, evento que, em que pese o apoio a Embratur, teve curta duração. Neste último incluía em sua programação o convite aos visitantes para saudarem Iemanjá, orixá das águas, no dia 8 de dezembro, buscando a *manutenção espontânea* de uma tradição afro-alagoanas, realizada na praia de Pajuçara com

danças e cantos de saudação à divindade. Na prática, é neste momento que começaria a se consolidar o enunciado de Alagoas enquanto o Paraíso das Águas.

O segmento de sol e mar se configura como a principal atividade do turismo de massas, o qual, se não bem planejado, pode se tornar o mais predatório de todas as práticas turísticas existentes, ocasionando impactos socioeconômicos arrasadores como a especulação imobiliária, poluição visual e sonora, contaminação de lençóis freáticos e as não-estranhas línguas negras, potencializada com o crescimento desordenado de construções e empreendimentos sem a devida fiscalização, estas que já fazem parte do dia-a-dia dos maceioenses. No campo social, Krippendorf (2009, p. 99) já nos alerta para esta problemática: “Quanto menor for o desenvolvimento da região (turística) receptora maior será a intensidade dos efeitos negativos socioculturais resultantes deste fluxo na população local”. Entre eles a segregação cultural através do encontro dos “*have*” com os “*have-not*”.

No início da década de 1980 há a construção da Ponte Divaldo Suruagy – um monumento a modernidade, até o presente, ainda não pesquisado em seus impactos ecológicos e demográficos –, ligando Maceió às áreas lacustres da Massagueira e aos entornos da Ilha de Santa Rita, ambos situados na primeira capital alagoana, Marechal Deodoro. A obra provocaria um deslocamento demográfico, uma visibilidade, uma aproximação e uma apropriação das paisagens marinhas, até então inexistentes. A consolidação das paisagens marinhas e seus desdobramentos consagram-se nos atuais roteiros turísticos alagoanos sob os enunciados de Sol & Mar e o modo de extremo controle do circuito turístico e da movimentação dos corpos. Esmiuçando tais roteiros, Bezerra e Vasconcelos (2012) concluem:

- a. Numa primeira etapa, o olhar dos empresários locais e suas escolhas e articulações com a rede de capital local a partir das articulações com donos de hotéis, pousadas, restaurantes, etc. estrategicamente situados em áreas privilegiadas do litoral;
- b. *Pari passo* à primeira etapa montam-se, juntamente com as grandes operadoras nacionais e com os órgãos representativos do trade local, as imagens dos roteiros através das simulações das imagens (com o hiper-real das fotografias e os simulacros dos clips) dos roteiros de Sol e Mar;
- c. Numa terceira etapa, estrutura-se o transporte, com as companhias aéreas e as empresas de transporte rodoviário traçando roteiros já previamente determinados a partir das escolhas anteriores;
- d. Numa quarta etapa, as hospedagens e as refeições, também são previamente determinados a partir das escolhas (dos roteiros) e dos interesses já anteriormente articulados e compartilhados;

e. Finalmente, fecha-se o ciclo com o receptivo local, neles incluídos algumas localidades básicas de visitação: Piscinas Naturais, Maragogi, Praia do Francês, Barra de São Miguel, Praia do Gunga, Delta do São Francisco, etc. e todos, quase que sem exceção, construídos a base do receituário de Sol e Mar, consolidando-se, assim, o processo iniciado na primeira etapa. (p.153)

Sendo assim, endossa-se o que afirma Santos Filhos (2005, p.54): “O turismo, ou melhor, as atividades de movimento, são a expressão do poder que tem sua validade segundo a organização do Estado e o estágio de desenvolvimento das relações de produção”. Na prática, com a estruturação deste campo simbólico (BOURDIEU, 1987) estamos diante do fechamento no que se refere às amplas possibilidades das geografias culturais alagoanas, diante da abertura de outras possibilidades às plasticidades de um saber e de um fazer turístico, voltado para o local, questão que, de resto, nos remete para a problemática das identidades culturais e suas relações dialéticas entre o local e o global, tal como nos contextualiza Stuart Hall (1997) *Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e novas identificações locais* (p. 83).

Verifica-se que tal vem se realizando e, para ficarmos, dentre muitos, com alguns exemplos pontuais de um Turismo voltado para um lugar, em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e o Rio Grande do Sul, são estados nos quais o *trade* turístico vem construindo roteiros a partir do rastro de geografias culturais, gastronômicas e históricas em seus localismos e na patrimonialização dos bens que melhor o tipificam. Também tem sido justamente este interesse pelo *local*, uma ênfase posta em prática tanto na globalizada cidade de Nova York como no Peru. Nova York² reconstruiu a sua marca buscando ampliar as possibilidades de experiências do visitante, incorporando, hábitos e costumes como opção turística, em suas campanhas publicitárias.

No mesmo sentido, o marketing da Marca Peru também sinaliza para o local, através da articulação e da incorporação de seu patrimônio, cotidianos, costumes, culinária e hábitos nativos do povo peruano³. Na prática, culturas híbridas

² Ver Campanha 2012 do Turismo da cidade de Nova York – Follow Your Heart, em www.iloveny.com. Acesso em 10 de outubro de 2013.

³ As campanhas da Marca Peru merecem um estudo a parte sobre o desenvolvimento das políticas estruturante do mercado latino americano para o turismo. Eles trabalham a ideia dos embaixadores peruanos em visita as cidades com mesmo nome que os localizados no país. Em 2011 foram para cidade de Peru, nos Estados Unidos, e em 2012 para Loreto, na Itália. Nelas ensinam aos seus

(CANCLINI, 1998), nas vitrines globais. As campanhas publicitárias que têm investido nos patrimônios arquitetônicos, artísticos, culturais e em rotas locais, enquanto possibilidade de consumo, enquadram a linha de ponta de uma tendência crescente da última fase do Turismo, que tem pontuado a sua expansão através de processos de gestão do conhecimento, planejamento e comercialização a partir do localismo dos seus capitais culturais. Com este entendimento, é significativo atentar para o que coloca Keller (2005) ao se referir ao papel do Estado no planejamento das políticas públicas voltadas para o Turismo. Segundo ele:

Embora, o turismo seja, principalmente, ligado ao setor privado, o estado tem certamente um papel importante quando se trata de concorrência global, atuando como um co-produtor do turismo. É o estado que cria e protege as atrações turísticas, e faz com que os bens de uma localidade estejam disponíveis. Um estado funcional que atue dentro das expectativas e crie leis orientadas para o mercado pode criar vantagem competitiva para um destino turístico (p.3).

Diante do exposto, o que se percebe é um crescendo de uma racionalidade integradora dentro das políticas públicas, em parceira com as iniciativas privadas, a partir de um crescente investimento nas culturas nativas, reforçando neste entranhamento as suas teias de sustentabilidade, sua regionalização, comercialização e um reforço das relações nativas. É nesta direção que se colocar as observações de Santos, Honorato e Viana (2012), quando observam:

Em termos de Políticas Públicas, a atual confluência entre Turismo e Cultura dá-se em um momento no qual o primeiro passa a incorporar uma preocupação em planejar o desenvolvimento turístico para além da visão tradicional de 'areia, sol e mar', e a segunda caracteriza-se pela mudança no entendimento dos processos culturais, incorporando as ideias de diversidade, de identidades plurais, entre outras, ao mesmo tempo em que afirma as possibilidades da Cultura como vetor de desenvolvimento social (p. 2, grifo meu).

Ainda segundo os autores supracitados, o início deste processo se dá com a política de unificação nacional getulista, por compreender o turismo como veículo imagético do ideal nacional e como suporte para o mercado de bens simbólicos, dentre eles a cultura. Compreendendo-se, assim, a estruturação dos produtos turísticos enquanto um conjunto de experiências locais, é que podemos identificar no

'compatriotas' como serem peruanos 'de verdade'. Uma verdadeira inversão simbólica do processo civilizador. Disponível em www.info.peru, acesso em novembro 2013.

turismo nativo uma *estrutura estruturante* (BOURDIEU, 1987), um conjunto de experiências somente possíveis de serem vivenciadas em seus contextos particulares sendo desenvolvida e engendrada no local, exemplificando aqui a gastronomia como um dos suportes das expressões culturais. Gastal e Pertile (2013) assim elucidam:

A pós-modernidade também amplia a concepção de cultura, permitindo considerar como tal inclusive práticas rotineiras do cotidiano, situação da qual se beneficia a gastronomia. Por outro lado, considere-se a ascensão de grupos minoritários na busca por espaço político e reconhecimento de suas identidades, o que os faz emergir e serem valorizados nos seus valores étnicos, *por exemplo*, ofertados em restaurantes centrados na oferta gastronômica diferenciada (p. 291, grifo meu).

Laclau (1991) problematiza sobre as fronteiras que demarcam as categorias temporais e constitutivas da Modernidade e Pós-Modernidade. A Pós-Modernidade não pode ser compreendida simplesmente pelo entendimento da desatualização das metanarrativas, já que estas não podem ser explicitadas por fins filosóficos nem dialéticos. A Pós-Modernidade não é uma recusa da Modernidade e, sim, uma ampliação de suas categorias de análise abertas à proliferação dos jogos de linguagem.

Os discursos da modernidade empenharam-se em dominar intelectualmente a fundação do social, fornecem um contexto racional para a totalidade da história e basear nele um projeto de emancipação humana global. Para tal, foram discursos sobre essências e identidades completamente presentes, baseadas de um modo ou de outro no mito de uma sociedade transparente. A pós-modernidade, ao contrário, começa quando a identidade completamente presente é ameaçada por um incompreensível exterior que introduz opacidade e pragmatismo na suposta imediação de suas categorias. Isso ocasiona um abismo intransponível entre o real (no sentido Lacaniano) e os conceitos, enfraquecendo assim as pretensões absolutistas dos últimos. Deve-se enfatizar que este “enfraquecimento” não nega de modo algum os conteúdos do projeto da modernidade; ele só mostra que tais conteúdos são extremamente vulneráveis à pluralidade de contextos que o redefinem imprevisivelmente (LACLAU, 1991, pp. 137-138, grifo do autor).

Estas redefinições estão manifestas na *não fixação* na relação entre *significante* e *significado*, na *polissemia*, na *ambiguidade* e *equivocidade* dos termos retirando de si sua fixidez e criando possibilidade para novas significações. Sendo assim Gagnebin (1993) nos auxilia a pensar nesta dinâmica:

Pelo movimento do seu corpo inteiro, a criança brinca/representa o nome e assim aprende a falar. O movimento da língua só é um caso particular dessa brincadeira, desse jogo. Para a criança, as palavras não são signos fixados pela convenção, mas, primeiramente, sons a serem explorados; Benjamin diz que a criança entra nas palavras como entra em cavernas entre as quais ela cria caminhos estranhos. Essa atitude não se deve a uma pretensa "ingenuidade infantil". Pelo contrário, ela testemunha a importância do aspecto material da linguagem que os adultos geralmente esqueceram em proveito do seu aspecto espiritual e conceitual, e que só a linguagem poética ainda lembra (p.81).

O Estado de Alagoas possui 102 municípios e cinco agrupamentos ordenados de acordo com as orientações do programa de regionalização do Ministério do Turismo. São eles: Caminhos do São Francisco, Quilombos, Costa dos Corais, Lagoas e Mares do Sul e Região Metropolitana. Ainda de acordo com o Ministério, o Estado conta com dois destinos indutores: Maragogi (Região Costa dos Corais) e Maceió (Região Metropolitana). O ordenamento destes deu-se de acordo com as orientações do Sebrae no que se refere ao projeto de Arranjos Produtivos Locais. Segundo o Plano Estadual de Turismo de Alagoas (2013), a situação do Estado de acordo com as 13 dimensões do Índice de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional, encontra-se: Acima da média da região Nordeste: Serviços e Equipamentos Turísticos, Atrativos Turísticos, Aspectos Ambientais e Aspectos Culturais. Abaixo da média: Cooperação Regional, Monitoramentos e Aspectos Sociais. Acima da média da região Nordeste e abaixo da média nacional: Infraestrutura geral, Acesso, Marketing, Políticas Públicas, Economia Local e Capacidade Empresarial.

Sobre o ranking estimulado pelo Índice de Competitividade, Vianna (2011) faz uma abordagem sobre análise dos seus dados e dá outros referentes:

O poder público não pode ser considerado como um ator secundário, pois em grande parte dos casos a preparação de toda a infraestrutura que irá proporcionar as bases necessárias para a exploração da atividade turística está sob sua responsabilidade ou como em alguns exemplos mais recentes aqui no Brasil, fica a cargo de uma parceria público-privada (PPP), o que torna mais relevante do que nunca o processo articulado e dialogado entre o poder público e a iniciativa privada, visando a obtenção de vantagens competitivas conjuntas que atendam tanto aos interesses dos investidores do capital, quanto as necessidades sociais da população que deve ser a preocupação principal do poder público (pp. 116-117).

Em seu estudo prossegue afirmando a necessidade de incorporar a esses dados meios para mensurar aspectos de qualidade de vida e criar possibilidades

para auto realização dos munícipes conforme suas crenças e desejos. O Plano Estadual de Turismo de Alagoas (2013 – 2023) elenca como características do envolvidos no setor turístico no Estado: A Dificuldade da participação da população em algumas regiões; Amadorismo; Falta de cultura empresarial; Ausência de pedagogias turísticas; E baixa autoestima” (p.9). Em sua pesquisa, Assis (2012) faz a seguinte pergunta: *No programa Arranjo Produtivo Local Turismo Lagoas e Mares do Sul seus participantes atuam em redes empresariais?* Antes de responder, afirma que as questões políticas no “Estado de Alagoas, ainda percorrem as questões de ordem cultural, onde o baixo índice de alfabetismo é sinônimo de cidadãos que se veem frente ao desconhecimento do que é ser cidadão, prevalecendo a premissa do *‘manda quem pode obedece quem tem juízo’*” (p. 65). Em sua conclusão traz os seguintes dados:

Pois se identificou que dos 121 entrevistados, a maioria (56%) conhecem o APL Turismo Lagoas e Mares do Sul, sendo que deste total (25%) participam do APL Turismo Lagoas e Mares do Sul, (8%) já participaram e não participam mais e (23%) não participa, mas já ouviu falar. Nunca ouviram falar sobre o APL Turismo Lagoas e Mares do Sul e não participam (44%); ou seja, a minoria (para estes cálculos foram excluídos os 09 turistas por não possuírem essas perguntas no questionário). Houve a confirmação do segundo pressuposto, onde os moradores e turistas não participam do Arranjo Produtivo Local Turismo Lagoas e Mares do Sul, no entanto quando ações deste APL são aplicadas de maneira efetiva ambos recebem os benefícios proporcionados; um exemplo, no caso dos turistas, está sendo através da duplicação da rodovia AL 101-Sul (principal acesso ao litoral Sul) e dos moradores a melhoria da qualidade de vida por meio da qualificação profissional. Em relação ao terceiro e último pressuposto, o Arranjo Produtivo Local Turismo Lagoas e Mares do Sul gera benefícios para o desenvolvimento econômico e social dos municípios envolvidos e seus participantes, comprova-se que é refutado parcialmente; dada que a representatividade dos envolvidos é quase nula ou fraca, se confirmando apenas em dois dos dez municípios participantes (p.93).

Maceió possui um Plano Diretor de acordo com a Lei Municipal nº 5486 de 30/12/2005, possuindo como premissas as descrições em seu artigo 3º:

I – inclusão social, mediante ampliação da oferta de terra urbana, moradia digna, saneamento básico, infraestrutura urbana, transporte coletivo, serviços públicos, trabalho, renda, cultura e lazer para a população de Maceió; II – prevalência do interesse coletivo sobre o individual; III – proteção ao meio ambiente; IV – gestão integrada e compartilhada do desenvolvimento de Maceió. Entende a Cultura como relevante no processo econômico no Art. 15. Complementam as medidas previstas para o desenvolvimento da produção econômica local, os seguintes programas: I – programas de incentivo ao fomento produtivo local, integrados às Zonas Especiais de Preservação Cultural previstas nesta Lei.

A descrição destas Zonas, abordarei mais adiante. Sobre Turismo descreve:

Art. 16. São diretrizes para desenvolver a atividade turística de forma sustentável:

I – integração das ações de promoção ao turismo com programas de geração de trabalho e renda e conscientização ambiental;

II – integração de programas e projetos de incentivo à produção local às políticas de estímulo ao turismo;

III – aproveitamento turístico do patrimônio natural e cultural de Maceió com a implantação de eixos ou pólos de turismo;

IV – estímulo ao turismo ecológico aproveitando os recursos naturais municipais;

V – desenvolvimento e ampliação das ofertas turísticas para os diversos segmentos de turismo, tais como: a) lazer; b) de terceira idade; c) náutico; d) científico; e) negócios;

VI – fortalecimento do turismo cultural e científico com dinamização de centros de excelência de ensino e pesquisa;

VII – associação da melhoria da infra-estrutura de transporte ferroviária, marítima e lacustre à promoção do turismo;

VIII – integração do turismo ao desenvolvimento da produção cultural local, especialmente ao artesanato e às manifestações folclóricas, para gerar trabalho e renda para população e preservar a identidade cultural de Maceió;

IX – integração de ações do Município aos programas federais e estaduais;

X – articulação com municípios que oferecem atrativos turísticos para implementar ações conjuntas;

XI – concessão de incentivo fiscal e operacional específico para promoção e manutenção do setor turístico no período de baixa temporada.

Art. 17. As diretrizes para o desenvolvimento do turismo deverão ser implementadas mediante:

I – aprimoramento e atualização dos estudos realizados para a atividade turística para elaboração do plano municipal estratégico de desenvolvimento do turismo;

II – criação de roteiros turísticos na Região Metropolitana de Maceió integrando as diversas modalidades de transporte: rodoviário, ferroviário e hidroviário;

III – estabelecimento de consórcios e associações enfocando o turismo com municípios vizinhos, tendo Maceió como núcleo de serviços da região;

IV – criação de um eixo de turismo ecológico Rio Novo - Jaraguá, aproveitando o potencial turístico da Área de Proteção Ambiental (APA) do Catolé, do Parque Municipal de Maceió, da orla lagunar e do patrimônio histórico e cultural de Fernão Velho;

V – apoio ao desenvolvimento empresarial para constituir um pólo cultural e de entretenimento em Jaraguá;

VI – apoio à instalação de um terminal turístico no Porto de Maceió e estabelecimento de parcerias para implantação da Marina de Jaraguá;

VII – promoção do turismo de negócios em Maceió, integrando o Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, o Centro Cultural, a rede hoteleira e atividades de serviços;

VIII – desenvolvimento de projetos de desenvolvimento sustentável em Maceió, associando produção local ao turismo sustentável;

IX – apoio a implantação de terminais interativos de pesca e turismo em pontos estratégicos da Cidade;

X – revisão da localização e da configuração dos pontos de venda de artesanato de Maceió;

XI – apoio à implantação do projeto hotel-escola na Cidade;

XII – constituição de parcerias entre o Poder Executivo Municipal e entidades privadas para promover campanhas de informação e formação da

população, inclusive como guias turísticos, para melhoria de atendimento ao turista;

XIII – realização de eventos esportivos e de lazer na região da lagoa Mundaú e no litoral;

XIV – apoio ao desenvolvimento do artesanato e de manifestações folclóricas locais, com características tradicionais, como atrativo turístico;

XV – incentivo à recuperação do patrimônio histórico e cultural para que integrem o roteiro turístico de Maceió.

*XVI – incentivo ao desenvolvimento turístico do litoral norte de Maceió.
Grifo meu*

No que se refere ao universo das políticas públicas do município de Maceió para o turismo, este é o único referente. O Conselho Municipal de Turismo de Maceió tomou posse no dia 13 de maio de 2014 criando as bases para o desenvolvimento do planejamento público para este campo específico, possuindo caráter deliberativo, contando com vinte e quatro organizações ligadas direta e indiretamente ao setor, não tendo, nesta composição, representantes acadêmicos. Recentemente a Lei Nº 6345 de 02 de outubro 2014 regulamenta o uso das águas marítimas e lagunares de Maceió para finalidades turísticas e dos seus respectivos prestadores de serviços.

2.2 Cultura

É possível destacar uma série de definições que expliquem a categoria Cultura, tais como “Generalização do espírito”, “Ideal Nacional”, cultura como processo, como fator de comunicação, estado mental desenvolvido, entre as mais diversas escolas que trabalham e operam com o termo.

Cuche (2002) afirma ser impossível retratar uma linha histórica completa do termo. Salieta que o início seu entendimento tenha sido o da fuga da natureza primal, da ignorância selvagem, do esforço do espírito para aperfeiçoar as relações entre as instituições sociais, ou seja, cultura como conjunto de práticas para civilização. Freud (1974) descreve a cultura como instrumento condicional e condicionante do homem na civilização, reprimindo assim suas pulsões instintivas, sexualidade e agressividade, em nome do convívio social. Raymond Williams (2000) destaca duas formas iniciais para o entendimento de cultura, uma mais idealista e ou mais materialista. Uma como espírito formador refletida nas atividades sociais. E a outra como um determinado padrão em uma Ordem Social Global. As convergências

entre os dois entendimentos favoreceram a compreensão que a cultura seja um sistema de significações que uma dada ordem social se comunica e vive.

Geertz (1989) encontra em Max Weber a explicação de seu sentido para cultura, como uma teia de significados *necessitada de entendimentos que a expliquem*, sendo possível seu entendimento através de uma escrita densa, ou seja, pela etnografia. Esta como uma prática pode ser caracterizada, além de estabelecer relações, selecionar informantes e transcrever textos, pelo tipo de esforço intelectual empreendido. Sendo a análise pela descrição dos códigos estabelecidos, determinando, assim, sua base social e sua importância. Pode, assim, ser um instrumento para descrição dos jogos, do *habitus*, dos agentes nos campos sociais. Teixeira Coelho (2008) afirma que a evolução do conceito de cultura migrou para unificação ideológica dos Estado-Nação e avançou em termos comerciais. Estaríamos vivendo no refinamento desta ideia ao incorporar no em nosso cotidiano o consumo de bens culturais numa complexa relação entre Estado e Mercado.

O Estado nacional brasileiro, por estar na terceira gestão com a mesma direção política, vem traçando metas e planos nacionais de ordenamento das atividades turísticas e culturais de longo prazo. O Plano Nacional de Turismo de 2003 lança o slogan “Seu próximo evento será no Brasil”, resultando anos à frente a vinda da Copa do Mundo em 2014 e dos Jogos Olímpicos em 2016, na cidade do Rio de Janeiro, abrindo fronteiras, fortalecendo laços com a comunidade internacional, criando expectativas de um país ainda a ser descoberto. O principal de tudo isso é que a cultura tem sido o carro chefe na veiculação do produto Brasil nas campanhas publicitárias.

A criação do estado nação é uma configuração moderna de organização política, social e econômica. Ela surge como substrato de uma demanda emergente das burguesias a partir do século XVII, na Europa. A nação é uma formação política necessária para delimitar fronteiras para sua atuação econômica e cultural dos seus confederados, sendo assim o estabelecimento de um poder central que redefina o que faz parte e o que não faz parte constitutiva desta, compartilhando passados e ambições de futuro. As cores locais nos agrupamentos políticos e econômicos das regiões definem suas identidades de relação, a diferença de suas estruturas culturais constitutivas de cada região brasileira torna-se um atrativo turístico em

potencial, como podemos ver nas aspirações no planejamento da cultura nacional a seguir.

2.2.1. Plano Nacional de Cultura

Pode-se considerar o início das ações públicas no âmbito da cultura com o modernista Mário de Andrade, no estado de São Paulo, na década de 1930. Inicialmente com o Departamento de Cultura do município de São Paulo, tendo nesta os pilares para a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1935 e 1937 respectivamente. Também na década de 1930 há uma forte relação entre estado, cultura e educação no Período Getulista, aliados ao processo de industrialização e de unificação nacional, sendo o Carnaval e o Cinema os agentes de sua propaganda. Exemplifico com *A Voz do Carnaval*, 1933, e *Alô Alô Carnaval*, 1936. De acordo com a *Enciclopédia do Cinema Brasileiro* (1997), suas exibições foram estimuladas pela lei de 1932, de obrigatoriedade de exibição dos filmes nacionais.

Dois anos após o Golpe Militar, é criado o Conselho Federal de Cultura (CFC) pelo Decreto-Lei 74 de 21 de novembro de 1966. Inicia-se o processo de descentralização das ações públicas da Cultura do estado brasileiro e da coparticipação dos estados e municípios em ações articuladas, tendo em 1968 a primeira reunião dos Conselhos Estaduais de Cultura. Em 1975 são escritas as *Diretrizes para uma Política Nacional de Cultura*, que tinhaM? como meta “imprimir feição própria ao teor da vida do brasileiro”.

Uma pequena elite intelectual política e econômica pode conduzir, durante algum tempo, o processo do desenvolvimento. Mas será impossível a permanência prolongada de tal situação. É preciso que todos se beneficiem dos resultados alcançados. E para esse feito é necessário que todos, igualmente, participem da cultura nacional (MEC, 1975, p. 9).

ESTRUTURA DO PLANO NACIONAL DE CULTURA – 1975					
PRESSUPOSTOS	FUNDAMENTOS	OBJETIVOS	DIRETRIZES	COMPONENTES BÁSICOS	FORMAS DE AÇÃO
<p>1. Uma política de cultura não significa intervenção na atividade cultural espontânea, nem sua orientação segundo formulações ideológicas violentadoras da liberdade de criação que a atividade cultural supõe. O governo brasileiro não pretende, direta ou indiretamente, substituir a participação dos indivíduos nem cercear as manifestações culturais que compõem a marca própria do nosso povo.</p> <p>2. A política da cultura proporcionará as diretrizes básicas pelas quais o poder público se propõe estimular e apoiar a ação cultural de indivíduos e grupos.</p>	<p>1. A Constituição Federal que, em seu art. 180, parágrafo único, declara: "o amparo à cultura é dever do Estado."</p> <p>2. Decreto-Lei nº 200, de 25/02/1967, que, em seu artigo 39, inclui a cultura, juntamente com as letras, as artes e o patrimônio histórico, arqueológico, científico, cultural e artístico na área de competência do Ministério da Educação e Cultura.</p> <p>3. Decreto-Lei nº 74, de 21/11/1966, que criou o Conselho Federal de Cultura</p>	<p>1. O conhecimento do homem brasileiro e o teor da sua vida.</p> <p>2. A reservação dos bens de valor cultural.</p> <p>3. O incentivo à criatividade.</p> <p>4. A difusão das criações e manifestações culturais.</p> <p>5. Integração das Linguagens Artísticas.</p>	<p>1. O respeito às iferenciações regionais da cultura brasileira, oriundas da formação histórica e social do país.</p> <p>2. A proteção, a salvaguarda e a valorização do patrimônio histórico e artístico e ainda dos elementos tradicionais geralmente traduzidos em manifestações folclóricas e de artes populares.</p> <p>3. O respeito à liberdade de criação.</p> <p>4. O estímulo à criação nos diversos campos das letras, das artes e artesanato, das ciências e da tecnologia, bem como às outras expressões do espírito do homem brasileiro, visando à difusão desses valores através dos meios de comunicação de massa.</p> <p>5. O apoio à formação de profissionais.</p> <p>6. O incentivo aos instrumentos materiais, atuantes ou em potencial, para imprimir maior desenvolvimento à criação e à difusão das diferentes manifestações da cultura, tendo-se sempre em vista a salvaguarda dos nossos valores culturais, ameaçados pela imposição maciça, através dos novos meios de comunicação, dos valores estrangeiros.</p> <p>7. A maior aproximação da cultura brasileira com a de outros povos.</p> <p>8. o desenvolvimento nacional não é puramente econômico, mas também sócio-cultural. Ao MEC compete coordenar a ação do Estado através do CFC (normativo) e DAC (executivo).</p>	<p>1. Apoio direto e acompanhamento das fontes culturais regionais, representadas, sobretudo, pelas atividades artesanais e folclóricas.</p> <p>2. Literatura: dinamizar o mercado de publicações (livros, jornais especializados, revistas, suplementos), de modo a promover o financiamento e a comercialização de edições, entre outros, de novos talentos.</p> <p>3. Revalidação do patrimônio histórico e científico brasileiro.</p> <p>4. Apoio à produção teatral nacional, tanto na área da criação quanto na da circulação e do consumo.</p> <p>5. Apoio à produção cinematográfica nacional.</p> <p>6. Apoio às diferentes modalidades da produção musical.</p> <p>7. Apoio à dança.</p> <p>8. Implementar as artes plásticas.</p> <p>9. Difusão da cultura através dos meios de comunicação de massa.</p>	<p>1. Conselho Federal de Cultura;</p> <p>2. Departamento de Assuntos Culturais;</p> <p>3. Universidades;</p> <p>4. Unidades federadas (Estados, Territórios, Distrito Federal e Municípios), através de seus órgãos de atividades culturais (Conselhos Estaduais de Cultura, Secretarias de Cultura, Departamentos ou fundações culturais).</p>

QUADRO 3: Estrutura do Plano Nacional de Cultura - 1975

Fonte: Ministério da Educação e Cultura, 1975

Pelo que se vê, a cultura de massa foi uma das responsáveis pela brasilidade e não mudou tanto o entendimento sobre a administração pública da Cultura. Em 15 de fevereiro de 1985 é criado o Ministério da Cultura pelo decreto Nº 91.114/1985. Em 1988, os direitos culturais são adquiridos constitucionalmente pelos artigos 215 e 216:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I - defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;

II - produção, promoção e difusão de bens culturais;

III - formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;

IV - democratização do acesso aos bens de cultura;

V - valorização da diversidade étnica e regional.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

§ 6º É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a fundo estadual de fomento à cultura até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, para o financiamento de programas e projetos culturais, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de:

I - despesas com pessoal e encargos sociais;

II - serviço da dívida;

III - qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados.

Em 2010, o modelo de gestão política do País, a Lei 12.343/2010 cria o Plano Nacional de Cultura e o sistema de mensuração de indicadores culturais, aliando uma sistematização similar ao Índice de Competitividade do Turismo. O mais recente documento sobre o índice de competitividade dos países signatários das Nações Unidas é *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2013*, lançado no último Fórum Econômico Mundial. Os agentes brasileiros que utilizam as ferramentas de coleta das informações são a Fundação Dom Cabral e o Movimento Brasil Competitivo (MBC). O Brasil ocupava a 52ª posição em 2011 subindo para 51ª em 2013. Nas Américas é o 7ª mais competitivo, 1ª por seus recursos naturais e 23ª pelas características culturais. O índice de competitividade do Turismo nacional é feito desde 2007, pela Fundação Getúlio Vargas, assessorando diretamente as ações do Ministério do Turismo. É uma ação articulada com o Programa de Regionalização e estabelece e pontua as cidades que fazem parte dos 65 destinos indutores e 584 municípios de desenvolvimento turístico regional. A escala de pontuação varia de 0 a 100.

Abordo aqui um pouco sobre os critérios de pontuação e as 13 dimensões que compõem o Índice de Competitividade, principalmente na mensuração do campo da Cultura. As dimensões e as variáveis relacionadas à Cultura são assim distribuídas: Infraestrutura, Acesso, Serviços e equipamentos turísticos, Atrativos turísticos (atrativos naturais, atrativos culturais, eventos programados e realizações técnicas, científicas e artísticas), Marketing e promoção do destino, Políticas públicas, Cooperação Regional, Monitoramento, Economia local (aspectos da economia local, infraestrutura de comunicação, infraestrutura de negócios e empreendimentos e eventos alavancadores,) Capacidade empresarial, Aspectos sociais, Aspectos ambientais e Aspectos culturais (produção cultural associada ao Turismo, patrimônio histórico e cultural e estrutura municipal de apoio à cultura.)

Sobre os aspectos culturais, foi realizado uma parceria com Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (IPHAN), Ministério da Cultura (MinC), Unesco e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para levantamento de literatura e DE estruturação do poder de mensurabilidade das dinâmicas e estruturas culturais dos destinos. A novidade parte do fato do Ministério da Cultura utilizar esta

ferramenta em seu planejamento estratégico. Os acordos interministeriais entre Turismo e Cultura, iniciaram com o de Cooperação Técnica MTur/MinC/IPHAN/Nº 007/2007, resultando deste o Programa de Qualificação de Museus para o Turismo iniciado em 2008.

Aprofundando esta relação o Plano Nacional de Cultura elenca este fator de alcance na Meta 10, que pretende aumento em 15% do impacto dos aspectos culturais na média nacional de competitividade dos destinos turísticos brasileiros até 2020. Atualmente, este índice é de 55,9 almejando atingir a pontuação de 64,3. Para alcançar esta meta outras metas também precisam ser alcançadas como Metas 31 e 34 - Criação e modernização de equipamentos culturais; Metas 35 e 36 - Capacitação de gestores; Meta 22 - Aumento na quantidade de cidades com grupos artísticos; Meta 24 - Circulação de espetáculos e atividades artísticas. Meta 37 - 100% das Unidades da Federação (UFs) e 20% dos municípios, sendo 100% das capitais e 100% dos municípios com mais de 500 mil habitantes, com secretarias de Cultura exclusivas instaladas. Já que é comum a área da Cultura ser administrada pelo mesmo secretário da Educação, Esporte ou Turismo.

O Plano Nacional de Cultura em seu documento traduz a fé no futuro e a criação de um ambiente favorável a exposição, circulação e fruição dos bens culturais, como vemos a seguir:

Até 2020, as políticas culturais terão passado por diversas transformações, a começar pelo pleno funcionamento de um novo modelo de gestão, o Sistema Nacional de Cultura. Esse sistema possibilitará a estados, Distrito Federal e cidades a promoção de políticas públicas conjuntas, participativas e duradouras. Ele contará com recursos do Fundo Nacional de Cultura que serão repassados a fundos municipais e estaduais (BRASIL, 2012, p.15).

Complementa:

Também serão desenvolvidas políticas para fortalecer a relação entre a cultura e áreas como a educação, a comunicação social, o meio ambiente, o Turismo, a ciência e tecnologia e o esporte.

As metas refletem uma concepção de cultura que tem norteado as políticas, os programas, as ações e os projetos desenvolvidos pelo Ministério da Cultura (MinC). Essa concepção compreende uma perspectiva ampliada da cultura, na qual se articulam três dimensões: a simbólica, a cidadã e a econômica (*idem, ibidem* – Grifo meu)

Percebe-se uma nova postura no poder público brasileiro para a estruturação de um campo que tem como viés as relações entre Cultura, consumo e de trocas simbólicas sinalizando seu acompanhamento a tendência das economias modernas

de inserção do seu patrimônio material e imaterial em pauta nas estratégias de desenvolvimento social e econômico. Sobre isso Cláudia Leitão, então secretária da Economia Criativa do MinC afirma:

Barbero define quatro forças que impulsionam o desenvolvimento: a organização flexível da produção; a difusão das inovações e do conhecimento; a mudança e adaptação das instituições e o desenvolvimento urbano do território. A interação entre essas forças produziria a necessária sinergia capaz de alavancar um desenvolvimento endógeno que, por sua vez, permitiria ao Brasil, uma nova alternativa de crescimento econômico não mais construído de fora para dentro, mas resultado de uma dinâmica econômica local (ECONOMIA CRIATIVA, 2012 p.9).

E conclui:

Segundo estimativas da UNESCO o comércio internacional em bens e serviços culturais cresceu, em média, 5,2% ao ano entre 1994 (US\$ 39 bilhões) e 2002 (US\$ 59 bilhões). No entanto, esse crescimento continua concentrado nos países desenvolvidos, responsáveis por mais de 50% das exportações e importações mundiais. Ao mesmo tempo, pesquisas da Organização Internacional do Trabalho apontam para uma participação de 7% desses produtos no PIB mundial, com previsões de crescimento anual que giram em torno de 10% a 20% (*idem, ibidem*)

O Plano da Secretaria da Economia Criativa tem como objetivo quatro eixos de atuação: *Capacitação e assistência ao trabalhador da cultura (trabalhador criativo); Estímulo ao desenvolvimento da Economia da Cultura (Economia Criativa); Turismo Cultural; Regulação Econômica (Marcos Legais)*. Do mesmo modo que elenca quatro desafios, que são (a) *Levantamento de informações e dados sobre a Economia Criativa brasileira;* (b) *Articulação e estímulo ao fomento de empreendimentos criativos;* (c) *Educação para competências criativas;* (d) *Produção, circulação/distribuição e consumo/fruição de bens e serviços criativos*. No quadro a seguir observa-se a ação do Ministério da Cultura, através da Secretaria da Economia Criativa e sua interação com o Turismo:



FIGURA 4: Articulações intersetoriais com Ministérios parceiros / Minc – Mtur
Fonte: Plano da Secretaria da Economia Criativa / MinC, 2009.

O projeto Economia da Experiência iniciou em 2006 e teve como primeiro local a ter trabalhado esta ideia, a Região da Uva e do Vinho, na Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul, e contou com a coordenação do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares da Região da Uva e Vinho (SHRBS). O projeto visa a inserção de novos mercados apoiando os pequenos empreendedores locais a inserirem valor agregado aos produtos e serviços por eles vendidos. Logo após foi desenvolvido mais 04 novos destinos com esta proposta: Costa do Descobrimento (BA), Belém (PA), Bonito (MS) e Petrópolis (RJ).

2.2.1.1 Cultura em Alagoas

O Estado de Alagoas foi proclamado independente da capitania de Pernambuco em 1817, pelo rei de Portugal Dom João VI. Uma benesse este grupo que constituía a parte sul da capitania que se manteve fiel aos interesses de colonização imperial ante as convulsões republicanas de Pernambuco. Em entrevista, para fins desta pesquisa, o antropólogo Bruno César Cavalcante fala sobre esta questão: *Temos um mal de origem digamos assim, não tivemos um elemento fundador, uma luta, uma batalha. Toda identidade se faz mediante fronteira, se a gente não conquistou a gente ganhou. Acho que a gente vive ainda um dilema de consenso mínimo de alagoanidade.*

O poeta e médico Maurício de Macedo, no documentário Calabar (2007) do diretor Hermano Figueiredo, afirma que *“Alagoas é um espaço reacionário entre Pernambuco e Sergipe”*. Não herdando o tipo do português culto presente na colonização de Pernambuco e na Bahia, o reflexo disso está presente na estima e

no cotidiano dos alagoanos referentes à valorização e conhecimento histórico da formação estado de Alagoas. Sobre isso Ferreira (2002) disserta: “Uma sociedade iletrada, onde não havia a palavra impressa, que permitiria a circulação de ideias [...]. No inóspito território não havia o sentimento de conquista, apenas a determinação de fazer a vida explorando a terra de acordo com a vontade da coroa” (Ferreira, 2002, p.11 *apud* BEZERRA, 2007, p.39)

Sobre a caracterização das elites alagoanas, grupos, atuações econômicas e consumo de bens culturais, Bezerra (2007) descreve os seguintes grupos econômicos: (1) Grupo João Lyra: açúcar, gado, transportes aéreos, imóveis, automóveis e adubos; (2) Grupo Carlos Lyra: açúcar, gado, adubos, transportes aéreos e imóveis; (3) Grupo Tércio Wanderley: açúcar, gado, soja, imóveis, automóveis, cimento e construção civil (Cipesa); (4) Grupo Toledo: açúcar, imóveis, gado, agropecuária; (5) Família José Carlos Maranhão: açúcar e gado; (6) Grupo Olival Tenório: gado, açúcar e automóveis; (7) Grupo Nivaldo Jatobá: automóveis, postos de gasolina, imóveis, cana, gado e construção civil; (8) Grupo da Família Leão: cana-de-açúcar e gado; (9) Grupo Coringa: fumo, milho e café; (10) Família Oiticica: cana-de-açúcar e gado.

Quanto à categorização do consumo cultural destes, Bezerra (2007, p.8) o divide em três padrões:

- a) De uma seleta minoria de elevado padrão cultural historicamente alheia ao consumo e visibilidade no que se refere às culturas populares. Incluso nesta, os consumidores dos clássicos, os que freqüentam periodicamente os países e museus do primeiro mundo e que dominam os códigos da alta cultura.
- b) De uma minoria de elevado padrão cultural e que além de consumidora dos produtos tradicionais dentro dos critérios de elevado padrão cultural (bons filmes, teatros, cinema, ballet, etc), diferencia-se da anterior pela incorporação valorativa das culturas populares. Compondo esta categoria, também os folcloristas e uma seleta minoria de artistas cujos temas e aspirações são construídos a partir de um imaginário voltado para as culturas populares alagoanas.
- c) E finalmente, no que se refere às elites acima, a especificidade de uma esmagadora maioria extremamente rica e poderosa, e que vai ter como uma de suas características um baixo nível de consumo cultural. Esta maioria é alheia às práticas e aos valores das culturas populares. Assim, folclore, cinema, teatro, quadros, etc. são artefatos as margens e alheios aos seus imaginários. Comparando os padrões de consumo desta categoria com os padrões da produção erudita voltada para uma “disposição propriamente estética” (Bourdieu 1997: 116), a referência do tipo de consumo desta categoria está voltada para o kitsch e para os modismos massificados do consumo cultural. (Idem *Ibdem*, p.8)

Acrescento ainda, que todas essas famílias possuem representantes na política local, nos municípios e na Assembleia Legislativa, migrando estas características para a dinâmica pública, assegurando o poder político e econômico, similar ao de regimes totalitários, sendo assim, asseguram o controle de dois campos sociais e nelas ampliam influências sobre as subjetividades dos cidadãos. Recentes pesquisas situam Maceió enquanto uma das capitais com um dos mais deprimidos indicadores sociais do Brasil. No entanto, os índices que sinalizam para os detalhes da exclusão não são isentos de contradições, uma vez que, mesmo diante de seu baixo IDH, o município se coloca classificado enquanto uma região de médio desenvolvimento humano. Todavia, quando se compara estes dados com o Índice de Gini (o qual avalia a desigualdade social via análise da distribuição de renda) verifica-se que este desenvolvimento não beneficia todos os segmentos populacionais, o que de imediato revela alta concentração de renda, 56,42% concentrada nas mãos dos mais ricos e apenas 1,4% da renda está nas mãos dos 20% mais pobres.

No mesmo contexto das exclusões, mesmo que em relação à População Economicamente Ativa (PEA) no período de 2000-2005, o município tenha obtido um crescimento de 20,1%, passando de 43,3% para 63,4% de população ocupada, tal dado não implicou necessariamente em um processo de geração de renda, muito pelo contrário, os dados acentuaram um aprofundamento da desigualdade na distribuição de renda. Graças a presença decisória do governo federal na economia e na sociedade alagoana, o quadro não é pior, pois nenhum setor econômico em Alagoas se aproxima das rendas avolumadas pelos programas sociais injetadas no estado, resultando em uma melhora no índice de Gini em 2009 (0,572).

Os programas e os recursos federais possuem uma grande importância para a realidade local. Enquanto o estado de Alagoas arrecada 960 milhões de ICMS durante um ano e, com esse dinheiro não consegue bancar sua folha de pessoal, a Previdência Social injeta R\$ 1,5 bilhão na economia do Estado, pagando mensalmente, benefícios no valor total de 120 milhões de reais a 316 mil famílias. [...] Ou seja, mais da metade da população alagoana depende dos recursos federais para sobreviver e, sem esses programas estatais, os municípios não teriam movimento comercial, o quadro de miséria seria muito maior, a tensão social e a violência seriam explosivas. (CARVALHO, 2004, p. 59)

A desidentificação desta elite com os ideais republicanos de Pernambuco, Dirceu Lindoso (1981, 2000, 2005) afirma que esta se deu por conta das

características geográficas que Alagoas possui, entrecortadas por afluentes de rios e lagoas, dando-lhes um sistema cultural autônomo, chegando a afirmar que Alagoas é uma *civilização das águas*. O imaginário das águas também aparece entre outros slogans turísticos já adotados: “Paraíso das Águas”, “A mais prateada morada do Sol”, “Caribe brasileiro”, “Terra do Sol”, como revelam aspectos históricos e culturais; como “*Cidade Sorriso*”, slogan da gestão do prefeito Sandoval Cajú que urbanizou praças públicas na cidade de Maceió, destacava o “S” aludindo a inicial do seu nome e ao termo Sorriso; “Terra dos Marechais” devido dois primeiros presidentes do Brasil Republicano serem alagoanos; e “Terra da Liberdade”, referindo-se a Zumbi e ao Quilombo dos Palmares.

Gilberto Freyre afirma que o alagoano é uma espécie quase anfíbia, no prefácio do *Banguê das Alagoas*, de outro antropólogo alagoano, Manoel Diegues Júnior. Banguê é o ambiente que antecede as atuais usinas de processamento da cana de açúcar. Referente à mão de obra escrava que constituiu o território de Alagoas, Manoel Diegues Júnior (1980) caracteriza:

O que não resta dúvida, por estes elementos conhecidos, é que foram bantus os contingentes maiores de negros nas Alagoas. Essa procedência para a área de Pernambuco e Alagoas, como também do Maranhão e Rio, é ponto definitivamente aceito pelos estudiosos dos problemas afros no Brasil. Entre nós, o maior volume de penetração escrava foi de origem bantu, através dos seus diversos tipos: o angola, o congo ou cabunda, o benguela, o negro de Moçambique, o angico... Há ainda outras denominações, que são de províncias ou pequenas regiões da zona afro-austral, habitat dos bantus, conforme referência de Artur Ramos (p.159).

Duarte (1974) em o *Folclore Negro das Alagoas*, descreve:

Os descendentes desses primeiros troncos negros continuaram, sob outras formas de vida e trabalho, a faina canavieira. Nas horas de folga [...] procuravam divertir-se ou divertir seus senhores, como derivativo ao duro regime que levavam. Nos engenhos, na época em que safrejavam, as cantorias, os pagodes, os batuques, dos cocos tinham livre curso, sinal aberto. Nos casamentos nas casas grandes, que constituem ‘dos fatos mais espantosos em nossa vida patriarcal’, como recorda o Prof. Gilberto Freyre, [...]. Também nos batizados, aniversários e nas festas pela formatura dos filhos do senhor de engenho e pela ordenação ou primeira-missa dos padres da família do dono da casa, o negro estava presente com o seu samba. Foram os engenhos o polarizador desses folks, os responsáveis pela africanias destes. As comunidades negras dos engenhos, no Nordeste, aglutinaram, fixaram e transmitiram depois o mundo admirável de seus folk (p.21)

Desta forma, é imprescindível analisar a relação da presença do negro em Alagoas e em Maceió, devido a determinação que estes transplantados dos diversos lugares de África influenciaram e influenciam na dinâmica cultural brasileira. Darcy Ribeiro (1995) circunscreve os moldes de como se dá a entrada no Brasil no processo civilizador, já que a força motriz de desenvolvimento econômico se embasou na força do trabalho escravo e seus descendentes não sumiram na história, sendo possível, através de sua análise nacional, compreender e iluminar as relações internas no estado de Alagoas, fundada no plantio da cana de açúcar, e, como vimos, a economia ainda se baseia no latifúndio e uma pequena parte do setor terciário, esta normalmente vinculada a outras modalidades do capital agrário:

Conscritos nos guetos de escravidão é que os negros brasileiros participam e fazem o Brasil participar da civilização de seu tempo. Não nas formas que a chamada civilização ocidental assume nos núcleos cênicos, mas com as deformações de uma cultura espúria, que servia a uma sociedade subalterna. Por mais que se forçasse um modelo ideal de europeidade, jamais se alcançou, nem mesmo se aproximou dele, porque pela natureza das coisas, ele é inaplicável para feitorias ultramarinas destinadas a produzir gêneros exóticos de exportação e de valores pecuniários aqui auridos. Seu ser normal era aquela anomalia de uma comunidade cativa, que nem existia para si nem se regia por uma lei interna do desenvolvimento de suas potencialidades, uma vez que só vivia para outros e era dirigida por vontades e motivações externas, que o queriam degradar moralmente e desgastar fisicamente para usar seus membros homens como bestas de carga e as mulheres como fêmeas animais. As diferenças entre os dois modelos, não sendo degradações nem enfermidades, não podiam jamais ser reestruturadas ou curadas. De fato, era o Brasil que se construía a si ser reestruturadas ou curadas. De fato, era o Brasil que se construía a si mesmo como corresponde à sua base ecológica, o projeto colonial, a monocultura e o escravismo do que resulta uma sociedade totalmente nova (pp.117-118).

Em Maceió, a recente novidade, fato ainda pouco pesquisado, são os mediadores de classe média que estão revisitando e atualizando os rastros identitários da cultura negra na cidade, além das ações de modernização na gestão pública da Cultura no município desde 2013⁴. Estes movimentos expressam a ponta de um fenômeno que ainda se manifesta ainda com pouca clareza. Grupos de estudos tentam compreender as atuais dinâmicas da cultura negra em Alagoas e

⁴ A atual presidência da FMAC - Fundação Municipal de Ação Cultural da cidade de Maceió vem desenvolvendo ações na criação dos conselhos municipais de cultura de acordo com as orientações do Sistema Nacional de Cultura do MinC. Além de desenvolver ações, financiamentos e incentivos a comunidade a qual citamos o Verão Maceió, Concurso do Bumba meu Boi, lançamento de chamadas públicas em editais para o Carnaval e festividades Juninas. <http://www.maceio.al.gov.br/fmac/>

suas influências no cotidiano urbano⁵. Cavalcanti e Barros (2006), ao descrever a configuração dos Bantus que povoam a periferia de Maceió, concluem ser a herança religiosa o fio que mantém vivo o conjunto de suas práticas culturais, ante os inúmeros processos históricos que solaparam as manifestações populares, e como estes podem se aliar às dinâmicas urbanas sem perda de referencial identitário e étnico. Entre estes processos estão o extermínio dos índios Caetés (1556), a derrocada do Quilombo dos Palmares (1695) e o Quebra de 1912⁶. Ao falar disto, explicitam como se criam estratégias na cultura que possam ser integradoras em Maceió:

No que concerne à capoeira, e como já afirmado, sua expansão alargada decorre de uma maior relativização de antigos preconceitos sobre sua prática, mas também guarda relação com o fato de que a capoeira representa um serviço ofertado à sociedade em geral que pode, diferentemente do que acontece com as práticas religiosas, por exemplo, prescindir de determinadas características presentes nas manifestações afro-brasileiras e que são, ainda, estigmatizadas socialmente; a capoeira é uma atividade que logra obter a adesão daqueles que busquem simplesmente adequar a procura por lazer com o bem-estar físico, podendo, mais facilmente que a religião, ter suas práticas incorporadas a equipamentos e serviços como colégios, clubes, academias etc. Estas características dão flexibilidade aos imperativos que comandam outras modalidades culturais aqui em apreço. Tal como ocorre no caso das escolas de samba, os grupos religiosos e os de folguedos são atividades gregárias, fomentadoras de sociabilidades duradouras, além de se constituírem em mecanismos de ajuda mútua e solidariedade, às vezes até mesmo da identidade étnica dos grupos (p.13).

⁵ Ressurgimento dos maracatus, desde 2007, e a organização de eventos mediados, apoiados e organizados por estes agentes. Dentre muitos destacamos: Festa das águas, em 8 de dezembro, movimento dos religiosos na orla de Maceió, em homenagem à Iemanjá, na praia de Pajuçara; Lavagem do Bomfim, no segundo domingo de janeiro; o recente Xango Rezado Alto, em 2 de fevereiro, dia estadual e municipal de Combate a Intolerância Religiosa; Festa da Cultura Popular, no Bairro lacustre do Vergel do Lago, em março.

⁶ Na Alagoas de 1912, verificar-se-ia um dos episódios mais violentos de que se tem notícia na história dos chamados cultos afro-brasileiros, no caso, a “operação xangô”, como ficou também conhecido o quebra-quebra liderado por integrantes da Liga dos Republicanos Combatentes, associação civil de caráter miliciano, e que implicou na destruição das principais casas de culto da capital e de municípios circunvizinhos. O mote inicial da campanha, foram as suspeitas de que entre o Governador Euclides Malta e aquelas casas de culto existia um estreito relacionamento, de modo que depois da deposição daquele político, que já se mantinha no poder por quase doze anos, a ira da população se voltou contra os terreiros, que foram temporariamente calados, dando razão para que na seqüência dessa destruição surgisse uma modalidade exclusiva de culto: o “xangô rezado baixo” RAFAEL, 2004 p.4

CARTOGRAFIA DE BENS E SERVIÇOS AFRO-BRASILEIROS DE MACEIO (AL) - DISTRIBUIÇÃO POR BAIRROS

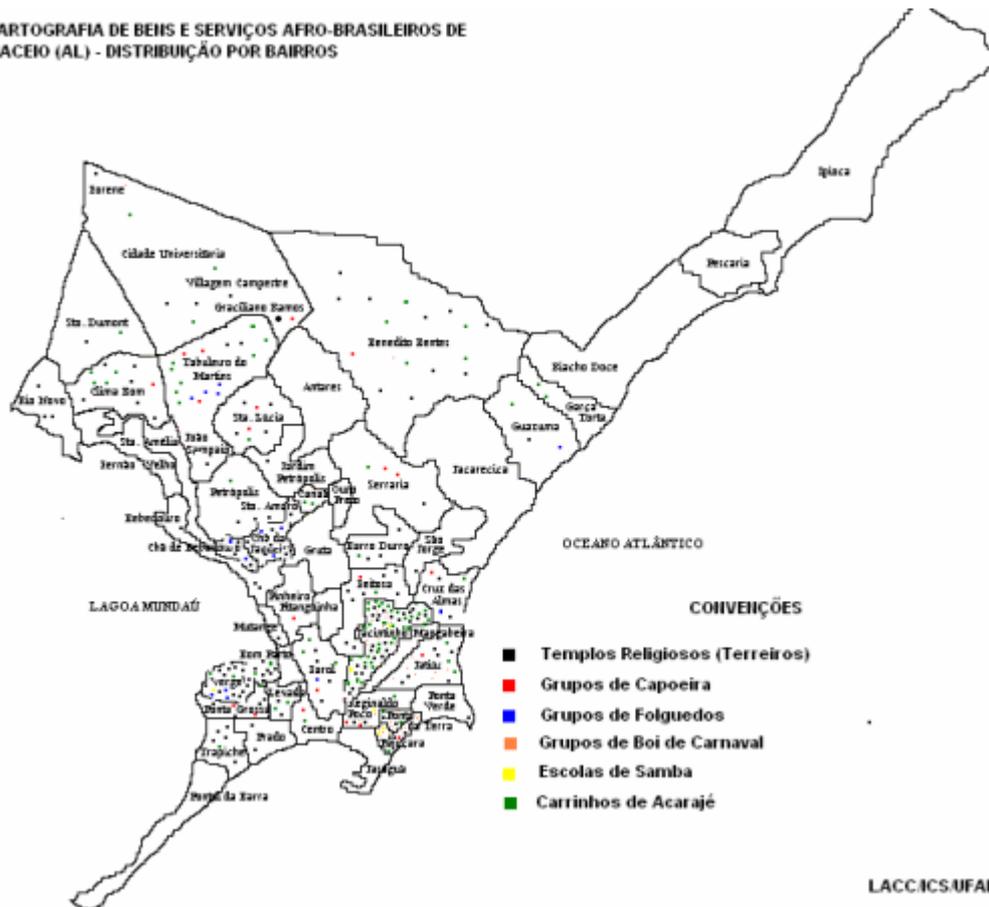


FIGURA 5: Premissas de uma Maceió Negra
 Fonte: Cavalcanti e Rocha, 2006, p.3

A Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas, no decreto nº 27.736, de 29 de agosto de 2013, institui o Plano Estadual de Cultura (PEC) e cria o Sistema Estadual de Informações e Indicadores Culturais, e dá outras providências. Possui como Objetivos: *I – promover a preservação e valorização do patrimônio cultural alagoano, imaterial e material, utilizando-o para a promoção do desenvolvimento sustentável; II – desenvolver a economia da cultura no estado e o consumo cultural; III – estimular a qualificação da gestão cultural nos setores público e privado.* Com ele pretende alinhar-se ao Sistema Nacional de Cultura e com isso adequar-se ao padrão de repasse de recursos federais. No que se refere ao Turismo, o plano tem como estratégia:

- 1.16. realizar promoção, divulgação e marketing de produtos, destinos, roteiros turísticos culturais;
- 1.17. estimular a valorização do artista local em sua região, inserindo-o nos eventos de repercussão da cidade; [...]

- 1.28. aprofundar a inter-relação entre cultura e turismo, gerando benefícios e sustentabilidade para ambos os setores;
- 1.29. divulgar os espaços culturais dos municípios por meio de comunicação das secretarias de turismo e facilitar o acesso ao turista das informações culturais de cada região;
- 1.30. criar um calendário cultural (feiras de exposições, apresentações artísticas etc.) que possibilite ao turista acesso aos bens da cultura local;
- 1.32. unificar os mapeamentos turístico e cultural com a inclusão de calendários de eventos e novas alternativas de lazer cultural (museus, pontos turísticos, pontos históricos, etc.);

De acordo com o Plano Diretor da Cidade de Maceió (2005) apresentam-se estratégias e ações referentes aos recursos e acervos culturais do município. Define os objetivos destas ações:

Art. 45. São objetivos da gestão do patrimônio cultural do Município de Maceió:

- I – fortalecer a identidade e diversidade cultural no Município pela valorização do seu patrimônio cultural, incluindo os bens históricos, os costumes e as tradições locais;
- II – considerar a relevância do patrimônio cultural do Município como instância humanizadora e de inclusão social;
- III – integrar as políticas de desenvolvimento do turismo e cultural, gerando trabalho e renda para a população;
- IV – implementar a gestão democrática do patrimônio cultural.

No que se refere a gestão do Patrimônio:

- I – criação de zonas de preservação cultural, com planos de gestão específicos para cada uma delas;
- II – criação de unidades especiais de preservação cultural, com definição de diretrizes e regulamentação urbanística para cada uma delas;
- III – instituição de planos de gestão para as áreas de interesse cultural já existentes, as ZEPs de Jaraguá e Centro;
- IV – criação de um corredor cultural que integre as zonas especiais de preservação cultural e as unidades especiais de preservação cultural atravessadas pela rede ferroviária, envolvendo os bairros de Jaraguá, Centro, Bom Parto, Mutange, Bebedouro, Fernão Velho e Rio Novo;
- V – constituição de parcerias com a população local e a iniciativa privada para controle, monitoramento e execução de obras no patrimônio cultural edificado;
- VI – implementação de programas e agendas culturais para a população, como música e teatro de rua, nos bairros em geral, bem como de um calendário cultural;
- VII – criação de um programa de educação patrimonial voltada para o conhecimento e valorização de bens históricos, costumes e tradições locais;
- VIII – implementação de um programa oficina-escola de restauração de bens patrimoniais, associada a programas sociais de recuperação de crianças e adolescentes ou de grupos da população que necessitem de reabilitação social;
- IX – realização de conferências públicas e fóruns temáticos de cultura.

Descreve como Zonas Especiais de Preservação Cultural os bairros do Jaraguá, Centro, Bebedouro, Fernão Velho e Pontal da Barra. As ações previstas são as de integração em corredores culturais, estímulo a fixação de residências e empreendimentos culturais, incentivos fiscais, interligação via terminais rodoviários e hidroviários, ocupação de praças com programação cultural, valorização gastronômica, planejamento em rede e caráter de ações descentralizadas compartilhando responsabilidades com os agentes inseridos nos bairros. Também dá providências no que se refere a estruturação do Plano Municipal de Cultura a ser homologado em 2014. Sobre isso define:

Art. 48. O Plano Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Maceió, além de obedecer às normas e orientações do órgão federal de preservação cultural, deverá prever:

- I – responsabilidades dos órgãos e entidades municipais relativos à gestão do patrimônio cultural;
- II – formas de articulação com órgãos e entidades estaduais, federais e internacionais responsáveis pela proteção do patrimônio cultural, sediados ou não no Município, e com a sociedade organizada;
- III – revisão da composição e das atribuições das entidades vinculadas à proteção cultural, dentre outros o conselho municipal responsável pela preservação do patrimônio cultural de Maceió;
- IV – mecanismos para funcionamento dos instrumentos da política cultural, como a Conferência Pública de Cultura e os Fóruns Temáticos de Cultura;
- V – planejamento dos espaços permanentes e temporários para exposições e apresentações da produção artístico-cultural;
- VI – ações a serem implementadas em curto, médio e longo prazo para fortalecimento da identidade cultural e valorização do patrimônio cultural;
- VII – planejamento da rede de atuação cultural, por bairro ou por unidade de gestão urbana descentralizada;
- VIII – planejamento do calendário de eventos culturais;
- IX – definição de outros instrumentos para implementar medidas e ações sugeridas pelo Plano, inclusive avaliação da possibilidade de instituir o tombamento municipal do patrimônio cultural;
- X – identificação de parceiros para efetivação das medidas e ações propostas pelo Plano;
- XI – inventário dos bens imóveis e móveis e dos bens imateriais do patrimônio cultural, em complementação aos previstos nesta Lei;
- XII – mecanismos para capacitação de agentes culturais.

De acordo com o Plano Municipal de Cultura, ainda no prelo, a Fundação Municipal de Ação Cultural da Cidade de Maceió reafirma a dimensão Simbólica, Econômica e Cidadã da cultura conforme planejamento federal. Assim descreve no Diário Oficial do Município de Maceió no dia 14 de janeiro de 2014:

Art. 6º Cabe ao Poder Público do Município de Maceió planejar e implementar políticas públicas para:

I - assegurar os meios para o desenvolvimento da cultura como direito de todos os cidadãos, com plena liberdade de expressão e criação;
II - universalizar o acesso aos bens e serviços culturais;
III - contribuir para a construção da cidadania cultural;
IV - reconhecer, proteger, valorizar e promover a diversidade das expressões culturais presentes no município;
V - combater a discriminação e o preconceito de qualquer espécie e natureza;
VI – promover a equidade social e territorial do desenvolvimento cultural;
VII - qualificar e garantir a transparência da gestão cultural;
VIII - democratizar os processos decisórios, assegurando a participação e o controle social;
IX - estruturar e regulamentar a economia da cultura, no âmbito local;
X - consolidar a cultura como importante vetor do desenvolvimento sustentável;
XI - intensificar as trocas, os intercâmbios e os diálogos interculturais;
XII - contribuir para a promoção da cultura da paz. [...]
Art. 11 O Poder Público Municipal compreende a concepção tridimensional da cultura – simbólica, cidadã e econômica – como fundamento da política municipal de cultura.

Da dimensão Cidadã da Cultura:

I – os direitos culturais integram os direitos humanos e se constituem em plataforma de sustentação das políticas culturais;
II – considerar-se-á o exercício da cidadania cultural como integrante do exercício da cidadania plena por todos os cidadãos do Município de Maceió.
Art. 16 Cabe ao Poder Público Municipal:
I – assegurar o pleno exercício dos direitos culturais a todos os cidadãos;
II – promover o acesso universal à cultura por meio do estímulo à criação artística, da democratização das condições de produção, da oferta de formação, da expansão dos meios de difusão, da ampliação das possibilidades de fruição e da livre circulação de valores culturais;
III – assegurar o direito à identidade e à diversidade cultural por meio de políticas públicas de promoção e proteção do patrimônio cultural do município, de promoção e proteção das culturas indígenas, populares e afro-brasileiras e, ainda, de iniciativas voltadas para o reconhecimento e valorização da cultura de outros grupos sociais, étnicos e de gênero;
IV – assegurar o direito à participação na vida cultural, com a garantia da plena liberdade para criar, fruir e difundir a cultura e não ingerência estatal na vida criativa da sociedade, inclusive às pessoas com deficiência, que devem ter garantidas condições de acessibilidade e oportunidades de desenvolver e utilizar seu potencial criativo, artístico e intelectual.
Art. 17 O estímulo à participação da sociedade nas decisões de política cultural será efetivado por meio da criação e articulação de conselhos paritários, com os representantes da sociedade democraticamente eleitos pelos respectivos segmentos, bem como pela realização de conferências e da instalação de colegiados, comissões e fóruns.

Da dimensão simbólica da Cultura:

Art. 12 A dimensão simbólica da cultura compreende os bens de natureza material e imaterial que constituem o patrimônio cultural do Município de Maceió, abrangendo todos os modos de viver, fazer e criar dos diferentes

grupos formadores da sociedade local, em conformidade com o disposto no art. 216 da Constituição Federal.

Art. 13 A política cultural deve contemplar as expressões que caracterizam a diversidade cultural do Município, abrangendo toda a produção nos campos das culturas populares, eruditas e da indústria cultural.

Art. 14 Compete ao Poder Público Municipal:

I – promover e proteger as infinitas possibilidades de criação simbólica expressas em modos de vida, crenças, valores, práticas, rituais e identidades;

II – promover diálogos interculturais, nos planos local, regional, nacional e internacional, considerando as diferentes concepções de dignidade humana, presentes em todas as culturas, como instrumento de construção da paz, moldada em padrões de coesão, integração e harmonia entre os cidadãos, as comunidades, os grupos sociais, os povos e nações.

Da dimensão econômica da Cultura

Art. 18 Cabe ao Poder Público Municipal criar as condições para o desenvolvimento da cultura como espaço de inovação e expressão da criatividade local e fonte de oportunidades de geração de ocupações produtivas e de renda, fomentando a sustentabilidade e promovendo a desconcentração dos fluxos de formação, produção e difusão das distintas linguagens artísticas e múltiplas expressões culturais.

Art. 19 O Poder Público Municipal deve fomentar a economia da cultura como:

I - sistema de produção, materializado em cadeias produtivas, num processo que envolva as fases de pesquisa, formação, produção, difusão, distribuição e consumo;

II - elemento estratégico da economia contemporânea, em que se configura como um dos segmentos mais dinâmicos e importante fator de desenvolvimento econômico e social; e

III - conjunto de valores e práticas que têm como referência a identidade e a diversidade cultural dos povos, possibilitando compatibilizar modernização e desenvolvimento humano.

Art. 20 As políticas públicas no campo da economia da cultura devem entender os bens culturais como portadores de ideias, valores e sentidos que constituem a identidade e a diversidade cultural do município, não restritos ao seu valor mercantil.

Art. 21 As políticas de fomento à cultura devem ser implementadas de acordo com as especificidades de cada cadeia produtiva.

Art. 22 O objetivo das políticas públicas de fomento à cultura no Município de Maceió deve ser estimular a criação e o desenvolvimento de bens, produtos e serviços e a geração de conhecimentos que sejam compartilhados por todos.

Art. 23 O Poder Público Municipal apoiará os artistas e produtores culturais atuantes no município para que tenham assegurado o direito autoral de suas obras, considerando o direito de acesso à cultura por toda sociedade.

O plano sugere uma transversalidade com as demais políticas, entre elas a educação, comunicação social, meio ambiente, esporte, ciência e tecnologia e o turismo. Sendo este último também componente do Conselho Municipal de Cultura.

Vinicius Palmeira, atual presidente da Fundação Municipal da Cidade de Maceió, assumiu a gestão pública da Cultura em 2013. Em entrevista para esta pesquisa, ele descreve um pouco da sua trajetória:

Minha trajetória na cultura começa dentro do mundo privado. Eu sou economista de formação e especializei –me em Planejamento Governamental no Rio de Janeiro. Mas dentro do mercado financeiro eu era superintendente de cartão de crédito quando começamos a utilizar o marketing cultural para abordagem de clientela. Nós trabalhávamos com grandes redes e foi junto das linguagens culturais que nos aproximamos desses clientes para promovermos grandes eventos. Minha primeira execução em área cultural foi essa. O que me obrigou a fazer marketing cultural na Fundação Getúlio Vargas para poder me inteirar mais da produção cultural. Isso no Rio de Janeiro, quando retornei para Maceió em 98 foi quando mergulhei de vez na cultura. Trouxe uma bagagem executiva de captação de recursos que ficou fácil migrar. Por que essa área sempre houve uma carência de executivos e de gente com formação que possa fazer projetos e captar recursos. Então eu trazia essa bagagem do mundo privado e foi mais fácil se adaptar. Agora a formação como plateia eu tinha feito antes. Por que vivi numa cidade extremamente cultural durante a juventude, então tudo que era de espetáculo, de dança, de música, de ópera eu assisti nos 15 anos que vivi lá e no exterior também. Eu juntei a minha bagagem de plateia com minha experiência de executivo, e com essa mistura saiu o profissional da cultura com características que talvez me dão facilidades que o mercado demandava esse tipo de profissional. Aqui em Alagoas trabalhei como produtor cultural grande parte do tempo, fui executivo porque me especializei muito na captação de recursos, porque vindo da atividade de executivo e do mundo privado, é natural que atuasse como consultor ou como empreendedor desse nível. Até por que isso me fez ganhar mais dinheiro que o pessoal que só faz produção cultural que tem muito mais sacrifícios em suas trajetórias. Depois no governo, eu participei das gestões de Kátia Born, Ronaldo Lessa por um tempo, fui chefe de gabinete, fui secretário adjunto de cultura da cidade de Maceió, superintendente de ação cultural no estado. Durante o período tive uma produtora e consultoria de cultura. Posteriormente fui ao Ministério da Cultura, fui chamado pra um trabalho, pra dirigir o programa Mais Cultura, e naquela ocasião eu era o diretor de programas e projetos do Ministério da Cultura. Acredito que essa trajetória com certeza, me levou até aqui, a presidência da Fundação (FMAC), mesmo por que em qualquer desses cargos meu contato com a comunidade cultural sempre foi muito intenso.

Bruno César, já citado, descreve as condições em que fez Vinicius assumir a Fundação Municipal de Maceió e modernizar suas funções:

É inegável nessa gestão da fundação cultural, que existe um perfil diferente. O Vinicius foi elevado à condição de secretário com um apoio muito grande de grupos culturais e ele tá sabendo conduzir isso respeitando as decisões desses grupos a esse modelo de gestão cultural. Tá visível isso em todas as ações, os editais respondem a isso. Agora, o que eu acho que tá acontecendo é que antes, os vínculos entre o tradem hoteleiro e turístico e a administração pública municipal era escancarado. Você ouvia muito mais a secretaria de turismo funcionar que a de cultura. Durante o Carnaval, você ouvia muito mais a voz da menina, da Claudia, do que dos outros secretários de cultura. Vê o Eduardo Bonfim, acabou logo com o concurso

de blocos tradicionais. É bem verdade que aqueles blocos eram uma grande mentira, era muito ruim aquele modelo, falido, o pires na mão mesmo. Nunca fizeram uma capacitação, um treinamento, mas a solução foi terrível, afundá-los de vez.

Edberto Ticianele, coordenador do Jaraguá Folia, evento de celebração Carnavalesca que ocorre na semana que antecede o Carnaval no bairro histórico do Jaraguá, também o cita neste processo em entrevista para esta pesquisa:

Vinicius Palmeira vem de uma escola, que eu venho também, eu era secretário de cultura e ele era meu chefe de gabinete, praticamente o secretário adjunto, nos trabalhávamos no mesmo nível. Como Vinicius ficou muito na articulação nacional, a gente teve muito contato com o Ministério da Cultura naquele período com Gilberto Gil e depois o Juca Ferreira. A visão adotada por Gilberto Gil e Juca repercutiu por todo Brasil. Essa visão é a visão que a secretaria de cultura adotou na época. Depois o próprio Vinicius foi chamado para o Ministério. E assume então com essa visão. É uma visão importantíssima, porque vê a cultura em toda sociedade, e vê as instituições como papel indutor. [...] Vinicius conseguiu mais investimentos com o prefeito, acho que é uma das áreas da prefeitura que mais tem tido respostas positivas da sociedade.

Desde que assumiu a Secretaria, vem desenvolvendo eventos de valoração da cultura alagoana. Entre as quais cito novamente, Giro de Folgedos⁷, São João⁸, Concurso Bumba Meu Boi, retomada do Carnaval em 2014, do qual falarei na sequencia deste trabalho, e o Maceió Verão⁹. Este último contou com uma programação recheada de atrações nacionais dando destaque nas aberturas destes para os artistas locais. Foram sete sábados, entre janeiro e fevereiro de 2014, na orla marítima de Maceió, sempre das 17h às 22h. Cláudia Pessoa, secretária de Turismo do município de Maceió fala em entrevista à rádio pública do Estado sobre a presença dos visitantes prestigiando o Maceió Verão de 2014, a integra da entrevista segue anexo.

Mas eu reafirmo essa questão do perfil que nós vimos últimas edições do Maceió Verão, famílias, nós víamos crianças nos colos dos seus pais, aqui no cangote como a gente diz, no pescoço dos pais, das mães. Muitos a gente via que a pele era bem clarinha, os olhos muito claros, via que era muita gente de fora mesmo, até do exterior, ai a gente fica muito feliz por

⁷ <http://www.maceio.al.gov.br/secom/noticias/giro-de-folgedos-domingos-de-cultura-na-orla-de-maceio/>

⁸ 2014 <http://maceio.al.gov.br/saojoao/> 2013 <http://www.maceio.al.gov.br/secom/noticias/de-jacinto-a-tororo-sao-joao-e-em-maceio-prefeito-de-maceio-lanca-festividades-juninas/>

⁹ <http://maceio.al.gov.br/veraomaceio/>

que a visão clara que é a realização de um trabalho esteado na responsabilidade.



FIGURA 6: Reação dos moradores em relação ao Maceió Verão, na orla pública de Maceió.

Fonte: Nilson Nascimento.¹⁰

Bezerra (2007) descreve um *apartheid simbólico* existente na relação centro – periferia em Maceió, sendo esta mais radical no que se refere a orla marítima. Como toda geografia é política (FOCAULT, 1979), sua utilização e defesa também passam por feixes de poder em constantes disputas. Podemos exemplificar, como uma manifestação reveladora do *ethos* da elite local, na imagem a seguir. A faixa acima foi em reação ao Maceió Verão 2014.

3. ITINERÁRIO DO CORTEJO

A presente pesquisa, desde os seus momentos iniciais, propôs-se como uma abordagem interdisciplinar, característica dos estudos turísticos, para descrever a atual configuração do Turismo e da Cultura, e suas respectivas políticas públicas, tentando assim elaborar uma descrição dos campos e dos seus agentes em Maceió-AL. Barretto (2006) expõe que os novos paradigmas de estudos do universo turístico devem ser referenciados na significação da mobilidade e no conjunto de práticas que permitam o encontro entre Culturas, uma vez que o turista contemporâneo já

¹⁰ Foto postada em 25 de fevereiro de 2014 em sua página na rede social Facebook.

possuiria conhecimento prévio do que há nos locais a serem visitados, através dos meios de comunicação e de informações em rede.

Sobre a relação Turismo – Cultura, Gastal (2012) nos dá um alerta sobre a política de segmentação nos planejamentos públicos, pois este seria um reducionismo das possibilidades de experiências dos visitantes nas localidades. Sobre o enfoque que precisa ser levado em consideração ela descreve:

O Turismo Cultural não pode continuar a ser visto apenas como uma especificidade das motivações dos viajantes nos seus deslocamentos a ser utilizada pelo marketing das localidades. A reflexão e as práticas culturais apresentam, atualmente, performances muito instigantes, que não podem ser ignorados pelo turismo; As propostas de segmentação, em termos de turismo cultural, são um reducionismo das possibilidades que a cultura pode representar em propostas de turismo, desde que ela esteja presente nos projetos turísticos, já na sua fase de inventário e planejamento (2012, p. 237)

É no sentido de tentar compreender as *práticas estruturantes* e os *processos simbólicos* centrados na socialização cultural manifesta no Carnaval de Maceió, e tentar descobrir o porquê desta ainda não se configurar como uma atratividade turística para a cidade. Assim, a contribuição desta pesquisa constitui-se em tentar compreender as relações existentes entre os produtores da cultura e os produtos turísticos ofertados em Maceió, considerando os debates contemporâneos.

Articulam-se os textos das duas áreas, em si mesmos, e dos produtores em ambas, ao conjunto de concepções, fruto da trajetória empírica do pesquisador como Cidadão e Produtor Cultural na referida cidade, construída ao longo de uma história profissional iniciada no final da década de 1990, e na formação acadêmica em Turismo, no curso de Graduação e no Mestrado. Assumo, portanto, o texto está em primeira pessoa do singular desde o início deste trabalho, por considerar que a posição do pesquisador, em princípio, não é neutra, mas eivada de suas subjetividades, no meu caso, em especial em relação ao tratado tanto com a Cultura como com o Turismo.

Bourdieu (2003) caracteriza *Campo* como espaços de atuação específicos, por exemplo, da cultura, do turismo, da moda, da academia, estruturados por agentes posicionados e por eles determinados. Estes agentes seriam mediados por jogos, conjunto de regras implícitas em seus respectivos campos, compreendidos, e reproduzidos, por quem deles faz parte, definido como *habitus* do campo. Estes

agentes estariam subdivididos em dominantes, dominados e pretendentes. Com este entendimento, define *habitus* como: “Sistemas de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas, é gerador de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses objetivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim” (p. 123). Ou seja, as divergências, *estratégias de subversão*, e convergências, *estratégias de monopólio* e *exclusão da concorrência*, são resultantes de compreensões para o aprimoramento e adequações do próprio campo em questão.

Neste sentido, *os capitais simbólicos* e *as instâncias de legitimação* de um campo, não são necessariamente as mesmas para outro campo. Assim, as negociações entre os campos, passariam por *taxas de conversão*, traduzidas aos interesses de cada parte interessada. Delimitar este processo no Carnaval de Maceió pode permitir enxergar o exato momento em que os campos do Turismo e da Cultura local, saem da toca e permutam seus capitais simbólicos, já que a pergunta “O que você vai fazer no Carnaval?” dificilmente sairá do costume nacional.

Para auxiliar na compreensão das particularidades que pretendo investigar nas relações entre Turismo e Cultura em Maceió, através dos discursos e dos textos manifestos, busco Coriolano (2005), quando a mesma elucida:

As intenções é que conduzem as políticas, ações e práticas sociais e são também *indícios do porvir*. As instituições caracterizam-se por discursos. O turismo tem um discurso próprio. São os representantes dos governos, dos empresários e das comunidades que o formulam. Produzem-se os discursos para o controle da sociedade ou dos próprios sujeitos e [...], se há necessidade de controle, é porque há descontrole (p. 51, grifo meu).

Entendo que este *indício do porvir*, do qual a autora fala, seja um Gesto Interpretativo de análise conjuntural em texto, intrínseco na trama relacional entre os *campos simbólicos* que proponho investigar, o da Cultura e do Turismo na cidade de Maceió. Assim, Coriolano prossegue, citando Brandão (1998, p. 12), para quem, o ponto de articulação “dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é, portanto, o discurso. E para Foucault o discurso é o espaço em que poder e saber se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente” (*Idem ibidem*).

Neste sentido, a abertura interdisciplinar permite jogar luz em um aspecto ainda pouco explorado, o das relações de poder na constituição dos produtos turísticos e na evidencia dada as seleções identitárias da cultura. Na amplitude do Turismo compreendido em sua dimensão fenomenológica, Barretto (2006) descreve a densa trama de relações existentes:

O turismo é um fenômeno que apresenta, ao mesmo tempo, aspectos econômicos, sociais, culturais, administrativos e ambientais referidos a um universo, no qual diversos atores sociais, com interesses contrastantes, encontram-se numa arena de relações complexas (p.9).

Para mapear o ambiente turístico regional, Tomazzoni (2009) sugere que se elenquem suas características nas (a) autoridades e realidades políticas; (b) relação da economia local e global; (c) cultura local; (d) comunidade local e global; (e) turistas e (d) parceiros locais e externos.

Aborda-se a gestão regional do turismo como uma representação do setor privado, do Poder Público e da comunidade regional. Essa representação é imagem de cada um dos agentes da rede de ligações. Quanto mais fortalecidas as ligações visando à projeção da melhor imagem possível perante os clientes e visitantes, maiores serão as vantagens e os retornos a serem desfrutados pela comunidade regional (TOMAZZONI, 2009, p117).

Neste sentido podemos configurar um microcosmo deste ambiente de análise, que ele define, no seio de uma cidade, no caso, Maceió. Sobre as articulações do Turismo com a Cultura, o mesmo autor continua a alertar:

Ainda não existe, entretanto, uma visão adequada da importância da cultura para o desenvolvimento do turismo e para integração regional, mesmo que os eventos turísticos sejam essencialmente culturais. Uma participação mais objetiva e direta das empresas com pequenas cotas em forma de mútuo de grupos de investidores em cultura poderia potencializar significativamente o turismo regional (Idem ibidem)

Para reforçar este entendimento:

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa dizer alguma coisa e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se

inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes. Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer qualquer coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e na superfície do solo, lancem sua primeira claridade. [...] o objeto não espera nos limbos a ordem que vai libertá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste por si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações. (FOUCAULT, 1968 p.51)

E na esperança que esta investigação possa auxiliar na construção de uma realidade que aproxime da velha promessa de que possamos nos tornar mais conscientes da nossa humanidade, e do exercício da cidadania, através da prática turística, exercendo assim o estranhamento e aproximação com as diferentes culturas e conhecendo diversas formas de significar a vida, media-se o estudo a partir da concepção em que se “priorize os interesses locais, buscando um desenvolvimento sustentável, cujo planejamento e gestão sejam participativos para se transformar em instrumentos técnico-políticos de organização das vontades coletivas da localidade” (GASTAL; MOESCH, 2007, p.13).

3.1 Problemática da Pesquisa

*A resposta certa, não importa nada:
O essencial é que as perguntas estejam certas.*
Mário Quintana

O Brasil sediou em 2014 a Copa do Mundo FIFA e, em 2016, sediará os Jogos Olímpicos. Elenco estes dois eventos como ponto de partida da análise, já que o destino Brasil ganha visibilidade nas telas e dispositivos móveis do mundo inteiro. A comissão organizadora do encerramento das Olimpíadas de 2012 projetou na mídia mundial, tanto televisiva como nas transmissões via Internet¹¹, a imagem de um Brasil rico em diversidade cultural. A imagem do índio, do negro e do branco estava simbioticamente exposta. Marisa Monte, representando lemanjá e entoando as Bachianas nº 5, de Villa Lobos, não aconteceria em qualquer lugar, nem com

¹¹ YouTube: Canal Oficial dos Jogos Olímpicos na internet: *Closing Ceremony - London 2012 Olympic Games* <<http://www.youtube.com/watch?v=ij3sgRG5sPY> | 726.668>, acesso em 14/04/2013. | *Raising of the flags - Hand Over to Rio* < <http://www.youtube.com/watch?v=iY6-TEOUwBQ> | 366. 326>, acesso em 14/04/2013, somados resultam em mais de um milhão de acessos.

qualquer povo. Ensinamos como se samba, como se toca e como se canta neste novo mundo entre os trópicos. Projetamos imagens e criamos expectativas. A abertura oficial da Copa de Futebol, mesmo que eivada em polêmicas, não foi diferente, em termos de articulação Cultura-Turismo.

Imagens mundializadas dos dois eventos embasaram minha reflexão e me levaram a questionar as articulações entre Cultura e Turismo no Brasil, em seus desdobramentos e dinâmicas na capital de Alagoas, um dos estados da região Nordeste do País. Em que pese sua riqueza cultural, tanto em termos de expressões eruditas como populares, trata-se de uma das regiões mais deprimidas do Brasil, em termos sociais e econômicos. Assim, desde os anos 1920, a região – aí incluído o Estado de Alagoas –, busca no Turismo possibilidades de desenvolvimento, como já visto desde a publicação do *Vade Mecum do Turista em Alagoas* de Moreno Brandão, em 1937. Portanto, regionalmente buscava-se acompanhar os trâmites internacionais, que colocavam o Turismo como atividade marcante do século XX, caberá à Cultura ocupar igual papel no século XXI, sobretudo no que diz o planejamento nacional, mais uma vez a região seguindo uma ênfase apresentada em outros países, agora num contexto de globalização. Articular singularidades culturais e ferramentas de mensuração do seu capital está na agenda dos governos alinhados na economia global¹². As campanhas publicitárias que utilizam o patrimônio artístico e cultural como instrumento para aumentar o poder de atratividade dos destinos na grande prateleira das intencionalidades de viagem, apenas revelam a última fase de seus processos de gestão do conhecimento, planejamento e comercialização dos seus capitais culturais. Os estados nacionais estão se estruturando para esta nova realidade econômica, que se constitui na comercialização e difusão de bens simbólicos, na construção de novas necessidades, no usufruto destes em suas localidades de legitimação cultural e no campo das identificações.

Alagoas possui dois destinos indutores – Maceió e Maragogi – segundo a autoridade turística federal. Dentro da premiação Melhores Práticas dos 65 Destinos Indutores¹³, de estímulo ao desenvolvimento das capacidades competitivas das

¹² Brasil é signatário do Cidades e Governos Locais Unidos (CGLU) e, como tal, elencou a cultura ao centro dos processos de desenvolvimento econômico como preconizados na Agenda 21 da Cultura. Os trabalhos da comissão de cultura da CGLU iniciaram em Beijing no dia 9 de junho 2005. Sendo esta uma iniciativa das prefeituras de Barcelona e Porto Alegre, em 2002 (GASTAL, 2012)

¹³ Disponível em

localidades turísticas, Alagoas ainda não recebeu destaques, que foram dados, em termos de Aspectos Culturais, para Pirenópolis, Goiás, e para São Paulo-SP. No Nordeste foram premiados Recife-PE, em Marketing e Promoção e Destino; Ipojuca-PE em Monitoramento da Atividade Turística; e Fortaleza-CE, nos Aspectos Sociais. No que tange no desenvolvimento de Políticas Públicas, segundo os critérios do Ministério do Turismo brasileiro, destacaram-se Brasília-DF e Bonito-MT. Nesta premiação percebe-se uma ação nacional integradora das políticas públicas com as iniciativas privadas, a relevância dada à Cultura enquanto aspecto de desenvolvimento econômico e reforço à regionalização e à comercialização de produtos similares.

Inicialmente se poderia afirmar que haveria uma aproximação técnica nas articulações entre Turismo e Cultura no País e no exterior, em locais que trabalham tais segmentos em suas pastas de desenvolvimento. Mas, lançando o olhar para os novos arranjos de produção em Maceió, AL, coloca-se como questão de pesquisa: *Sendo o Carnaval o momento em que se performatiza as tramas relacionais existentes de um dado agrupamento social, quais são os aspectos que esta festividade revela no que se refere à articulação entre os campos do Turismo e da Cultura na cidade de Maceió?*

Posta a questão de pesquisa, a investigação teve como objetivo principal o de tentar descrever a configuração dos campos das organizações públicas e privadas turismo e da cultura pelas técnicas de pesquisa a serem descritas em Maceió, AL, nos termos da produção do Carnaval, de modo a iluminar a compreensão acerca das dinâmicas de negociação de campos simbólicos no dado período.

3.2 Objetivos

Como objetivos específicos, colocam-se:

- (I) Historicizar o Carnaval em Maceió, AL;
- (II) Dissertar sobre os principais eventos desenvolvidos durante as festividades de Carnaval, em paralelo com a oferta turística no período;

(III) Analisar a inserção-inter-relação da cultura no processo histórico do Turismo em Maceió e sua atual configuração;

(IV) Investigar, nos discursos dos sujeitos de pesquisa, os eixos de tensão e entendimentos dos campos turístico e cultural.

As Técnicas de pesquisa para alcançar os objetivos propostos foram:

Objetivos I, O de historicizar o Carnaval em Maceió-AL: *pesquisa bibliográfica e documental.*

Objetivos II e III, O de analisar a inserção-inter-relação da cultura no processo histórico do turismo em Maceió e sua atual configuração: *pesquisa bibliográfica e documental.* Documentos: *Jornais | Publicações | Material de publicidade Turística | Material de publicidade dos eventos Carnavalescos.*

Objetivo IV, O de investigar, nos discursos dos sujeitos de pesquisa, os eixos de tensão e entendimentos dos mercados turístico e cultural: Entrevista em profundidade, semi-estruturada: *Gravação em vídeo dos discursos dos dirigentes das seguintes organizações, tendo por base o roteiro de informações básicas podendo ser incrementado conforme orientação: Biografia do sujeito entrevistado; Atribuição de suas funções; Metas e trabalhos; Considerações sobre o universo turístico e/ou cultural na cidade de Maceió; Descrição das atividades durante os festejos de Carnaval, etc.*

3.3 Aspectos Metodológicos.

*“Oito mais oito são dezesseis, e mais
a pessoa que está somando”
Júlio Cortázar*

A festa, sendo o carnaval uma das suas tipificações, é um fenômeno multifacetado que explicita o sentido de ser/estar no mundo de uma dada sociedade (BAKHTIN, 1987). A abordagem funcional e simbólica da festa é incrementada pelas mais diversas perspectivas inerentes de cada área do conhecimento, dentre elas a dos turismólogos, que enriquecem o tema com novas dimensões reflexivas ao mesmo passo em que se complexifica a produção e o consumo do espaço-tempo

festivo (CAVALCANTI, 2013). Estas características exigem do pesquisador (a) que se aventura por esta seara um repertório conceitual e metodológico que o/a auxilie descrever como observa o objeto destacado, delimitar seus problemas constitutivos, para, finalmente, poder elaborar uma tradução acadêmica possível para seus pares. Faz-se necessário salientar este procedimento já que o objeto próprio de pesquisa do Turismo ainda se encontra indefinido, e ainda assim, depois que houver um consenso entre os pesquisadores da área sobre sua constituição, necessitará da aprovação de um colegiado maior que o reconheça enquanto ciência.

Diante desta realidade “*O turismo, por ser um fenômeno, deve ser tratado de forma interdisciplinar, como já foi visto, necessita que estudiosos de várias áreas de ensino integrem seus esforços*” (PANOSSO NETTO, 2003, p. 77) O Turismo, neste aspecto, tem demonstrado sua habilidade em utilizar este mecanismo articulatório entre as disciplinas e em aplicar as mais diversas metodologias para auxiliar este construto. “*Este necesario proceso de cientificizacion del turismo tiene semejanzas y diferencias con varios campos, incluyendo las ciencias sociales, con las cuales el turismo ya há establecido estrechos lazos científicos*” (JAFARI, 1994, pg.8). Marutschka Moesch e Susana Gastal (2007) endossam:

A interdisciplinaridade, fundamental a análise do turismo como fenômeno social, cultural, comunicacional, econômico e subjetivo, avança as fronteiras de uma única disciplina ou de um único campo do saber. Cabe à academia propor novas abordagens, a partir de uma concepção interdisciplinar. A interdisciplinaridade aponta um método investigativo fecundo sob o ponto de vista epistemológico, desde que superados os nichos particularistas existentes nas universidades, nos quais os clássicos campos do saber são criteriosamente delimitados (p.14).

E lançam um desafio a ser posto em ação quando nos convidam a vislumbrar novas possibilidades:

Sonhar a partir de reflexões sobre questões não traduzíveis em simples informações operacionais, mas que avancem na perspectiva da ética, da soberania, da diversidade e identidade cultural, da democratização de todos os territórios, da liberdade de opções, do dissenso, impõe novas linhas de pesquisa sobre o conhecimento (Idem *ibidem*).

Optamos pelo método qualitativo de estudo de caso, pois este, dentro do universo metodológico das Ciências Sociais, e das Ciências Sociais Aplicadas, possibilita a

coleta de um maior número de informações acerca do objeto a ser estudado. Esta maneira de investigar nos favorece conhecer fenômenos e descrever os casos em amplitude e profundidade (MARTINS, 2004) e tem por resultado um diálogo entre os pontos de vista do pesquisador e dos pesquisados. Sabemos que esta forma está longe de trazer certezas absolutas, embora nos conduza bem ao ponto de travar uma constante reflexão sobre os caminhos que levaram a interpretação dos dados. A partir dos seus próprios termos, levam-nos a compreensão intensa do objeto delimitado e nos atenta, também, a uma especial atenção para o controle do *bias*¹⁴ por conta da interferência dos nossos afetos para com o tema em questão. (GOLDENBERG, 1999).

A cientificização dos atos e dos fatos humanos desenvolve-se no século XIX e tem por predecessores Maquiavel (1469-1527) e Montesquieu (1689-1755). Buscando afastar-se da influência metodológica que as ciências naturais estavam exercendo no estudo da sociedade, pensadores desenvolviam meios investigativos que dessem conta da experiência humana através de descrições qualitativas. Os que forjaram os limites entre as ciências naturais e humanas eram, sobretudo, estudiosos alemães vinculados à tradição romântica e aos filósofos Hegel (1770-1831) e Schleiermacher (1768-1834). Entre eles destaca-se o Wilhelm Dilthey (1833-1911):

Dilthey estabeleceu uma distinção que fez fortuna: entre explicação (*erklären*) e compreensão (*verstehen*). O modo explicativo seria característico das ciências naturais, que procuram o relacionamento causal entre os fenômenos. A compreensão seria o modo típico de proceder das ciências humanas, que não estudam fatos que possam ser explicados propriamente, mas visam aos processos permanentemente vivos da experiência humana e procuram extrair deles seu sentido (Sinn). Os sentidos (ou significados) são dados, segundo Dilthey, na própria experiência do investigador, e poderiam ser empaticamente apreendidos na experiência dos outros. (TRAGTENBERG in WEBER, 1997, p. 6, grifo do autor).

A interpretação do sujeito social imerso em suas relações, máscaras, motivações, forças e tensões constitutivas, demarca, também, a modernidade

¹⁴A utilização do termo em inglês é comum entre os cientistas sociais. Pode ser traduzido como viés, parcialidade, preconceito. [...] Não podendo ser realizada a objetividade nas pesquisas sociais, e o conhecimento objetivo e fidedigno permanecendo como ideal da ciência, o pesquisador deve buscar o que Pierre Bourdieu chama de *Objetivação*: o esforço controlado de conter a subjetividade." (GOLDENBERG, 1999, pg. 44-45.) Grifo da autora.

científica ao ser aplicada enquanto ferramenta metodológica (DELEUZE, 2006). A abordagem interpretativa, que neste trabalho intitulamos enquanto um *Gesto*¹⁵, tem por base os estudos de Max Weber (1999; 2001; 2002.) e Geertz (2008). O intento de Max Weber é, fundamentalmente, “a captação da relação de sentido” da ação humana ao transcrever o conteúdo simbólico que configura determinado fenômeno social. Entende que o comportamento humano não é de todo irracional e que pode ser decifrável através da *Compreensão*¹⁶ e da *Revivência*¹⁷. Quanto a sua abordagem, defende que é impossível *explicá-lo* pela relação de causa e efeito, característica das ciências naturais, e sim *compreendê-lo* enquanto fato eivado de sentidos e significados que levam para outros novos casos e observações que conduzirão o seu pleno conhecimento, ou seja, que auxiliem o conhecimento histórico-cultural pleno. Considera a categoria “interpretação” de duas maneiras:

1ª como um estímulo para um posicionamento sentimental determinado frente a um objeto como, por exemplo, a inspiração ou a sugestão de uma obra de arte ou de uma beleza natural; nesse caso, ela seria o incitamento a uma determinada avaliação; 2ª como “incitamento” a um juízo, no sentido da afirmação e da aceitação de uma conexão real que foi compreendida “como sendo válida”. (WEBER, 2001, p. 63).

No tratamento dos dados Weber expõe seu grande contributo ao método sociológico ao aliar os determinantes históricos para *Ação Social*¹⁸ e personaliza-la a partir de uma abstração conceitual chamada de *Tipo Ideal*¹⁹. Ao passo em que o tema for sendo exposto, para atingir o objetivo geral da pesquisa, tentaremos encontrar indícios e determinantes históricos que, de maneira incidental, tipificam o

¹⁵ Para além de uma ação, da ordem do corpo, para exprimir sentimentos, a tônica que enfatizamos na palavra destacada poetiza nossa investida desejante, que está na ordem do encontro, para decifrar o objeto delimitado. “*não se fraterniza sem alguma coisa para partilhar, não se simboliza sem unir o que era estranho*” (DEBRAY, R. 1993. pg. 61).

¹⁶ A capacidade de interpretar os fenômenos cotidianos.

¹⁷ A capacidade de regular as próprias disposições psíquicas para reproduzir as experiências vividas pelo outro.

¹⁸ Para Weber a sociologia é o estudo das Ações Sociais que tem referência a fins, valores, afetiva e tradicional. Sendo que nenhuma delas é inteiramente pura, mesclam-se em proporções diferentes em diferentes casos.

¹⁹ Os tipos ideais são estabelecidos convencional e abstratamente. São inteligíveis na medida em que na sua construção se dá a integração entre compreensão e experimentação, sinônimo de “explicação” “valor” ou “conceito” entre o “devir” e o “ser” empírico”. Para ele o tipo ideal constitui a síntese entre o objetivo e o subjetivo, o particular e o geral.” TRAGTENBERG in WEBER, 2001. pg XXV.

cidadão maceioense médio em suas estruturas objetivas (Campos) e subjetivas (*Habitus*) mediante uma *escrita densa*²⁰.

3.4. Técnicas para coleta do *corpus* da pesquisa

Para coleta dos textos a serem analisados, utilizamos fundamentalmente a revisão bibliográfica, a pesquisa documental e a entrevista em profundidade semiestruturada. Para alcançar o objetivo (I) - *Historicizar o Carnaval em Maceió-AL* – Empregamos fontes secundárias com base na revisão bibliográfica em dissertações, teses, livros e artigos. Destacam-se, nestes termos: *Cerne de Carnaval*, Revista Graciliano Ramos, ANO VII, nº 20 2014. Imprensa Oficial do Estado de Alagoas; *A festa em múltiplas dimensões*, Revista Observatório Itaú Cultural nº14, São Paulo 2013; *Carnaval antigo em Festejos Populares em Maceió de Outrora*. Félix Lima Júnior, 1956; *Capítulo 3 – Os Negros Na Vida Social De Alagoas – Item d) Folga negro: aspectos do Carnaval de Maceió* da tese Xangô rezado baixo: Um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912/ Ulisses Neves Rafael. - Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2004; *O Negro e a construção do Carnaval no Nordeste* / (Org.) Luiz Sávio de Almeida, Otávio Cabral, Zezito Araújo – Maceió: EDUFAL, 2003; *Folguedos Carnavalescos de Alagoas*. José Maria Tenório Rocha. Maceió: IGASA. 1978; obras audiovisuais e demais documentos, conforme descrito nos referenciais deste trabalho.

O Objetivo (I) também demandou pesquisa documental, tratando aqui, como documentos, as fontes primárias utilizadas, tais como Jornais e documentos oficiais. Destaca-se: Matérias sobre Carnaval em Alagoas veiculadas no Jornal Gazeta de Alagoas de 2003 a 2014 e legislação para os supracitados campos. O objetivo (II) - *Dissertar sobre os principais eventos desenvolvidos durante as festividades de Carnaval, em paralelo com a programação turística no período* – utilizou-se de pesquisa documental tendo como fontes os *folders* nas pagina da internet, a seguir citadas: SEMPTUR - Secretaria Municipal de Promoção ao Turismo da Cidade de

²⁰“Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade.” GEERTZ. 2008. pg. 10.

Maceió; FMAC – Fundação Municipal de Ação Cultural da Cidade de Maceió, Programação do Carnaval da Cidade de Maceió – 2014 “*Nas Ondas do Edécio*”.

Os objetivos (III) e (IV) - *Analisar a inserção-inter-relação da cultura no processo histórico do Turismo em Maceió e sua atual configuração; e investigar, nos discursos dos sujeitos de pesquisa, os eixos de tensão e entendimentos dos campos turístico e cultural* parte do relato dos viajantes de *Hum brasileiro*²¹ e *Mário de Andrade*²², da *História do Turismo em Alagoas*²³ e das entrevistas em profundidade, semiestruturada, a partir de gravação de áudios com os dirigentes das organizações citados adiante.

As entrevistas, realizadas no mês de janeiro de 2014, tiveram por base roteiro de informações básicas, incrementado com a biografia do sujeito entrevistado; auto-atribuição de suas funções; metas e trabalhos realizados, suas considerações sobre o universo turístico e/ou cultural na cidade de Maceió e a descrição das suas atividades durante os festejos de Carnaval. Foram entrevistados: Vinicius Palmeira - *Presidente da Fundação Municipal de Ação Cultural da Cidade de Maceió*; Edberto Ticianeli – *Diretor e fundador do Jaraguá Folia*; Bruno César Cavalcanti – *Antropólogo e pesquisador no Laboratório da Cidade e do Contemporâneo (LACC) do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas*; além da transcrição da entrevista na Rádio Educativa de Alagoas com os Secretários de Cultura e Turismo, na época, a Sr.^a Cláudia Pessoa, da Cidade de Maceió, no programa “*Educativa em Revista*” em 21 de fevereiro de 2014, sobre as festividades do Carnaval de Maceió em 2014.

²¹ *Viagens e observações de hum brasileiro*. Tomo I. Typ. Americana, Rio de Janeiro. 1834.

²² *O turista aprendiz*. IPHAN, 2015.

²³ VERAS FILHO, 1991.

4. SAMBA ENREDO: REFERÊNCIAS TEÓRICOS E HISTORIGRÁFICOS

Neste capítulo abordarei a historiografia do Carnaval na Europa, sua vinda para América Latina, suas características portuguesas no Brasil, e, para finalizar, as configurações que definem esta festividade na cidade de Maceió, capital do Estado de Alagoas.

Le Goff (1990) aborda que a ciência historiográfica possui uma ação relacional com seu objeto distinta das ciências exatas e biológicas. Ela se relaciona com seu referente, indagando-o e manifestando seu testemunho. A palavra História deriva da raiz indoeuropéia *wid-*, *weid* 'ver'. Em sânscrito *vettas* 'testemunha' em grego *histor* 'testemunha' ou 'aquele que vê', que "procura saber", "ver, logo, saber". Além da preocupação em nos situar etimologicamente, ele expõem sua funcionalidade científica e social ao citar Lucien Febvre:

A história recolhe sistematicamente, classificando e agrupando os fatos passados, em função das suas necessidades atuais. É em função da vida que ela interroga a morte. Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história'. FEBVRE 1949, p.438 *apud* LE GOFF 1990, p.27

Michel de Certeau (1982) contribui com este debate realizando a seguinte analogia:

A história está, pois, em jogo nessas fronteiras que articulam uma sociedade com o seu passado e o ato de distinguir-se dele; nessas linhas que traçam a imagem de uma atualidade, demarcando-a de seu outro, mas que atenua ou modifica, continuamente, o retorno do "passado". Como na pintura de Miró, o traço que desenha diferenças através de contornos e que torna possível uma escrita (um discurso e uma "historicização") é atravessado por um movimento que lhe é contrário. Ele é vibração de limites. A relação que organiza a história é uma relação mutável, na qual nenhum dos (dois) termos é o referente estável. CERTAU, 1982, p.48

Concordando com a tese nietzschiana, que só se pode visitar ao passado pelo que é poderoso de sentidos no presente, Reis (2009) afirma que a historiografia pós-moderna privilegia as múltiplas leituras acerca da trama existente nas redes discursivas. Sendo assim considera:

A história é inventiva: as práticas são cercadas de vazios, que permitem a mudança e não a continuidade. Este vazio é o desejo: o homem tem vontade de poder, de atualização, que é indeterminada. A consciência não explica a prática. Cada prática tem uma história particular. Não há século

ideal ou fim utópico, a história é uma luta entre verdades/forças práticas. Tudo é histórico e a história é o conhecimento do singular, das transformações das práticas e discursos particulares. (REIS 2009, p.37)

Objetivando um novo agrupamento de referentes, tentarei expor uma recente bibliografia nas discussões sobre o tema Carnaval de rua e relacioná-la com nossa problemática de estudo.

O Carnaval tem seus diversos mitos de origens, normalmente vinculados as celebrações de fertilidade da terra e das graças que ela proporciona. Onde há excessos, há celebração na mesa e nos corpos. Há referências também às homenagens a Saturno, realizadas na Europa do século V a.C., conhecidas como *Saturnália*. O período em que ocorriam as celebrações era do dia 17 a 23 de dezembro, parte das celebrações de ano novo, que lembravam, assim, a vinda de Saturno para a região romana, quando teria repassado aos humanos os ensinamentos do uso da agricultura, das artes e da moeda.

Interessante perceber as relações destes ensinamentos com os sentidos de Cultura, o econômico, das expressões e da instrução do espírito formador da civilização, e como elas permanecem vivas até hoje. “*Tudo estava bem quando saturno reinava*” (FERREIRA, 2005, p. 55), este período caracterizado, ou entendido, pelas inversões de papéis. Era comum, ao menos em registro históricos, ver os senhores feudais amarrados com sacos na cabeça, suspensos em carros de boi, sendo tangidos por seus servidores. Pode-se comparar a um imaginário fio condutor histórico, estes sendo os primeiros carros alegóricos. Inclusive, há um novo debate sobre a etimologia do termo Carnaval. Remeteria ao termo *Carrus Navallis*, ou seja, *Carro Naval* em que as pessoas o seguiriam em cordões unificados por sua alegoria. Inclusive Burke (2010) fala que o carro era a parte central da festa em Florença e Nuremberg. Iriarte (2014) nos explica:

Pero definitivamente en el caso de *carrus navalis* (carro naval) casi toda la literatura historiográfica del Carnaval la considera como la palabra de más arraigo semántico, y en un sentido histórico moderno, la más ligada a la historia del Carnaval. No solo porque deriva de las saturnales romanas, fiestas documentadas desde la más remota Antigüedad como una manera de simbolizar el año nuevo o la primavera, que era el renacimiento de la naturaleza, sino porque está más cercanamente referida a una noción de Carnaval reconocible en el mundo contemporáneo. En todo caso, lo importante es precisar que en la historia de imperios como el griego, el romano y en los territorios germánicos y celtas, estas fiestas tenían como elemento escénico móvil en sus desfiles y procesiones un barco com rueda, es decir, un carro naval desde el cual se ejecutaban danzas promiscuas,

maskaradas y se cantaban canciones satíricas y obscenas. Hoy por hoy este elemento es un componente común a casi todos los Carnavales que se realizan en el mundo occidental, en función del cual la expresión carrus navalis está vinculada en mayor grado com una noción de las fiestas de Carnaval de las sociedades modernas. 2014, p.04

Da Matta (1997) fala que o sobre os três modos de analisar a ritualização brasileira, ele a faz possível pela Parada Militar, pelo Carnaval e pela Procissão, ou as celebrações da Semana Santa. Ele define esta como sendo a triangulação ritual brasileira. Sobre a característica do Carnaval, ele o define como um agenciamento híbrido entre Deus e os Homens sendo que por isso possui um sentido universalista e abrangente.

O Carnaval está inserido em uma categoria de análise mais ampla, que é a de Festa. Sobre esta categoria, Durkheim (1989) alude a similaridade ritual religiosa na seguinte passagem:

Apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, as vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, musica, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc (p. 456).

Brito (2005) revela a importância do estudo deste objeto ao descrever:

A festa, como expressão cultural que é, reproduz, no campo simbólico, inúmeras facetas da realidade social. Sob o seu signo coexistem e relacionam-se diferentes realidades, estabelecendo-se redes de sociabilidade por vezes complexas. A apreensão dos significados das diferentes formas de viver a festa e das inter-relações existentes, por vezes camufladas, pode ser mais um dado a contribuir para compreensão da lógica do real funcionamento e constituição dessa rede complexa que caracteriza as relações sociais. O Carnaval, sendo apenas um momento desse universo cultural que é o mundo festivo, é um momento privilegiado, pelas suas características, para análise das práticas de sociabilidade e dos múltiplos sentidos que as trespassam e orientam (ou condicionam), uma vez que os seus ritos (práticas Carnavalescas), refletem os diálogos e tensões da sociedade que os produz, transpondo-os para o campo do simbólico (p.2).

E prossegue:

Ora, o Carnaval como uma das expressões da Festa, deve ser perspectivado não como um fenómeno popular, mas social, onde toda a sociedade se expressa, ainda que de forma diferente e até oposta. Em segundo lugar, temos que ter em atenção que sendo a cultura um universo complexo de relações heterogéneas e dinâmicas, resultantes de trocas culturais horizontais e verticais (estas últimas fruto da interação entre segmentos populares médios e dominantes) verificamos, quando estudamos práticas como as Carnavalescas procurando apreender os seus significados, que “os limites dos processos culturais não são necessariamente os mesmos limites das classes e camadas sociais (p.4).

Assim sendo, fazer festa “significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e a sua identidade, é buscar reencontrar as garantias histórico culturais, reafirmando-as no ato da representação, no ato comunicativo e comunitário” (FERREIRA, 2005, p.28). Não apenas os aspectos populares, mas a sociedade como um todo, quer ela esteja fisicamente presente nos festejos ou não. Colocar-se diante do espelho torna perceptível o que há de belo e o que não é tão belo assim. Carnaval é um bom espaço para pensar as relações existentes em uma cidade e como esta sociedade se manifesta em encontros temporariamente situados. Ao contrário do que afirma o senso comum, as celebrações europeias seriam tão intensas quanto as aptidões brasileiras para a folia:

Na cultura popular europeia tradicional, o tipo de cenário mais importante era a festa: festas de família, como casamentos, festas de comunidade, como a festa do santo padroeiro de uma cidade ou paróquia, festas anuais comuns a muitos europeus, como a páscoa, o primeiro de maio, os solstícios de verão, os doze dias de natal, o ano novo e o dia de reis e por fim o Carnaval. (BURKE, 2010, p.246).

Burke (2010, p.264) ainda registra, em *Romans e Dauphiné*, no ano de 1580, crítica dos camponeses nos desfiles de Carnaval, em faixas, sobre as relações que possuíam com seus senhores: “Os ricos da cidade se enriqueceram às custas dos pobres”, o que resultou em massacres no campo e na cidade. Uma crítica feita antes mesmo de Karl Marx (1968) formular a *Lei do Determinismo Económico e da Luta de Classes como Motor da História*, sendo assim, neste caso, um Carnaval sem nenhuma inversão de papéis.

4.1. Sr. Carnaval e o Turismo em Nice

Exemplo de Carnaval europeu está em Nice, cidade localizada na Riviera Francesa, que sai a frente no sentido de organizar o festejo e fomentar, através dela, o Turismo. Cria o Comitê de Festas em 1873 e intenciona sistematizar sua festividade carnavalesca a fim de estrutura-la e premiar delegações em desfile. Este Comitê objetivava aumentar a arrecadação de recursos e fazer acontecer um projeto de enriquecimento da cidade, criando nesta um grande ambiente urbano de lazer. Seus visitantes eram atraídos pelas regatas e corridas a cavalos. A cidade de Nice pertencia à região da Itália, sendo em 1860 cedida a administração da França Napoleônica, tendo em troca o necessário apoio político para unificação italiana que estava em processo. (FERREIRA, 2009).

Mesmo civilizando a festa, já que esta possui registros destas comemorações a partir de 1200, o Carnaval Niciense não deixou de ser palco das vozes e das posições que punham a cidade em lados identitários distintos, no caso, entre italianos e franceses, sendo manifesta nas temáticas dos grupos, cada qual reivindicando sua legitimidade. Importante atentar para o sentido de integração das festas pois ela une experiências e troca de significados entre sujeitos que normalmente vivem separados, hibridizando entendimentos pelo encontro proporcionados em um mesmo ambiente. “O significado de um herói popular pode se modificar com o ritual através do qual ele é apresentado ao público.” (BURKE, 2010, p.246).

O caso que melhor tipifica a cisão narrativa existente na cidade foi a batalha entre os Morcegos Franceses e a Heroína Italiana no ano de 1875, melhor conhecido como “*O caso Ratapignata*”. A primeira representava um castelo sendo invadido por morcegos, com cenários e figurações que impressionaram os expectadores, sendo a segunda a representação da resistência de *Catterina Segurana* à invasão francesa e turca no século XVI. O prêmio teria sido dado aos franceses, não pela beleza alegórica dos seus carros, mas pelo fato de evitar, não legitimar a discursividade de resistência italiana ante ao novo conjunto de interesses, entre eles, a inserção da cidade aos fluxos econômicos globais enquanto uma cidade francesa. O resultado deste embate foi tamanho que o presidente do Comitê de Festas, conde D’Aspremont, pediu demissão do seu ofício, sendo substituído pelo Duque de Castries. (FERREIRA, 2009).



FIGURA 7: *La battaglia della "Ratapignata" 1875*²⁴

Passando por diversas fases, o Carnaval de Nice, de origem italiana, passa a ter características francesas. Esta operação pode ser entendida a luz conceitual de Hobsbawn (1997) ao afirmar:

Por "tradição inventada" entende-se o conjunto de práticas normalmente regulamentadas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado apropriado. 1997, p.09 *Grifo do autor*

Ainda afirma que este recurso é utilizado quando há uma brusca mudança nas relações, no caso, a mudança paradigmática no cerne das identificações sociais e econômicas da cidade de Nice, ao assim descrever:

Contudo, espera-se que ela ocorra com mais frequência: Quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as foram feitas, produzindo novos padrões com os quais esses padrões são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas (HOBSBAWN, 1997, p.12).

²⁴ Fonte: <http://www.nicerendezvous.com/car/la-battaglia-della-ratapignata.html> acessado em 29 de abril de 2014

Para coroar o sucesso desta nova caracterização Carnavalesca na cidade de Nice, foi criado seu símbolo máximo, Sua Majestade Triboulet, o Senhor Carnaval, em 1882, que abre em carro alegórico as comemorações até os dias atuais.



FIGURA 8: Sua Majestade Triboulet abrindo o Carnaval de 2014 com o tema: Rei da Gastronomia²⁵

Ainda na Europa, cito o Carnaval de Binche, na Bélgica. Esta festividade é considerada Obra Prima do Patrimônio Imaterial e oral pela Unesco, desde 2003. Binche fica ao sul da Bélgica, e performatiza as características rituais pagãs. Apesar das belezas alegóricas, a brincadeira remete aos entrudos, jogando laranjas uns nos outros, receber uma no rosto, pelos mascarados de Gilles de Binche, é sinal de bênçãos para o próximo verão. Gilles é o personagem celebrado pelos belgas da cidade, pois foi um dos rebeldes contra a dominação francesa e sua imagem foi lembrada pela associação folclórica da cidade em 1979.

4.2 Carnaval na América Latina

As recomendações da Carta Patrimonial de Cabo Frio, de 1989, sugerem ações em conjunto que levem a superação do isolamento intracultural latino-americano. Esta integração não é uma identidade preexistente e, sim, um espaço a

²⁵ Fonte: <http://www.niceCarnaval.com/en/index.php> acessado em 29 de abril de 2014

ser ocupado e interconectado para pensarmos, assim, a propósito de uma criatividade cultural continentalmente articulada (CANCLINE. 1999, p.47)

O Carnaval na América Latina é demarcado pelas diferenciações coloniais estabelecidas pelo tratado de Tordesilhas²⁶, o Brasil, sobretudo, ao leste da cidade de Laguna-SC, sofrendo influência portuguesa, a oeste desta, recebendo influência espanhola, ambos, posteriormente, hibridizando referenciais estéticos e musicais das etnias indígenas e africanas em processos culturais que constituíram as particularidades de suas sociedades, bem como as ações políticas e econômicas adotadas na formação dos seus estados nacionais. Antes de o Brasil ser colonizado de fato²⁷, há descrição de atividades carnavalescas na América pós Colombo, com registros festivos bem anteriores a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro. Brailowsky (1993) registra este processo na seguinte passagem:

Al considerar la amplia popularidad del Carnaval en España. es apenas natural que los españoles re- construyeran de la mejor forma posible esta tradición en el Nuevo Mundo. Ya en 1526. en la reciente en colonia de Caparra. Puerto Rico se alistaba para celebrar el Carnaval: "... desde el último de Reyes a la fasta el miércoles de las Cenizas. Con la colaboración de indios amigos. se divertían bailando con los cuerpos pintados con bija (nombre científico: Bixa orellana) y disfrazados (BRAILOWSKY, 1993, p.14)

O Carnaval de Barranquilla, na Colômbia, é declarado pela Unesco²⁸ como patrimônio imaterial e oral da humanidade, desde 2003. O primeiro registro da festa se deu por um viajante norte-americano chamado Van Rensselaer, em 1829 (ALDANA, 2011).

Para comprender la riqueza folclórica de este Carnaval, es preciso enfatizar en que, demográfica y culturalmente, Barranquilla ha sido polo receptor e integrador de los aportes humanos de toda la región caribe colombiana. Hablamos de un territorio cuya cultura y composición étnica surgen históricamente de las mezclas entre indígenas originarios, colonizadores — provenientes en su mayoría del sur de España— y el acento distintivo de la flerte influencia africana aportada por los esclavizados y sus descendientes (BANFI, 2011, p.20).

²⁶ Acordo estabelecido entre os países de Portugal e Espanha em 1494. Caberia a Portugal administrar as terras encontradas até 370 léguas marítimas a oeste de Cabo Verde, validando, assim, à Espanha as que estivessem além destas medidas.

²⁷ Só em 1534 D. João III divide em capitánias hereditárias as terras que lhe pertenciam. Em 1549 institui um governo geral, com sede na capitania da Bahia de Todos os Santos, com o objetivo de centralizar informações e realizar demais providências decididas pela Coroa portuguesa.

²⁸ Segundo definição dada pela 32ª Convenção da UNESCO para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003 em Paris, define como patrimônio imaterial e Oral: I – Tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; II – Expressões artísticas; III – Práticas sociais, rituais e atos festivos; IV – Conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo; V – Técnicas artesanais tradicionais.

Duas outras cidades colombianas, Pasto e Cartagena das Índias, possuem seus conhecidos carnavais de “Negros y Blancos” e a “Festa dos Escravos” que, respectivamente, influenciaram o Carnaval da cidade de Barranquilla. Miguez (2013) descreve como se dá seus dias de festa:

Em Barranquilla, os festejos têm início com a Batalla de Flores (alô, Nice!), no sábado de Carnaval. Seguem por mais três dias com os desfiles das comparsas, com a exibição dos vários grupos que executam danças tradicionais, o garabato, o congo, o mapalé, as danzas de relación etc., sempre ao som de salsas, rumbas, merengues e da cúmbia, um gênero musical tipicamente colombiano e que também é um estilo de dança. No Carnaval barranquillero são em grande número os personagens tradicionais: além do Rei Momo, La Reina del Carnaval, encarregada de “governar” a cidade durante a festa, as muitas Reinas Populares, responsáveis pelos festejos que acontecem nos vários bairros, El Torito, El Monocuco, Los Cabezones (alô, bonecos gigantes de Olinda!), Las Muñecons, El Tigrillo, El Descabezado, La Marimonda e, especialmente, o Joselito Carnaval (são vários, espalhados por toda a cidade), personagem que morre ao final dos quatro dias de festa, é chorado por muitas viúvas alegres e com seu enterro encerra o Carnaval, simbolizando uma espécie de “adeus à carne” (Idem, p.136).

Barranquilla sediou, nos dias 1 e 2 de agosto de 2013, *I Encuentro de Carnavales del Caribe*. Contou com pesquisadores e agentes públicos de oito países: Aruba, Cuba, Colômbia, México, Panamá, Porto Rico, República Dominicana e Trinidad y Tobago. Foi trabalhado três eixos: Acadêmica, Gestão e Integração. Contou com apresentação do caso das festas patrimoniais Diablos Danzantes del Corpus Cristi, da Venezuela; Teatro Cocolo Danzante (Guyola) da República Dominicana; e o Carnaval de Barranquilla, da Colômbia. O encontro proporcionou o desenvolvimento de ações²⁹ que resultaram em:

Intercambio de visiones, estrategias y experiencias de gestión, preservación y revitalización de los Carnavales del Gran Caribe, vitales para su construcción, fortalecimiento y alianzas entre sus actores. Aprendizaje y documentación de experiencias de los Carnavales del Caribe a través de los conocimientos que se impartieron y las memorias que formulará el Encuentro. El reconocimiento de los elementos y problemáticas comunes de los Carnavales y fiestas del Caribe y sus retos frente a dinámicas de urbanización, tecnología, comercialización y globalización. La Creación de una red de Carnavales del Caribe para fomentar el apoyo institucional con programas y agenda de trabajo que ayuden a fortalecer la salvaguarda, preservación y gestión de los Carnavales de la gran cuenca. La publicación de las Memorias de Pensar en Carnaval 2000, que se constituyen en un importante referente

²⁹ Página oficial do encontro: <http://www.Carnavalesdelcaribe.com/site/2013/08/05/red-de-Carnavales-con-acciones-concretas-y-encuentro-en-el-2015-en-trinidad-y-tobago/> Acessado em 05 de junho de 2014

bibliográfico y de obligatoria consulta para académicos, gestores y Carnavaleros. El reconocimiento de los beneficios y desafíos de los Carnavales colombianos que hacen parte de la lista representativa del Patrimonio Inmaterial de la Humanidad.

Assim como no Brasil, as de culturas nacionais na América Latina ganharam dimensões ideológicas a partir de governos com viés militar. A cidade chilena Arica, pelo seu posicionamento estratégico político-militar, pois se situa em uma tríplice fronteira entre Peru e Bolívia, os mestiços indígenas e afro-ameríndios daquela localidade foram incorporados aos ideais da identidade nacional. Lá, o governo militar durou de 1973 a 1990. Ali foram construídas escolas, impôs-se um calendário oficial e instituíram-se ícones da federação. Como movimento refratário, os indígenas e mestiços criaram suas próprias estratégias de integração, inserindo seus cultos e suas celebrações de Carnaval ao aprendizado civilizador que tiveram no serviço militar. Neste mesmo movimento, criaram organizações chamadas “hijos del Pueblo”, onde agregam-se e reafirmam suas etnicidades. Chamorro (2013) descreve:

Respecto del escenario de frontera descrito, exploramos el Carnaval Andino "Inti Ch'amampi, Con la Fuerza del Sol", desarrollado en la ciudad de Arica, como una festividad urbana que es fruto de la capacidad de gestión, organización y coordinación de las más de 40 agrupaciones aymara de bailes folclóricos andinos pertenecientes a la comuna de Arica. Desde el año 2002, éstas preparan de manera autónoma los bailes y "entrada del Carnaval", negociando con el gobierno local tanto las condiciones de producción del espectáculo como los sentidos del mismo (idem, p. 5).

Na Argentina, o Carnaval foi proibido pelo decreto presidencial 21.329, de 19 de junho 1976, e seu processo de retomada se deu no final da década de 1990. Este novo estágio da festa tem como pano de fundo moradores uruguaios, que mantinham estreitas relações com seu país de origem, e que moravam na Argentina. Andrews (2007) fala que a música negra de escravos livres fazia parte da identidade nacional uruguaia já em 1800. Devido a participação destes na Grande Guerra, 1839-1852, asseguraram direitos civis e destaques na sociedade. Uruguaios brancos nutriam profundo respeito pelos negros, achando estranho como os demais países os tratavam. Chegavam afirmar que o “*Candomblé é ridículo e irresistível*” (ANDREWS, 2009, p.120). Sujeitos, em situação de imigrantes, normalmente possuem fortes referências de origem, assim como assimilam características existentes nas práticas de outros sujeitos do seu destino, podendo assim criar

formas de identificação totalmente novas neste *entre lugar*, entre a integração no destino e a conexão transnacional (BHABHA, 1998). Neste sentido surgem as Murgas Rioplatinas no Carnaval Porteño em Argentina. Crosa (2012) descreve:

La murga rioplatense, como proyecto familiar y cultural, fue la forma de empezar a vivir y dejar de sobrevivir añorando el retorno a Uruguay. Con la llegada de los hijos, los sobrinos y los nietos nacidos en Argentina, la mezcla de nacionalidades resultó insoslayable. Esta situación se reprodujo con la incorporación de nuevos miembros argentinos y uruguayos, quienes a su vez trajeron familiares y amigos para participar o colaborar en las múltiples tareas. El carácter binacional estuvo siempre presente en este grupo creado por un uruguayo y su esposa argentina, quien dirigía el coro. A partir de esa primera murga (cuyo director organizaba también un programa radial para la colectividad uruguaya en una emisora cooperativa) surgió, hacia el año 1997, la murga rio-platense. (p. 6).

E prossegue:

La propuesta artística de la murga rioplatense presenta una particular combinación de estilos tradicionales del Carnaval en Uruguay y Buenos Aires, que produce una innovación cultural en la que ningún componente permanece idéntico. Al mismo tiempo expresa una dinámica particular que instauro el cambio y la renovación constantes. (p. 9).

A Argentina possui um passado carnavalesco tradicional, antes da conhecida organização nacional e da proibição festiva. Também sofreram sucessivos golpes de estado em 1930, 1943, 1955, 1966 sendo QUE O a última que durou de 1976 a 1983. Retomando o discurso do passado tradicional carnavalesco aliado as forças migratórias que ali já estavam, começou o processo de patrimonialização deste festejo. Martin (2009) nos assegura deste processo ao historiografar:

El ingreso de nuevos agentes con formación artística y contactos renovados, puso en escena un acceso diferencial a nuevos recursos, transformó las condiciones organizativas y dispuso una recomposición de las formas estéticas Carnavalescas. Así surgieron actuaciones durante todo el año, aún fuera del periodo de Carnaval. Las murgas, nuevas y tradicionales, se presentaron en actos culturales, teatros, grabaron casetes, videos y CDs, animan festejos privados (como bodas, cumpleaños). Los murgueros de barrio también habían crecido con estos nuevos contactos, que desencadenarían entre ellos interesantes procesos de reflexividad y renovación del género Carnavalesco. Sin embargo, «los nuevos» se venían con un impulso atropellador, y una entrega o «militancia» (en términos de Coco Romero), que iban a movilizar el statu quo barrial y a sacudir al reducido espacio Carnavalesco tradicional. Los jóvenes egresados de los talleres de murga, al tiempo que recontextualizaron la práctica Carnavalesca, formaron nuevos agentes y se formaban ellos mismos (p. 13).

Similar ao que vem acontecendo com as cidades que organizam os carnavais no Caribe, o Turismo na região do Mercosul vem alinhavando acordos de integração de seus destinos. A Unidade Temática de Turismo, reunida no 8º Congresso Internacional de Turismo da Rede Mercocidades *Turismo Sem Fronteiras*, realizado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, nos dias 22 e 23 de março de 2012, finaliza com o lançamento da *Carta de Porto Alegre*, onde afirmam o compromisso com o projeto *Capitais Gaúchas / Rotas Tchê*, formando um arranjo turístico transnacional novo no mundo, integrando Rio Grande do Sul (Brasil), Argentina e Uruguai. Conforme o sucesso deste empreendimento for avançando, poderia se pensar nas integrações festivas com finalidades turísticas destes destinos, já que vem sendo retomado os carnavais de rua de Porto Alegre e em Caxias do Sul. E, como veremos mais adiante, no restante do Brasil.

Porto Alegre, em 2014, além dos desfiles das escolas de samba, diversos blocos de rua saíram no bairro Cidade Baixa. Suas origens históricas foram nos bairros pobres da década de 1930, reduto dos escravos libertos, tendo sua maior expressão no antigo bairro Areal. Outra característica dos seus blocos de rua foram as *Tribos* da década de 1950 e 1960, a título de exemplo: Os Caetés, Os Charruas, Os Aymorés, etc. provavelmente influenciados pelos índios vitimados pelos mocinhos nos *bang bangs* do cinema. Alguns blocos que saíram esse ano em Porto Alegre, levando uma multidão, com estrutura patrocinada por uma grande marca de cerveja: Galo do Porto, Do jeito que tá vai, Filhos do Compadre Washington, Maria do Bairro, Império da Lã, Skafolia, Banda DE KA, Maracatu Truvão, Turucutá, e diversos outros.

Caxias do Sul, apesar do grande foco na Festa Nacional da Uva, que acontece a cada dois anos, e onde por tradição a cidade não para no Carnaval, devido as características da imigração italiana e pela dinâmica do seu capital industrial, vem tomando corpo blocos que saem no domingo que antecede a quarta feira de cinzas. Entre eles o *Mardi Grass*, desde 2008, organizado pelo Mississippi Blues Bar, inspirado nos moldes do Carnaval dos negros americanos de Nova Orleans. O mesmo bar também organiza o maior Festival de Blues da América Latina nos meses de novembro.

Outro bloco, que também tem atraído famílias, artistas, e demais setores da cidade é o *Bloco da Velha*. Entrevistei Grazi Martins, organizadora do bloco, mas

que não será transcrita neste trabalho por não estar nos objetivos deste, veio da cidade de Pelotas, um dos primeiros pólos econômicos do Estado e com forte tradição carnavalesca, decorrência da presença dos negros escravos em suas charqueadas, tendo como principal referência o tambor de sopapo, falou que a ideia veio de amigos que frequentam as programações culturais e o café da livraria Arco da Velha. O que começou sem grandes pretensões hoje é apoiado por leis de incentivo do município e conta com o interesse da rede hoteleira local na divulgação do evento.



FIGURA 9: Bloco Arco da Velha de Caxias do Sul – RS 2014
Fonte: Página do bloco na rede social facebook

4.3 Carnaval no Brasil

Jorge Amado em seu romance *Brasil o País do Carnaval* (1931), coloca na fala da personagem Paulo Rigger, sobre seu senso de brasilidade: “Só me senti brasileiro duas vezes, no Carnaval, quando sambei da rua. Outra, quando surrei Julie, depois que ela me traiu” (p. 47). O romance inicia com um “novo descobrimento”, situando o navio e seus passageiros como os dirigentes de um país onde a África é determinante. Esta passagem corrosiva revela certas características da manifestação social e festiva no Brasil, a folia na rua e a VIOLÊNCIA DOMÉSTICA? surra dentro de casa. Ajuda a entender o tom jocoso que damos as marchinhas de Carnaval “*Índio quer apito se não der o pau vai comer*” ou mesmo na música “*Branco não vem cá, se vier pau há de levar*”.

Carnaval pode ser também instância de legitimação da violência simbólica, por exemplo, ao mandar cortar a *Cabeleira do Zezé*, a ridicularização da *Maria Sapatão* e nas mais diversas sátiras políticas. Se para entrar na civilização devemos conter nossas pulsões de agressividade e sexualidade, o Brasil ainda é compreendido como que saindo da sua primeira infância pela sua vinculação carnavalesca. Como Barléus afirmara, *Ultra aequinotialem non peccavi*. Dada esta compreensão, não foi à toa que o Carnaval se tornou o veículo propagandista do Turismo no exterior no período ditatorial e na campanha de unificação nacional getulista. Talvez o turismo sexual, imagem da qual o Brasil deseja se desvincular, seja um efeito colateral deste processo, já que o turista não fará nada que seus residentes não façam, ou que não seja permitido pelas relações presentes na cidade em que visita, independente do circuito que vá participar alguma agência o legitima.

O Carnaval no Brasil é celebrado no sábado, domingo, segunda e terça que antecedem a quarta feira de cinzas. Pois, a partir desta data serão contados os quarenta dias que precedem a Semana Santa, dando início aos jejuns e abstinências, hoje pouco considerado. Esta Semana, que é o rito máximo do Catolicismo Romano. A data pode variar conforme o calendário lunar que o demarca, fazendo o Carnaval ser comemorado em fevereiro ou no mês de março.

As comemorações de Carnaval no Brasil, ao leste da cidade de Laguna-SC, com referências portuguesas, tem suas origens nos Entrudos. Entrudo vem da palavra *Introitos*, introdução no Latim. É originária da Festa dos Loucos, de onde vem a palavra Folia que vem do francês *folie*, loucura. Caracterizada por guerras de mela-mela passou por diversas proibições, devido ao seu caráter satírico e alterador da ordem. Foi proibido em 31 de janeiro e 13 de fevereiro de 1608; em 24 de fevereiro e 22 de outubro de 1686; em 20 de setembro de 1691; em 6 e 20 de fevereiro de 1734; e em 25 de fevereiro de 1808. (FERNANDES, 2001; PEREIRA, 2004)



FIGURA 10: Cena de Carnaval

Fonte: Tela de Jean Baptiste Debret – BRASIL, 1834

Com o advento da Independência do Brasil em 1808, campanhas em jornais acionavam a opinião pública contra a incivilizada festa dos entrudos, pois queriam se afastar da imagem bagunceira da monarquia portuguesa e se aproximar dos mitos civilizatórios, tendo como referencia mimética os moldes do Carnaval francês da *Belle Époque*. Farinha, talco, excrementos, e outras sujeiras foram substituídas por Água de Cheiro, groselha, vinho e vinagre, confetes, serpentinas e lanças perfumes. O Rio de Janeiro, já sede do Governo Imperial, realiza seu primeiro baile de máscaras por volta de 1840, nos salões com banquetes, músicas e bebidas. Como não havia as referencias da musicalidade brasileira os ritmos que marcavam os passos eram a polca, charleston, valsas e tangos. (CUNHA, 2001).

A primeira música cantada e acompanhada por coros foi de Chiquinha Gonzaga em 1899, “*Ô Abre Alas...*” dando origem as marchinhas de Carnaval. Tipo musical que ficou na praça até os anos 1960, quando foi substituído pelos sambas e assim dando aspectos dos negros brasileiros ao Carnaval, aliado aos meios de comunicação em massa, este que já vinham acumulando ações neste sentido desde a década de 1920.

Com a burguesia em ascensão começam a tomar forma os desfiles de rua em carros adornados, no período carnavalesco, tendo conhecimento prévio da segurança pública garantida, dando origem assim aos corsos, depois de mais de um século aglomerando os salões. Apesar disto não deixou de existir estas festividades em clubes exclusivos, mantendo sua devida distinção, já que os remediados começaram a alugar carros para participarem junto a eles nos desfiles. Em 1909 surge o primeiro

Curso no Rio de Janeiro em consonância com a ampliação dos bailes na cidade (QUEIRÓS, 1992; ALMEIDA, 2003). Em 1929 surge no bairro Estácio, da ainda Capital Federal, RIO DE JANEIRO, a primeira Escola de Samba, já que os tocadores do ritmo eram chamados de professores e teve a primeira competição registrada em 1932 na Praça Onze, estimulado pelo jornal Mundo Esportivo. A evolução disto é o que hoje se vê como imagem unificadora do Carnaval brasileiro nas telas do mundo.

Não se pode afirmar que o Carnaval seja igual em todas as cidades do país, mediante o levantamento teórico e bibliográfico que fiz, pois as particularidades regionais são manifestas neste momento de festa, e com isso suas características sociais, e que mais ou menos coincidem no calendário. Deste modo, abordarei as atuais configurações da festa de Carnaval na rua em seus principais polos no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife. Mais adiante suas características atuais e históricas do Carnaval em Maceió-AL.

4.3.1. Eixo Rio – São Paulo

Por influência da Rádio Nacional, que transmitia o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, criam-se movimentações em torno da festividade na capital paulista. As características do seu samba são advindas do Jongo, também conhecido como Caxambú, tocados pelas massas empobrecidas que ocuparam bairros de São Paulo. Foram advindas da crise cafeeira, que ocasionou este movimento migratório. Há registros de apoio da Prefeitura ao Carnaval já em 1885, aos cordões de patrões e operários, deixando os mais empobrecidos, normalmente negros libertos, escanteados das notícias e do devido apoio (LOPES DA SILVA, 2012). Já na década de 30 do século XX, existia ali a Frente Negra Brasileira, fundada em 1931, adquirindo caracterização partidária em 1936. Esta cria a Taça Arthur Friedenreich em 1932, com a intenção de valorizar as expressões das culturas negras durante o Carnaval, promovendo sua integração festiva e social. Arthur Friedenreich era jogador de futebol, sendo seu pai um imigrante alemão e sua mãe uma lavadeira filha de escravos, e participou dos dois primeiros títulos mundiais da seleção brasileira de futebol. Em 1941 é criado o primeiro grito de Carnaval, sendo a festa paulista transmitido pela primeira vez em escala nacional pela Rádio Record.

A década de 1960 foi o período histórico conhecido como o de oficialização do Carnaval, dada pela Lei nº 7.100/67 e regulamentada pelo Decreto nº 7.663/68. O mesmo decreto cria a Secretaria de Turismo e Fomento do Estado de São Paulo. Nos anos 1970 passa a se chamar Anhembi Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo S/A, que é a atual SPTuris, com a intenção de aumentar o fluxo de capitais para a produção da cultura na cidade e fomentar eventos, sendo o maior aporte de recursos para as escolas de samba durante o Carnaval, que passaram a ter maior volume contingencial a partir da participação de torcidas organizadas de futebol.



FIGURA 11: Primeira chamada do Manifesto Carnavalista

Fonte: Fan Page do Grupo na rede social Facebook

Em dezembro de 2012 é lançado o Manifesto Carnavalista, por grupos que não compunham a UESP - União das Escolas de Samba Paulistas; ABASP - Associação das Bandas/Blocos Carnavalescas de São Paulo; ABBC - Associação das Bandas, Blocos e Cordões Carnavalescos de São Paulo, que são as organizações oficiais do Carnaval paulistano. O manifesto é assinado por 35 blocos e 14 organizações. Em seu manifesto imprime cinco eixos norteadores: 1 – *Direito a Alegria*; 2 – *Direito a Folia*; 3 - *Importância da valorização e afirmação de uma*

tradição cultural paulistana; 4 - Ocupação do espaço público como exercício da cidadania; 5 - O Carnaval de rua e a economia criativa.

As manifestações Carnavalescas de bairro cresceram muito e os novos grupos não encontram suporte e orientação dos órgãos competentes, tendo de enfrentar os mesmos problemas que grupos tradicionais sofriam antigamente, ou seja, boicote, repressão, falta de estrutura e o não reconhecimento por não se adequar aos padrões de conduta. A tradição do Carnaval paulista vem dos cordões que desfilavam em seus bairros, pelas ruas da cidade, e que por fragilidade e necessidade cederam a um modelo de competição de escolas de samba para conseguir desfilar legalmente. Buscamos com esse movimento unir poder público, população, mídia, governo e grupos Carnavalescos para que possamos discutir interesses, problemas e demandas e com isso viabilizarmos o Carnaval de rua em nosso próprio bairro. *É importante destacar que não queremos com este manifesto solicitar verba pública direta para realizarmos nossos desfiles, mas, sim, reconhecimento, autorização e infra-estrutura para receber e conduzir a comunidade na rua. Queremos também desenvolver um modelo de Carnaval que desperte o uso consciente do espaço público, para criar o mínimo de transtorno possível para a população e garantir alegria e cidadania aos foliões* (MANIFESTO CARNAVALISTA, 2012, grifo meu).

Como resultado das ações deste grupo, a Prefeitura de São Paulo atende suas reivindicações pelo Decreto nº 54.815, de 5 de fevereiro de 2014 que disciplina e dá outras providências para o Carnaval de rua da cidade.

Art. 1º Considera-se Carnaval de Rua, para os fins deste decreto, o conjunto de manifestações voluntárias, não hierarquizadas, de cunho festivo e sem caráter competitivo, que ocorrem em diversos logradouros públicos da Cidade na forma de “blocos”, “cordões”, “bandas” e assemelhados, com a finalidade de mera fruição e, em especial, no período que antecede o feriado respectivo. SÃO PAULO, 2014

Na sua relação com o Turismo, Comunicação e Cidadania da cidade:

Art. 5º Fica constituída Comissão Intersecretarial responsável pelo planejamento operacional do Carnaval de Rua da Cidade de São Paulo, com as seguintes finalidades:

I - estabelecer permanente diálogo com os responsáveis pelos blocos e assemelhados, assim como moradores e comerciantes eventualmente envolvidos ou interessados;

II – realizar o adequado planejamento dos eventos Carnavalescos de forma a minimizar os impactos nas áreas em que ocorrerem, maximizando seu proveito comunitário;

III – sugerir parcerias com entidades e órgãos públicos, bem como com os diversos segmentos da iniciativa privada que contribuam para a viabilização dos eventos

Art. 6º A Comissão Intersecretarial a que se refere o artigo 5º deste decreto será composta pelos órgãos e entidades municipais abaixo relacionados:
[...]

IX – São Paulo Negócios S.A. – SP Negócios, competindo-lhe:

- a) desenvolver, em parceria com a SPTuris, plano de viabilização financeira para o Carnaval de Rua no âmbito da Prefeitura, considerando o potencial de captação de recursos públicos e privados para as atividades e serviços;
- b) intermediar relações entre investidores, patrocinadores e os organizadores do Carnaval de Rua na esfera pública;

X – Secretaria Executiva de Comunicação – SECOM, competindo-lhe:

- a) implementar, em parceria com a SPTuris, campanha de comunicação com o objetivo de divulgar amplamente a programação do Carnaval de Rua;
- b) desenvolver o site que hospedará as informações sobre os serviços públicos prestados pela Prefeitura, a programação e os itinerários das atividades;

XI – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania – SMDHC, competindo-lhe:

- a) estimular a participação e a inclusão de todos os segmentos contemplados pelas políticas sob sua responsabilidade nas atividades do Carnaval de Rua;
- b) promover a sensibilização dos participantes para a garantia de direitos e para o exercício da cidadania;
- c) fortalecer a rede de proteção aos direitos humanos e divulgar os mecanismos disponíveis de denúncia a violações (Idem, Ibdem)

A Riotur - Empresa de Turismo do Rio de Janeiro, em conjunto com a ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing-RJ³⁰, divulgou uma pesquisa no ano de 2011, REGISTRANDO que, no Carnaval do ano anterior, haviam saído 465 blocos, QUE conduziram mais de 2 milhões de foliões. Os blocos mais tradicionais que tem revitalizado do Carnaval de rua da cidade são: Cordão do Bola Preta, Banda de Ipanema, Sovaco do Cristo e Simpatia é quase amor. A mesma pesquisa levantou o período de permanência do visitante NA CIDADE, em torno de 12 dias, e que destes, três seriam dedicados aos desfiles das escolas de samba.

No início dos anos 2000, cria-se a Sebastiana - Associação Independente dos Blocos de Carnaval de Rua da Zona Sul do Rio de Janeiro.

A Sebastiana surgiu da necessidade de se encontrar, em conjunto, soluções que viabilizassem os desfiles que começavam a crescer, alguns com mais de dez mil foliões. Patrocínios, negociação com fornecedores, estratégia de segurança para os foliões e organização de trânsito eram algumas das dificuldades enfrentadas por todos. A partir dali a Sebastiana tornou-se um importante agente no resgate da tradição do Carnaval de rua do Rio e também um local de discussão de políticas culturais (SEBASTIANA.ORG³¹)

A Sebastiana defende os seguintes critérios para os blocos que desejam fazer parte da associação Carnavalesca: *Democracia; Participação popular e de todos, Ausência de cordas e áreas vips para foliões, Abadás; Exigência de fantasias.* Rita

³⁰ <http://mais.espm.br/2011/04/raio-x-da-fofia.html> Acessado em 01 de agosto de 2014

³¹ <http://www.sebastiana.org.br/sebastiana/conheca.html> Acessado em 01 de agosto de 2014

Fernandes, Presidente da Sebastiana em entrevista ao jornal *O Dia*, em 13 de janeiro de 2011, descreve como está se dando este processo no estado:

Hoje somos mais de 400 blocos, com uma previsão de 3 milhões de foliões nas ruas da cidade. E o fato é: crianças, jovens e adultos descobriram o prazer de um Carnaval que preza pela irreverência, pela alegria e pela diversidade. Mas aí, tem o outro lado da história, quando a cidade tem que lidar com toda essa movimentação. E seria ingênuo, até irresponsável, adotarmos o discurso de que não se deve organizar. Apoiamos a organização do espaço urbano, do trânsito, da segurança e da limpeza, pelo poder público. Mas é preciso separar bem o que se quer quando o assunto é organização para que não haja uma confusão de que o Carnaval dos blocos pode entrar em um processo de normatização. O Carnaval de rua do Rio precisa manter sua identidade – livre, democrático, irreverente, sem cordas, sem abadás. Queremos continuar com esse espírito, com nossos desfiles nos nossos bairros de origem, com as cores das nossas bandeiras, e o entra-e-sai dos foliões. Mas uma coisa é organizar a cidade, o direito de ir e vir de todos, sejam de foliões ou não.

Aliado a isso, o Estado do Rio de Janeiro possui uma forte expressão na patrimonialização dos seus bens culturais, são eles: *Jongo do Sudeste* (2005) e as *Matizes do Samba: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo* (2007) como formas de expressão e como celebração a *Festa do Divino de Paraty* (2013) pelo IPHAN, sendo pela Secretaria Estadual de Cultura um bom número de bens, entre eles os blocos Carnavalescos *Cordão da Bola Preta* pelo Decreto n.º 27.594 de 14 de fevereiro de 2007; *Banda de Ipanema* pelo Decreto n.º 23.926, de 23 de janeiro de 2004; E as *Escolas de Samba* pelo Decreto n.º 28980 de 31 de janeiro de 2008. Sem falar nos eventos mundiais que tem sediado, fomentando a hospitalidade do carioca e sua autoestima.

4.3.2. Carnaval no Nordeste

De acordo com Araújo (2003), o Nordeste brasileiro foi a região por onde começou a empreitada do processo colonial, no entanto, TAMBÉM? a primeira a receber imigrantes europeus e escravos africanos. Em 1532 chegam À capitania de Pernambuco os primeiros negros de Guiné, já catequizados pelos ritos católicos, tendo em suas terras, vinte anos mais tarde, a confraria de Nossa Senhora do Rosário na futura província.

A subdivisão do trabalho e controle social era dada mediante a divisão da representação pelas categorias laborais. Obtendo assim os representantes dos

pescadores, cortadores de cana, canoieiros no conselho e responsabilidade pelo funcionamento destes. Assim também se fazia com as celebrações rituais dos negros, a exemplo dos Reis de Congo, de onde advieram os maracatus: seus coordenadores eram responsáveis pelo controle das demais etnias, demonstrando uma participação das categorias trabalhistas desde o processo colonial.

Entre estes surge a figura de Henrique Dias. Pelos seus feitos durante a guerra contra os holandeses, foi-lhe dada a patente de cabo e governador dos crioulos em 1623, aumentando assim o desejo de integração dos demais negros à vida em sociedade, pois este é considerado o primeiro negro a ter escrito um texto em solo nacional e teve seu nome inscrito na lista dos heróis do Brasil assegurado pela Lei nº 12.701, de 6 de agosto de 2012. Saliento isso, pois as incursões de maior destaque do negro na sociedade brasileira tem se dado pelas forças militares, pelo esporte e pela cultura em amplo sentido.

Sobre a orientação da igreja aos senhores donos de escravos o Jesuíta Antonil, em 1711 exorta em carta: “Negar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do cativo, é querê-los desconsolados [...] cantar e dançar por algumas horas honestamente [...] e dando-lhes algum prêmio de seu continuado trabalho” (apud ARAUJO, 2003, p. 27) mais adiante com o avanço do projeto colonial, a rainha de Portugal em Aviso Régio de julho de 1780, ordenou a Júlio César de Menezes que: “Não permitisse por modo algum as danças desta última qualidade; [...] usar de todos os meios suaves para ir desterrando pouco a pouco um divertimento tão contrário aos bons costumes” (Idem, p. 28)

Vale destacar que durante o primeiro Carnaval de máscaras realizado em 2 de março de 1851, no teatro Santa Isabel, a atenção foi para o casal de mascarados que tinha adornos tipicamente afros, revelando, assim, uma assimilação das linguagens negras pela burguesia local, sendo o avançar deste processo, nos anos vindouros, sua aproximação com seus frevos e maracatus, manifestações até então restritas aos seus brincantes.

Pela efervescência cultural gerada no início do século XX, surge o Movimento Regionalista de 1926 capitaneadas por Gilberto Freyre, com ideias oriundas do Congresso Carnavalesco de 1911, e que acumulou forças para em 1934 realizarem o 1º Congresso Afro-brasileiro. Contra os ideais deste último Congresso, o jornalista Mário Melo, representando os interesses do interventor Agamenon Magalhães e

demais empresas prestadoras de serviço de Pernambuco, criam a Federação Carnavalesca de Pernambuco em 1935, de cunho Integralista, que acusavam Gilberto Freyre de possuir elementos comunistas em suas bases de atuação. Esta Federação começou a trabalhar em prol do Carnaval do Recife, inclusive enquanto atrativo turístico, entusiasmando o cidadão neste ideal de *pernambucanidade*, elevando a ícone os símbolos da unidade cultural local e tinham como matizes de suas atividades as seguintes premissas:

- I - Procurar a harmonia entre os clubes filiados;
- II- Distribuir auxílios equitativos, cada ano, os clubes que tomarem parte do Carnaval;
- III- Dar prêmios aos clubes Carnavalescos que de modo mais condigno se apresentarem;
- IV- Desenvolver o turismo;
- V- Moldar o Carnaval no sentido do tradicionalismo histórico e educacional, fazendo reviver costumes nossos, tipos da nossa história, fatos que nos educam;
- VI – colaborar com os poderes públicos para a regulamentação e boa distribuição do tráfego a fim de que não haja prejuízo do frevo que merece apoio, para a sua conservação típica;
- VII- organizar comissões para a propaganda do Carnaval de Pernambuco nas cidades do interior e nos Estados vizinhos, bem como intermédio do rádio e da cinematografia (SILVA, 1991, p73-74)

Desde 1978, o Carnaval do Recife começa com o Galo da Madrugada no conhecido sábado de Zé Pereira, considerado pelo *Guinnes Book*, em 1995, COMO o maior bloco de rua do mundo. Foi idealizado pelo empresário Enéas Freire (1921-2008). O Carnaval tinha arrefecido durante a ditadura militar, o empresário e seus familiares juntaram-se em grupo de foliões para comemorar o Carnaval antes da abertura do comércio na madrugada. Hoje conta com uma grande estrutura, como trios elétricos e camarotes vip, dando elementos que configuram o Carnaval multicultural da cidade. Pernambuco conta com grande acervo patrimonial, referenciados tanto pelo estado como pela federação. Os registrados pelo IPHAN são a Feira de Caruaru (Registro dos Lugares) e o Frevo (Formas de Expressão). Em processo de patrimonialização estão: Maracatu Rural, Maracatu Nação, Caboclinhos e o Cavalo Marinho.

Em Salvador há o fenômeno de reafricanização do seu Carnaval na década de 1970, uma vez que há registros de atividades dos negros nos entrudos e em organizações carnavalescas na penúltima virada do século (MIGUEZ, 2003). Substituindo os blocos de índios, o Carnaval afro mestiço baiano surge

potencializado por um discurso estético-político e amplificado pela invenção do trio elétrico na década de 1950. Entre estes grupos estão o afoxé Filhos de Gandhi e o Ilê Ayê, superando a perspectiva integracionista da década de 1930. A imbricação deste fenômeno dá a dimensão do que se tornou o *axé music*, a partir de Luis Caldas, Banda Mel e diversos outros grupos que influenciaram os carnavais fora de época pelo Brasil afora desde então, inserindo a capital baiana no fluxo dos meganegócios, entre eles a movimentação de agentes do turismo como alternativa pós-industrial.

O modernismo, a ocidentalização, o pop, o popularizar, a industrialização e a tecnologia aliaram-se à maneira afro-brasileira de ver e tocar o mundo. O sucesso da música feita para o Carnaval de Salvador está, também, na sua multiplicidade. Multiplicidade esta que também encontra inspiração e poesia nos gringos que, desengonçados ou não, já fazem parte do cotidiano da cidade, principalmente quando é Carnaval. Já participam do ser e estar “baiano” – a conhecida “baianidade” -, que se encontra na procura do olhar do outro que, neste caso, é o simpático e agradável turista - hóspede que chega a conhecer e reconhecer a cidade com mais propriedade e curiosidade que muitos filhos dela (CASTRO. 2005, p. 40).

A Bahia é um dos polos que emana o senso de brasilidade, assim como Minas Gerais, ambos pautados pelos primórdios das políticas patrimoniais da nação, pela atuação dos seus intelectuais e artistas populares. Tem, registrados pelo IPHAN, os seguintes bens: *Ofício das Baianas de Acarajé* (Saberes, 2005); *Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim* (Celebrações, 2013); *Samba de Roda do Recôncavo Baiano* (Expressão, 2004)

João Pessoa, capital do estado da Paraíba, vem aumentando ações na tentativa de incremento a atividade turística via festejos de Carnaval. Lá se configuram dois tipos de programação: O projeto Folia de Rua e o Carnaval Tradição. O projeto Folia de Rua começa na semana anterior aos festejos de Carnaval e termina no domingo que antecede a quarta feira de cinzas, contando em sua programação mais de 30 blocos e com público superior a 50 mil participantes por dia. O Carnaval Tradição é compreendido pelos desfiles das escolas de samba, 23 ao todo, que desfilam do domingo a terça feira de Carnaval.

Apesar de não existir nenhuma pesquisa sobre a adesão da população de João Pessoa ou mesmo da Região Metropolitana de João Pessoa (RMJP) ao evento, o presidente da Associação Folia de Rua, por meio de entrevista semi-estruturada realizada em 22 de fevereiro de 2010, afirma que é grande a participação da população pessoense no Folia de Rua, segundo uma pesquisa realizada pelo Sebrae/PB em fevereiro de 2009 a cerca do perfil do turista que frequenta o pré-Carnaval pessoense mais de 62,4% dos

turistas que estavam em algum dos trinta blocos do 'Folia de Rua' são paraibanos, em sua maioria de Campina Grande e o segundo grupo mais representativo são os 'turistas' provenientes de Bayeux (que faz parte da RMJP). No ano de 2008, a maioria dos turistas paraibanos era proveniente de Cabedelo (município que também faz parte da RMJP). Um total de 41% dos turistas entrevistados visitou João Pessoa durante o período do evento com a intenção principal de participar do projeto Folia de Rua, o gasto médio do turista por dia varia de R\$ 81,19 (paraibanos) a U\$ 187,86 (estrangeiros), Sebrae, 2009. (DELGADO, 2012, p. 50).

Embora este evento não seja considerado ainda como produto turístico local, o Sebrae-PB vem atuando na orientação aos profissionais envolvidos no ensino das técnicas de marketing, plano de negócios, e demais ferramentas administrativas já que o setor emprega diretamente mais de 800 profissionais que estão trabalhando na ideia de configurar a cidade como um destino pré-carnavalesco.

4.3.3. Turismo, Cultura e Carnaval em Maceió-AL

Apesar do imaginário das águas estarem presentes no Estado de Alagoas, sua atual capital Maceió, também é conhecida como Cidade Restinga. Maceió vem da língua indígena, *Massayó*, em Tupi: O que tapa o alagadiço. Ainda assim as águas não deixam de se fazer presentes. Lima (2010) assim a define sob os aspectos geográficos:

Maceió é uma cidade construída, a partir de "terraço de erosão marinha", esculpido na extremidade do tabuleiro, saliente na parte norte oriental da "calha" aberta para o mar, que se estende continuado por uma faixa arenosa, a cruzar a "boca" de um rio, na direção de sudoeste. Apresenta de lado leste a praia em forma de "crescente", e do lado da lagoa, a oeste, uma ponta arenosa e vasa de ilhas de mangues (p.27).

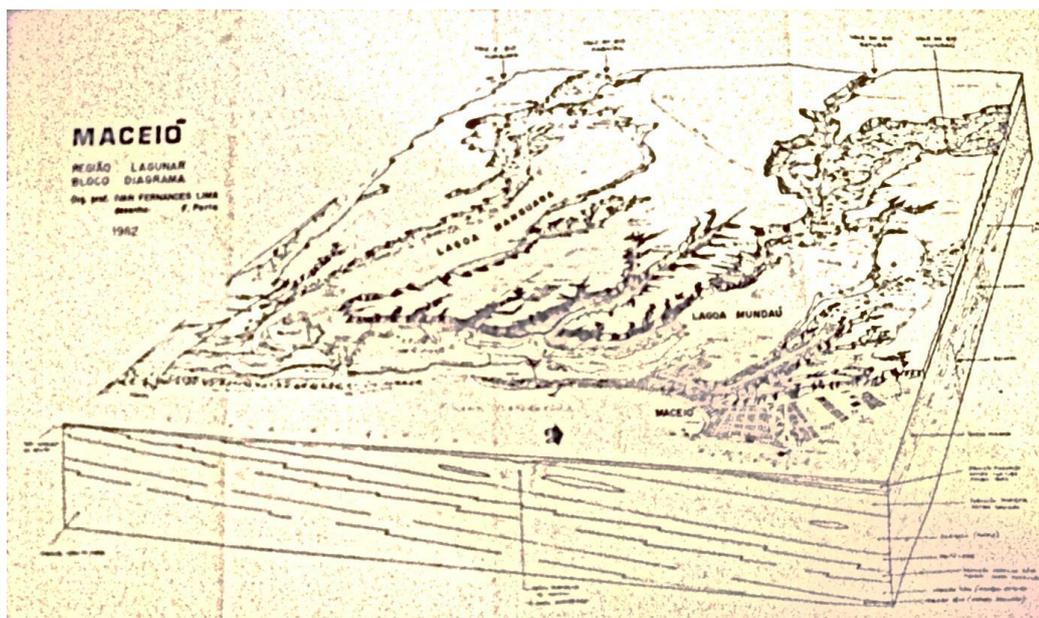


FIGURA 12: Mapa Geomorfológico de Maceió

Fonte: Lima, 2010, p.58

O mais antigo registro sobre a capital de Alagoas, Maceió, data de 1611, período anterior a invasão holandesa. Trata-se de uma escritura assinada por Diogo Soares da Cunha (Alcaide-Mor de Santa Maria Madalena, hoje Marechal Deodoro e antiga capital de Alagoas) em favor de Manoel Antonio Duro. Foi desmembrada de Marechal Deodoro em 5 de dezembro de 1815, e elevada a condição de cidade pela Resolução Provincial 11, de 9 de dezembro de 1839 (CARVALHO, 1980)

A economia alagoana passou pouco mais de 250 anos estagnada (1632-1900), permanecendo em contínuo atraso em relação a industrialização ao sul do país. Em 1970, 215 latifundiários detinham o dobro das terras que os 78.881 minifúndios somados, sendo 83% dos trabalhadores rurais analfabetos e despossuídores de terras, 78% das terras utilizáveis estavam em desuso, e com 20% da sua população fora do Estado (idem, ibidem). Cabral (2005) subdivide os períodos de desenvolvimento em Alagoas em três fases, nos anos de 1960 a 2000. *Infraestrutura econômica e estruturação do setor público estadual*, 1960-1974; *Crescimento econômico*, 1974-1986; *Crise e estagnação*, 1987-1999. Sendo desta data em diante a tentativa de um remodelamento do aparelho estatal. De 2000 a 2006 o então governador Ronaldo Lessa põe na pauta política o Turismo como importante fator de desenvolvimento econômico no estado, construindo instalações e firmando parcerias federais para infraestrutura.

O modelo econômico e social da formação alagoana deixou uma alta fatura a se pagar: um frágil processo de industrialização; uma urbanização gerada não pela atração das oportunidades nas médias e pequenas cidades mas pela inviabilização da permanência do homem no campo; indicadores de desenvolvimento humano comparáveis as regiões mais subdesenvolvidas do planeta e um atraso político que gravou no imaginário nacional, o Estado de Alagoas como a pátria de todos os desmandos (CABRAL, 2005, p. 18).

Dada a realidade econômica vivida pelo Estado de Alagoas, o Turismo, enquanto atividade geradora de emprego e renda, se põe enquanto uma alternativa necessária à dignidade dos seus cidadãos economicamente ativos. Segundo dados da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento (SEPLANDE, 2010), Alagoas atualmente possui uma renda per capita média de R\$2.728, PIB R\$25 bilhões/ano. A arrecadação de renda advém principalmente no setor de serviços (71,94%), indústria (20,57%), impostos (10,13%), agropecuária (7,49%). Silva (2013) descreve o senso comum da capital:

Lugar recorrentemente apresentado a partir de descrições de seus belos cenários naturais e seu povo acolhedor, Alagoas apresenta agudas desigualdades sociais. A paisagem da orla de sua capital em contraposição com o que se vislumbra poucas quadras adentrando o seu interior ilustram este quadro. Isso se reflete em dados como o pior IDH do país, maior taxa de mortalidade infantil, maior taxa de analfabetismo (25%), altos índices de criminalidade (com maior número de assassinatos entre os estados brasileiros 60/100mil hab.). Acrescenta-se a isto um deficitário sistema de transporte público, de redes de ensino e saúde e uma das mais baixas expectativas de vida do país. No senso comum, observa-se a construção de um imaginário histórico alagoano construído a partir de um panteão de heróis. Figuram Zumbi dos Palmares e seu quilombo como ícone da resistência negra; Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto com o alvorecer do período republicano; Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Manuel Diégues Júnior, Théo Brandão, Arthur Ramos, como ícones do campo das letras e humanidades; Lampião e seu bando como símbolo do cangaço e violência. Um determinado passado local se move entre movimentos de resistência, violência e vanguarda política e intelectual (p.25).

E continua a descrever:

Maceió é a cidade que possui a melhor infraestrutura e índices de desenvolvimento no estado, abrigando quase um terço de sua população (cerca de um milhão de habitantes). Situada na faixa litorânea, seu nome remete a sua localização geo-ambiental, situada num terreno alagadiço, entre lagoas e o mar. Abriga alguns dos principais cartões postais do ideário das praias do nordeste brasileiro, como as piscinas naturais da Pajuçara e a Praia do Francês, atraindo grande fluxo turístico – que escolhe Maceió como destino também em função de seu calendário festivo como o *pré-Carnaval*, período junino e natalino. Conta ainda com destacados monumentos históricos como o centenário Teatro Deodoro, o Palácio

Floriano Peixoto, o núcleo histórico do bairro do Jaraguá, o Museu Théo Brandão, além das conhecidas feiras populares como a dos passarinhos, a extinta feira do rato (sob os trilhos da linha férrea) e os atuais mercados de artesanato do centro e da Pajuçara. (p.26, grifo meu).

Alagoas possui em sua rede folclórica 29 manifestações populares. Talvez o maior avolumado de folguedos do país. Pelo registo da secretaria estadual de cultura, há 36 patrimônios vivos, 17 pontos de cultura, quatro patrimônios imateriais e um em vias de se tornar, o molusco comumente conhecido como Sururu.

É considerado Patrimônio Vivo (Lei Estadual n.6513/04, alterada pela LEI Nº 7.172, DE 30 DE JUNHO DE 2010) a pessoa que detenha os conhecimentos e técnicas necessárias para a preservação dos aspectos da cultura tradicional ou popular de uma comunidade, estabelecida em Alagoas há mais de 20 anos, repassando às novas gerações os saberes relacionados a danças e folguedos, literatura oral e/ou escrita, gastronomia, música, teatro, artesanato, dentre outras práticas da cultura popular que vivenciam (SECRETARIA DE CULTURA DE ALAGOAS).

Pelo IPHAN há o cadastro de 88 agentes e produtores culturais em Alagoas e 125 objetos e associações culturais. Em entrevista, Bruno César afirma:

Temos uma cultura popular riquíssima e que a gente detesta. Aprendemos a valorizá-la como um símbolo de negociação social, o que não quer dizer que a gente goste, a gente gosta de dizer que tem uma diversidade folclórica muito grande, mas a gente não sabe cantar uma música de Guerreiro. Isso paradoxalmente dá uma liberdade criativa muito grande. Uma cidade artisticamente muito curiosa, com fenômenos muito específicos. Aqui no Nordeste não tivéssemos fenômenos como Hermeto, como Djavan, se eles fossem de outra capital seriam tolhidos pelo processo criativo pela cobrança das raízes, pelo tradicionalismo. Aqui a gente vive essa alienação saudável eu diria. Paradoxo alagoano que me atrai muito como tema de estudo.

Apesar da diversidade estética e artística presente em Alagoas, as problemáticas sociais infundem na sua dinâmica articulatória e sua circularidade na cidade de Maceió. Isto faz que estes agentes portem sempre um “pires na mão”. Vejamos o caso dos Bumbas meu Boi de Alagoas, nas palavras do Zé do Boi, então presidente da associação destes:

Bumba-meu-boi faz o espetáculo do Carnaval na orla

“Boi de Carnaval não”

Esse negócio de dizer que somos bois de Carnaval é coisa de quem quer atrapalhar o nosso trabalho, tentando deixar-nos no esquecimento, durante o resto do ano”, reclamou, acrescentando que o único apoio que recebe do poder público é o direito de participar do concurso. “Fomos à Secretaria Municipal de Turismo (Seturma) solicitar transporte para carregar o material

e o pessoal dos grupos e eles disseram que não tinham recursos disponíveis. Eles nos ajudam, mas, desta vez, alegaram que não tinham verba. Então, a gente desistiu de procurar ajuda nos órgãos públicos, cansamos de bater de porta em porta, pois sempre nos dão com a porta na cara”, disse, acrescentando que recebe apoio de um vereador da capital (GAZETA DE ALAGOAS, 14-2-2004)

Trabalhamos o ano inteiro para mostrar a importância desse folguedo. Nossa atividade não é Carnavalesca”, diz o presidente da Liga, José Carlos Santos, o conhecido Zé do Boi. Entusiasta dessa tradição folclórica, ele não mede esforços para divulgá-la. Em sua avaliação, a denominação boi de Carnaval é limitada à capital, sendo desconhecida em outras cidades e fora do Estado. Ao contrário da terminologia bumba-meu-boi, uma expressão amplamente conhecida, principalmente na região norte do País. Zé do Boi lembra a festa do boi-bumbá, outra denominação desse folguedo, em Parintins, no Amazonas, que atrai milhares de turistas, inclusive do exterior. Atrair e conquistar o público é um dos objetivos das lideranças comunitárias que têm o boi como atividade de lazer (GAZETA DE ALAGOAS, 26-2-2006)

Ainda sobre o “pires na mão”

Em Alagoas, cores, beleza e desamparo

Alagoas ganhou apenas duas páginas em Maravilhas do Brasil - Festas Populares, embora pudesse ter ganho muito, muito mais. Entre registros de manifestações de todo o País, somente o guerreiro do Mestre Benon foi retratado. “Nós tínhamos ouvido falar muito das manifestações populares de Alagoas. Tanto, que reservamos 20 dias para conhecer e fotografar tudo. Mas quando chegamos, foi muito triste”, conta Luciana Cattani (GAZETA DE ALAGOAS, 29-12-2006).

Não sendo diferente com as Escolas de Samba:

No barracão do Grêmio Recreativo Escola de Samba Jangadeiros, uma das mais antigas de Maceió, fundada no início dos anos 70, a movimentação também é grande. A indefinição da prefeitura, a falta de apoio financeiro e a tensão pré-Carnavalesca tiraram Nenê Cabral, o Carnavalesco da Jangadeiros, do sério. Irritado, ele se incomodou com a presença da Gazeta, no barracão da Jangadeiros. “Não tenho nada para dizer a vocês. Vocês não nos apóiam e só aparecem nessa época”, reclamou, antes de praticamente expulsar a equipe de reportagem do seu reduto (GAZETA DE ALAGOAS, 13-1-2008).

CARNAVAL.

Corte anunciado pela prefeitura desanima foliões

Escolas de samba apelam a município por recursos

A falta de apoio financeiro anunciada pela Prefeitura de Maceió para o Carnaval 2013 caiu como uma “bomba” nos barracões e oficinas das escolas de samba da capital. Animados com a “Nova Maceió” e a esperança da mudança no comando da Fundação Municipal de Ação Cultural (Fmac), muitas contraíram empréstimos contando com o apoio oficial. Entretanto, com a medida de governo, muitos ficaram preocupados e se reuniram, na manhã de ontem, com o próprio presidente da Fmac, Vinícius Palmeira. O objetivo era reverter ou até garantir repasses menores, mas que não

deixassem de existir, para a comunidade do samba. “Fomos surpreendidos com aquela notícia e, por isso, fomos falar com ele (Vinícius). Até propusemos uma redução de valores e ele ficou de ver se era possível fazer alguma coisa”, informou o diretor da Liga das Escolas de Samba de Alagoas, Nivaldo Santana. Mesmo abalados com a notícia, os representantes das escolas garantiram que entram na avenida, no próximo dia 9 de fevereiro, a partir das 21h. “Nosso desejo é o de desfilar e vamos fazer isso, até porque, agora, já estamos com quase 70% de tudo organizado”, garantiu Nivaldo. Quanto aos recursos financeiros, ele conta que é algo comum para a comunidade que está acostumada a receber com atraso os repasses oficiais (GAZETA DE ALAGOAS, 26-1-2013).

Maceió foi a primeira cidade brasileira a receber o título de Capital Americana da Cultura em 2002. O título é dado pela ONG, com nome homônimo, possui sede em Barcelona, tendo início de suas atividades em 1997. As outras cidades brasileiras que também receberam o título foram Curitiba, em 2003, e Brasília, em 2008. A cidade possui momentos festivos e manifestações da produção cultural local, são elas: Carnaval; Desfile das Escolas de Samba; Concurso do Boi Bumbá; São João, destre das festividades juninas ocorrem o concurso de Quadrilha Junina e do Coco de Roda com grupos dos mais diversos bairros da cidade; Mostra Sururu de Cinema Alagoano; e diversos outros de pequena monta, cada vez mais ganhando o merecido destaque, Festa das águas no dia 08 de dezembro, homenagem dos religiosos de matriz africana a orixá Iemanjá no litoral maceioense; Lavagem do Bonfim, todo segundo domingo do mês de janeiro, também mobilizados por grupos religiosos de matriz africana que seguem em cortejo para lavar as escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim localizado no bairro do Poço.

As primeiras imagens captadas para o cinema foram do *Carnaval de 1921*, pelo italiano Guilherme Rogato, que acabou por se estabelecer em Maceió e filmar a primeira ficção do estado em 1933, *Casamento é Negócio?*, sobre a suposta descoberta de petróleo no litoral alagoano.



FIGURA 13: Clube Fênix Alagoana na década de 30
Fonte: Museu da Imagem e do Som de Alagoas

O Carnaval em Alagoas é comemorado desde os tempos do Império. Théo Brandão (1978, p. 10) afirma: “Imitando a moda introduzida na Corte em março de 1859, em Maceió, apareciam os primeiros mascarados, os primeiros ‘bailes masqués’, os primeiros desfiles de fantasias e máscaras”, as transformações da festa seguiam as tendências dos grandes centros urbanos, tendo em sua programação: Corsos, banhos de mar a fantasia e os bailes circunscritos em clubes. Lima Júnior (1956) registra movimentações festivas na primeira metade do século passado, nas semanas que antecedem os dias de Carnaval com pequenos comerciantes e artesãos na Rua do Hospital. Destaca a movimentação de foliões na casa do “seu” Ludgero, velho marceneiro, e de uma casa comercial chamada Chapéu Chinez, que só abria no período festivo. Também fala do primeiro baile do Clube Fênix:

Às 9 da noite do sábado gordo de 1903, em bondes especiais, surgiu o tradicional e muito aplaudido Zé Pereira da Fênix Alagoana, depois de anunciado a toques de clarim. Em primeiro lugar vinha a luzida guarda de honra, composta de sócios, vestidos de branco uns, fantasiados outros, todos montados a cavalo, conduzidos fogo de benguela (p.12).

O domingo de Carnaval ainda registra a participação de blocos na praça dos Martírios, centro do poder público administrativo do Estado. Entre os blocos estavam: Morcegos, Vassourinhas, Vulcão, Tromba D’água, Cara Dura, Botafora,

Ciganinhas do Major, Dobradiça, Fechadura, Lenhadores, Garças, Ciganas, Abanadores, Ciscadores, Estrela Dalva, Maracatu do Dão, Cambinda de Ouro e Cavaleiro dos Montes com Rás Gonguila a frente. Na composição deste estavam trabalhadores, comerciantes e os populares referenciados suas etnias e identificações cinematográficas. Além dos blocos estavam presentes o que ele identifica como os foliões avulsos: Mateus de reisado, diabos, la ursos, fantasiados de morte, índios pintados de urucum, Boi, as primeiras *Baby Boomers* vestidas de calça horrorizando as mulheres de boa família, e Cowboys aludindo aos personagens de Tom Mix e William Farnum.

Sobre a decadência dos clubes Carnavalescos, Luiz Barroso Filho afirma:

Em Maceió, até a década de 80, a programação Carnavalesca dos clubes sociais frequentados por foliões abastados e da classe média demonstrava a pujança do Carnaval de salão, com a realização de grandes bailes, desde o sábado de Zé Pereira até terça-feira, contando ainda com as matinais e vesperais para as crianças e adolescentes filhos dos associados. O Clube Fênix Alagoana, late Clube Pajuçara, Jaraguá Tênis Clube, Clube Português de Alagoas (a Portuguesa) e o Alagoas late Clube (o Alagoinha), considerados os mais elitizados, além do CRB, AABB e o Clube dos Oficiais da Polícia Militar, ofereciam festas memoráveis, o que também acontecia nos mais populares: SESC, Sesi, Centro Recreativo Aliança Familiar, Aliados da Pitanguinha, Sociedade dos Amigos do Vergel do Lago (Savel) e o Clube 29 de Junho. A maior parte dessas agremiações promovia os chamados “gritos de Carnaval”, bailes geralmente realizados nos quatro fins de semana antes do Carnaval oficial. Os preparativos também incluíam a inauguração da decoração, ansiosamente esperada pelos sócios e pelos cronistas especializados, que todos os anos patrocinavam um concurso para premiar o clube que mostrasse a decoração mais bonita. [...] Com a descentralização do Carnaval de rua na capital e o crescimento da folia no Litoral Norte e no Litoral Sul do Estado, notadamente, em Paripueira e Barra de São Miguel, bem como, com o desenvolvimento do Carnaval de Salvador, para onde muitos foliões alagoanos vão atrás dos trios elétricos e no embalo da axé music, as festas de salão foram prejudicadas, pois os bailes Carnavalescos contribuíam significativamente para a sobrevivência dos clubes sociais de Maceió, hoje decadentes, com suas atividades muito reduzidas ou praticamente inativos, e alguns já extintos, a exemplo do Alagoinha (um dos mais belos cartões-postais da cidade) e da tradicional Portuguesa, desapropriados sob protestos, porque o processo de desapropriação não contemplou os associados que, no caso do Clube Português, só souberam que haviam perdido o clube por intermédio da mídia (GAZETA DE ALAGOAS, 5-2-2010)

No final da década de 1970, o eixo de fixação de residência dos comerciantes e dos ocupantes dos altos postos da administração pública e jurídica deixou de ser o Centro da cidade e seus entornos como Bebedouro, Prado, Trapiche, Levada e passou a ser os bairros de frente ao mar, entre eles Jatiúca, Ponta Verde, Pajuçara

e Cruz das Almas. Esta dinâmica implicou na centralidade festiva que havia no Carnaval de rua da praça dos Martírios. Vinicius Palmeira discorre sobre o assunto.

Como nós estamos no centro de dois polos, de dois grandes carnavais. São três grandes carnavais no país. Rio de Janeiro, Salvador e Recife. E nós estamos no meio de dois. Salvador e Recife. Se faz Carnaval em São Paulo, se faz Carnaval no sul, se faz em Fortaleza, mas todo mundo sabe que os três polos são esses. Nós estamos exatamente entre os dois maiores. A nossa classe média, depois do esvaziamento das ruas, pra mim o Carnaval tem a história de sua dispersão. Que tá ligado a dispersão do centro urbano de Maceió. Eu não sou dono de verdade nenhuma, eu estou colocando isso como observador e como antigo morador do centro de Maceió, nasci na ladeira do Brito e criança fui aos carnavais. Dizer que Maceió não tem tradição de Carnaval de rua é um equívoco. Por que teve. Sou testemunha ocular, passei até os doze anos de idade na rua do comércio e vendo passar as grandes figuras do Carnaval como Rás Gonguila, Cavaleiro dos Montes, Nêga Juju, Troças, tudo isso. Depois passou a ter Carnaval de clubes. Quando a cidade se urbanizou para o lado da praia, e o esvaziamento do centro, a gente perdeu muito essa tradição.

Bruno César explica como se configurava a festa no Centro na cidade:

O Carnaval é ainda uma dessas oportunidades que a cidade tem de fazer uma festa de grande expressão coletiva. Uma festa de inclusão. Mas isso se perdeu. Quando a gente era uma pequena cidade isso funcionava relativamente bem, por que o centro da cidade era o lugar onde os pobres trabalhavam. Então o Carnaval era a oportunidade de ocupar o lugar de trabalho de outro modo. É isso que a orla não dá aos pobres. O cara que mora no vergel, na vila brejal, ele não ocupa a orla constantemente. Não faz parte da vida dele. Quando a cidade se resumia a 10 bairros mais ou menos a toda faixa da pobreza estava abaixo da Levada (bairro) de segunda a sábado elas iam ao centro e voltavam. A nossa elite econômica era muito formada pelos comerciantes. O grande capital ainda moravam em fazendas. E a elite econômica das cidades habitavam esses centros. E ocupavam em momentos Carnavalescos. A rua Boa Vista por exemplo eram as meninas de boa família, as dondocas todas se enfeitavam. Mas os pobres frequentavam também o Carnaval, os filhos dos ricos também. No mesmo espaço, no mesmo tempo. [...] Tirava a foto do Dr. Fulano e do Maestro logo atrás. A graça era se ver no jornal no dia seguinte. Então quer dizer esse truque era típico de uma pequena cidade apinhada na rua do comércio. Então é isso que o Carnaval possibilitava. Mesmo que de uma forma ritual, mas uma co – presença, onde nós somos Maceió, eu e você.

Atualmente, no Carnaval de Maceió em matérias jornalísticas de 2004 a 2014, como um dos objetivos desta pesquisa descreve, tem como assuntos recorrentes, campanhas contra doenças sexualmente transmissíveis, editoriais saudosistas e opinativos, contingência e greve de policiais, retiros espirituais de católicos e protestantes, dicas pra quem vai ficar em casa, horário de funcionamento de bancos e lojas comerciais, informações sobre trânsito e sinais eletrônicos, dicas de moda e

maquiagens, taxa de ocupação hoteleira, articulações políticas durante os dias de festejo e suas referidas agendas para o período, e programação Carnavalesca nas demais cidades litorâneas do estado de Alagoas, nos revela que todo mundo se mexe no Carnaval, até mesmo em casa.

A capital Maceió, por estar entre dois grandes polos carnavalescos, Salvador e Recife, acaba por receber influência de ambos, como se vê em 4 de janeiro de 2004, na caracterização do bloco Parceria. Bloco este que estava ligada a uma grande rede de supermercados da região. Melhor que metaforizar é ver como se dá estas influências na prática:

Carnaval de rua vai começar dia 1º em Maceió com o bloco Parceria.

O bloco Parceria, do Grupo Bompreço, promete arrastar uma multidão para abrir o Carnaval de rua em Maceió. *Os baianos Chiclete com Banana e Timbalada* vão puxar o bloco ao lado de outras atrações locais. A expectativa da organização é de que, este ano, aproximadamente 400 mil pessoas acompanhem o desfile que percorre as praias da Pajuçara e de Ponta Verde. Para 2004, o tema escolhido, “Parceria com o Nordeste. Parceria com você” foi escolhido pelos funcionários e será caracterizado através dos vários aspectos da cultura nordestina.

Desfile

A homenagem começa no abre-alas, idealizado e desenvolvido por Ari Nóbrega, que também coordena o desfile do Galo da Madrugada, *onde uma comissão de frente formada por oito caboclos de lança do maracatu* vai representar as letras da palavra Parceria. Em uma segunda ala, bonecos vão mostrar figuras do reisado, bumba-meu-boi, maracatu, frevo, caboclinho, xaxado e baianas. A ala dos passistas “vestidos de sol” vai dançar a diversidade de ritmos (GAZETA DE ALAGOAS, 4-1-2004, grifo meu.)

Sobre a caracterização das Prévias Carnavalescas como a *cor local*:

Realizadas quase sempre na semana anterior à festa mais famosa do Brasil, o Carnaval, as “prévias” locais têm um sabor especial para os adeptos da folia. “Acho que fica muito mais tranquilo brincar o Carnaval assim. Maceió é uma cidade tão particular que até nosso Carnaval é diferente. As prévias, na verdade, são grandes confraternizações. Não há rivalidade entre os blocos e a tradição das marchinhas e do frevo dá o tom da folia. O povo vai para as ruas usando fantasia. É esse o nosso Carnaval. É maravilhoso”, avalia a museóloga Cármen Lúcia Dantas, uma das maiores entusiastas da “empreitada”, em solo caeté (GAZETA DE ALAGOAS, 14-2-2004)

O pré-Carnaval alagoano

EDITORIAL

Hoje, Maceió tem o melhor pré-Carnaval do Brasil e isto não é pouca coisa. Ele foi construído à custa de muito trabalho, muita abnegação e também muito prazer pelos que são apaixonados pela boa festa de Momo e amam a sua terra. O Pinto da Madrugada é um produto que pode ser aproveitado e faturado por nosso turismo: brinque o pré-Carnaval com segurança, alegria e ainda curta o melhor mar do Brasil. Depois, se quiser, vá pra Salvador,

Recife e Olinda. Isto é uma realidade; outra é a realização em Maceió de um Carnaval na plenitude de seus 4 dias. Dificilmente teremos condições de concorrer com os festejos de Momo em Pernambuco e na Bahia; *nossa vocação atual está clara: é este belo pré-Carnaval, que embora descontraidamente animado, muita ajuda ainda precisa para se consolidar definitivamente* (GAZETA DE ALAGOAS, 14-2-2009, grifo meu).

Carmem Dantas, museóloga e professora da Universidade Federal de Alagoas, uma das fundadoras do bloco Filhinhos da Mamãe, fala sobre o Carnaval da “pré”

[...] Eu acho que a característica do Carnaval alagoano é ser doméstico, é ser nosso, é estar ao alcance dos nossos passos.

Reporter Carla Serqueira- *Mas parece que hoje, em Pernambuco, a música baiana não é ameaça?*

Lá houve um resgate. Em Alagoas foi uma coisa por acaso. O alagoano sentiu sua auto-estima ferida. Então foram surgindo os grupos. Foi criado a partir da Associação de Teatro Alagoano, a ATA, o bloco Filhinhos da Mamãe, que completa neste Carnaval 22 anos. Tem os Meninos da Albânia, que surgiu do PC do B, depois vieram As Pecinhas, o Pinto da Madrugada... Estes grupos foram se reunindo e criaram o Carnaval da “pré”. [...] Aqui em Maceió tinha o Carnaval da Ponta Grossa, na Praça Moleque Namorador, que na década de 70 ainda era muito forte. E os carnavais de clube. Na Fênix, o Carnaval era fortíssimo, a alta sociedade ia para lá. O Jaraguá Tênis Clube, o Alagoinha, todos estes clubes tinham as suas festas Carnavalescas em grande estilo. Antes, além das festas, tinha o ‘corso’ que aos poucos foi se acabando. [...] Tinha um mais antigo ainda: o Bloco das 11 mil Virgens (risos). Hoje se a gente sair com uma lanterna na mão, não encontra nenhuma (mais risos). Nós temos um estandarte no Museu [Théo Brandão] de 1935. Era um bloco só de homens. É o bloco precursor das Pecinhas de Maceió.[...] Houve um momento, eu acho que na década de 70, que todo mundo queria ir para a Bahia. Foi quando surgiu os Novos Baianos, Gil, Caetano... e criou-se um fascínio. Minha geração toda queria passar Carnaval na Bahia. Queria ir atrás do trio elétrico que estava surgindo. E saíam caravanas para lá. *Isso foi tão marcante que os alagoanos mais tradicionais iam para Pernambuco.* Então chegou um momento em que nos sentimos esvaziados e retornamos. *O Pinto chegou em 2000 e consagrou Maceió como a capital do “pré-Carnaval” no Nordeste.* E as famílias corresponderam. Nós sentíamos falta da música, dos frevos da infância, da adolescência. E o bacana nestes blocos que ressurgiram é a preocupação com a brincadeira. Ninguém quer vender camisa, ninguém quer ter lucro, o lucro é a alegria. Tem as Moreninhas, um bloco muito antigo de Paulo Jacinto, que hoje sai dentro do Pinto da Madrugada. Temos as Pecinhas, Os Filhos da Pauta, Os Meninos da Albânia... Por isso, a nossa prévia se tornou um marco. Ela surgiu espontaneamente, da vontade de brincar do alagoano e está dando muito certo (GAZETA DE ALAGOAS, 21-2-2006).

Bruno César, (2006) caracteriza as prévias como:

O fato é que o Carnaval de rua de Maceió se tornou o que é hoje: socialmente segmentado, exclusivo, de uma efêmera empolgação que não resiste a nada mais que uma prévia para a classe média maceioense lembrar a data com polidez e estilo, com hora marcada e espaços bem

delimitados. Isso significa afirmar que apesar do trabalho tremendo dos que apostam na continuidade da brincadeira Carnavalesca, sejam "seresteiros", "pintos", "filhinhos", "pecinhas", ou "rolinhas", todos, isolados, não fazem verão! E dado ao atual estado crítico em que agonizam os resistentes, e outrora tão impávidos e gloriosos, blocos populares "históricos", incluindo-se o "Cavaleiro dos Montes", o "Sai da Frente" e outros, não resta muito mais a dizer acerca das limitações que se mantém estruturantes sobre o esquálido Carnaval maceioense. Assim, não conseguimos reeditar os bons tempos do Carnaval relativamente ampliado que o passado assistiu nessa cidade de tão altos contrastes sociais (GAZETA DE ALAGOAS, Caderno Saber, 4-2-2006)

Em entrevista para esta pesquisa:

Sempre existiu uma tendência de prévias aqui. Major Bonifácio já reclamava dessa fuga das elites e tal. Agora, algumas situações me parece que foram definitivas para complicar a história do Carnaval daqui. A principal delas é a saída do centro da cidade, foi mortal para o Carnaval. Mortal. O Carnaval da orla é um Carnaval segregador. Isso aqui não é o espaço do povo. O povo não identifica com isso. Mesmo que o Carnaval nunca seja um espaço – tempo que abole as distinções sociais, ele cria um confusional favorável. [...] É como o Filhinhos da Mamãe, quem é que vem prali? Os artistas, os universitários. Quem é que vai para o Jaraguá? As classes profissionais, os funcionários de banco, dos correios, funcionários públicos, mas não é o cara do Clima Bom. Essa galera precisa de políticas públicas efetivas, mas que não só os financiassem lá, que criassem redes que o fizessem ir ao centro da festa. [...] O problema não é termos prévias, é termos prévias com exclusividade, por que depois vai todo mundo embora e o resto que se exploda. Se houvesse prévias com todo mundo ficava até interessante. Desde que existe trem que se vai a Recife, Rio. Diegues Jr. nos anos 30 já dizia, o banho de mar a fantasia sempre foi prévia. Sempre foi antes do Carnaval. Então é tradicional, essa tendência nossa a prévia não é recente não.

Major Bonifácio faz parte dos ícones representativos dos festejos de Carnaval e dos natais de Maceió. No início do século XX, animava a cidade a partir do bairro de Bebedouro, sendo homenageado até por Luiz Gonzaga na letra de "Carepeba": "*Bonifácio, Major do povo, velhinho novo a comandar... Ê, lá vem esquentar muié, é som, é gente, é vida, é pó. Ê, lá vem esquentar muié. do meu Maceió (...)*". Participou como ator no filme "Casamento é Negócio?", como pai do protagonista da trama. Pesquisas sinalizam que ele foi um dos comandantes da Operação Xangô, em 1912, rasurando assim o ideal do *bom velhinho*.

Entre outros personagens está também o passista moleque namorador, famosos pelo seu jeito quebrado de conduzir o passo e pelos prêmios que obteve. Hoje há uma praça em sua homenagem no bairro da Levada. Pedro Tarzan, fisiculturista que se fantasiava de Índio, de personagens bíblicos e do cinema, nos carnavais da década de 1960 e 1970. Rás Gonguila, principal dirigente do bloco

Cavaleiro dos Montes, outra expressão da influência do cinema na composição das fantasias Carnavalescas. Além dos músicos, maestros e instrumentistas. Diferente do Carnaval pernambucano, os destaques em Alagoas sempre são personalizados, enquanto que no outro, o enfoque sempre é na agremiação. O personalismo é uma das características de uma sociedade provincial, vindo com ela o clientelismo, e que ainda soam forte no estado de Alagoas.

As Prévias Carnavalescas de Maceió são programadas na sexta e no sábado que antecedem os dias oficiais de Carnaval. Na sexta à noite os blocos se reúnem em torno do Jaraguá Folia e no Sábado no Pinto da Madrugada e nas Pecinhas de Maceió.



FIGURA 14: Jaraguá Folia

Fonte: <http://jaraguafolia.blogspot.com.br/>

Edberto Ticianeli nos explica a origem deste Carnaval:

O Jaraguá vivia um período, meados dos anos 90, em que com a tal revitalização do bairro, com aquela reforma arquitetônica, com aquela reforma de prédios, melhoria da rua, etc. Houve também uma reativação de vida noturna, de bares, muito intensa. Isso provocou uma vida cultural também intensa na área. [...] E no final dos anos 90 então, o Tanagi, dono da casa da Sogra, um dos bares mais frequentados lá. Ele foi o único que comprou o imóvel, todos os outros foram alugados. Todo mundo foi fechando, entrando em decadência e ele tava com uma mão na frente e outra atrás me chamou para uma espécie de consultoria e disse: Olhe, o que é que eu faço da vida aqui que tá se acabando? Faça alguma coisa, crie alguma coisa pra associação dos bares e restaurantes do Jaraguá pra gente tentar levantar isso aqui, tá muito complicado. É um processo que está além do que eu posso atuar, mas eu posso criar ao menos um evento. [...] Estou falando de 98, 99. Em 2001 aconteceu o primeiro evento, na época a gente nem chamava de Jaraguá Folia. Tinha uma brincadeira que a gente tinha, que tinha o Galo da Madrugada, o Pinto da Madrugada e nós éramos o Ovo da Madrugada. Dai pra baixo não tem mais como diminuir. (risos) Deu muito certo, tinha o Vado que era o Formiga atômica, o triozinho que ele tinha a gente seguiu lá. Formei blocos, ajudei a formar blocos. [...] Numa sexta feira a noite, a gente abre o Jaraguá folia em 2001, acho que não tinham 5 blocos. O triozinho do formiga atômica a gente seguiu até tarde com o povo lá brincando. Deu tão certo que no outro ano a gente chamou de Jaraguá Folia, que era o objetivo inicial, né, que era fixar o nome de Jaraguá associar a um evento de porte. Começamos a associar blocos

de sindicatos, clubes, empresas, instituições, secretarias de governo, repartições públicas, Dizia: Cria um bloco e vamos lá brincar o Carnaval. Sempre na prévia, hoje fazemos 14 anos. Na história tem 180 blocos inscritos que já passaram por Jaraguá, hoje recebi a inscrição de um mais novo bloco de funcionários da Gazeta. Desfilam cerca de 70, 80 e mais de 40 mil pessoas pelo Jaraguá. [...] Essa é a história do Jaraguá Folia.

No ano de 2014 houve uma ampliação do percurso abrangendo uma parte do centro e que antes ficava em torno do bairro do Jaraguá. Além das categorias profissionais, saem em cortejo os três maiores maracatus do estado, Maracatu Nação A Corte de Ayrá, Coletivo AfroCaeté e o Baque Alagoano. Há também os amantes do cinema no bloco No Escurinho é Mais Gostoso, onde os foliões se fantasiam inspirados em personagens ou enredos fílmicos e os Filhinhos da Mamãe que se concentram no Museu Théo Brandão e encerram a noite da sexta feira com sua corte. Há também o Grito Rock que acontece em paralelo ao evento nas proximidades do desfile dos blocos.

Ticianeli ao explicar porque criou o evento nas prévias do Carnaval, afirma:

Ai a gente já entra sobre uma discussão sobre o que é o Carnaval de Maceió. [...] Quando eu cheguei em Maceió nos anos 60, eu trabalhava no Carnaval, eu era vendedor ambulante. [...] Mas eu me lembro que essa classe média que frequentava os clubes, e um pouco da elite de Maceió, usava a rua pra ir no corso. [...] Esse corso então, as pessoas circulavam pelo centro de Maceió, na rua do comércio mais precisamente, os trajetos mudavam um pouco, mas era a rua do comércio, indo e voltando, fazia alça na praça dos martírios, descia e fazia a alça na praça dos palmares ou as vezes, ia na avenida ali das americanas, ia pra praça sinimbu e voltava pela rua da praia, e voltava novamente para a praça dos palmares. Em 64, por exemplo foi esse o trajeto adotado pela prefeitura. Existiam as maratonas, que eram palcos, palanques montados, mal acabados, mal feitos, que eram montados. Um, na esquina Moreira Lima com a rua do comércio, e o outro ficava na rua do comércio, ali no café central, ali no cruzamento com a senador Mendonça. Tinham também palanques montados na moleque namorador e em bebedouro. Mas eram orquestras pequenas, pobres, som rufenho, ruim, e o povo ficava ali brincando até uma certa hora e o corsa indo e vindo até umas 21h30, no máximas umas 22h. Os blocos também não demoravam muitos, os blocos populares circulavam nessa área, por que os músicos desses blocos também tocavam nesses clubes, e eles iam embora. Existiam um Carnaval concentrado nos clubes. O Carnaval popular mesmo era isso, muito fraco. Agora existia no SESC, Aliança Familiar, existiam vários clubes, não só os famosos não, existiam inúmeros clubes em Maceió. Agora, uma semana antes existia o banho de mar a fantasia. Que sempre foi o maior evento popular de Alagoas, que era na rua. Alguns anos teve a participação de alguns cursos, que era na praia da Avenida o banho de mar. Teve muitas experiências em torno do banho de Mar a fantasia que é uma experiência brasileira que vem em torno de 1920. Acho que antes até, no Rio de Janeiro no domingo antes do Carnaval. Como Maceió tem um problema, que as pessoas tem que levar em consideração em nosso estudo, é a nossa urbanização tardia. Com a nossa separação de Pernambuco, a nossa capita Maceió demorou a se configurar como tal.

Como polo administrativo, comercial, intelectual, cultural. A primeira escola de Maceió apareceu em mil novecentos e poucos aqui. Os cursos superiores em 1940. Quer dizer, isso demorou muito para se configurar como um núcleo urbano completo, complexo, com estrutura cultural etc. Isso fez com que os filhos da elite fossem estudar fora, em Recife, Salvador, Rio, alguns na europa. Até mil novecentos e oitenta tinha uma propaganda que falava, “Se no Recife tem, na Casa do Colegial também tem” resquícios ainda disso. As compras eram feitas em Recife. Eram 3 ruas no comércio, alguma coisa na rua da alegria. Fora isso não tinha mais nada. Então, esse núcleo político também muito pequeno, muito forte no interior do estado. O interior tinha uma força muito grande, que veio das oligarquias rurais. Então esses problemas fazem com que Maceió, durante o Carnaval, ou ia brincar Carnaval no interior, que era muito bom, eram bons porque eram próximos das famílias, do núcleo de amigos, etc. Ou iam pra Recife, pra Salvador, ou para o Rio de Janeiro etc. São Paulo na época não tinha um bom Carnaval, então. Não se ficava muito aqui. Esvaziou – se o Carnaval de Maceió, tem uma história do esvaziamento dele, não é recente. O esvaziamento do Carnaval de Maceió é muito anterior. E a prévia era mais forte, sempre foi mais forte. Inclusive com características com a presença das troças. As troças apareciam nas festas do banho de mar a fantasia. No Carnaval eram poucas as troças. Daquela cara vestido de Tarzan, ou mesmo a brincadeira de um grupo. [...] Em 85 quando não existia em Maceió nenhum bloco na rua, nenhuma escola de samba, nenhum clube fazendo Carnaval, com raríssimas exceções, como no late clube, o Carnaval tinha se acabado em Maceió. Uma crise dos clubes, que não tem nada a ver com o axé da bahia, decorrência de uma mudança de comportamento mesmo. Antes tinha o apartheid do muro, dos clubes, e dos carros no curso. Em 80 então, eu coordeno a eleição do Djalma Falcão, em 85 e a gente ganha essa eleição. Durante a campanha Edécio Lopes e Floraci Cavalcante eram os locutores oficiais do candidato ao governo Guilherme Palmeira, e eles se referiam a gente como os Meninos da Albânia, por que a gente era ligado ao PC do B e o PC do B era ligado a Albânia. Uma espécie de marketing político utilizar esse desdém, uma diminuição do adversário, etc. Ganhamos e resolvemos encarar isso com bom humor e criamos o bloco Meninos da Albânia. Que sai quando? Na prévia, no domingo. Quando não tinha mais nada. Porque durante o Carnaval é deserto. Então a gente já sai no domingo, no banho de mar a fantasia. Os Meninos da Albânia retoma o Carnaval de rua, mas já com outra feição. E é bom começar identificar essa outra característica por que muita gente se confunde. O Carnaval de rua era um Carnaval popular, o Carnaval de clube era Carnaval de classe média e de segmentos da elite, poucos, por que a elite mesmo ia embora. Essa retomada de 85 é a classe média que vai pra rua já. Não é o povo, não é o Carnaval popular. É a classe média. Meninos da Albânia é a classe média. Predominantemente classe média. Claro, pela vinculação com o PC do B tinham muito segmentos populares. Mas era um bloco de classe média. Com discurso de classe média. Não é mais um resgate do Carnaval de Maceió. É um fenômeno novo. E nosso modelo era a Bahia, por que a bahia foi a primeira experiência de classe média na rua. [...] Então é uma fusão de duas vertentes que entravam em disputa naquele momento. O Carnaval festa foi perdendo espaço para o Carnaval espetáculo. Em alguns locais o Carnaval é espetáculo, não é festa. Hora marcada pra entrar, hora marcada pra sair, não pode beber, os movimentos são pré determinados, eu nunca vi chamar isso de Carnaval. Pra mim aquilo não é Carnaval. Pra mim Carnaval é a negação da ordem. A síntese do Carnaval pra mim é a negação da ordem. Ali tem ordem demais pra ser Carnaval, e muito interesse econômico em volta. Quando começa em 85 essa retomada, já é na rua. Logo vem o Caveira, Pó de Giz, Mamãe quero Brahmar, eram uns oito blocos, Filhos da pauta, e nasce uma nova geração de blocos de classe média na rua com trios elétricos tocando frevo. Surge o Maceió Fest, os Meninos da Albânia é o único que sobrevive durante um certo tempo, tentando manter o frevo

baiano, que tinha sido execrado de Pernambuco, não tinham deixado entrar. Do mesmo jeito que não deixaram Alceu Valença tocar baião com guitarra, nem xote essas coisas. Então, esse processo se dá com essa nova feição. Classe média na rua. Não é resgate de nada, o Jaraguá folia fez essa opção e continua o fenômeno iniciado em Alagoas pelos Meninos da Albânia em 1985. O da classe média na rua brincando o Carnaval. Ou seja, o clube foi pra rua. O Carnaval popular agora que começa a dar seus primeiros passos.

O Pinto da Madrugada comemorou, em 2014, dezesseis desfiles e 15 anos de existência. Começou em 1999, com Marcial Lima, Eduardo Lyra e Braga Lyra, tendo em sua composição professores universitários e profissionais liberais. Em 2000 houve a Cerimônia de Batizado homenageando as figuras que contribuíram com o Carnaval em Alagoas. Foram condecorados com a Comenda da Ordem do Pinto daquele ano o folião Prego, o Maestro Manezinho e o radialista pernambucano radicado em Alagoas, Edécio Lopes, que também foi homenageado pela Prefeitura de Maceió no Carnaval de 2014. Neste primeiro desfile contou com a participação da banda Vulcão da Polícia Militar de Alagoas, dos Seresteiros da Pitanguinha, e cinco mil foliões. Estiveram presentes também os padrinhos pernambucanos do Bloco Galo da Madrugada o seu presidente e fundador Eneias Freire e o ex-ministro Gustavo Krause.



FIGURA 15: Pinto da Madrugada
Fonte: <http://www.pintodamadrugada.com.br/>

Sobre a consolidação das prévias Carnavalescas em Maceió:

E aí, preparado para o Carnaval? Ou melhor: para as prévias? Sim, porque desde a última década, Maceió consolidou o título de capital do pré-Carnaval no Nordeste

Carnaval da gente

Por: | FERNANDO COELHO - Repórter

“No primeiro ano nós tivemos de ir ao Recife para comprar confete e serpentina, porque nenhuma loja daqui vendia”. O tempo ao qual o economista Hermann Braga Lyra se refere não remete ao passado (mais) provinciano de Maceió, e sim ao ano de 2000, logo ali, há somente 11 anos. Já a história ilustra o momento em que ele e mais um grupo de amigos foliões resolveram fundar um bloco para animar as prévias de Carnaval na cidade. Afinal, havia tempos a data mais irreverente do calendário festivo nacional não mais ecoava com força pelas ruas como na época de Moleque Namorador, Ras Gonguila ou dos bailes no Clube Fênix Alagoana. Nascia o Pinto da Madrugada e, com ele, uma novíssima tradição momesca da capital alagoana: a das prévias Carnavalescas. A homenagem ao bloco Galo da Madrugada, que arrasta multidões no Carnaval do estado vizinho de Pernambuco, cresceu, ficou com cara própria e deu tão certo que hoje o desfile do Pinto – realizado uma semana antes do início do Carnaval – não somente atrai milhares de alagoanos como contribuiu para reforçar o título de Maceió como “capital nordestina das prévias”.

TRADE TURÍSTICO NÃO QUER CARNAVAL, DIZ FOLIÃO

Após chacoalhar na rua Sá e Albuquerque à frente do bloco Filhinhos da Mamãe durante as prévias, o ator e teatrólogo Ronaldo de Andrade segue para curtir o Carnaval no Recife ou na cidade de São José da Laje. Enquanto folião, ele não tem dúvidas: “Eu acho que faz muita falta não ter Carnaval no tempo de Carnaval”. Ronaldo aprofunda a reflexão, lembra que a festa é “um momento de conagração social, em que diversas classes se encontram para brincar, criticando e autocriticando”. “É uma distensão da vida comum. Então, eu não vejo como útil para a sociedade de Maceió ou de qualquer cidade o desaparecimento do Carnaval”, diz. O papo de que Maceió é ‘cidade para descansar’ durante o Carnaval incomoda a alguns, como o dirigente do Jaraguá Folia, Edberto Ticianeli. “O trade turístico faz essa pressão. O trade não quer que a cidade tenha grandes eventos. Então, não temos apoio aqui”, alerta. “Quem pode, não descansa”, aponta Alfredo Gazzaneo Brandão, dirigente dos Seresteiros da Pitanguinha, que no dia 25 de fevereiro realiza a oitava edição de seu bem-sucedido baile de Carnaval. Wado, que finalmente colocará em prática – numa espécie de prévia das prévias – seu antigo desejo de fazer um show com repertório de bloco de Carnaval, cansou do desconforto do Carnaval de Olinda e do Recife. [...] Há 12 anos com o Pinto da Madrugada, Hermann Braga diz que, vez ou outra, seu bloco é cobrado sobre o assunto. “Essa não é uma decisão de um bloco, e sim de um conjunto de setores. Se eu fosse gestor eu investiria, mas é claro que não seria um processo imediato”. Ele aumenta o coro. “Se a prefeitura ou o Estado voltassem com uma programação de Carnaval, eu acredito que nós teríamos êxito. Isso é uma decisão da prefeitura e do governo. Pode não dar certo no primeiro ano, mas depois a coisa pode pegar”, fala. Quando atuou como secretário de Cultura entre 2004 e 2005, Edberto Ticianeli afirma ter realizado o Carnaval durante os dias oficiais da festa. “Foi um fracasso. 300 pessoas. É um problema histórico e cultural. Para alterar isso é preciso investir em planejamento. É preciso apoio de diversos setores e ter tempo para investir”, acredita. “O Jaraguá Folia hoje é um sucesso, mas já se vão 11 anos. Não foi do dia para a noite. É preciso fortalecer o pré-Carnaval para caminhar para o Carnaval propriamente dito”. As sugestões estão postas. Alfredo Gazzaneo propõe a criação de um polo no bairro do Benedito Bentes, um no Centro e outro na orla marítima (GAZETA DE ALAGOAS, 29-1-2011).

Em 2005 houve o início da gestão do prefeito Cícero Almeida, popularmente conhecido como *Prefeito Forrozeiro*, por conta da sua locução em um programa de rádio especializado do ritmo. A secretária Cláudia Pessoa está presente nos quadros da gestão do Turismo do município desde então, e continua comandar a pasta na gestão do atual prefeito, Rui Palmeira, empossado em 2013. Cícero Almeida radicalizou com os demais setores da sociedade com impedimentos quanto ao uso da orla marítima da capital alagoana. Inclusive com os religiosos de matriz africanas que há muitas décadas se deslocam de vários municípios de Alagoas para entregarem suas oferendas a orixá das águas. Sobre o Carnaval, eis um dos episódios:

O SUPERINTENDENTE DA SMCCU, EDINALDO MARQUES, QUER ANTECIPAR AS DISCUSSÕES SOBRE AS FESTAS PRÉ-CARNAVALESCAS, E ACHA QUE O DESFILE DAS PECINHAS, PINTO DA MADRUGADA E ROLINHA VAI SER MESMO EM JARAGUÁ “Pré-Carnaval em Maceió tende a ser no Jaraguá” (GAZETA DE ALAGOAS, 28-11-2006).

Em resposta:

Pecinhas de Maceió, Turma da Rolinha e Pinto da Madrugada só colocarão os blocos na rua se puderem desfilarem na orla

Maceió pode ficar sem pré-Carnaval

Os dirigentes de blocos que fazem o Carnaval de rua de Maceió vão se mobilizar para convencer o prefeito Cícero Almeida a permitir o desfile que realizam todos os anos na orla da Pajuçara e Ponta Verde. Por decisão da Secretaria Municipal de Controle do Convívio Urbano (SMCCU), blocos como as Pecinhas de Maceió, Turma da Rolinha e Pinto da Madrugada estão proibidos de desfilarem trajeto que seguem há mais de 10 anos. Se a decisão for mantida, nenhum bloco deverá desfilarem no próximo ano (GAZETA DE ALAGOAS, 6-12-2006).

A lógica do então prefeito

O Carnaval é necessário

Por: | LUIZ BARROSO FILHO

[...]. Infelizmente, o poder público e os responsáveis pelas principais agremiações, para justificar o declínio do Carnaval de rua, enfatizam que a cidade não tem condições de competir com as outras capitais do Nordeste e, por isso, deve ficar reservada ao descanso dos turistas que não gostam da folia. Como se não bastasse essa grande bobagem, o *senhor prefeito de Maceió – um artista popular – em vez de procurar promover o soerguimento do Carnaval na sua cidade, chegou a dizer em entrevista, a respeito do tema: “Quem gostar de Olinda, que vá para Olinda! Quem gostar de Salvador, que vá para Salvador!”*. Depois dessa gafe que se constituiu num comercial gratuito do Carnaval de outras localidades, conclui-se que agora só falta alguém dizer que o Carnaval da cidade não deve prosperar porque, se for incentivado, os foliões vão fazer xixi em locais proibidos, o que será

outra justificativa estapafúrdia (GAZETA DE ALAGOAS, 18-2-2010, grifo meu).

No período em que estavam discutindo sobre tirar da orla marítima o evento Maceió Fest, carnaval fora de época de Maceió ao modelo baiano que durou de 1993 a 2005, a empresa GAPE – Gazeta de Alagoas Pesquisas e Estatísticas, realizou uma consulta com a população para saber onde seria mais adequado a realização dela.

Segundo a consulta da Liga dos Blocos, que ouviu 9.374 pessoas, venceu a Pajuçara-Ponta Verde com 5.989 votos. O segundo local apontado foi Ponta Verde-Jatiúca com 2.499 votos. O Jaraguá aparece na consulta com apenas 500 votos. Paralelo a essa consulta, o Gape realizou uma pesquisa detalhada, onde ouviu 800 pessoas, no dia 13 de maio. O trecho escolhido pela maioria também foi a Pajuçara- Ponta Verde (61%). Jaraguá apareceu com 23%, enquanto o roteiro Ponta Verde-Jatiúca ficou em terceiro lugar com 9% da preferência para ser o corredor da folia em 2005 (GAZETA DE ALAGOAS, 25-5-2005).

Quanto a dinâmica dos habitantes em saírem de Maceió durante o Carnaval, não só vão para outros estados, como para outras cidades litorâneas que organizam Carnaval, tais como: Marechal Deodoro, Maragogi, Ilha da Crôa, Barra de São Miguel, Penedo e Paripueira

Movimento nas saídas da cidade já era intenso desde ontem

Carnaval esvazia Maceió e lota litoral

As agências de viagens confirmam: o número de foliões maceioenses que deixará a cidade a partir de hoje é maior do que o número que curtirá o Carnaval na capital. De modo atípico, ressaltam consultores de viagens, é possível que nesse período restaurantes, bares e as praias estejam movimentados, já que muita gente irá para cidades próximas, principalmente no horário da noite. A Barra de São Miguel, um dos destinos mais procurados, é também um dos mais próximos (GAZETA DE ALAGOAS, 16-2-2007).

Sossego para alguns turistas que se inserem na descrição feita na página 33 deste trabalho.

Os paulistas Paulo Roberto, 30, e Janaína Soares, 27, *viram o último dia de Carnaval passar da sacada do hotel, na Pajuçara*. “Ficamos sabendo que o pessoal daqui viaja para Olinda e Recife, então viemos aproveitar. Fomos para a Praia do Gunga e para as piscinas naturais da Pajuçara, do Francês e de Maragogi. Está sendo maravilhoso”, disse Paulo Roberto (GAZETA DE ALAGOAS, 10-2-2005, grifo meu).

Anteposição desta política

Histórias do Velho Capita

Não sei quem inventou a história. “Maceió sem Carnaval é um paraíso para turistas, eles gastam seus dólares e reais nos hotéis, restaurantes, taxistas e ambulantes, aquecem a economia da cidade”. Para comprovar essa teoria, durante o Carnaval telefonei para vários hotéis, estavam com boa ocupação, entretanto, havia vaga. Percorri os restaurantes e bares da cidade, deu-me uma dor no coração, os raros restaurantes abertos tinham poucos clientes, conversei com gerentes, eles falaram, nem na baixa estação havia tão pouco movimento. Os ambulantes nada venderam. Maceió parou, o povo que ama Carnaval saiu em busca da folia em praias mais perto. Os ricos foram para Salvador, Recife, Rio, ou suas mansões na Barra de São Miguel. Quinze dias antes do Carnaval viajei ao Recife, quase durmo ao relento, passei mais de 4 horas rodando para conseguir uma vaga num hotel. Fiquei deslumbrado com a movimentação do pequeno comércio de fantasias, adereços e materiais para Carnaval. Assisti um comentário do prefeito do Recife, investiu R\$ 40 milhões no Carnaval, sendo R\$ 15 milhões de captação de recursos com empresários e R\$ 25 milhões da Prefeitura. Esperava, durante o Carnaval, uma circulação de mais de R\$ 250 milhões somente no Recife. *Carnaval hoje é o maior negócio turístico-cultural do Brasil.* Com ajuda de Sérgio, brilhante economista, fiz alguns cálculos sobre a evasão de dinheiro durante o Carnaval em Maceió. Mais de 20% da população de Maceió, cerca de 180 mil habitantes viajaram em busca do Carnaval que não tem. Os mais ricos em aviões e carrões, os mais pobres de bicicleta, kombi caindo aos pedaços, moto e carro sem condições, entupiram mais ainda as estradas, tornando o trânsito mais perigoso. Supondo que esses 180.000 maceioenses gastaram durante o Carnaval, R\$ 200,00 por cabeça, cerca de R\$ 36 milhões esgotaram-se pelo ralo da economia, gastos por maceioenses em outras cidades. Acrescentando o dinheiro que circularia se houvesse Carnaval, se a população de 900 mil habitantes gastasse nos restaurantes, camelôs, ambulantes, músicos, e outros pequenos negócios, segundo cálculo por baixo, movimentariam cerca de R\$ 40 milhões. Com esses números a perda de Maceió durante o Carnaval foi em torno R\$ 70 milhões. *Só os hotéis lucraram.* E se houvesse Carnaval, eles se beneficiariam mais ainda. O pior é privar, é tirar a alegria do povo. O art. VII do Estatuto dos Homens prevê: “Fica estabelecido que a alegria seja uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo.” O nosso bondoso e ordeiro povo maceioense ficou sem a alegria do Carnaval porque inventaram essa insana teoria econômica que turista não quer Carnaval. *Sou defensor do turismo como forma econômica de melhoria de qualidade de vida, acredito no turismo bem direcionado, que todos sejam beneficiados, principalmente a classe mais humilde, o ambulante, o taxista, o artesão, o pequeno comerciante, a cultura.* Eu gostaria que contestassem esses números, esse crime que estão cometendo contra minha terra, acabando nosso Carnaval. Gostaria de uma análise do Sebrae. *Se os que fazem turismo querem a orla, podem ficar com ela. Por que não organizar um Carnaval em quatro grandes polos: Benedito Bentes, Bebedouro, Vergel do Lago e Jaraguá?* Queremos Carnaval em Maceió, claro que não será igual aos passados. É preciso dar estrutura aos foliões. Que volte a antiga COC, a Comissão Organizadora do Carnaval da Prefeitura, para pensar num projeto de Carnaval a médio prazo, começando em 2012, incluindo e robustecendo as maravilhosas prévias Carnavalescas atuais. Apelo ao prefeito Cícero Almeida que tanto fez e faz por minha bela cidade. *Maceió precisa e merece um Carnaval digno de seu povo alegre. Como folião, estou frustrado. Como cidadão, estou inconformado com o conformismo da população e das autoridades. Prefeito, o senhor tem a Paula Sarmiento na Fundação Cultural, uma vitoriosa na*

empresa privada, ela é capaz, basta a vontade política do senhor. Nosso povo merece essa alegria fugaz que se chama Carnaval, sem precisar gastar seu dinheiro em outras cidades. Estou à disposição para qualquer dúvida, qualquer ajuda, sou trabalhador voluntário! (GAZETA DE ALAGOAS, 13-3-2011, grifo meu).

O fluxo de visitantes no estado de Alagoas tem tido um relevante aumento de 41% em 2011 com relação ao ano de 2002. Maceió recebe cerca de 60%, uma média de 1,5 milhão, do total de turistas do estado, registrados via aeroporto, rodoviária e do cais do porto, referente A vinda destes por cruzeiros. (TURISMO ALAGOAS, 2013). O aumento da renda do brasileiro e as taxações sobre o consumo turístico internacional tem favorecido isso. O perfil deste visitante é composto por 98% de brasileiros e 2% de visitantes ESTRANGEIROS. Outro ponto importante a destacar que 79% dos viajantes nacionais preferem organizar sozinhos suas visitas e seus passeios, segundo o documento Hábitos do Consumidor do Turismo Brasileiro (MTUR, 2009), dando possibilidades, assim, para os mais diversos agentes incrementarem seus ganhos com a disposição dos seus serviços a este visitante, via oficinas experimentais de arte, dança, culinária via projetos da economia e turismo criativo, e hospedagem caseiras, como o caso do projeto *couchsurfing*.³²

Maceió atualmente possui 99 agências de turismo emissivo e operadoras, destas, 26 atuam como receptivo, e 4 agências funcionam como operadoras e conta com quase 11 mil leitos. A secretária de Turismo da municipalidade afirma em entrevista, qual segue anexo a este trabalho, que busca o *Turista Qualificado* embora não tenha definido sua tipificação, percebe-se que é o de *pele branquinha de olhos clarinhos e até do exterior*. como demarca na sequência da sua fala.

No se refere as articulações sobre Turismo e Cultura em Maceió, Vinicius Palmeira demonstra seu entendimento na seguinte sequência:

Nós temos um entendimento quanto ao Turismo em nossa cidade da seguinte forma. Nós trabalhamos a política cultural que prepara a cidade. E que a política de turismo segue e aproveita o benefício decorrente dessa estruturação. Certa vez me perguntaram se faço turismo cultural. Eu disse não. Faço cultura. E o turismo e suas políticas absorvem o benefício cultural para fazer uso. [...]. Não fazemos uma política cultural dirigida ao turismo. Entendemos que o turismo se beneficia com a política cultural. E queremos é mais que se beneficie e se ações em conjunto favorecem isso [...]. Ainda tem uma pauta a crescer com o turismo, grande. A nossa ação quando demonstrada ao turismo, apresentada ao turismo ela recebe um grande

³² <https://www.couchsurfing.org/>

aplausos. Ela vai trabalhar a política de turismo utilizando esses elementos. [...]. O turista que tá aqui sente o clima cultural da cidade, ele volta. E logicamente marca ele afetivamente. Nos temos, por exemplo, folguedos na orla, o Giro dos Folguedos. O turista vai em cima na hora. A gente propositalmente coloca em acesso fácil a ele, para que ele veja nossa riqueza cultural. E fazemos no por do sol, logicamente, por que é quando a gente tá mais bonito ainda pra se apresentar. E eles percebem isso e clica o tempo todo. Então quer dizer, essa é a relação que eu acho importante. Que a gente tenha em mente que as coisas que a gente faz para nossa cidade agrada ao turista. Não me peça, por exemplo, para colocar um grupo de folguedo tradicional no cais do porto para receber turista, que eu acho que não é o papel da nossa cultura popular não é esse. Eu acho que atores e dançarinos, pessoas que tenham uma prática cênica, vá fazer a cena da recepção. Não concordo que uma Banda de Pífano de Marechal Deodoro faça isso. Por que? Porque ela tem que ser vista lá em Marechal Deodoro, ou em um evento da cultura popular em Maceió, ou dentro do contexto onde ela se coloca bem. Onde ela está contextualizada definitivamente. Quando você pega um Guerreiro tradicional e bota pra fazer recepção, ele não sabe fazer isso. Ele sabe cantar o Guerreiro, e suas peças todas que estão encadeadas. Ele não sabe dar sorrisos para recepção, não é por aí. Mas acho que os turistas devam ser bem recepcionados, tanto é que deva ter um grupo pra isso. Pra fazer isso nós temos também essa possibilidade. Então a relação com o Turismo pode se estreitar muito mais na medida em que a gente cresça a programação cultural da cidade. Temos um binômio de Sol e Mar que aí se junta a programação cultural. Então eu entendo que na medida em que a gente amadurece a programação cultural, a gente disponibiliza isso ao turismo. E isso é muito bem vindo.

Edberto Ticianeli também demonstra seu entendimento ao narrar:

Toda cidade pode ter Carnaval e descanso. A gente tem uma visão que só tem Carnaval quando é Carnaval de polos. Em Salvador tem dois percursos de Carnaval, acha que o Carnaval é aquilo. Se não tiver aquilo não tem Carnaval em Salvador é um erro. O Rio de Janeiro só tem Carnaval por que tem um sambódromo, não! Vá nos bairros, cheio de blocos brincando e pode ser dormitório. Pode ter Carnaval nos bairros e os turistas dormindo em seus hotéis. Não há conflito nenhum. É preciso que o trade turístico entenda que não há conflito. Desde o Maceió Fest tem se travado uma queda de braço. A orla de Maceió se tornou um lugar reservado para o turismo. E inadmissível um evento ali que atrapalhe a chegada de um ônibus a um hotel que vai ter uma reação imensa. O trade não tá preocupado com isso. O trade ganha sem precisar do evento. Maceió é um destino turístico não de evento, é de descanso, de lua de mel, terceira idade esse tipo de perfil. A cidade não pode viver subjugada pelas decisões do seu trade turístico. Mais importante que isso, claro que eles possuem uma importância pra economia, eu acho que a importância pra cidade de Maceió tem que ser maior que isso. E é possível conviver. Não tem problema nenhum em ter Carnaval durante o Carnaval. Principalmente o Carnaval popular, o Carnaval espetáculo é caríssimo. A prefeitura não vai suportar isso. Então vai ser preciso fazer um Carnaval cada vez mais popular. Mesmo por que é mais barato e dá pra fazer. Não precisamos ter o Carnaval polo, com palco, som, televisão. O Carnaval festa podemos ter mil blocos desfilando e ninguém saber. Você tá no Hotel, na Ponta Verde descansando não vai saber dos que estão blocos que estão desfilando cada um no seu canto. O boi de Carnaval entrou na competição e misturou tudo, não os vê mais nas ruas. Misturou com samba enredo, com roupa das quadrilhas e não sei o que. [...] O turista é um cidadão médio brasileiro. O que faz ele ser atraído pra um determinado tipo de evento. Ele gosta

daquilo. Ninguém vai descobrir nada a tôa. Ele pode ser influenciado por uma máquina de espetáculo. Os poucos que brincam só festa vão pra Olinda, ou praqueles blocos em seus bairros. Temos que prestar atenção nessa disputa, se queremos vender um Carnaval festa em Maceió, nos temos que ganhar o publico do Carnaval festa. Se você quiser ganhar o turista do Carnaval espetáculo tem que gastar uma fortuna pra trazer atrações. Acho que a opção tá sendo feita e acertada. O povo paga imposto e tem direito a retribuição no seu Carnaval. Isso está sendo feito sem se preocupar muito em atender a turismo. Se futuramente a gente quiser trabalhar um turista para esse tipo de Carnaval é possível trabalhar. Mas ele precisa se consolidar. Eu me lembro que, nós tínhamos uns 5 a 6 anos de evento, eu cheguei a pagar um vídeo de 7 minutos sobre o Jaraguá folia, depois eu passei para Claudia Pessoa isso, ela adotou, se vai passar o Carnaval em Recife, Olinda ou Salvador a porta de entrada é Maceió. Começa por aqui, na prévia. Então a gente fortaleceria a prévia, as pessoas viriam para a prévia, esticariam da prévia um pouco dentro da semana, terça, quarta, quinta, os Meninos da Albânia chegou a fazer a sexta feira a noite de Carnaval nos anos 80, e depois as pessoas iriam pra Salvador, Olinda ou Recife. Mas é preciso criar essa atração. Não precisamos fazer uma nova Olinda, um novo Salvador ou um novo Recife aqui. Temos que fazer o nosso Carnaval com a nossa cara, com a nossa riqueza. Não um inventado pra atrair, temos que fazer o que é nosso. E se ele for algo que tenha a ver com nossa cultura, que tenha nossa consistência cultural ele vai atrair. Ele vai criar essa identidade. Mas como disse antes, é processo. Acho que o caminho está estabelecido, tá positivo.

Para concluir os entendimentos dos entrevistados desta pesquisa, Bruno César discorre:

Temos um problema sério de quadros profissionais. Não temos gestão, nem documentos que registrem memórias dessas gestões. É muito grave isso. Hoje há uma abertura maior pra cultura aqui em relação ao turismo ainda que utilitária. O legal seria que o turista que chega aqui visse a população local prestigiando o giro de folgedos junto com ele. Parece uma relação de prateleira, de vitrine. O Jaraguá, o turista vai pra Jaraguá, o bairro é agradável, ali não tem nada pra fazer, podiam organizar ali brechós, eu e Cícero Péricles pensa muito nessa ideia. Feiras de trocas, café, a prefeitura pode fazer isso pra cidade, depois isso cria interesse turístico. Temos que fazer coisas mais orgânicas pra cidade. Uma cidade de verdade, não uma cidade cenário. Turista gosta de experiência né, a palavra de ordem é essa né, experiência. Vê o Jaraguá, quando se pensou na revitalização não se pensou no entorno, por que o pessoal vai ali roubar carro, por que fizeram um bairro só pra quem podia pagar caro por uma cerveja e não se pensou em quem estava ali. Podia fazer galpões com oficinas de boi, daria atração. Se a comunidade ganhasse com o que se faz ali, ninguém ia roubar. Nunca houve essa preocupação em deixar a cidade mais orgânica pra quem nela vive. A gestão cultural no Recife, na Bahia, eles fazem indicadores, balanços das suas gestões e projetam ações, produzem documentos e arquivam, memória.

Vozes pelo Carnaval em Maceió

O PRÉ E O CARNAVAL

Por: | EDITORIAL |

[...] *o mais importante é entender que, neste espaço de tempo, Maceió pode oferecer ao Brasil, em termos de turismo e cultura popular, uma animadíssima antecipação do período Carnavalesco. E esta antecipação é, convenhamos, algo muito positivo, pois, de certa forma, Maceió se afirma como um pólo de atração com esse calendário de eventos, onde se destacam bailes Carnavalescos (como nos velhos tempos) e desfiles de blocos originais – como, só para citar quatro exemplos, Filhinhos da Mamãe, Pinto da Madrugada, Pecinhas de Maceió e Seresteiros da Pitanguinha. Além da experiência bem sucedida do magote de blocos que superlotam a Rua Sá e Albuquerque, numa mesma noite, no chamado Jaraguá Folia. Resumindo: aqui temos um produto cultural e turístico próprio, de primeira qualidade, e de grande potencial. Precisamos, a partir desta base, impulsionar um projeto capaz de alavancar a capital alagoana ao posto de centro Carnavalesco nacional neste período: o pré-Carnaval. Por outro lado, o poder público não pode, em função deste potencial evidente, esquecer o período Carnavalesco oficial. Aquecer o Carnaval em via pública no tempo adequado é a outra face desta mesma moeda (GAZETA DE ALAGOAS, 8-2-2009, grifo meu).*

Carnaval em pauta

Por: | EDITORIAL |

[...] O fim de semana que antecede o “Sábado de Zé Pereira” está não só consolidado como tem ampliado sua vocação para concentrar a agenda mais agitada do Carnaval na capital alagoana. Registre-se que há mais de uma década que essa é uma tendência clara e manifesta, até por se apoiar na antiga tradição do “Banho de Mar à Fantasia”, evento que fazia fervilhar a Praia da Avenida (durante décadas), depois tendo sido transferido para o Sete Coqueiros, no coração da Pajuçara. Não é de hoje que esse ímpeto pré-Carnavalesco tem fincado raízes no fim de semana anterior ao Carnaval oficial, com sua maior animação se espalhando num período que se estende da noite da sexta-feira até o crepúsculo do sábado (anterior ao Zé Pereira). Antes de se teorizar sobre os porquês dessa força, é-se necessário balizar a discussão em dois pontos que deveriam estar ligados irmanamente. Primeiro, essa tendência clara e manifesta da concentração pré-Carnavalesca deve ainda ser mais apoiada pelo poder público e, para tal, um planejamento antecipado é indispensável. Em segundo lugar, esse êxtase pré-Carnavalesco não pode satisfazer o espírito festeiro do alagoano, e o período Carnavalesco oficial merece um projeto específico, voltado para a necessidade de evitar o desaparecimento da folia em seu próprio tempo. Quando falamos em planejamento, pensamos em avanços, *estamos reivindicando um esforço comum (entre poderes públicos e entes particulares) para que esse potencial cultural e turístico seja levado adiante, para que a alegria (e a segurança) alcance um número muito maior de pessoas, para que Alagoas possa disputar novos espaços nesse mercado (GAZETA DE ALAGOAS, 17-2-2009, grifo meu).*

Ecos do Carnaval

Por: | MARCIAL LIMA

[...] Os estudiosos de nossa cultura popular tradicional mostram que são múltiplos nossos folguedos Carnavalescos, porém, quase sempre, à míngua. Indo à história, lembramos nossos animados carnavais. Ou mais, sem vaidade narcísica, não tememos em afirmar que o Pinto da Madrugada vem provando que existia um vácuo, todo um potencial latente que, por falta de canais, vinha deixando de se expressar. O Pinto, os bailes, os blocos que ressurgem, o Jaraguá Folia, são provas irrefutáveis de que temos uma alma Carnavalesca, onde o frevo e as marchinhas motivam milhares de pessoas a uma grande comunhão festiva. São provas de que, quando a idéia é boa, a comunidade responde positivamente, pulsa junto. Enquanto

maceioense razoavelmente capaz de entender os processos socioculturais, medianamente conhecedor das limitações dos centros de decisão, onde os verbos saber, querer e poder fazer se defrontam, não podemos deixar de perguntar sobre a consistência das pesquisas que fundamentam a afirmativa de que os turistas procuram Maceió para descansar e que as prévias são nosso destino. *Admitimos que nossos visitantes não têm apetite para a espetacularização carioca, para a efervescência pernambucana, para a danação soteropolitana, mas não tememos afirmar que não é bem um retiro que eles procuram. Além do mais, de que prévias falamos?* Prévias significa que algo vem depois. Conveniente, ainda, percebermos que ao deixarmos de pensar num Carnaval para a população local, estamos ignorando a importância do lazer na vida de uma cidade, estamos minimizando a importância da cultura na vida de um povo (GAZETA DE ALAGOAS, 5-3-2009).

Ecos do Carnaval – 2

Por: | MARCIAL LIMA

“Resgatar o Carnaval de outrora”. “Em Maceió não há Carnaval”. Frases que repercutem, com ares de convicção. Uma, presa a reminiscências, nostálgica, decreta ser o Carnaval uma prática cultural desaparecida, de que restam resíduos, fragmentos a serem salvos por alguns abnegados. [...] Tais assertivas camuflam o desconhecimento de que nos bairros periféricos, na alma do povo, manifestações Carnavalescas sempre estiveram presentes. Esses posicionamentos podem, ainda, por parte do poder público, justificar iniciativas apressadas que não levam em conta a análise de resultados, que deixam de considerar o grau de efetividade de suas ações.. [...] Vimos atores culturais em processo, transformando-se de assistidos em realizadores, de reativos em propositivos, confirmando a convicção de que atos de governo deixam de ser assistencialistas quando mudam estruturas, inclusive mentais; quando levam a comunidade a caminhar com suas próprias pernas. Nas cidades visitadas, vimos brincantes, músicos e passistas – resultantes de projetos de formação realizados nas escolas públicas e nas comunidades do entorno – atuando em pólos situados em largos, mercados e praças, fora do circuito do Carnaval pensado só para turistas. Vimos o povo em plena alegria, exercendo sua criatividade, sentindo-se partícipe de sua própria história (GAZETA DE ALAGOAS, 17-3-2009).

Início da política de descentralização festiva nos bairros.

Blocos vão animar frevança em Maceió

Na capital, o tema já foi decidido: “Maceió, Frevo e Folia - a festa continua”, e a decoração será baseada em quatro motivos: Nega Juju, Mateu, bumba-meu-boi e frevo. [...] O presidente da fundação, Macial Lima, explicou que personalidades nativas de cada um desses bairros serão exaltadas. Assim, a figura do major Bonifácio, em Bebedouro; do passista Moleque namorador, no bairro da Ponta Grossa; e do mestre Isídio, no Pontal da Barra, serão destaques, assim como as figuras temáticas do Carnaval (Nega Juju, Mateu, e bumba-meu-boi) (GAZETA DE ALAGOAS, 12-2-2006).

Depois de um fim de semana de prévias Carnavalescas, capital quase não tem programação de festa para o feriadão

Maceió tem Carnaval limitado

Por: | WANESSA OLIVEIRA - Repórter

Conhecida como a cidade onde as festividades Carnavalescas se concentram apenas durante as prévias, Maceió reforça a auto-imagem com mais uma programação de apenas uma noite, que ocorreu ontem, no sábado de Zé Pereira. Enquanto prefeituras do interior investem em shows

noturnos e no apoio aos blocos de rua, povoando regiões e aquecendo a economia local, Maceió passa todo o Carnaval com “aspecto” de Quarta-feira de Cinzas, salvo as insistentes iniciativas populares. [...]

Bairros ajudam a ‘salvar’ a folia

Fato é que, apesar da falta de dinheiro, alguns blocos decidiram realizar o Carnaval por conta própria. Hoje, saem nas avenidas os remanescentes blocos da Associação de Moradores do Conjunto Santos Dumont e da Raposa de Bebedouro. Mas a evasão em Maceió provocada pelo esvaziamento da programação Carnavalesca traz uma impressão, aos que ficam, de que tudo simplesmente “parou”. Até o caótico trânsito da Avenida Fernandes Lima transforma-se em uma pista vazia. As praias, geralmente lotadas no final de semana, ficam quase desertas. Aos cosmopolitas e adeptos da folia, a imagem provoca inquietude e os impulsiona a sair da capital em busca das festas de interior. Entretanto, não são todos os que procuram a agitação. Para Paula Sarmento, antes de pensar em mobilizar a cidade e “profissionalizar” o Carnaval, deve ser levada em conta a opinião de todos os lados. [...]. (GAZETA DE ALAGOAS, 6-3-2011, grifo meu).

Sobre a festa de Carnaval nos bairros, Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce e Ipioca:

Foliã de pano e varas de peroba faz a alegria do litoral

Boneca Vitalina cai na folia no 42º Carnaval

Do alto de seus mais de dois metros de altura e 42 carnavais, a boneca Vitalina já se transformou em um dos símbolos do Carnaval de Alagoas, apesar de pouca gente conhecer sua história. Desde 1953 os foliões de Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce e Ipioca saem nas ruas para vê-la passar. Criada por Benedito José dos Santos, a Vitalina nunca deixou de desfilar nos quatro dias de festa. Aos 84 anos, Seu Benedito faleceu, ficando para a filha Edileuza dos Santos a missão de manter viva a tradição. Quando lembra do pai e do seu amor pelo Carnaval, Edileuza se emociona. “O primeiro Carnaval sem meu pai foi muito difícil. Ele sempre foi muito animado.[...] Outros estados Graças aos esforços de Edileuza e da sua família, a boneca Vitalina encanta também os turistas. “Teve um ano em que uma moça de São Paulo veio procurar o meu pai para comprar Vitalina. Meu pai resolveu vender, mas garantiu que faria outra. Lembro que fomos levá-la no aeroporto dentro de um caminhão”, contou Edileuza. “Em outro ano, um morador da Garça Torta foi passar o Carnaval no Rio de Janeiro e comprou uma boneca Vitalina para mostrar aos seus familiares”, lembra. O bloco Mocidade, segundo Edileuza, costuma atrair a atenção de crianças, adultos e idosos. “Todo mundo resolve participar da brincadeira quando vê Vitalina na rua” (GAZETA DE ALAGOAS, 6-2-2005).

O sobre o Carnaval no bairro de operário de Fernão Velho Fernando Coelho descreve:

[...] Em Maceió, a população se divide. Parte da classe média migra para Recife, Olinda e Salvador. Outros preferem a diversão com cara de micareta nas cidades de Barra de São Miguel e Paripueira, redutos tradicionais para os foliões da capital há anos.[...] Mas e o autêntico Carnaval de rua, onde está? Aquele, famoso nas décadas passadas por arrastar multidões sem distinção de cor, raça, crença e, principalmente, nível social. Aquele mesmo, segregado ao invadir os clubes e que, nos últimos anos, voltou às avenidas mascarado de prévia Carnavalesca. “Enquanto houver o povo vai haver

Carnaval”, responde o professor Ranilson França, um dos maiores folcloristas de Alagoas.[...] Reduto boêmio em antigos carnavais, o distrito de Fernão Velho se esforça para manter viva a celebração em suas ruas. A região é berço do histórico Bloco Ferrugem, criado na década de 1950 e extinto há 12 anos por um delegado incomodado com a estripulia provocada pelos foliões que jogavam óleo, fuligem e sujeiras afins em todos que viam pela frente. “Era muita gente, não tinha um bloco para barrar o Ferrugem não”, diz Simone Nazário, moradora do bairro há 25 anos. Segundo ela, a saudade da população é tanta que já fizeram até abaixo-assinado para a volta do Ferrugem (GAZETA DE ALAGOAS, 6-2-2005).

O ano de 2014 demarca um novo perfil carnavalesco na cidade de Maceió. Na semana em que saiu a programação do Carnaval da prefeitura de Maceió, a organização do Carnaval do Recife “bombardeou” com propagandas em horário nobre sobre seu referido evento na afiliada da rede Globo em Alagoas³³. Vinicius fala porque é importante financiar o Carnaval na cidade de Maceió:

Bom, pelo princípio do direito a todos. Eu considero um equívoco dizer que Maceió é uma cidade para descansar durante o período do Carnaval se essa máxima restringe a cidade ao silêncio. É uma cidade que tem um milhão de habitantes, dos quais oitocentos mil ganham até dois salários mínimos, essas pessoas não estarão descansando nos dias de Carnaval. Por que elas querem o Carnaval como qualquer brasileiro tem esse direito a maior festa do país, a nossa maior tradição cultural. Então durante um período quase que foi negado a nossa população o direito a maior festa do país. Era preciso que a população dissesse, eu não quero, e não é isso que a gente assiste.

Matérias sobre este novo momento da cidade

EM TODOS OS BAIRROS. Folia na capital alagoana será descentralizada Reunião discute Carnaval 2014

Por: BLEINE OLIVEIRA - REPÓRTER

O Carnaval 2014 em Maceió será descentralizado, com folia por toda a cidade. Essa foi uma das principais decisões do encontro que a Fundação Municipal de Ação Cultural (Fmac), da Prefeitura de Maceió, promoveu, ontem, com representantes de blocos, agremiações, grupos de bumba-meu-boi, escolas de samba e clubes sociais. O encontro teve caráter técnico, mas priorizou a estratégia de atender aos anseios dos diversos segmentos que lutam para manter vivo o Carnaval na capital alagoana. [...]. “Queremos que as comunidades que fazem o Carnaval se comprometam com esse resgate”, disse Palmeira. Segundo ele, além de verbas do próprio município, a organização da festa vai buscar parcerias para a captação de recursos com base no Pró-Cultura, a antiga Lei Rouanet, do Ministério da Cultura. Os blocos e agremiações interessados em participar dos eventos devem buscar informações sobre como se inscrever e definir se desfilarão nas prévias, no Carnaval ou nos dois (GAZETA DE ALAGOAS, 6-11-2013).

DESCENTRALIZAÇÃO. Festa será realizada em nove polos

³³ Pelo inusitado, fiz uma solicitação para mesma emissora pedindo informações sobre as incursões desta veiculação, mas não obtive resposta por conta do sigilo da empresa.

Prefeitura tenta resgatar Carnaval em Maceió

Por: ELISA AZEVEDO - REPÓRTER

O prefeito de Maceió, Rui Palmeira, e o presidente da Fundação Municipal de Ação Cultural, Vinícius Palmeira, apresentaram a programação do Carnaval de Maceió, durante entrevista coletiva, concedida ontem, no Museu Théo Brandão, em Jaraguá. Denominado “Nas Ondas de Edécio”, a festa vai homenagear, este ano, o radialista, compositor e poeta Edécio Lopes, um dos grandes incentivadores dos carnavais da cidade e que compôs a música Cidade Sorriso, um dos hinos mais tocados durante a festividade. [...]“Teremos convidados de fora, mas a maior parte do elenco é nosso”, ressaltou o presidente da Fmac. [...] Este ano, a renda obtida com a venda do passaporte para a festa será doada a instituições de caridade. A tradicional festa na Praça Moleque Namorador, na Ponta Grossa, no dia 28, antecede a abertura oficial do Carnaval, que será comemorado entre os dias 01 e 04 de março. “O objetivo é resgatar a nossa cultura. No ano passado não tivemos condições de apoiar o Carnaval, devido às dificuldades e pendências financeiras que encontramos no município”, justificou Rui Palmeira. Com o apoio da prefeitura, os blocos de rua receberão um incentivo de R\$ 5 mil. “Mas é preciso que as associações e entidades participem dos editais. Não vamos apoiar entidades que não concorrem através dos editais. Esta é a forma mais democrática e transparente de firmar este apoio às organizações que trabalham o Carnaval na cidade de Maceió”, enfatizou Rui Palmeira, ressaltando que até amanhã os representantes dos blocos podem acessar o formulário de inscrição que se encontra no site da prefeitura. Cinquenta blocos comunitários serão contemplados (GAZETA DE ALAGOAS, 6-2-2014).

Carnaval e resgate das tradições

Por: EDITORIAL

Começaram os novos eventos relacionados ao Carnaval em várias cidades do País. Em Maceió, o governo da municipalidade acaba de divulgar uma programação com algumas inovações, prometendo, como foi oficialmente anunciado, o envolvimento das comunidades dos bairros mais populosos, entre os quais se destacam os conhecidos pela preservação das tradições ao longo de décadas nesta época do ano. Também aparecem contemplados, pela iniciativa que descentraliza os festejos momescos, algumas localidades mais distantes das ruas centrais da urbe e a garantia à população maceioense que terá a volta de atrações antigas, como os desfiles de escolas de samba, de blocos e shows de orquestras. Talvez, entre os idealizadores e organizadores das festividades, não há ninguém que saiba que devemos homenagear, neste ano, uma das personalidades lendárias alagoanas e conhecidas nacionalmente: o engraxate Armando Veríssimo Ribeiro, que ficou famoso como Moleque Namorador e morreu com tuberculose pulmonar. Sambista, batuqueiro, não atuou em boates e teatros do sul do País porque não quis, preferindo continuar vivendo miseravelmente em Maceió, com a fama de “maior passista que Alagoas já teve”. De “campeão absoluto que sempre sobrepujou a rivais vindos de fora”. Fica a sugestão. A maioria dos atuais alagoanos não conheceu as mais populares figuras surgidas nos carnavais alagoanos. Compositores e cantores alagoanos que terminaram conhecidos nacionalmente e cujas memórias devem ser resgatadas. Nem viveu os melhores e as mais concorridas promoções festivas nas ruas e nos recintos fechados. Que já existiam, em Maceió e em outras cidades alagoanas muitos anos antes da proclamação da República e tiveram maiores participações das pessoas de todos os segmentos da sociedade a partir das décadas de 1920 e 1930 e até há cerca de 20 anos. Tomara que ainda neste ano e nos próximos tenhamos nossas entidades públicas e particulares investindo em mais ações na área social, com prioridades no tocante aos autos e festas populares. Em mais e maiores motivos para as manifestações de

contentamento e de conagração do nosso povo (GAZETA DE ALAGOAS, 9-2-2014).

Festa de momo homenageará o radialista Edécio Lopes e acontecerá em oito bairros da capital alagoana, divididos em nove polos

Maceioenses se preparam para o Carnaval

Por: GÉSSIKA COSTA * - ESTAGIÁRIA

[...] O tema do Carnaval de Maceió este ano, “Nas Ondas do Edécio”, presta homenagem ao radialista e incentivador da cultura da alegria, Edécio Lopes, falecido em 2008. As prévias ocorrem nos dias 21 (Jaraguá), 22 e 23 (orla da Pajuçara). Há 14 anos, a festa no boêmio bairro do Jaraguá já faz parte do calendário Carnavalesco. Durante o Jaraguá Folia, as ruas estreitas e históricas recebem dezenas de agremiações, que participam do desfile de blocos. A organização é realizada pela Liga dos Blocos, sob a direção do jornalista Edberto Ticianeli, que conta algumas novidades deste ano.

“Somos um evento consolidado, a cada edição, o número de blocos só aumenta. Desde 2001 já passaram mais de 190 blocos pelo Jaraguá Folia. Neste 2014, teremos uma área mais aberta para a diversão dos foliões”, comemora Ticianeli. A expectativa da organização é que mais de 50 mil pessoas passem pelo Jaraguá Folia. “Estamos organizando uma melhor iluminação, equipe de produção, palcos, som, tudo para deixar a festa ainda melhor”, conta o diretor. A organização do evento foi feita no mês de dezembro. Algumas mudanças foram realizadas, inclusive em relação à concentração dos blocos, que será na Praça Sinimbu, no Centro, a partir das 20h, do dia 21 de fevereiro. O percurso será iniciado às 22h, seguindo pela Praia da Avenida, depois pela Rua Sá e Albuquerque, e encerrando na Praça Dois Leões.

Outros três palcos estarão com atrações diversificadas, a exemplo do palco 2, destinado ao Grito do Rock. O festival, que já está na 5ª edição em Maceió, atrai não apenas os roqueiros, mas os querem fugir dos tradicionais ritmos do Carnaval. O produtor do Grito do Rock, Caique Guimarães, integrante do coletivo Popfuzz, organiza o evento e fala da importância do espaço. “É um polo independente, alternativo e atrai muitas pessoas com olhares curiosos”. (GAZETA DE ALAGOAS, 9-2-2014).

CARNAVAL. Líderes comunitários são orientados pela FMAC

Reunião discute termo de conduta

Por: MANUELA FELIX * - ESTAGIÁRIA

As expectativas para o Carnaval 2014 em Maceió são alegria, paz e identidade cultural. E para que tudo saia como esperado, a Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC) se reuniu ontem na sede do órgão com os líderes comunitários dos polos Carnavalescos. Os pontos da folia serão Pajuçara, Pontal da Barra, Ipioca, Clima Bom, Jacintinho, Benedito Bentes I e II, Praça Moleque Namorador no bairro da Ponta Grossa e no Posto 7, Jatiúca. De acordo com a assessoria da FMAC, o objetivo da reunião foi detalhar o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado com o Ministério Público (MP) para que se tenha tranquilidade e segurança nos quatro dias de festa. Para Ciro Borges, líder comunitário do bairro Jacintinho, a comunidade só tem a agradecer. “No réveillon, por exemplo, mais de 12 mil pessoas estavam presentes na Praça do Mirante e agora nas festas Carnavalescas estamos esperando muito mais”, afirmou. O líder comunitário de Ipioca, Jasiel Pontes, relata que nunca se teve um evento cultural desse porte na localidade. “Nunca realizamos aqui em Ipioca uma festa assim e isso vai valorizar uma região tão esquecida como o norte da capital alagoana”. Marcos de Azevedo, da União de Blocos, afirma que o Carnaval em Maceió estava esquecido. “Mas agora teremos a valorização da cultura alagoana”. Ao todo, 57 grupos musicais alagoanos com ritmos de frevo e samba e dez grupos afros também alagoanos se apresentarão nos nove polos da folia. Cento e treze blocos Carnavalescos se inscreveram no edital de ajuda de custo da Prefeitura de Maceió. Porém, são 103 vagas divididas

entre blocos comunitários e tradicionais. Segundo a assessoria da FMAC o resultado sairá até amanhã (GAZETA DE ALAGOAS, 13-2-2014).

Prévia Carnavalesca atrai multidão de foliões a um dos bairros mais tradicionais de Maceió

Jaraguá revive Carnaval de blocos

Por: MARCOS RODRIGUES - REPÓRTER

Sons diversos ecoaram no Jaraguá Folia, na noite de ontem. Para agradecer a multidão de 200 mil pessoas, uma programação inclusiva e multicultural, agitou os foliões desde o cair da tarde. Frevo, samba e maracatu explodiam numa onda sonora que misturava tambores, transformando o chão da Praça Sinimbu num grande terreiro, depois de 102 anos do Quebra de Xangô. Grupos afros, ao som da batida das alfaias vibravam na frequência do coração do público, que viu sete desfiles e bois abrirem caminho para os mais diversos blocos. Amigos de empresas, dos bairros do Prado, Trapiche, Centro, partidos e associações de classe, se juntaram para uma noite de confraternização. “Tá parecendo que todo mundo se conhece de tanta paz que está existindo. Quem quer som no palco curte o show, quem quer ficar no esquenta dos blocos é só ir chegando. Mais na frente tem um palco com rock (Praça Marcílio Dias)”, analisou o funcionário público, Luis Santos, 42 anos, ao lado da namorada.

Mais adiante um grupo de senhoras, com máscaras brilhantes dançavam ao som de uma bandinha de frevo, que esperava a vez, ao redor da estátua do Visconde de Sinimbu. Venho todo ano para o Jaraguá, mas começando todos os blocos por aqui ficou melhor para chegar”, emendou a aposentada Gilvânia Oliveira, 62 anos, acompanhada de amigos e familiares. Assim como muita gente, ela também não estava ligada a nenhum bloco, queria apenas acompanhar o que a agradasse mais.

E opção foi o que não faltou. Foram contabilizados pela Liga Independente de Blocos, 103 grupos. Segundo o presidente Edberto Ticianeli, isso mostra que as prévias, em sua 14ª edição, permanecem ainda mais fortes. “Muito por conta do compromisso da prefeitura, por meio da FMAC, que ajudou a mobilizar os blocos da melhor maneira possível. Tudo foi organizado, tanto que não foi permitido som mecânico”, destacou Ticianeli. A medida não agradou a todos, mas foi acatada para garantir a festa. Mas, de acordo com o produtor e jornalista Keyler Simões, da equipe da Fundação de Ação Cultural, em média 50 mil pessoas se envolveram diretamente com os desfiles. Antes da festa começar, o presidente da FMAC, Vinícius Palmeira, já acreditava no envolvimento dos blocos, principalmente, os que seriam puxados a partir de seus bairros. “Já existia uma organização própria deles, que só foi estimulada a acontecer todos juntos”, destacava Palmeira. O percurso dos blocos, foi feito pelas Avenidas da Paz e Rua Sá e Albuquerque, levando o público aos polos da Praça Dois Leões e do Largo dos Pombos. Lá, uma programação diversificada tomou conta da noite até as 2 horas da manhã (GAZETA DE ALAGOAS 22-2-2014)

ANIMAÇÃO. Festa na praça tem mais de 60 anos de história e atrai foliões A tradição do Carnaval na Moleque Namorador

Por: GÉSSICA COSTA * - ESTAGIÁRIA

A marchinha começa assim: “Sandoval construiu a Praça Moleque Namorador e o QG do Frevo quem começou foi o Argenor. Mais de 40 anos de tradição, em Ponta Grossa, arrastando a multidão. É Carnaval na Moleque com muita animação, com o povo todo e com o Peu da Associação”. Com mais de 60 anos de história, a Praça Moleque Namorador, na Ponta Grossa, é um dos pontos mais famosos do Carnaval em Maceió. A praça foi assim batizada para homenagear o passista, quitundense e boêmio Armando Veríssimo Ribeiro, que trabalhava como jornalista mas, nos dias de folia, ganhava todos os concursos de dança que disputava. Já Argenor, também citado na música, era um antigo morador da

região e entusiasta da folia. Era ele quem organizava a festa nos anos 40 e 50, com direito a concursos e orquestras. Sem patrocínio, saía pedindo apoio, de porta em porta, aos vizinhos e amigos. A praça foi erguida na administração de Sandoval Caju. Já a marchinha foi composta por Petrócio dos Santos, de 68 anos, um legítimo filho do bairro. Ele lembra com saudosismo dos antigos carnavais da Moleque. “Tirávamos do nosso próprio bolso o dinheiro do aluguel para pagar os banheiros químicos e também as bandas para tocar as marchinhas. Aqui, sempre foi assim, é só bater uma lata que a festa já começa”, relembra Petrócio, que com a morte de Argenor assumiu o comando do “quartel general do frevo”. Atualmente, o reduto do frevo na Zona Sul vive cercado de estabelecimentos comerciais, sorveterias, lanchonetes e mercearias, mas, no próximo dia 28, o comércio dará lugar à alegria. É nesta data que a festa de momo será aberta, oficialmente, no QG da Moleque. A partir das 21 horas, duas orquestras animarão os foliões: a Frevo Moleque Namorador e a Big Moleque. Mas a diversão não para por aí, concursos de fantasias e danças das crianças da comunidade, escolha da rainha e da rainha gay do Carnaval, além do concurso de boi independente (nas categorias mirim e master), também animarão a festa. E enquanto o Carnaval não chega, todas as tardes são de ensaios e mais ensaios na Moleque Namorador. Crianças como João Rafael, 11, que há quatro é vaqueiro do boi Moleque de Ouro, um dos 40 bois existentes no bairro. (GAZETA DE ALAGOAS, 23-2-2014).

Maceió finalmente voltará a ter uma grande festa de Carnaval CARNAVAL DA GENTE

Por: VALDETE CALHEIROS - REPÓRTER

“Subi a ladeira do Farol/Fiquei no mirante a olhar/Os raios dourados do sol/No azul imenso do mar/Olhei a Cidade Sorriso/E vi Maceió tão feliz/Mostrando tanta riqueza/Ao povo desse país”. O hino do Carnaval de Maceió, Cidade Sorriso, composta pelo saudoso radialista Edécio Lopes (1933-2009), o mais alagoano dos Carnavalescos pernambucanos, será a música oficial dos quatro dias de folia na capital alagoana que, este ano, homenageia o comunicador. A canção estava guardada na memória dos foliões que, depois de anos comemorando apenas as prévias, poderão se esbaldar na festa que acontecerá dentro do calendário oficial brasileiro. Maceió não é palco de grandes carnavais de rua desde o final dos anos 1970. Os grandes clubes, como o antigo Alagoas late Clube, o Alagoinhas, não vê o brilho das fantasias e máscaras desde os últimos anos da década de 80. Mas, agora, após mais de duas décadas com o título de “capital nordestina das prévias”, Maceió finalmente voltará a ter uma programação de eventos Carnavalescos como em épocas passadas. Com a proposta de espantar o marasmo e retomar a folia na capital, a Prefeitura de Maceió preparou uma grande festa com o tema Nas Ondas de Edécio. A homenagem foi anunciada logo no início deste mês pelo prefeito Rui Palmeira (PSDB) e pelo presidente da Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC), Vinícius Palmeira. A aposta do poder público municipal é de que Maceió perca o estigma de cidade de descanso durante o período de festividades, que anima foliões no Brasil inteiro. É fato que as prévias vieram para ficar, mas é mais certo ainda que o maceioense está com saudades do bons e velhos carnavais de outrora, que inspiravam nos cidadãos o melhor exemplo de conagraçamento social. O som do frevo, das marchinhas e dos mais recentes sucessos vão ecoar nos quatro cantos de nossa cidade com força. É que este ano a prefeitura promoverá uma festa descentralizada, distribuindo as atividades em oito bairros e nove grandes polos da capital. E enfim, um antigo desejo do radialista e compositor Edécio Lopes será atendido: o Carnaval irá até o povo. Para o filho de Edécio, Ednaldo Lopes, “é motivo de muito orgulho para nossa família a lembrança que será feita no Carnaval deste ano. A homenagem traduz o amor que ele tinha por Maceió, sempre divulgando a cidade para o Brasil, como ficou marcado nos carnavais, pelo frevo Cidade Sorriso”. Com um

investimento total de R\$ 590 mil, a gestão municipal optou pelo edital para oficializar a ajuda de custo dada aos blocos e às agremiações Carnavalescas. “O maceioense terá uma programação multicultural e diversificada”, declarou Rui Palmeira. O edital deve contemplar 103 grupos entre blocos comunitários e agremiações. Os recursos variam de R\$ 5 a R\$ 50 mil. Dando continuidade à política de valorização a artistas locais, nomes da música alagoana serão os grandes destaques da folia, que estará presente nos bairros Pontal da Barra, Ponta Grossa (Praça Moleque Namorador), Jacintinho, Clima Bom, Benedito Bentes 1 e 2, Ipioca, Pajuçara e Jatiúca (Posto 7 – Polo Alternativo). A vice-presidente da Liga das Escolas de Samba de Alagoas, Janilce Bonfim, afirmou que depois de muitos anos sem incentivo da iniciativa privada, a prefeitura tem possibilitado um maior acesso a editais. “É um novo momento para os agentes culturais. As escolas de samba estão preparando, desde o final do São João, um desfile para encantar a todos”, disse Janilce. Seis escolas de samba desfilarão este ano: 13 de maio, Unidos do Poço, Arco-Íris, Jangadeiros Alagoanos, Girassol e Gaviões da Pajuçara. Os desfiles serão na Praça Multieventos, na Pajuçara, no dia 1º de maio. Vinícius Palmeira explicou que o Carnaval de Maceió está reformulado e voltado para o folião dos bairros. “Há muito tempo Maceió se acostumou a chamar as prévias de Carnaval, de Carnaval. Neste ano, a folia Carnavalesca vai realmente acontecer nos dias oficiais de festa e os bairros serão os grandes protagonistas. Vamos quebrar paradigmas e fazer com que o maceioense tenha uma sensação de pertencimento em relação ao Carnaval”, justificou. A organização das festas segue o modelo de política definido pela FMAC e que estabelece a produção compartilhada com a comunidade. A proposta é a mesma adotada desde o São João, além das festas de Natal e Réveillon realizadas no ano passado. A preparação do Carnaval em Maceió mostra que os investimentos em Economia Criativa, termo utilizado pelos especialistas para investimentos em cultura, são o grande foco da gestão municipal. E como nem só de frevo vive o Carnaval, há também espaço para ritmos como pop, rock, reggae e hip hop. Uma mistura musical muito bem-vinda para não deixar ninguém parado no melhor estilo “só não vai atrás do frevo, do axé, do samba, do rock, do reggae ou do hip hop quem já morreu”. (GAZETA DE ALAGOAS, 23-2-2014).

Depois de longo e pacato período, as ruas de Maceió são novamente agitadas pela presença do espírito folião que faz ferver o tempo do pré-Carnaval A ALEGRIA FOLIÃ RECONQUISTADA

Por: Cleonilson Alves da Silva*

Podemos considerar que, em meados da década de 60, poucos resquícios havia do luxo documentado no início do século 20 pelo Carnaval de rua em Maceió, como – por exemplo – o exibido pelos mais abonados financeiramente no esfuziante bloco do Clube Fênix Alagoana, sempre a desfilar no tradicional Sábado de Zé Pereira. Anunciado a toques de clarins, o bloco da Fênix apresentava como destaque sua “luzida guarda de honra, composta de sócios, vestidos de branco uns, fantasiados outros, todos montados a cavalo, conduzindo fogos de bengala”, como descreve Félix Lima Júnior (em Festejos Populares em Maceió de Outrora, Rio de Janeiro, Associação Atlética Banco do Brasil, 1956, Cadernos AABB,13). Por outro lado, na década de 60, ainda era possível observar, antes mesmo do início dos festejos momescos propriamente ditos, o ecoar em diversos bairros de Maceió (Bebedouro, Ponta Grossa, Tabuleiro, etc.), das denominadas “maratonas” patrocinadas pela prefeitura para “esquentar” o Carnaval que se avizinhava. Também desfilavam nessa mesma época alguns dos mais tradicionais blocos populares de Alagoas, como o Sai da Frente, Cara Dura, Cavaleiros dos Montes, Pitanguinha vai à Lua, Amigo da Onça dentre muitos outros. Um dos eventos mais importantes da pré-temporada Carnavalesca era o tradicional Banho de Mar à Fantasia, sacudindo o domingo anterior ao Carnaval com uma folia irreverente na praia da Avenida

da Paz (em seus anos finais transferida para a praia de Sete Coqueiros, em Pajuçara). Além dos blocos participavam do Banho de Mar à Fantasia, individualmente ou em grupo, foliões com críticas de costumes e políticas, através de suas fantasias. [...]. Uma restauração, em novo estilo, dessa folia domingueira, marcou época, porém, a partir de 9 de fevereiro de 1986, quando o Banho de Mar à Fantasia é retomado com suas características tradicionais de crítica social e política, através do surgimento do bloco “Meninos da Albânia”, que re-introduzia uma antiga forma de se fazer Carnaval sem qualquer apoio do poder público. Até enquanto manteve-se fiel as suas origens, esse bloco nunca deixou de se apresentar no Domingo de Banho de Mar à Fantasia. E mais, cinco dias depois, repetia a performance em versão noturna na sexta-feira véspera de Zé Pereira. Em termos do calendário, entretanto, era a reafirmação e fortalecimento do conceito do Pré-Carnaval. No período Carnavalesco propriamente dito os problemas persistiam. Os blocos populares e tradicionais se resumiam a dúzia de músicos com um velho estandarte à frente, mostrando em estado puro o início da decadência de nosso Carnaval de rua, que, de certa forma, atinge seu clímax no final da década de 70. Desse tempo, uma exceção deve ser assinalada: o bloco Sai da Frente – fundado em 1954 pelo maestro Manezinho – que contabiliza, até este ano, 60 carnavais ininterruptos. Destaque-se que o maestro Manezinho, falecido em 2013, aos 91 anos de idade, o maior formador de músicos populares em Maceió, foi também o principal fornecedor de bandas Carnavalescas para a condução dos demais blocos de rua e para bailes públicos e privados em Alagoas (GAZETA DE ALAGOAS, 1-3-2014)

Supremacia do Pré-Carnaval

No meio da década de 80 acontece um divisor de águas no Carnaval de rua alagoano. Em 1985 uma das maiores surpresas políticas aconteceu por estas bandas: até pouco antes da data da escolha para prefeito de Maceió, eram favas contadas a vitória do ex-prefeito (1974-1978) João Sampaio – só que o eleito foi Djalma Falcão, pernambucano, mas que fez carreira política no estado, ancorado na popularidade e no carisma de seu irmão, Muniz Falcão, ex-governador do estado. Para a divulgação de sua candidatura e para atrair a população para os comícios, Djalma traz, pela primeira vez para Alagoas, como arma de campanha, o trio elétrico, e o escolhido para inaugurar essa nova forma de propaganda política, era um dos mais tradicionais da Bahia, o Tapajós. Além das músicas – que eram massacrantemente executadas nas rádios de Maceió, surge enfim entre nós aquilo que só era visto na TV e desejado por muitos que não podiam se deslocar até Salvador. Para a proliferação de blocos, tendo o trio elétrico como base de propagação sonora, o processo foi rápido. Um ou outro, ousou contrariar a tendência (a experiência mais marcante foi o bloco Pó de Giz, em 1987, idealizado pelo professores Breno Lins e Alberto Sexta-Feira, através da banda de música da antiga Escola Técnica Federal de Alagoas), mas logo sucumbiu a nova realidade que havia trazido junto um novo tipo de Carnaval que não se sustentava no financiamento público, abrindo um leque de receitas, de patrocínios de empresas privadas a recursos advindos da venda de “mortalhas” e logo depois, “abadás”. Durante vários anos, floresceu um modelo local de pré-Carnaval baseado em blocos locais usuários de trios elétricos, mantidos pela venda de camisetas e abadás e pelo apoio material de patrocinadores caetés. Nesse intervalo de tempo, entre 1986 e 1994 (aproximadamente), mesmo com o advento do Maceió Fest, animaram a orla de Maceió agremiações como Meninos da Albânia, Pó de Giz, Gela Guela, Armação do Caveira, Tutti Frutti, Filhos da Pauta – dentre outros, reunidos nesse meio tempo na Liga Independente dos Blocos de Maceió. O trio elétrico também foi incorporado por um dos nossos mais longevos grupos pré-Carnavalescos, o Pecinhas de Maceió (fundado em 1983). Em resumo: A introdução em massa dos trios elétricos no Carnaval alagoano; o surgimento de blocos autofinanciáveis do tipo franquia; do

pagamento de uma taxa de adesão para participar como desses blocos, teve um efeito negativo que foi – a partir da instituição do Maceió Fest, em 1993, a apropriação do espaço público e, durante esse período, a população mais pobre ficou alijada da festa, a partir daí concentrada num corredor formado por camarotes privados. Ao povão restou pular feito pipoca do lado de fora da área restrita, muralha que substituiu o tradicional cordão que distinguia os associados da agremiação Carnavalesca do resto do público (que acompanhava o estandarte de sua preferência em completa integração, apesar do lado de fora da corda). É o surgimento do apartheid no Carnaval alagoano, de forma estruturada, organizada. Este fenômeno muda a face da folia maceioense com a consolidação do conceito do Carnaval-fora-de-época, em detrimento do pré-Carnaval. O triunfo desse modelo elitista foi efêmero. Tinha suas contradições a lógica comercial que impôs a criação de carnavais fora de época na maioria dos estados nordestinos (pois durante o Carnaval propriamente dito, os ícones, se apresentavam em Salvador, naturalmente), para que os principais artistas do axé, pudessem estar presentes e ao vivo, junto com seus admiradores. O custo cada vez mais crescente dos espetáculos fora de época, terminaram por inviabilizar o evento nos moldes em que era realizado, sem falar na resistência de parte da própria elite, quanto a sua localização (notadamente em Recife, transferido da praia de Boa Viagem para Jaboatão dos Guararapes e em Maceió, da paria de Ponta Verde para Jaraguá, por pressão dos moradores), levando a sua extinção. O surgimento de um bloco com as características do Pinto da Madrugada, inspirado no denominado maior bloco do mundo, o Galo da Madrugada (Recife), fez ressurgir a adesão ao frevo e o vigor popular ao pré-Carnaval alagoano. É, sem dúvida, uma experiência espetacular em termos culturais e de público. Mas, apesar do enorme sucesso atestado em todo sábado anterior ao Sábado de Zé Pereira, não vem tendo influência na revitalização do nosso Carnaval em seu período convencional, da mesma forma que as demais agremiações dos anos anteriores. Os jovens, e os nem tanto, amantes da folia continuam preferindo, a efervescência, a organização, a tradição e a originalidade do Carnaval de Recife e/ou Olinda, ou Salvador – que segue recebendo levas de fãs do axé. Ou, em número menor, em função dos altos custos, dos aderentes ao Sambódromo carioca. E o “Tríduo Momesmo” em Maceió, nas ruas e nos clubes, segue em ritmo de Quarta-feira de Cinzas (GAZETA DE ALAGOAS, 5-3-2014).

DESCENTRALIZAÇÃO.

Em Maceió, Carnaval foi comemorado em nove polos espalhados pela cidade Apresentações marcam festejos

Por: MARCOS RODRIGUES - REPÓRTER

O som vibrante dos tambores que dão o ritmo aos bois de Carnaval encantaram os maceioenses e turistas na Avenida Antônio Gouveia, na tarde de ontem, na Pajuçara. Como só competem nos dias 11 e 12, fizeram um espetáculo juntos, para as centenas de pessoas que lotaram as arquibancadas. Na pista, ainda na concentração, alagoanos e turistas não perderam a chance de fazer fotos. Entre eles as gaúchas Flávia Vogel e Cristina Ladeira, que se revejavam nas poses. “Vinhemos em busca de praia, mas também para ver o Carnaval de Maceió. Estamos encantadas com o público e as cores dos bois”, comentou Flávia. “Tudo é diferente e lindo”, completou Cristina, antes de seguirem para o hotel onde estavam hospedadas. Um dos organizadores do movimento dos bois em Maceió, José Carlos Santos, que tem o sugestivo apelido de “Zé do Boi”, corria de um lado para o outro. Enquanto arrumava a percussão disse que o objetivo era só a apresentação para o público. “O percurso é curto. Vamos até o palco e voltamos, só para apresentar nossa arte para eles”, disse Zé, apontando para a arquibancada. E foram muitos os que depois da praia, permaneceram no local para acompanhar as apresentações à tarde. Na Praça Multieventos, um dos nove polos Carnavalescos, além dos bois

tiveram a apresentação dos bonecos gigantes. No dia anterior, na segunda-feira, foi a vez dos blocos afro tomarem a avenida. Durante a noite o local foi ocupado pelos fãs das bandas Didá e Sabaki. Na sequência foi a vez do maestro Danda e do Forró Frevando de Geraldo Cardoso. A diversidade de opções foi determinante para o funcionário público Antônio Arnaldo Lins levar a família. Por motivo de trabalho ele disse que não pôde viajar, mas não se arrependeu de ter ido apreciar a programação popular. “Vim dois dias seguidos. Só achei que tiveram alguns atrasos, mas quanto às atrações, todas foram muito boas. Teve até um pessoal de Recife aí, da Spok frevo, que também foi bom. Cada dia foi um ritmo diferente. Minha família que tem gosto variado adorou”, elogiou Antônio com a câmera não mão. Ao seu lado, a autônoma Lúcia Cristina de Santana destacou a tranquilidade da festa. “Estive aqui desde o primeiro dia e graças à Deus foi tudo bem; na paz”, acrescentou Lúcia que mora no Jacintinho e disse que não teve dificuldades para se deslocar até o local. E essa foi a mesma avaliação feita pela Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC). Segundo o diretor de Produção Cultural, jornalista Keyler Simões, a descentralização da folia foi aprovada pelo público. “Os polos estão aprovados. Não tivemos nenhuma ocorrência. Eles são a solução. A população se mostrou feliz com esse modelo. Há muito o que se melhorar, mas esse foi apenas o primeiro”, destacou o diretor da FMAC. ‡

Apesar da não ocorrência de delitos nos bairros, o carnaval de 2014 em Maceió traz à tona os velhos fantasmas da violência e do crime. Em reunião com os dirigentes de bairros com a Fundação Municipal de Ação Cultural para tirar dúvidas e obter esclarecimentos sobre o financiamento via edital de incentivo em janeiro de 2014, o representante do bairro Fernão Velho decidiu não compor a programação carnavalesca, tendo em seu local um pólo, em decorrência da violência:

FERNÃO VELHO. Festa não será realizada pela primeira vez em 50 anos Carnaval é cancelado por causa da violência

Por: KATHERINE COUTINHO - REPÓRTER

Por causa da crescente violência nos bairros de Fernão Velho e Rio Novo, as tradicionais prévias Carnavalescas deixarão de ser realizadas pela primeira vez em 50 anos. O líder comunitário Luciano Jorge da Silva explicou que a decisão foi tomada após uma série de pedidos de mães de adolescentes que moram na região, que temem que seus filhos, em vez de se divertirem, acabem se tornando mais um número nas estatísticas de violência em Alagoas. “Muitas pessoas disseram que não pretendiam participar dos blocos por medo de algo ruim acontecer. O Bloco do Boi, por exemplo, que deveria sair nesse domingo, não vai mais acontecer. Todos os anos saíam mais de duas mil pessoas para brincar, mas nesse ano não temos condições de fazer isso”, disse. De acordo com Luciano, as ruas de Fernão Velho e Rio Novo estão cada dia mais perigosas e a ação da polícia não estaria sendo suficiente para atender à demanda de crimes. “Só vemos a polícia aqui quando alguém já está morto. Na segunda-feira assassinaram um jovem em Goiabeiras e vários garotos ficaram nas ruas atirando para cima. O comandante do 4º Batalhão, que é responsável por essa área, nos diz que falta efetivo para fazer rondas ostensivas. Se as coisas não melhorarem, não haverá São João aqui também”, enfatizou (GAZETA DE ALAGOAS, 16-1-2014).

Além desta notícia, o tradicional Baile Municipal do ano de 2014 não foi realizado, por conta do assassinato do empresário Guilherme Paes Brandão no dia 26 de fevereiro de 2014, que fazia parte da comissão organizadora.

5. DISPERSÃO DOS QUESTIONAMENTOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou aprofundar os estudos acadêmicos sobre a configuração das Políticas Nacionais de Turismo e Cultura e como a articulação entre estes campos se efetivam nas municipalidades. Percebemos que os planejamentos turísticos estão incrementando elementos identitários e eventos culturais como opções experiências para o visitante e a ampliação de negócios para quem empreende. Tomamos como estudo de caso os festejos carnavalescos de Maceió e sua relação com o trade turístico local para experimento investigativo.

Sobre as particularidades que compõem o estado de Alagoas vimos que, historicamente, formou-se interinamente na capitania de Pernambuco e que mediante ações da burocracia pública local, também resultantes da desidentificação insurrecional no centro da província, separou-se por benesse imperial. A instauração de uma automação sociocultural que lhe é característica baseou-se no isolamento civilizatório determinado por fronteiras fluviais; do frequente uso da violência para extermínio de nativos, e de escravizados, para conquistar e manter a terra para produção açucareira e construiu estreita relação com os poderes centrais. Vimos também que esta elite agrária possuía contradições internas que resultaram em muitos casos de conflitos políticos.

A partir do olhar de viajantes percebem-se idiosincrasias constitutivas do alagoano e os primeiros registros discricionários dos exotismos telúricos do estado. Já em tempos imperiais embrionavam-se os primeiros equipamentos de hospedagem na parte central de Maceió e no interior, e que sua via de acesso se dava pela orla lagunar.

Constatamos que as mudanças da centralidade festiva carnavalesca muda conforme o desenvolvimento urbano da cidade. Reparamos que a saída da cidade de Maceió no feriado momesco é uma ação tradicional que perdura no tempo. Radicaliza-se atualmente pela oferta de programação foliã em cidades litorâneas e do interior. Alagoas insere-se geograficamente entre os dois maiores polos carnavalescos do país, sendo por eles influenciados. Em Pernambuco e na Bahia, constatou-se que a assimilação identitária das camadas populares por parte do todo social manifesta-se no senso de pertencimento (*baianidade; pernambucanidade*) em seus carnavais.

Embora a propaganda turística da capital alagoana, entre os diversos slogans que adotou e desenvolveu ao longo do tempo, destine-se aos seus visitantes, não há impedimento legal que inviabilize o desenvolvimento de um carnaval local. Suspeitamos que este título genérico de “cidade descanso” seja o que mais incomoda os agentes culturais e intelectuais, por demonstrar as fragilidades de uma importante plataforma performática da *alagoanidade*. Uma cidade com ímpeto carnavalesco não será legitimada em primeira mão pelo turismo, bem pelo contrário. O turismo se apropria da dinâmica cultural existente como recurso e oferta para o visitante como insumo.

Percebemos, via Plano Estadual de Turismo e demais estudos econômicos, as fragilidades sociais enfrentadas no município e no estado. Impõem-se, como sugestões já diagnosticadas por esses estudos, urgentemente soluções que minimizem a desigualdade social e que se crie estratégias de integração para se possa vislumbrar um projeto que nade contra a tradicional migração festiva e integre o visitante. A saída da cidade, talvez, implique no esvaziamento de capital simbólico potencial para construção de projetos identitários que ainda estão por se definir.

A violência literal é apenas consequência da ação destas forças psicológicas sempre tensionadas entre a miséria e a não legitimidade simbólica dos seus referentes. Como sabemos, toda *evitação* parte de um posicionamento egóico de repulsa e repugnância que socialmente se amplia e ocasiona interferências institucionalizantes. No caso secular do estado de Alagoas percebe-se, em grande parte, a inviabilidade de acesso das camadas populares a seguridade social que ocasiona uma indesejada presença marcada pela origem étnica. Ainda que possua capacidade de consumo na arena turística, é historicamente estigmatizada pela visão cidadina que só pode resultar, muitas vezes, em encontros conflituosos.

O aprofundamento das problemáticas deste estudo sinaliza alguns questionamentos: Como a técnica infere nos processos culturais e simbólicos das cidades e na comunhão entre visitantes e visitados? Como se dá o processo de autogestão da cultura e do turismo na contemporaneidade? Como a formação de calendários festivos atuam nos processos de cooperação regional? Que possibilidades haveria para o carnaval Maceioense na integração regional? Qual o poder de atratividade que o patrimônio cultural possui para o visitante? Carnaval? Tem... mas tá faltando!

REFERENCIAIS

ALAGOAS. **Plano estratégico de desenvolvimento do Turismo. Resumo executivo 2013-2023.** Secretaria de Estado do Turismo de Alagoas. Poligraf. 2013

ALDANA, Mirtha Buelvas. **El viaje del Carnaval de Barranquilla.** *In* Carnaval de Barranquilla La fiesta sin fin. Fundación Carnaval de Barranquilla. Obra maestra del patrimonio oral e inmaterial de la humanidad UNESCO 2011.

ALMEIDA, Jaime de. **Uma teoria da festa – O Carnaval brasileiro.** In ALMEIDA, Luiz Sávio de; ARAÚJO, Zezito; CABRAL, Otavio (orgs). O negro e a construção do Carnaval no Nordeste. Maceió: EDUFAL, 2003

ANDREWS. George Reid. **Recordando África Al Inventar Uruguay: Sociedades de Negros en el Carnaval de Montevideo, 1865-1930.** *In* Revista de Estudios Sociales Universidade de los Andes. No 26 Abril de 2007

ARAUJO, Rita de Cássia Barbosa. **Festas Públicas e carnavais – O negro e a cultura popular em Pernambuco.** In ALMEIDA, Luiz Sávio de; ARAÚJO, Zezito; CABRAL, Otavio (orgs). O negro e a construção do Carnaval no Nordeste. Maceió: EDUFAL, 2003.

ASSIS, Cláudia Cordeiro de. **Arranjo Produtivo Local “Turismo Lagoas e Mares Do Sul-AL”:** **Análise do Relacionamento entre seus Participantes.** Universidade Anhembi Morumbi, Dissertação de mestrado. Mimeo São Paulo 2012.

BANFI, Jaime Abello. **Una Fiesta que Evolucionaria.** *In* Carnaval de Barranquilla La fiesta sin fin. Fundación Carnaval de Barranquilla. Obra maestra del patrimonio oral e inmaterial de la humanidad UNESCO 2011.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia.** Editora Cultrix, São Pauli, 1972.

_____. **Efeito de Real.** In Literatura e Semiologia. Editora Vozes, Petrópolis, 1964.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Fim de século, Lisboa: 2003

_____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva. 1987

BRAILOWSKY, Raquel. **El Carnaval en las sociedades hispánicas del Caribe.** Revista Huellas 39. Uninorte Barranquilla pp. 13-26 Diciembre 1993.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF, 1998.

BRITO, Sandra. **O Carnaval e o mundo Burguês.** In Revista da Faculdade de Letras, Porto, III Série, vol. 6, 2005, pp. 313-338.

BRANDÃO, Octavio. **Canais e Lagoas.** 3ª edição. Maceió: EDUFAL, 2001.

BRANDÃO, Théo. **Folgedos Natalinos de Alagoas.** 3ª edição. Maceió: Museu Théo Brandão, 2003.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na idade moderna. Europa, 1500-1800.** São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

CABRAL, Luiz Antonio Palmeira. **Planos de desenvolvimento de Alagoas. 1960 – 2000.** Maceió: EDUFAL, 2005.

CAVALCANTI, Bruno César. **As Bantas Coisas de Alagoas - Culturas negras, passado e presente.** Gazeta de Alagoas, 05 de novembro de 2005.

_____. **Bons e Sacudidos – O Carnaval negro e seus impasses em Maceió.** in BARROS, Rachel Rocha de A.; CAVALCANTI, Bruno César e FERNANDES, Clara Suassuna (orgs.). KuléKulé – visibilidades negras. Maceió: Edufal, 2006, pp.26-40.

CAVALCANTI, B.C. & Barros, R.R. **Maceió cidade negra diversidade e espacialidade de manifestações, bens e serviços afro-brasileiros. Mapeamento Cultural do Afro-Brasileiro em Maceió.** Programa de Ações Afirmativas – PAAF-MEC/ Universidades – Min. da Saúde. 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas.** São Paulo: Edusp. 1998

_____. **A Globalização Imaginada.** São Paulo: Iluminuras. 2003.

_____. **Políticas Culturales: de las identidades nacionales al espacio latinoamericano.** In Las Industrias culturales em la Integracion latino-americana. Cancline, Nestor Garcia; Moneta, Carlos. (Orgs.) UNESCO 1999.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Economia Popular: Uma via de modernização para Alagoas.** EDUFAL, Maceió, 2005.

_____. **Formação Histórica de Alagoas.** Maceió, GRAFITEX: 1980.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

_____. **A Sociedade em rede. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol.1).** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO. Armando Alexandre. **Turismo e Carnaval na Bahia.** Caderno Virtual de Turismo Vol. 5, N° 3. 2005

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAMORRO, Andrea. **Carnaval Andino en la ciudad de Arica: Performance en la frontera norte chilena.** Estudios atacameños. no.45 San Pedro de Atacama 2013
COELHO, Teixeira. A cultura e seu contrário; cultura, arte e política pós-2001. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **Epistemologia da análise do discurso no turismo.** Caderno Virtual de Turismo. Vol. 5, N° 2 (2005)

CORTÁZAR, Julio. **Os Prêmios.** São Paulo, Editora Abril 1975.

CROSA, Zuleika. **Dinámicas identitarias y modelos de integración en el movimiento asociativo de uruguayos en Argentina. "Hicimos la murga rioplatense para integrarnos al barrio y empezar a vivir" Papeles de trabajo -** Centro de Estudios Interdisciplinarios en Etnolingüística y Antropología Socio-Cultural no.23 Rosario ene./jun. 2012.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru, Edusc, 2002.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Ecos da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DELGADO, Anna Karenina Chaves. **O Carnaval como elemento identitário e atrativo turístico: Análise do projeto folia de rua em João Pessoa (PB).** CULTUR, ano 06 - nº 04 - Out/2012.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. **O Banguê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional.** Maceió: EDUFAL, 2006.

DUARTE, Abelardo. **Folclore Negro das Alagoas**. Maceió: DAC, 1974.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECONOMIA CRIATIVA. **Plano da Secretaria de Economia Criativa**. 2009.

EMBRATUR. **Plano Aquarela**, 2006.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FERREIRA, Felipe. **Um Carnaval a Francesa: A construção na cidade de Nice**. In *Carnaval em Múltiplos planos* / Org. Maria Laura Cavalcanti e Renata Gonçalves. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2009.

FERREIRA, José Ferreira. **Formação Sócio-Econômica de Alagoas. O período Holandês (1630-1654)**. Tese de Doutorado (2002), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, mimeo.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo: A experiência italiana**. São Paulo-SP, Arte e Ciência, 2005.

FILHO, Luis Veras. **História do Turismo em Alagoas**. Maceió-AL Ed. SERGASA, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1968

FREUD, Sigmund. **“O mal estar na civilização”**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin**. Perspectivas, São Paulo, 16: 67-86, 1993

GASTAL, Susana. **Turismo e Cultura: Aproximações e conflitos**. In Turismo: Planejamento estratégico e capacidade de gestão – Desenvolvimento Regional, Rede de Produção e Clusters. (Org.) Mário Beni, Manole: São Paulo, 2012.

_____. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio**. São Paulo: Papirus, 2006.

_____. **O Porto em festa: É São João! A cidade e suas Possibilidades Educadoras**. Relatório de Estágio Pós-Doutoral. Universidade Católica Portuguesa. Porto, 2013.

_____. **O Carnaval dos Artistas**. In Conversas entre confetes (Org.) FISCHER, Luís Augusto; SEDREZ, Mariangela. Porto Alegre: Dmae. 2001

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania**. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2007.

GASTAL, Susana. & PERTILE, Krisciê. **A gastronomia de imigração italiana em restaurantes turísticos da Região Nordeste do Rio Grande do Sul**. In Papel dos Parques Tecnológicos no Desenvolvimento Regional. De Bem, J.S. (Org.) Caxias do Sul, RS: Educ. 2013.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A Interpretação das Culturas. 1ed., 13reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999

GOÉS, Fred. Brasil: **O País de Muitos Carnavais**. Revista Observatório Itaú Cultural – N. 14 (mai. 2013). – São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

GUTERRES, Liliane S. **Memórias dos destaques de Carnaval de Porto Alegre**. Porto Alegre: Unidade Editorial/Secretaria Municipal de Cultura, 2006.

_____. **Sou Imperador até morrer", um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia. UFRGS. Porto Alegre, 1996.

_____. **Memória do Carnaval do Bairro Santana**. Porto Alegre: UE/SMC, 2004.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na modernidade**. Rio de Janeiro: DPA & Editora. 1997

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola. 1992.

HENRIQUES, Cláudia. **Turismo, cidade e cultura - planejamento e gestão sustentável**. Lisboa: Sílabo. 2003.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra: 1997.

KELLER, Peter. **Uma nova maneira de ver o turismo global**. In Trigo, Luis *et al.* Análises regionais e globais do turismo brasileiro. São Paulo: Roca. 2005.

ICOMOS, Comitê Brasileiro do. **Encontro das Civilizações na América**. Carta Patrimonial de Cabo Frio.1989.

IRIARTE, Miguel. **Carrus Navalis o una noción de Carnaval**. In CARRUS NAVALIS Revista del Centro de Información y Documentación Carnaval de Barranquilla CIDCAB janeiro de 2014

JAFARI, Jafar. **La cientificación del turismo. Estudios y perspectivas en turismo.** Buenos Aires: CIET, v.3, n.1, 1994, p.7-36.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** São Paulo: Aleph, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.] Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Ivan Fernandes de. **Maceió a cidade restinga: contribuição ao estudo geomorfológico do litoral alagoano.** Coleção Pensar Alagoa, CEPAL: 2010.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Festejos Populares em Maceió de Outrora.** Cadernos A. A. B. B. Nº 13 1956. Rio de Janeiro.

_____. **Maceió de outrora.** Vol. 2 (Obra póstuma com textos organizados e apresentados por ROCHA, Rachel). Maceió: EDUFAL, 2001.

LACLAU, E. **A Política e os limites da Pós-Modernidade.** In HOLLANDA, H.B. de. (org.) Pós-Modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco. 1991.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal.** Maceió: Edições Catavento, 2000.

_____. **Interpretação da Província – Estudo da Cultura Alagoana.** 2ª edição. Maceió: EDUFAL, 2005.

_____. **Uma cultura em questão: a alagoana.** Maceió: Edufal. 1981

LOPES DA SILVA, Zélia. **A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX.** Dialogos - Revista do Departamento de Historia e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 16, diciembre, 2012, pp. 37-68 Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil.

MACEIÓ. **Plano Diretor do Município de Maceió.** Lei municipal nº 5.486, de 30 de dezembro de 2005.

MARTÍN, Alicia. **Procesos de tradicionalización en el Carnaval de Buenos Aires.** in Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales. Universidad Nacional de Jujuy n.36 San Salvador de Jujuy ene./jul. 2009.

MARTINS, Heloisa Helena de Souza. **Metodologia Qualitativa de Pesquisa.** Educação e Pesquisa, v.30, n.2. São Paulo, maio/ago.2004. p. 289-300.

MARX, Karl. **O Capital.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. livro I

MENESES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultural.** Belo Horizonte, Autentica. 2006.

MIGUEZ, Paulo. **Muitos (outros) Carnavais.** Revista Observatório Itaú Cultural – N. 14 (mai. 2013). – São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

_____. **A cor da festa. Cooptação & Resistência. Espaços de construção da cidadania negra no Carnaval baiano.** In ALMEIDA, Luiz Sávio de; ARAÚJO, Zezito; CABRAL, Otavio (orgs). O negro e a construção do Carnaval no Nordeste. Maceió: EDUFAL, 2003

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano Nacional de Cultura 2010.**

_____. **Metas do Plano Nacional de Cultura 2011.**

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional de Turismo 2003/2007.**

_____. **Plano Nacional de Turismo 2007/2010.**

_____. **Estudos da Competitividade do Turismo Brasileiro: O turismo cultural no Brasil.**

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos**. Campinas. Ed. Pontes 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

PIMENTEL, Mariana Pereira Chaves. **A dimensão institucional das políticas públicas do turismo no Brasil**. In *Gestão Pública do Turismo no Brasil: Teorias, metodologias e aplicações*. (Org) Thiago Duarte Pimentel, Magnus Luiz Emmendoerfer, Edegar Luis Tommazzoni – Caxias do Sul, RS: Educs, 2014.

QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira. **“Carnaval Brasileiro - O vivido e o mito”** - Brasiliense, 1992.

QUINTANA, Mário. **Do Caderno H**. São Paulo, Editora Globo S.A. 1973.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô rezado baixo: Um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

REIS, José Carlos. **A Filosofia da História Pós-Moderna: Elias, Foucault, Bourdieu e Thompson**. In *Sæculum - Revista de História* [21]; João Pessoa, Jul./Dez. 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro – A formação e sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SANDRONI, Carlos. **“Do Frevo e do Maracatu”:** **Música e Festa No Carnaval Pernambucano**. In *Revista Observatório Itaú Cultural* – N. 14 (mai. 2013). – São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

SANTOS FILHO, José dos. (2005). **Ontologia do Turismo. Estudos de suas causas primeiras.** Caxias do Sul,RS: Educ. Veras Filho, L. (1991). História do turismo em Alagoas. Maceió, AL: Sergasa.

SANTOS, Rafael José dos. **As cores locais: regionalidade, cultura e turismo.** In Pelegrini, S.C.A. et al. (org.) Turismo e patrimônio. Campo Mourão: FECILCAM. 2010

_____. **Culturas locais em divulgações turísticas: representações do popular e do regional** - Revista Rosa dos Ventos, 2011.

SANTOS, R.J.dos.; HONORATO, M.de J. & VIANA, E.. **Turismo, museus e cultura: notas sobre estratégias e ações em nível federal 2003-2011.** In Anais... VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. 2012.

SILVA. Leonardo Dantas. **Elementos para história social do Carnaval do Recife.** In: Maior, M. S; Silva, L.D. Antologia do Carnaval do Recife. Recife: Massagana, 1991.

SILVA, Daniel Roberto dos Reis. **Objetos em trânsito: A boneca gigante entre o museu e o Carnaval em Maceió/Alagoas.** – UFRJ – 2013, Tese de Doutorado, mimeo.

TOMAZZONI, Edegar Luis. **Turismo e Desenvolvimento Regional.** Caxias do Sul, EDUCS. 2009.

UNESCO. **32ª Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.** Paris. 2013.

VERAS FILHO, L. (1991). **História do turismo em Alagoas.** Maceió, AL: Sergasa.

VIANNA, Silvio. **A competitividade e a qualidade de vida na destinação turística: Análise quanto à sua correspondência.** Tese de doutoramento. Mimeo. UNIVALI. 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** São Paulo, Paz e Terra, 2000

Referencias Videográficas

BOBOS DE TATUAMUNHA. Dir. Celso Brandão. 2012. Doc.

CALABAR. Dir. Hermano Figueiredo. 2007 Doc.

CARNAVAL EM MACEIÓ. Programa Alagoas Arte e Cultura. Programa de tv.

CARNAVAL TEMPERATURA. Dir. Pedro da Rocha. 2003 Doc.

EM NOME DO PAI, DO FILHO E DA FOLIA. Dir. Pedro da Rocha. 1998 Doc.

MEMÓRIAS DE UM HERÓI DE CARNAVAL. Dir. Pedro da Rocha. 1988. Doc.

MISS PARIPUEIRA. Dir. Tela Tudo clube de cinema. 2010 Curta Metragem.

O GRANDE TAMBOR. Dir. Gustavo Türk. 2009 Doc.

APÊNDICE A - Entrevista com Vinicius Palmeira – Presidente da Fundação Municipal de Ação Cultural da Cidade de Maceió | 15 de janeiro de 2014

Ernani – Vinicius, uma pequena biografia.

Vinicius – Minha trajetória na cultura começa dentro do mundo privado. Eu sou economista de formação e especializei-me em Planejamento Governamental no Rio de Janeiro. Mas dentro do mercado financeiro eu era superintendente de cartão de crédito quando começamos a utilizar o marketing cultural para abordagem de clientela. Nós trabalhávamos com grandes redes e foi junto das linguagens culturais que nos aproximamos desses clientes para promovermos grandes eventos. Minha primeira execução em área cultural foi essa.

Ernani – Em que ano?

Vinicius – 92 a 94 por aí. O que me obrigou a fazer marketing cultural na Fundação Getúlio Vargas para poder me inteirar mais da produção cultural. Isso no Rio de Janeiro, quando retornei para Maceió em 98 foi quando mergulhei de vez na cultura. Trouxe uma bagagem executiva de captação de recursos que ficou fácil migrar. Por que essa área sempre houve uma carência de executivos e de gente com formação que possa fazer projetos e captar recursos. Então eu trazia essa bagagem do mundo privado e foi mais fácil se adaptar. Agora a formação como plateia eu tinha feito antes. Por que vivi numa cidade extremamente cultural durante a juventude, então tudo que era de espetáculo, de dança, de música, de ópera eu assisti nos 15 anos que vivi lá (Rio de Janeiro) e no exterior também. Eu juntei a minha bagagem de plateia com minha experiência de executivo, e com essa mistura saiu o profissional da cultura com características que talvez me dão facilidades que o mercado demandava esse tipo de profissional. Aqui em Alagoas trabalhei como produtor cultural grande parte do tempo, fui executivo porque me especializei muito na captação de recursos, porque vindo da atividade de executivo e do mundo privado, é natural que atuasse como consultor ou como empreendedor desse nível. Até por que isso me fez ganhar mais dinheiro que o pessoal que só faz produção cultural que tem muito mais sacrifícios em suas trajetórias. Depois no governo, eu

particpei das gestões de Kátia Born, Ronaldo Lessa por um tempo, fui chefe de gabinete, fui secretário adjunto de cultura da cidade de Maceió, superintendente de ação cultural no estado. Durante o período tive uma produtora e consultoria de cultura. Posteriormente fui ao Ministério da Cultura, fui chamado pra um trabalho, pra dirigir o programa Mais Cultura, e naquela ocasião eu era o diretor de programas e projetos do Ministério da Cultura. Acredito que essa trajetória com certeza, me levou até aqui, a presidência da Fundação (FMAC), mesmo por que em qualquer desses cargos meu contato com a comunidade cultural sempre foi muito intenso. Sempre entendi que o trabalho deve ser feito via instituições. E logicamente com as pessoas que estão compondo essas instituições. Hoje pra mim um dos capitais é exatamente é essa aproximação que me dá essa liberdade para trabalhar, e para convoca-los pra trabalhar e discutir as coisas, que é o meu estilo de trabalhar, é chamando o protagonismo daqueles a quem o projeto, ou evento cultural, está destinado vamos dizer assim. Me habituei a trabalhar dessa forma e numa determinada ocasião no estado, trouxe a rede estadual dos Pontos de Cultura, que ampliou muito a minha atuação com as instituições. Me aproximei muito delas e do interior do estado. Então venho pra cá apoiado pela comunidade cultural, indicado pela comunidade cultural dentro do processo político que elegeu o atual prefeito Rui Palmeira. Que foi abordado por essa comunidade reunida, apresentado propostas para cultura em Maceió e entre elas, se eleito fosse, ainda então candidato, consultaria a comunidade quem então escolheriam como presidente da Fundação. E assim tem sido feito. E a partir dai tenho tido toda autonomia de gestão. A equipe foi escolhida por mim, os acertos e erros nesse sentido serão meus. Por que houve toda autonomia pra isso. Houve um ano todo onde o primeiro vetor foi deixar a casa arrumada.

Ernani – Como você encontrou a Fundação no início da sua gestão?

Vinicius – Eu encontrei uma Fundação sem problemas financeiros. Até porque possui um orçamento muito pequeno. R\$ 3.700.000,00 para ser mais preciso. Sem nenhum tipo ferida, de mácula. Sem nenhum tipo de questão. Uma transição extremamente civilizada, a gestora Paula Sarmiento entregou a casa do melhor jeito que podia, com as contas pagas, e ainda com recursos para serem pagos, o “restos

a pagar”. Tive que fazer uma troca muito grande, tive que renovar praticamente todo quadro, por que precisava de uma equipe que pudesse operar a política cultural e inserir Maceió, sobretudo, no Sistema Nacional de Cultural. Entramos com a missão de estruturar, entramos com a missão de fazer, principalmente nos campos dos Marcos Regulatórios da Instituição. Entre eles a inserção definitiva de Maceió no Sistema Nacional de Cultura que estava à margem já há algum tempo. Então no sentido da política cultural, havia um hiato muito grande, um vazio muito grande, talvez porque a gestão não tivesse nem tempo de se ocupar, por N fatores que não caberia aqui essa discussão. Mas o campo estava aberto, uma nova equipe com diretores, e com diretores especializados, por exemplo, tenho hoje um diretor de Política Cultural, uma Diretoria de Projetos, uma Diretoria de Tecnologia da Informação, tenho uma Diretoria de Produção e tenho uma Diretoria que opera no campo. Estruturei a matriz de trabalho e departamentos que vem abaixo dessa estrutura. Convoquei a comunidade cultural pra renovar o conselho de cultura. Importantíssimo, por que é condição *sine qua non* para inserção nos sistemas. O Sistema pede órgão gestor de cultura, que nós já temos que é a fundação, o conselho municipal de cultura renovado e paritário com a presença de 50% da comunidade cultural, sociedade civil organizada, e 50% de governo. Um fundo municipal de cultura, que temos, e um plano municipal de cultura, que começamos a estruturar via ferramenta de conferencias de cultura. Elaboramos um conselho, temos orgulho de termos hoje um conselho muito bem estruturado. Os 18 segmentos da cultura estão ali representados em 9 cadeiras. Depois convocamos para Pré – conferencias municipal de cultura, que houve uma resposta maravilhosa da comunidade cultural que já entendendo seu protagonismo participou com toda efetividade. Foi a mais representativa sob o comando da própria conferencia ser da própria comunidade. Até então as conferências vinham sendo dominadas por profissionais de conferências, que a gente chama, aqueles profissionais que saem pulando de conferencia em conferencia, são representantes de instituições da sociedade civil, mas parte dessas instituições não são da cultura. Não é porque são instituições legitimadas que elas devam participar, alguma nem são da cultura. Dessa vez a comunidade cultural tomou a frente e elegeu todos os seus delegados. Não deu espaço ninguém, pra nenhum aventureiro. Enfim, tomou assento naquilo que é seu. Partimos para uma conferência estadual, partimos para uma conferência

nacional já com nosso plano de cultura elaborado. Que foi inclusive formulado na conferencia municipal de cultura. Agora, ontem, dia 14 de janeiro saiu no diário oficial toda nossa política cultural, definitivamente construída, estruturada no diário oficial daqui do município. Estamos com a casa pronta. Mas em paralelo não deixamos de operar. Também tínhamos isso como claro. Com o conforto de uma Diretoria de Política Cultural a Produção não parou. Com a resposta da comunidade cultural com esse de acordo, com essa chegada da comunidade muito boa, sem demagogia, porque isso aqui não é um trabalho político partidário, é um trabalho suprapartidário, plural e que leva em conta sobretudo a diversidade cultural, então temos um trabalho de muita franqueza de um olhando na cara do outro. Logicamente não precisamos perder a emoção né. No paralelo a coisa andou. Eventos com a cultura popular, com São João, já sob os princípios que a gente tem para fazer as coisas. Com a casa arrumada, se arrumando, mas com os princípios já sendo vivenciados, já sendo praticados, a chamada pública por editais e com a participação da comunidade cooperando com a gente. E uma outra política que começamos a estabelecer foi a descentralização cultural pra atender ao princípio de que cultura é um direito de todos e de que todos tem que ter acesso a cultura e aos bens culturais. Começamos a operar definitivamente com a cidade, a enxergar a cidade na sua plenitude dos seus 50 bairros, que é isso que ela é. Ela é um organismo imenso vivo de 50 bairros com um milhão de pessoas mais ou menos dentro desses 50 bairros. Não olhamos pra uma cidade de orla. A orla existe, é maravilhosa, ela é fantástica, ela tem que ser a melhor pra nós para que seja melhor pra quem vem. Mas é uma cidade muito maior que requer atenção descentralizada. Então operamos assim, o São João foi operado assim. Não sei se irei atropelar suas perguntas. Começamos a aplicar a política de editais. Chamamos as pessoas para que elas pudessem entender o que eram essas políticas. Como responder a ela, como preencher um edital, as pessoas se assustavam. Percebemos a fragilidade das instituições culturais, todas, a maior parte devedoras de débitos, com condições precárias de participação. Uma parte desacreditada. A desconfiança de que aquilo era um jogo de cartas marcadas. Tivemos que provar com nossa prática que aquilo não era um jogo de cartas marcadas, mostrando que uma instituição que tá ok pode participar e ganhar o incentivo. Fizemos uma pequena anistia fiscal, junto aqueles que eram interessados e tinham potencialidades. Conseguimos recorrer ao

município para que dispensasse débitos de instituições sem fins lucrativos e que já estavam sem conseguir se recuperar, enfim, no São João dos 50 bairros que temos, conseguimos que 47 arraiás se estabelecessem. Foi belíssimo por que foi um São João descentralizado com os bairros ao encontro com a tradição e aquelas áreas enormes de São João, a orla, o Jaraguá com 10 dias de festa. Uma coisa fantástica. Olhando também a cidade no seu cotidiano teve forró nos mercados, teve forró no trem, teve forrock, abraçando a juventude que quer vivenciar outras linguagens, então foi um São João exemplar. Tanto foi, sem nenhuma falsa modéstia, tá sendo motivo de estudo, do trabalho do Cadu Ávila, que tá colocando um livro A Reinvenção do São João que não pode ser confundido com a reinvenção da tradição. Na verdade, o que tá se falando na reinvenção é retomar o protagonismo da sociedade na direção da festa. Que é isso que tem que ser feito. Que é uma festa vinda do povo e a gente tem um papel regulador, estimulador, incentivador, mas não pode ser transformador da tradição. Isso se dá no nível do povo. E ai tem sido, antes do São João e depois do São João, o concerto nos bairros. Como a gente deixou concertos em praças públicas avançamos para dentro da cidade. Fizemos nove concertos pela cidade, pelos bairros. Dos nove, seis foram bem sucedidos e três não foram bem sucedidos. A gente sente aí como é importante a mobilização nos bairros. Conciliar as ações com quem mora e com quem lidera as instituições nos bairros. Não vou dizer que é um pedido de permissão, mas é um pedido de parceria que a presença do estado se legitima quando a comunidade pede, tá ótimo, isso é bacana ter isso aqui. Ela pode ser indiferente e ela pode recusar. Não houve recusa, mas houve indiferença em alguns bairros. Que nos chama atenção e pede pra que a gente corrija a mobilização nos bairros. Isso é importante que a gente entenda, porque senão a gente não corrige nunca. Culmina no final do ano, nas festas do final do ano pra nós são mais que a festa de natal e réveillon por que tem o aniversário da cidade. Que é também uma retomada do que fizemos, dos valores nossos, do que nos é próprio. Por que desde o grande evento junino a gente vem apontando para o talento da cidade, e do estado conseqüentemente, por que somos uma capital, somos um delta cultural. Aqui desaguam toda influencia que vem dos municípios. Maceió se construiu culturalmente com a herança cultural dos municípios tradicionais da nossa terra, que não passavam de vinte. E quando a gente fala da identidade maceioense, a gente fala da identidade alagoana

obviamente. E no São João foi essa demonstração cavalgar que teve de talentos alagoanos. Então no dia do aniversário da cidade, dos 198 anos da cidade, tínhamos duas grandes provocações. Primeiro consolidar esse papel que a gente tá tendo de dizer a própria terra que temos e dos talentos que aqui estão. E foi surpreendente, por que? Foi uma festa eminentemente maceioense, alagoana, porque todo mundo que pisou naquele palco para cantar era alagoano. Desde os que vivenciaram e viveram na terra, desde as duas grandes estrelas que vieram de fora, Hermeto Pascoal e Djavan. Então todos alagoanos pela primeira vez fizemos esse tipo de coisa em que propositalmente alagoana. Ufanista não é o caso, mas é necessário botar um espelho na frente das pessoas da cidade, na cabeça de todo pra se enxergar. E o que surpreendeu na gente foi a, não é a receptividade, é a repercussão do show local que emocionaram mais que Hermeto e Djavan, com todo carinho que temos a Hermeto e ao Djavan, tanto é que eles estavam lá por isso, mas quando a gente apresentou os alagoanos, acho que 10 alagoanos foram cantando, apresentamos uma performance com os grupos em cortejo com todos os símbolos da nossa gente, o povo enlouqueceu. Foi apoteótico ali. Foi ai que a gente viu como o alagoano precisa, quer e é isso! Como a gente carece disso. E a gente percebeu isso, quando a gente colocou nosso primeiro produto cultural pra fora que foi o Giro dos Folguedos que aconteceu logo com três dias de gestão. Tinha combinado antes de entrar, lógico, que trabalhamos as ideias antes, com a equipe inclusive a quem solto a ideia e ela é burilada no âmbito da minha equipe. Então quando o maceioense reagiu ao giro dos folguedos, foi o primeiro sinal que o negócio aqui tem acolhimento. Então é a apoteose desse acolhimento foi o aniversário da cidade no dia 05 de dezembro de 2013. A partir daí um natal também descentralizado com 120 apresentações de corais pela cidade. Criando clima de encontro mesmo com a cidade. Tinha lugares que jamais as pessoas iriam. Grotas, pátios das aglomerações urbanas. Eu tinha pedido prioridade para que as pessoas escolhessem os lugares para que os coros fossem para grandes confluências de pessoas. Pontos de ônibus, terminais dos grandes conjuntos, enfim. E assim foi no shopping center, nas secretarias parceiras, foi uma coisa maravilhosa. Ai no final eles se juntaram na praça de multieventos e teve um concerto com trezentas vozes cantando com a orquestra. Réveillon, descentralizado do mesmo jeito em cinco bairros e um grande na praia e com atrações nacionais. Ficou conhecido como réveillon sem incidentes e

da praia limpa. Por que não teve nada, nada. A tese da descentralização no réveillon toma forma definitiva, por que as instituições que olhavam ainda desconfiadas passaram a entender que temos uma cidade de um milhão de habitantes e que não é possível mais concentrá-la. E que também não temos também mobilidade pra deslocar as pessoas dos grandes conjuntos e trazer pra orla por exemplo, ou trazer pra Jaraguá. Isso são as questões estruturais, de infraestrutura, de polícia etc. Mas a gente tem questões de princípios. Cultura é direito e todos e os bens culturais devem chegar a todos. Então tentamos trabalhar o conceito de polos, o réveillon no Jacintinho, atinge o Reginaldo, Feitosa, Serraria, Barro Duro, então que esses bairros se juntem. E o jacintinho que é o maior aglomerado urbano dessa cidade, por que é impressionante aquilo. É um bairro de uma efervescência impressionante e o que você fizer no jacintinho bomba. Pode ficar a vontade, com o jacintinho não tem com o que se preocupar. O que você botar vai ter um monte de gente participando. Ele respira o sumo da urbanidade de Maceió. É um enclave no meio de Maceió. Isso faz com que o bairro tenha um contato com a classe média e com a elite o tempo inteiro. E volta com todas aquelas informações e tudo isso. Além do mais, é um lugar que tem acesso a tudo, tem televisão, tem praia, tem tudo no jacintinho. O jacintinho no réveillon bombava, uma coisa impressionante a quantidade de gente vinda de todo canto. Eu pedi para o motorista circular o bairro antes de chegar na praça de eventos e via a procissão de pessoas saindo das ruas, das vielas, afluindo para o lugar de eventos. Coisa maravilhosa. Eles disseram que deu 15 mil pessoas, eu disse que eles não sabiam contar por que uma praça desse tamanho lotada no mirante do jacintinho. Eu estou contando do jacintinho com entusiasmo, mas esse entusiasmo pode ser visto no Clima Bom, no Benedito Bentes, onde foi uma parcela do estado, e a gente teve a Ponta Verde, Ipioca que é um lugar emblemático. Eu tenho uma preocupação com as extremidades da cidade, eu acho as extremidades da cidade emblemáticas. Fernão Velho, Ipioca e o Pontal. São bairros limítrofes de municípios. E todos eles têm histórias fantásticas, tem coisa importante. O Pontal tem mais de duzentos anos de existência, anterior a cidade. Ipioca é o lugar de onde veio Floriano Peixoto, e tem uma história importantíssima e tradicional. Fernão Velho é quase uma cidade aparte, é um cenário inacreditável de beleza lagunar. Então todos merecem nossa atenção e o nosso deslocamento. Talvez eu tenha passado por uma coisa que eu não tenha dito. Estou a cada dia mais convencido, não se

trata da minha trajetória, não é uma coisa da comunidade cultural, se o prefeito não entra com isso é impossível de acontecer. Eu falo isso sem nenhum problema por que eu não tenho motivo nenhum para puxar o saco de Rui Palmeira. Eu tenho motivo para dar crédito a ele. Nunca um prefeito fez isso. Nunca com essa liberdade que a gente tá tendo. Não sou do PSDB, não sou ligado a ele politicamente. Não estou aqui por temos o mesmo sobrenome. Sou familiar, somos primos. Mas não é isso que me traz. Eu nunca vi tanta sensibilidade e tanta participação. Determinadas ações faço questão de dar crédito a quem tem. Por exemplo as pinturas do acesso ao Jaraguá e a Pajuçara. Aquilo é uma demanda cotidiana dele. Dizendo tem que trazer os artistas que eu dou as condições. Levei seis meses para acionar Marta Arruda, que ela é a responsável pelo trabalho. Eu estaria ocupado em outras coisas não fosse ele me cobrando, entendeu? Vibra com monobloco, prefeito jovem traz essas possibilidades e teve uma boa educação formal que é bom pra gestão da cidade. Não basta apenas ser um líder popular, você precisa ter um mínimo de formação, de estrutura pra tocar a gestão. E o maior apoio, não se iluda, é de grana sim. Nosso orçamento saiu de menos de R\$ 4.000.0000.00 para quase R\$ 9.000.000,00 esse ano. Por que o Maceió Verão que tá acontecendo agora, que são 7 semanas de shows. Já está praticamente pago, que estamos tirando dos “restos a pagar” do orçamento do ano anterior. Então tivemos quase que triplicado o nosso orçamento esse ano. E já com a possibilidade de repetição disso para o final da gestão 2015-2016. Pelo plano plurianual já deveremos estar com o 1% da receita do município voltado para cultura. Que é uma das bandeiras que está na nossa proposta de gestão. E que tá assinado para nossa participação no Sistema Nacional de Cultura.

Ernani – Como a Fundação tem se relacionado com a secretaria de Turismo em ações e com o mercado turístico da cidade?

Vinicius – Nós temos um entendimento quanto ao Turismo em nossa cidade da seguinte forma. Nós trabalhamos a política cultural que prepara a cidade. E que a política de turismo segue e aproveita o benefício decorrente dessa estruturação. Certa vez me perguntaram se faço turismo cultural. Eu disse não. Faço cultura. E o turismo e suas políticas absorvem o benefício cultural para fazer uso. Por exemplo,

eu não faço o Maceió Verão 2014 para o turista. Faço para a cidade. Para as pessoas daqui, da minha cidade, do meu estado. E, conseqüentemente, queremos que todos os turistas que estejam aqui vá participar. Não fazemos uma política cultural dirigida ao turismo. Entendemos que o turismo se beneficia com a política cultural. E queremos é mais que se beneficie e se ações em conjunto favorecem isso, fazemos sim. A gente tem uma relação dentro da própria equipe com o turismo do município, com a secretária Cláudia Pessoa, e temos também com o estado, com Daniele Novis, por exemplo fomos parceiros agora no réveillon, foi o turismo do estado que colocou os fogos. Ainda tem uma pauta a crescer com o turismo, grande. A nossa ação quando demonstrada ao turismo, apresentada ao turismo ela recebe um grande aplauso. Ela vai trabalhar a política de turismo utilizando esses elementos. Tem o Maceió Verão aqui e os hotéis podem vender, que venham a Maceió que virão um show gratuito de Arnaldo Antunes ou de Lenine ou de Fernanda Abreu, Cidade Negra como na semana passada, Biquini Cavado, Ivan Lins, enfim. O Monobloco, predileto do prefeito, e isso com certeza fomenta o turismo. O turista que tá aqui sente o clima cultural da cidade, ele volta. E logicamente marca ele afetivamente. Nós temos, por exemplo, folguedos na orla, o Giro dos Folguedos. O turista vai em cima na hora. A gente propositalmente coloca em acesso fácil a ele, para que ele veja nossa riqueza cultural. E fazemos no pôr do sol, logicamente, por que é quando a gente tá mais bonito ainda pra se apresentar. E eles percebem isso e clica o tempo todo. Então quer dizer, essa é a relação que eu acho importante. Que a gente tenha em mente que as coisas que a gente faz para nossa cidade agrada ao turista. Não me peça, por exemplo, para colocar um grupo de folguedo tradicional no cais do porto para receber turista, que eu acho que não é o papel da nossa cultura popular não é esse. Eu acho que atores e dançarinos, pessoas que tenham uma prática cênica, vá fazer a cena da recepção. Não concordo que uma Banda de Pífano de Marechal Deodoro faça isso. Por que? Porque ela tem que ser vista lá em Marechal Deodoro, ou em um evento da cultura popular em Maceió, ou dentro do contexto onde ela se coloca bem. Onde ela está contextualizada definitivamente. Quando você pega um Guerreiro tradicional e bota pra fazer recepção, ele não sabe fazer isso. Ele sabe cantar o Guerreiro, e suas peças todas que estão encadeadas. Ele não sabe dar sorrisos para recepção, não é por ai. Mas acho que os turistas devam ser bem recepcionados, tanto é que deva ter

um grupo pra isso. Pra fazer isso nós temos também essa possibilidade. Então a relação com o Turismo pode se estreitar muito mais na medida em que a gente cresce a programação cultural da cidade. Temos um binômio de Sol e Mar que ai se junta a programação cultural. Então eu entendo que na medida em que a gente amadurece a programação cultural, a gente disponibiliza isso ao turismo. E isso é muito bem-vindo.

Ernani – Quanto ao Carnaval. Por que é importante rearticular o Carnaval na cidade de Maceió?

Vinicius – Bom, pelo princípio do direito a todos. Eu considero um equívoco dizer que Maceió é uma cidade para descansar durante o período do Carnaval se essa máxima restringe a cidade ao silencio. É uma cidade que tem um milhão de habitantes, dos quais oitocentos mil ganham até dois salários mínimos, essas pessoas não estarão descansando nos dias de Carnaval. Por que elas querem o Carnaval como qualquer brasileiro tem esse direito a maior festa do país, a nossa maior tradição cultural. Então durante um período quase que foi negado a nossa população o direito a maior festa do país. Era preciso que a população dissesse eu não quero, e não é isso que a gente assiste. Como nós estamos no centro de dois polos, de dois grandes carnavais. São três grandes carnavais no país. Rio de Janeiro, Salvador e Recife. E nós estamos no meio de dois. Salvador e Recife. Se faz Carnaval em São Paulo, se faz Carnaval no Sul, se faz em Fortaleza, mas todo mundo sabe que os três polos são esses. Nós estamos exatamente entre os dois maiores. A nossa classe média, depois do esvaziamento das ruas, pra mim o Carnaval tem a história de sua dispersão. Que tá ligado a dispersão do centro urbano de Maceió. Eu não sou dono de verdade nenhuma, eu estou colocando isso como observador e como antigo morador do centro de Maceió, nasci na ladeira do Brito e criança fui aos carnavais. Dizer que Maceió não tem tradição de Carnaval de rua é um equívoco. Por que teve. Sou testemunha ocular, passei até os doze anos de idade na rua do comércio e vendo passar as grandes figuras do Carnaval como Rás Gonguila, Cavaleiro dos Montes, Nêga Juju, Troças, tudo isso. Depois passou a ter Carnaval de clubes. Quando a cidade se urbanizou para o lado da praia, e o esvaziamento do centro, a gente perdeu muito essa tradição. Os clubes foram

reforçados na época. Tanto é que na minha juventude, 18 para 19 anos, o Carnaval de Maceió já não era mais de rua, era de clube. Elitizou e o povo se afastou. Era o Fênix, o Iate, Alagoinhas, Portuguesa, e no Jaraguá Tênis Club, onde a elite se dividia. Desse período pra cá, a classe média com a consolidação do Carnaval da Bahia e o Carnaval de Pernambuco, final dos anos 80, classe média, que não passa de duzentas mil pessoas, migraram para esses dois lugares, inclusive dividindo gosto. Uma parte para o Axé Music e a outra para o Frevo pernambucano. Eu pessoalmente prefiro minha raiz cultural, do que, com todo respeito que eu tenho a Bahia, mas eu prefiro a minha raiz cultural. E o povo ficou ao léu. Nos anos 90 a gente vem com uma Pré-Carnavalesca, importante citar o nome do Ticianeli, um nome importante nisso, congregou os blocos e começou o Jaraguá Folia. Essa prévia se consolidou. Acho ótimo, nós não tínhamos uma prévia desse tipo. Tínhamos um Carnaval fora de época que foi o Maceió-Fest, totalmente calcado na cultura do Axé Music. Ouvi dizer que havia movimentos privados sobre o retorno da festa. E que não será na orla de maneira alguma. Mas enfim temos uma prévia consolidada e referendamos ela. Quando chegamos na gestão do ano passado ajudamos a fazer a prévia e por motivos financeiros o prefeito não quis apoiar o Carnaval. Esse ano voltamos com o pensamento do Carnaval, soltamos na nossa maneira de gestar a cultura, um edital para os blocos, dos que saem nas ruas, dos que saem nas comunidades, dos grandes e dos pequenos blocos, tentando contemplar todos, dando – os legitimidade. Vai aquecer com certeza o Carnaval da gente. E agora discutimos com as instituições nos bairros, fizemos uma leitura na cidade de como esse Carnaval descentralizado poderia acontecer, trabalhando o conceito de polos. E obviamente respeitando os tradicionais. O que nos chama mais atenção é a praça moleque namorador. Tendo apoio ou não, governo se metendo ou não, ali vai acontecer um Carnaval de cinco dias. É um lugar de resistência. Estão distantes da orla e fazem o Carnaval como gosta. Lá tem uma preferência pelo frevo pernambucano que nos atinge diretamente e vem ali também uma ancestralidade né. Aquele moleque namorador era uma peste. Aquilo era uma figura. Tocava frevo, dançava, aquele negão pintava miséria. Cheio de malemolência, cheio de ginga. A cara da gente, a cara dos bairros da gente, da Ponta Grossa, do Vergel, do Prado. A gente tem um borogodó que é só nosso. Isso é patrimônio Imaterial. Impossível explicar, escrever sobre isso. Só vendo, pra poder sentir o que é isso. E aquela

praça tem isso, ela tem isso, tem essa cara, essa malemolência essa coisa própria. E o que a gente puder fazer por ela, neste Carnaval faremos. A gente tá se propondo a colocar estruturas naquilo que decidimos chamar de polos, palco, som, luz, programação. Outra coisa que a gente nota e que me agrada muito é que cada um tem o seu jeito. Os bairros não querem fazer tudo igual. A gente tentou, imbecilmente, formar um padrão. Eu, quero dizer, a minha equipe já foi falando que não iria funcionar. Na minha cabeça, pra ser uniforme, pra ser mais rápido, mais sucinto, e também pra que a operação se dê com mais agilidade, pra mim era programação, palco, som e luz, numa praça do bairro, as pessoas vão estar ali, vão dançar e tudo bem. A equipe disse não, isso funciona na (praça) moleque namorador. Mas no Benedito Bentes, a gente quer que descentralize no bairro. Um desses centros acha que o Carnaval deve ser a tarde, o outro quer que seja com blocos itinerantes. Temos que estar atentos a isso e a obedecer a isso. Outros querem focar o próprio bloco no bairro. O outro diz “aqui não há espaço para quatro dias, nós queremos dois dias apenas” Então vamos tentar atender a isso. Eu estou muito preocupado por que não temos patrocinadores ainda. O Carnaval tem uma dificuldade com os orçamentos que não foram abertos ainda. E também tem a questão do limite financeiro. Ainda que estivesse tudo isso OK, temos uma prioridade grande esse ano que é a lei municipal de incentivo a cultura que vai colocar na rua R\$ 1.400.000,00 para a comunidade cultural. Então o prefeito fica meio apavorado com os custos. Mas o nosso povo é muito criativo, não precisa de tanta grana. A gente põe grana pra um palco, som, e a festa rola. Lógico a gente quer dar qualidade, quer que esse Carnaval tenha uma pegada mais do samba e do frevo. Nosso Carnaval de salão sempre alternou frevo com o samba. Mas algumas comunidades querem uma aproximação com a música baiana. Eu não gosto de imposições, sugerimos que as programações musicais venham dos bairros. Se tem uma banda, um grupo, um samba, traga que iremos colocar no bairro. Se vier um axé music, acho que a gente não pode simplesmente vetar, entendeu? Fica antipático, antidemocrático, não podemos trabalhar com as pessoas assim. Torço pelo fervor do frevo e a sonoridade do samba seja mais convincente. Acho que temos que botar pra fora aquilo que nos diz respeito por dentro. Se não quero dançar um frevo, não tenho que forçar essa barra. Estamos fechando o formato, você estava presente na reunião com as instituições aqui, o Carnaval deve se dar

nessa maneira. Temos também um olhar pra coisa privada, os clubes vão ter programação. Teremos 5 bailes, um sexto baile no dia de Carnaval no Jaraguá Tênis Clube. Queremos dar atenção a isso no sentido de dar mídia a isso, divulgar o que está acontecendo. Deveremos ter o baile municipal, só que esse ano vai ser diferente. Não faremos um baile gratuito para entregar convite aos amigos. Vamos fazer um baile beneficente cuja arrecadação será revertida para as instituições que estarão conosco na construção do baile. Se as pessoas podem pagar, será o baile oficial da cidade, tudo bem, será pago pelos seus participantes e terá uma destinação de renda.

Ernani – Querida suas considerações sobre o mercado cultural da cidade de Maceió e as perspectivas de hoje em diante.

Vinicius – O mercado cultural da cidade de Maceió, uma preocupação que eu vejo, antes de falar do mercado, preciso falar da cadeia produtiva da cultura. Por que o mercado num país como o nosso, ele tem as suas regras. Suas exigências e definem seus preços, esse é o chamado mercado. Nós temos influência sobre ele, lógico, mas como ele se dá muito por si só, eu tenho uma preocupação anterior a ele, que é a cadeia produtiva da cultura, que inclui o mercado cultural. Mas a cadeia produtiva da cultura são os fazedores da cultura, produzem cultura, e que precisa de uma organização mais efetiva, sobretudo, no que diz respeito, no meu ponto de vista, precisa estar mais organizado no calendário anual. Pra que a gente elimine os hiatos. Deixa-me explicar melhor. Se tem o réveillon, a gente tem uma série de prestadores de serviços que se mobilizam para criar o réveillon. Desde os que produzem comida, aos artistas que irão se apresentar. As pessoas de produção, operadores de palco, som e luz, enfim, esses elementos formam, o que eu chamo de cadeia produtiva da cultura. São os trabalhadores da cultura. Do artista, ao gestor e as pessoas que estão se mobilizando. Logo em seguida temos o Verão, em seguida a preparação para o Carnaval, depois o festival dos Bois, que é uma coisa muito importante e que mobiliza a comunidade, depois a aproximação do São João. Mas entre uma coisa e outra há hiatos. Então é preciso um incentivo a essa cadeia para que neste hiato ela possa estar trabalhando no evento seguinte. Por exemplo, no São João cerca de vinte bairros produzem cerca de trezentas, quatrocentas

peças, uma quadrilha junina. Uma quadrilha requer figurino, maquiador, organização de ensaios, mobilização, compra de tecidos, bijuterias, enfim, mobiliza em cada comunidade trezentas pessoas. Isso precisa de um ordenamento, de incentivo, para que as pessoas possam produzir melhor aquilo. Precisam de oficinas para capacitar confecção de figurino, artes cênicas, música, precisamos ordenar mais essa cadeia. É uma pretensão que o estudo da cadeia de economia criativa vai subsidiar. Tenho muita esperança em termos de perspectiva que o porto digital que se instalará em Jaraguá, que é um trabalho da secretaria do estado de ciência e tecnologia, venha nos ajudar nesse sentido. Nos ajudar a pensar essa cadeia produtiva e como fomentá-la. E mensurar também. A mensuração pode ser ajudada pela cartografia cultural que está em curso aqui com nosso centro de tecnologia, nosso TI com parceria com o professor Bruno César Cavalcanti, e traz uma mão de obra qualificada da universidade pra fazer parte do trabalho com os estagiários. Muito bom isso. Há dois pontos importantes também de perspectivas para comunidade cultural. Um: Uma anistia fiscal que será dado ainda esse mês, iniciativa da secretaria de finanças do município. Que é uma coisa inédita a finança se colocar dessa forma. Ela vai dar anistia a todas as instituições que fazem cultura no município nos últimos cinco anos. Quem tem débitos nos últimos cinco anos estará perdoado. E para os próximos dois anos isenção da taxa de IPTU e taxa de localização, que tem sido um drama pra instituições sem fins lucrativos pagarem. Então isso é fomento a cultura, isso vai mexer com a cadeia produtiva da cultura. E outra importantíssima é que em abril estaremos lançando o edital das artes para lei de incentivo a cultura, onde todos aqui, nos 50 bairros da cidade de Maceió poderão apresentar seus projetos culturais. A novidade é que não receberão título para captação de recursos no mercado. Receberá o valor na sua conta de projeto o incentivo já dado. E estamos a caminho do bicentenário da cidade de Maceió, isso é importantíssimo, um presente para nossa gestão. 2015 Maceió fará 200 anos. Sabe quando papai do céu tá associado, tá parceiro? A cultura vai estar estruturada no âmbito nacional, ela recebe agora a lei de incentivo à cultura então vai ter um boom de produção cultural imenso, mais de 50 projetos financiados com certeza. E isso vai culminar no festival do bicentenário da cidade. E já lhe digo de primeira mão, não sei qual o uso que você vai dar para esta nossa conversa, mas sei que não irá colocar na imprensa com certeza, vou lhe dizer uma coisa inédita que fechamos ontem,

Maceió vai se irmanar com a cidade de Lucca na Itália em 2015. Por que é a cidade de onde veio Luigi Lucarini dos quais seis monumentos estão na cidade de Maceió, O Palácio Floriano Peixoto, a Intendência, o Teatro Deodoro, a Santa Casa de Misericórdia, Antigo Mercado e o Tribunal de Justiça. Então vai haver uma aproximação entre essas duas cidades, com intento econômico, tendo como intento a cultura. O turismo será beneficiado, temos mil italianos em Alagoas e qualificaremos o fluxo da Itália para cá.

APÊNDICE B - Entrevista com Edberto Ticianeli – *Presidente da Liga dos Blocos do Jaraguá Folia.* |

15 de janeiro de 2014

Ernani – Quem é Edberto Ticianeli?

Ticianeli – Eu profissionalmente sou jornalista, eu iniciei meu curso superior na área de engenharia, não tem nada a ver uma coisa com a outra, mas a minha origem, eu venho de uma família de portugueses que ocuparam o baixo São Francisco, na cidade de Pão de Açúcar, descendência de portugueses e holandeses, minha mãe é descendente de italianos de São Paulo e nós viemos para Maceió em 1960 numa situação muito miserável e me deu condições para conhecer o outro lado dos festejos do Carnaval, que a gente vai falar disso um pouco né. Terminei meu ensino científico em 1974, no período universitário me tornei líder estudantil e dirigente partidário, um dos rearticuladores do PC do B em Alagoas. Em 1982, saindo do DCE me elegi vereador na cidade de Maceió até 1988, nesse meio termo comecei a coordenar algumas campanhas políticas. Depois me tornei dirigente partidário. Em 2004 assumi a secretaria estadual de cultura. Depois em 2007 iniciei um curso de jornalismo. Conclui em 2007 e agora tenho uma pós em marketing político e assessoria de comunicação.

Ernani – Como surgiu o Jaraguá Folia?

Ticianeli – A gente sempre responde uma demanda social. Ninguém inventa nada por inventar. O Jaraguá vivia um período, meados dos anos 90, em que com a tal revitalização do bairro, com aquela reforma arquitetônica, com aquela reforma de prédios, melhoria da rua, etc. Houve também uma reativação de vida noturna, de bares, muito intensa. Isso provocou uma vida cultural também intensa na área. Isso é uma experiência que aconteceu no Recife, no cais de São José também, no Recife antigo. Em Salvador. Uma experiência que se repetia um pouco esse processo de revitalizações de áreas antiga, comerciais ou aduaneiras, próximas ao cais pra se transformar em polos de bares e restaurantes. Todas elas sofrem de continuidade porque falta uma questão que não é levada em consideração, aqui não tinha nem

assessoria a altura para acompanhar isso, e eu cobrava isso, é preciso um núcleo urbano muito próximo para isso sobreviver. Habitação. E no final dos anos 90 então, o Tanagi, dono da casa da Sogra, um dos bares mais frequentados lá. Ele foi o único que comprou o imóvel, todos os outros foram alugados. Todo mundo foi fechando, entrando em decadência e ele tava com uma mão na frente e outra atrás me chamou para uma espécie de consultoria e disse: Olhe, o que é que eu faço da vida aqui que tá se acabando? Faça alguma coisa, crie alguma coisa pra associação dos bares e restaurantes do Jaraguá pra gente tentar levantar isso aqui, tá muito complicado. É um processo que está além do que eu posso atuar, mas eu posso criar ao menos um evento.

Ernani - Enquanto secretário de cultura?

Ticianeli – Eu não era mais secretário, eu sai em 2005, meados de 2005. Ou melhor, eu ainda não era secretário. Estou falando de 98, 99. Em 2001 aconteceu o primeiro evento, na época a gente nem chamava de Jaraguá Folia. Tinha uma brincadeira que a gente tinha, que tinha o Galo da Madrugada, o Pinto da Madrugada e nós éramos o Ovo da Madrugada. Dai pra baixo não tem mais como diminuir. Deu muito certo, tinha o Vado que era o Formiga atômica, o trenzinho que ele tinha a gente segurou lá. Formei blocos, ajudei a formar blocos.

Ernani – Na prévia carnavalesca?

Ticianeli – Na Prévia. Depois eu explico por que a gente escolheu a prévia e não o Carnaval. Numa sexta-feira a noite, a gente abre o Jaraguá folia em 2001, acho que não tinham 5 blocos. O triozinho do formiga atômica a gente segurou até tarde com o povo lá brincando. Deu tão certo que no outro ano a gente chamou de Jaraguá Folia, que era o objetivo inicial, né, que era fixar o nome de Jaraguá associar a um evento de porte. Começamos a associar blocos de sindicatos, clubes, empresas, instituições, secretarias de governo, repartições públicas, Dizia: Cria um bloco e vamos lá brincar o Carnaval. Sempre na prévia, hoje fazemos 14 anos. Na história tem 180 blocos inscritos que já passaram por Jaraguá, hoje recebi a inscrição de um mais novo bloco de funcionários da Gazeta. Desfilam cerca de 70, 80 e mais de 40

mil pessoas pelo Jaraguá. Esse ano com uma novidade, esse ano sairemos da praça Sinimbu. Crescemos tanto que a Sá e Albuquerque ficou pequena. Estão estamos ampliando a área de desfile. O percurso de desfile, saindo da praça sinimbu, vindo pela Avenida da Paz e entrando na Sá e Albuquerque até a Praça Dois Leões. A gente espera que o público que fica aglomerado na Sá e Albuquerque, eles saiam um pouco pra assistir o na avenida. Isso permite que a gente conduza o evento com mais fluidez. Essa é a história do Jaraguá Folia.

Ernani – Por que na prévia carnavalesca?

Ticianeli – Aí a gente já entra sobre uma discussão sobre o que é o Carnaval de Maceió. De vez em quando tem alguns debates e eu topo com alguns saudosistas – Ah como era bom o Carnaval de antigamente. Não, não era bom. Para a maioria da população ele praticamente não existia. Pobre em Maceió mal brincava o Carnaval. Os clubes tinham um bom Carnaval, era excelente o Carnaval dos clubes. Quando eu cheguei em Maceió nos anos 60, eu trabalhava no Carnaval, eu era vendedor ambulante. Então eu vi um outro Carnaval, eu nunca brinquei o Carnaval em clube. Eu não tinha acesso a clube, eu era pobre e nunca brinquei Carnaval de clube. Mas eu me lembro que essa classe média que frequentava os clubes, e um pouco da elite de Maceió, usava a rua pra ir no curso. O curso que tem uma tradição muito antiga, vem do início do século passado, no Rio de Janeiro né. Dizem que foi o carro do Arthur Bernardes, que era o presidente que entrou pela avenida Rio Branco com a filha, os outros ricos viram e também imitaram. Eu acho que não, acho que já haviam carruagens na Europa fazendo curso, no século XVIII, no século XVII, é mais antigo essa história. Bom, Miranda, historiador do Brasil, atribui a ele o início do curso no Brasil. Esse curso então, as pessoas circulavam pelo centro de Maceió, na rua do comércio mais precisamente, os trajetos mudavam um pouco, mas era a rua do comércio, indo e voltando, fazia alça na praça dos martírios, descia e fazia a alça na pra dos palmares ou as vezes, ia na avenida ali das americanas, ia pra praça sinimbu e voltava pela rua da praia, e voltava novamente para a praça dos palmares. Em 64, por exemplo foi esse o trajeto adotado pela prefeitura. Existiam as maratonas, que eram palcos, palanques montados, mal acabados, mal feitos, que eram montados. Um, na esquina Moreira Lima com a rua do comércio, e o outro

ficava na rua do comércio, ali no café central, ali no cruzamento com a senador Mendonça. Tinham também palanques montados na (praça) moleque namorador e em bebedouro. Mas eram orquestras pequenas, pobres, som roufenho, ruim, e o povo ficava ali brincando até uma certa hora e o corsa indo e vindo até umas 21h30, no máximas umas 22h. Os blocos também não demoravam muitos, os blocos populares circulavam nessa área, por que os músicos desses blocos também tocavam nesses clubes, e eles iam embora. Existiam um Carnaval concentrado nos clubes. O Carnaval popular mesmo era isso, muito fraco. Agora existia no SESC, Aliança Familiar, existiam vários clubes, não só os famosos não, existiam inúmeros clubes em Maceió. Agora, uma semana antes existia o banho de mar a fantasia. Que sempre foi o maior evento popular de Alagoas, que era na rua. Alguns anos teve a participação de alguns corsos, que era na praia da Avenida o banho de mar. Teve muitas experiências em torno do banho de Mar a fantasia que é uma experiência brasileira que venho em torno de 1920. Acho que antes até, no Rio de Janeiro no domingo antes do Carnaval. Como Maceió tem um problema, que as pessoas tem que levar em consideração em nosso estudo, é a nossa urbanização tardia. Com a nossa separação de Pernambuco, a nossa capita Maceió demorou a se configurar como tal. Como polo administrativo, comercial, intelectual, cultural. A primeira escola de Maceió apareceu em mil novecentos e poucos aqui. Os cursos superiores em 1940. Quer dizer, isso demorou muito para se configurar como um núcleo urbano completo, complexo, com estrutura cultural etc. Isso fez com que os filhos da elite fossem estudar fora, em Recife, Salvador, Rio, alguns na Europa. Até mil novecentos e oitenta tinha uma propaganda que falava, “Se no Recife tem, na Casa do Colegial também tem” resquícios ainda disso. As compras eram feitas em Recife. Eram 3 ruas no comércio, alguma coisa na rua da alegria. Fora isso não tinha mais nada. Então, esse núcleo político também muito pequeno, muito forte no interior do estado. O interior tinha uma força muito grande, que veio das oligarquias rurais. Então esses problemas fazem com que Maceió, durante o Carnaval, ou ia brincar Carnaval no interior, que era muito bom, eram bons porque eram próximos das famílias, do núcleo de amigos, etc. Ou iam pra Recife, pra Salvador, ou para o Rio de Janeiro etc. São Paulo na época não tinha um bom Carnaval, então. Não se ficava muito aqui. Esvaziou – se o Carnaval de Maceió, tem uma história do esvaziamento dele, não é recente. O esvaziamento do Carnaval de Maceió é muito

anterior. E a prévia era mais forte, sempre foi mais forte. Inclusive com características com a presença das troças. As troças apareciam nas festas do banho de mar a fantasia. No Carnaval eram poucas as troças. Daquele cara vestido de Tarzan, ou mesmo a brincadeira de um grupo. Eu participei na Ponta grossa em 71, 72, 73 de três troças que foram campeãs aqui no banho de mar a fantasia. Que eram brincadeiras de grupo. Essas premiações aqui atraíam né. Acho que um problema sério dos carnavais são essas premiações. Que é outra questão que posteriormente podemos abordar. Por isso escolhemos o Jaraguá folia nas prévias. Mas tem um antecedente, não foi em 2001 que a gente escolheu não. Em 85 quando não existia em Maceió nenhum bloco na rua, nenhuma escola de samba, nenhum clube fazendo Carnaval, com raríssimas exceções, como no late clube, o Carnaval tinha se acabado em Maceió. Uma crise dos clubes, que não tem nada a ver com o axé da Bahia, decorrência de uma mudança de comportamento mesmo. Antes tinha o apartheid do muro, dos clubes, e dos carros no curso. Em 80 então, eu coordeno a eleição do Djalma Falcão, em 85 e a gente ganha essa eleição. Durante a campanha Edécio Lopes e Floraci Cavalcante eram os locutores oficiais do candidato ao governo Guilherme Palmeira, e eles se referiam a gente como os Meninos da Albânia, por que a gente era ligado ao PC do B e o PC do B era ligado a Albânia. Uma espécie de marketing político utilizar esse desdém, uma diminuição do adversário, etc. Ganhamos e resolvemos encarar isso com bom humor e criamos o bloco Meninos da Albânia. Que sai quando? Na prévia, no domingo. Quando não tinha mais nada. Porque durante o Carnaval é deserto. Então a gente já sai no domingo, no banho de mar a fantasia. Os Meninos da Albânia retomam o Carnaval de rua, mas já com outra feição. E é bom começar identificar essa outra característica por que muita gente se confunde. O Carnaval de rua era um Carnaval popular, o Carnaval de clube era Carnaval de classe média e de segmentos da elite, poucos, por que a elite mesmo ia embora. Essa retomada de 85 é a classe média que vai pra rua já. Não é o povo, não é o Carnaval popular. É a classe média. Meninos da Albânia é a classe média. Predominantemente classe média. Claro, pela vinculação com o PC do B tinham muito segmentos populares. Mas era um bloco de classe média. Com discurso de classe média. Não é mais um resgate do Carnaval de Maceió. É um fenômeno novo. E nosso modelo era a Bahia, por que a Bahia foi a primeira experiência de classe média na rua. Você pode discordar do axé, não

gostar do axé, mas a experiência do Carnaval baiano merecer ser melhor estudado. Sem preconceitos. Eu trouxe pra cá Armandinho, Dodô e Osmar várias vezes e eu conversava com Aroldo que é um dos que mais tentavam entender esse processo, irmão do Armandinho, que é músico também da banda. E eu dizia: Aroldo, vocês resolveram um problema sério. Com o trio elétrico, vocês sem querer, fundiram o cordão tradicional do cortejo. A banda, o estandarte e o povo atrás com o nascimento do Carnaval espetáculo com o palco do trio. Então é uma fusão de duas vertentes que entravam em disputa naquele momento. O Carnaval festa foi perdendo espaço para o Carnaval espetáculo. Em alguns locais o Carnaval é espetáculo, não é festa. Hora marcada pra entrar, hora marcada pra sair, não pode beber, os movimentos são pré-determinados, eu nunca vi chamar isso de Carnaval. Pra mim aquilo não é Carnaval. Pra mim Carnaval é a negação da ordem. A síntese do Carnaval pra mim é a negação da ordem. Ali tem ordem demais pra ser Carnaval, e muito interesse econômico em volta. Quando começa em 85 essa retomada, já é na rua. Logo vem o Caveira, Pó de Giz, Mamãe quero Brahmar, eram uns oito blocos, Filhos da pauta, e nasce uma nova geração de blocos de classe média na rua com trios elétricos tocando frevo. Surge o Maceió Fest, os Meninos da Albânia é o único que sobrevive durante um certo tempo, tentando manter o frevo baiano, que tinha sido execrado de Pernambuco, não tinham deixado entrar. Do mesmo jeito que não deixaram Alceu Valença tocar baião com guitarra, nem xote essas coisas. Então, esse processo se dá com essa nova feição. Classe média na rua. Não é resgate de nada, o Jaraguá folia fez essa opção e continua o fenômeno iniciado em Alagoas pelos Meninos da Albânia em 1985. O da classe média na rua brincando o Carnaval. Ou seja, o clube foi pra rua. O Carnaval popular agora que começa a dar seus primeiros passos.

Ernani – Houve uma sofisticação do Jaraguá folia ao longo desses 14 anos?

Ticianeli – A gente se preocupou, com essa visão de privilegiar a festa e não o espetáculo, já que tem muito espetáculo por aí, decidimos em primeiro lugar, não tem ritmo oficial, cada um entra, dança do jeito que quiser, com o ritmo que quiser. O que não pode é amplificar o som, justamente pra evitar uma competição desigual. Pode tocar o que quiser, o ritmo que quiser, sem amplificar. Com isso a gente tem

compromisso com a festa. O evento cresceu como festa, e não como espetáculo. Às vezes me perguntam por que não faço concurso do melhor bloco. Sou contra tá impedido, de jeito nenhum isso pode acontecer em Jaraguá, ninguém será o mais bonito em Jaraguá, ou maior, ou melhor. Isso leva ao espetáculo, leva a competição, a disputa, a briga. O Carnaval do Jaraguá folia é o Carnaval da festa. Mas existia a cobrança do espetáculo, daí colocamos um palco com o artista lá na praça dois leões. Quem quer ver espetáculo, vai lá ver. Tem orquestra também. Tem o Grito do Rock na praça Marcilio Dias. É espetáculo, mas também se brinca. Tem o pessoal dos grupos afros, o Baque e o AfroCaeté por exemplo, eles têm palcos lá. Quem quiser palco tem, mas o que predomina em Jaraguá é a festa. A coisa mais importante pra se entender no Jaraguá Folia é que não estamos resgatando nada, faz parte de um fenômeno novo, da classe média na rua, do clube na rua. Falta o popular ainda. Carnaval popular não está resolvido em Alagoas ainda. Segundo é o Carnaval da festa. Não estamos preocupados com competição, sou contra. Temos dificuldade com patrocínio, pois o capital precisa do espetáculo para ter visibilidade. A festa talvez não seja a melhor forma de você associar uma marca. E difícil conseguir isso. Não é uma área fechada é aberta. Me esforço para atrair os segmentos populares. Alguns já estão chegando, alguns estão vindo da ponta grossa o maior deles a turma da esquina, que é da rua onde eu morei. Ele tem duas mil e quinhentas pessoas. Saem no trio com orquestra tocando frevo, chegam no Jaraguá descem do trio e saem em percurso no chão. Chamamos as marisqueiras do mercado para terem um bloco, mas é secundário, predominantemente são blocos de classe média.

Ernani – Como você percebe a ação da prefeitura em montar uma programação durante os dias de Carnaval?

Ticianeli – Esse é um desafio importante. Eu tentei fazer e fiz um Carnaval em Maceió durante os dias de Carnaval e não foi ninguém. Eu fiz em Jaraguá inclusive.

Ernani – Como foi a experiência?

Ticianeli – Foi muito ruim.

Ernani – Em que ano foi?

Ticianeli – Quando fui secretário de cultura em 2005. A gente fez a prévia e fez o Carnaval. No dia que teve mais gente tinha 500 pessoas no Jaraguá. Por que a gente vai estar remando contra uma tradição de não ter Carnaval. Nunca teve Carnaval em Maceió. Tinha nos clubes. Então é criar uma tradição. Pra criar uma tradição você precisa de investimento e tempo. Esses dois parâmetros serão exigidos. Eu acho, eu o Vinicius Palmeira vem de uma escola, que eu venho também, eu era secretário de cultura e ele era meu chefe de gabinete, praticamente o secretário adjunto, nos trabalhávamos no mesmo nível. Como Vinicius ficou muito na articulação nacional, a gente teve muito contato com o Ministério da Cultura naquele período com Gilberto Gil e depois o Juca Ferreira. A visão adotada por Gilberto Gil e Juca repercutiu por todo Brasil. Essa visão é a visão que a secretaria de cultura adotou na época. Depois o próprio Vinicius foi chamado para o Ministério. E assume então com essa visão. É uma visão importantíssima, porque vê a cultura em toda sociedade, e vê as instituições como papel indutor. Ele não é ausente, ele não é “eu vou patrocinar o que tiver”, ele diz “vou dizer o que é que eu quero” “Eu vou dizer o que vou fortalecer”. Isso contraria a visão neoliberal de que é o mercado que determina. Veja como há uma inversão. Não é o mercado que determina, o estado tem uma visão do que a Cultura e do que é o Carnaval. E ele vai tentar induzir isso. Por exemplo: O Carnaval do frevo, da marcha e do samba. Há uma preocupação com esses ritmos. Há uma preocupação em mobilizar durante o Carnaval para o povo que não viaja. E a coisa mais inteligente é a que tá sendo feito onde o cara mora. Eu até achava que não deveria ter nenhum polo. O Bloco deveria desfilar na comunidade onde ele atua, onde ele se vincula com sua comunidade. Mas eu acho que tá sendo um avanço tremendo o que está sendo feito. É a experiência que vai cobrar essa continuidade e mais investimentos. Me parece que Vinicius conseguiu mais investimentos com o prefeito, acho que é uma das áreas da prefeitura que mais tem tido respostas positivas da sociedade. Exatamente por isso, ele não tem se negado a fazer o Carnaval das prévias, tem ajudado tanto a Pajuçara como o Jaraguá folia. Mas ele tá preocupado com o Carnaval. Maceió já não é mais uma cidade que tenha um polo central como a moleque namorador. Maceió cresceu muito. Não é a mesma Maceió da década de 50 ou 60. Hoje Maceió tem uma

verdadeira cidade que se chama Benedito Bentes que merece ter um Carnaval lá, tem um jacintinho que merece ter uma Carnaval. Então é preciso investir nessa forma descentralizada, por enquanto em Polos. Se funcionar é um avanço, mas acho que alguns fenômenos que estão estourando em todo Brasil espontaneamente é a população se organizando pra fazer o seu Carnaval. Do jeito que sabe fazer com seu ritmo. Eu tenho encontrado muita gente com o ritmo “swingueira” né? Arrocha, forró eletrônico, não sei o quê, bota num carrinho de som, no carro e o povo sai atrás brincando. É Carnaval, é festa. Posso não gostar, odeio aquele ritmo lá, mas devo reconhecer que tá se encontrando a sua forma de fazer Carnaval. Hoje o maior problema que a sociedade encontrou nessa retomada de fazer o seu Carnaval é a questão da violência. Um problema é o tamanho da disponibilidade da polícia militar. Ou seja, o tamanho do Carnaval é o tamanho da segurança pública, que é reduzida, que não recebeu investimento, e que uma cidade como a nossa que vive com a violência explodindo em tudo quanto é lugar a festa fica comprometida. Se uma pessoa morrer no meio da brincadeira, se o ministério público não autorizar você de fazer a festa, você quem assume a responsabilidade. Esse é um dos problemas que será enfrentado por essa nova gestão. Mas avalio muito positivamente o que tá sendo feito lá.

Ernani – Maceió é uma cidade de descanso no Carnaval?

Ticianeli – Toda cidade pode ter Carnaval e descanso. A gente tem uma visão que só tem Carnaval quando é Carnaval de polos. Em Salvador tem dois percursos de Carnaval, acha que o Carnaval é aquilo. Se não tiver aquilo não tem Carnaval em Salvador é um erro. O Rio de Janeiro só tem Carnaval por que tem um sambódromo, não! Vá nos bairros, cheio de blocos brincando e pode ser dormitório. Pode ter Carnaval nos bairros e os turistas dormindo em seus hotéis. Não há conflito nenhum. É preciso que o trade turístico entenda que não há conflito. Desde o Maceió Fest tem se travado uma queda de braço. A orla de Maceió se tornou um lugar reservado para o turismo. E inadmissível um evento ali que atrapalhe a chegada de um ônibus a um hotel que vai ter uma reação imensa. O trade não tá preocupado com isso. O trade ganha sem precisar do evento. Maceió é um destino turístico não de evento, é de descanso, de lua de mel, terceira idade esse tipo de perfil. A cidade não pode

viver subjugada pelas decisões do seu trade turístico. Mais importante que isso, claro que eles possuem uma importância pra economia, eu acho que a importância pra cidade de Maceió tem que ser maior que isso. E é possível conviver. Não tem problema nenhum em ter Carnaval durante o Carnaval. Principalmente o Carnaval popular, o Carnaval espetáculo é caríssimo. A prefeitura não vai suportar isso. Então vai ser preciso fazer um Carnaval cada vez mais popular. Mesmo por que é mais barato e dá pra fazer. Não precisamos ter o Carnaval polo, com palco, som, televisão. O Carnaval festa podemos ter mil blocos desfilando e ninguém saber. Você tá no Hotel, na Ponta Verde descansando não vai saber dos que estão blocos que estão desfilando cada um no seu canto. O boi de Carnaval entrou na competição e misturou tudo, não os vê mais nas ruas. Misturou com samba enredo, com roupa das quadrilhas e não sei o que.

Ernani – Como você percebe as relações entre turismo e Carnaval em Maceió?

Ticianeli – O turista é um cidadão médio brasileiro. O que faz ele ser atraído pra um determinado tipo de evento. Ele gosta daquilo. Ninguém vai descobrir nada a tôa. Ele pode ser influenciado por uma máquina de espetáculo. Os poucos que brincam só festa vão pra Olinda, ou pra aqueles blocos em seus bairros. Temos que prestar atenção nessa disputa, se queremos vender um Carnaval festa em Maceió, nós temos que ganhar o público do Carnaval festa. Se você quiser ganhar o turista do Carnaval espetáculo tem que gastar uma fortuna pra trazer atrações. Acho que a opção tá sendo feita e acertada. O povo paga imposto e tem direito a retribuição no seu Carnaval. Isso está sendo feito sem se preocupar muito em atender a turismo. Se futuramente a gente quiser trabalhar um turista para esse tipo de Carnaval é possível trabalhar. Mas ele precisa se consolidar. Eu me lembro que, nós tínhamos uns 5 a 6 anos de evento, eu cheguei a pagar um vídeo de 7 minutos sobre o Jaraguá folia, depois eu passei para Claudia Pessoa isso, ela adotou, se vai passar o Carnaval em Recife, Olinda ou Salvador a porta de entrada é Maceió. Começa por aqui, na prévia. Então a gente fortaleceria a prévia, as pessoas viriam para a prévia, esticariam da prévia um pouco dentro da semana, terça, quarta, quinta, os Meninos da Albânia chegaram a fazer a sexta feira a noite de Carnaval nos anos 80, e depois as pessoas iriam pra Salvador, Olinda ou Recife. Mas é preciso criar essa atração.

Não precisamos fazer uma nova Olinda, um novo Salvador ou um novo Recife aqui. Temos que fazer o nosso Carnaval com a nossa cara, com a nossa riqueza. Não um inventado pra atrair, temos que fazer o que é nosso. E se ele for algo que tenha a ver com nossa cultura, que tenha nossa consistência cultural ele vai atrair. Ele vai criar essa identidade. Mas como disse antes, é processo. Acho que o caminho está estabelecido, tá positivo.

APÊNDICE C - Entrevista na Rádio Educativa de Alagoas – Vinicius Palmeira e Cláudia Pessoa – Educativa em Revista – 107.7 FM / 21 de fevereiro de 2014

Elias Ferreira – Secretária Cláudia Pessoa, eu estive ontem, anteontem, apresentando o programa Educativa em Revista em um dos hotéis que não conta só a história da urbanização de nossa cidade, não só da Ponta Verde, mas conta a história do próprio turismo alagoano e maceioense. Eu estive no hotel Ponta Verde para grata satisfação, 90% de ocupação, 100% de ocupação no Carnaval, já está definido. Isso é a tônica dos hotéis e pousadas que estão não só na cidade de Maceió, mas sobretudo nos balneários e onde nos temos unidades hoteleiras que já estão estabelecidas. O que é que está acontecendo com Maceió e a importância do Vinicius Palmeira nessa discussão?

Secretária Cláudia Pessoa – Seguramente, bom dia Elias, bom dia a todos que estão nos ouvindo. Sem sombra de dúvidas é uma conjugação de fatores e de ações e de muito trabalho focado em um desses indicativos, indicadores, como você falou que é a ocupação hoteleira, ela é um dos números que a realização, ou a eficácia ou não de um trabalho bem feito. Um trabalho feito em parceria, parceria com o estado com outros municípios, sobretudo com a iniciativa privada e fazendo, como você mesmo disse, desculpa, mas o nosso *teasing* são motivos. Então são vários os motivos para vir para Maceió. E prementemente, de grande importância, a cultura, acima de tudo, porque as pessoas não viajam para usufruir de beleza natural, de bem estar. Elas viajam para buscar o conhecimento e para buscar o que existe naquele lugar. O que existe na gastronomia, na música, na moda, e esses são alguns dos motivos para vir para Maceió.

Elias Ferreira – Pois é, conosco aqui o secretário municipal de cultura, presidente da Fundação Municipal de Ação Cultural da Cidade de Maceió, Vinicius Palmeira. Vinicius, Carnaval no Carnaval, as prévias começando hoje né, Edberto Ticianeli começando hoje com as prévias. Olha, muita coisa acontecendo no cenário cultural e que termina favorecendo outros setores. Quando a gente fala sobre cultura, quando a gente fala sobre Turismo, a gente tem que imaginar que mexe com tudo. Absolutamente mexe com todo o resto da economia. Bom dia Vinicius.

Vinicius Palmeira – Bom dia Elias, bom dia aos ouvintes da nossa rádio educativa. É isso aí, mexemos com tudo. Você estava falando do nosso Jaraguá folia, que é uma prévia importante, consolidada já, fazendo 14 anos. E que pra você ter ideia, tem tanto bloco, tem bloco de A a Z. Eu estou com a lista de blocos na minha frente, começando com “A gente rala, mas passa bem” indo até o “Zona Postal” que é o bloco do pessoal dos correios, passando por quase todas as letras do alfabeto. E tivemos o edital agora, vitorioso, fomentando o Carnaval de Maceió desde as prévias, parte dos blocos que estão hoje no Jaraguá Folia, estão recebendo benefício oriundo do edital e amanhã também, O Pinto, Rolinhas, enfim os demais blocos que desfilam nessas prévias de Carnaval da gente. O que a gente tá mexendo é com, agora nesse momento, com a cadeia produtiva do Carnaval, que envolve muita gente, que envolve o trabalho de costureiras, o trabalho de adrecistas, de cenógrafos, de iluminadores, de gente que rala na produção, pra que essa festa seja grandiosa, bonita, então imagine que nesse momento Elias, que neste momento muitos barracões estão em plena atividade e aquecidos por uma atividade que nós estamos apostando. E estamos apostando porque 800 mil pessoas ficam em Maceió e quer Carnaval. Por isso apostamos nas prévias, que é um produto bem consolidado. O Jaraguá hoje vai estar lindíssimo, mais iluminado inclusive. A Associação Comercial recebe uma iluminação nova do nosso Ib Breda.

Claudia Pessoa – Passei por lá ontem à noite. Fiz questão inclusive de circular nas ruas e mostrando a quem eu estava dando carona, voltando de uma reunião do Lions Club, toda essa preparação e logística, que não somente Vinicius visualiza como um todo, mas toda essa transversalidade que a administração do prefeito Rui Palmeira tem.

Vinicius Palmeira – Isso ajuda bastante no conforto de quem vai. Na segurança de quem tá na rua. E para que as pessoas percam cada vez mais o medo de ir pra rua, por que estamos juntos e com a infraestrutura trabalhando para que isso aconteça da melhor maneira possível. O percurso aumenta, o Ticianeli acho que esteve aqui essa semana explicando isso.

Elias Ferreira – Como é esse novo percurso?

Vinicius Palmeira – Ele vai agora...a concentração é na praça Sinimbu. Ele vai da confluência da Fênix até o final, atravessando a Sá e Albuquerque, indo à praça Dois Leões onde tem shows. Além de ter uns cantinhos importantes do Jaraguá Folia, como ali na praça Marcílio Dias, em frente a fundação, tem um movimento importante. Não sei qual dos Maracatus fica ali, dali bem próximo tem um largo que fica por detrás do mercado de Jaraguá, tem uma concentração bacana lá com o artista Aquiles Scobar, que cria uma movimentação com o palco. Quer dizer, há um movimento nas ruas da praça Rayol. É bonito demais o Jaraguá folia, realmente é uma coisa que veio pra ficar e não sair mais nunca. E a beleza de cada vez mais os blocos se aprimorando, caprichando nas fantasias, cada dia é uma presença mais constante nos bailes e nos festejos na rua. O que, logicamente, incrementa o comercio de adereços, de fantasias. Você sabe que a gente teve um aumento muito grande de todos os elementos dos itens que compõe a festa. Desde adereço para fantasia a material para se fazer festa mesmo, em particulares, ou em pequenas atividades privadas. O mercado em geral se aqueceu. O Verão serviu muito para isso. A programação cultural aumentou e isso a gente acredita muito, quando você começa a estimular uma determinada atividade econômica ela tende a aumentar e a agregar valor. É o que a Claudia tá dizendo aqui, dessa parceria que vai acontecendo entre as ações de cultura, que dá programação ao turismo. É importantíssimo.

Elias Ferreira – Pois é, Claudia, os números do aeroporto são muito positivos, os números do porto são positivos também. Os números dos hotéis dão reflexo disso e acabam qualquer dúvida do que a gente tem, porque tem muita gente que vem pela rodovia. Esses números dão a ideia que a gente deve ter muito gringo, muita coisa externa no nosso mingau. Manter isso é uma responsabilidade muito grande, mas isso parece ser possível por que o trade tem funcionado. O trade tem dado a sua contribuição, a iniciativa privada tem confiado nas instituições públicas.

Claudia Pessoa - É um trabalho, como eu disse, integrado. Se cada um de nós atirássemos para um lado, nós não estaríamos desperdiçando só recursos, mas

também energia. Então nós temos um trabalho focado, nós nos reunimos com frequência pra trabalhar não somente as estratégias, mas também o planejamento de nossas ações. A gente tá sempre atento, inclusive a variáveis externas que vem também mexer com esse nosso trabalho. Mas é fundamental essa sinergia que existe entre nós. Dani falou a pouco sobre o Alagoas nas Velas. Está belíssimo e isso vem a incrementar a nossa beleza estética natural. E isso tem chamado atenção, eu ressalto que os trabalhos que temos cotidianos, mas regulares a cada dois meses, de reunião do conselho de gestão das piscinas naturais, do passeio das piscinas naturais, eles também, é feito com muita responsabilidade, são nove entidades envolvidas, da esfera municipal, estadual, capitania dos portos, então isso ai vai fazendo essa conjugação de valores para que tenhamos, como você diz, os números positivos.

Elias Ferreira – A frente desta pasta já há algum tempo, o perfil do nosso turista ele tem se modificado no tempo, ou ainda é o turista, o mesmo perfil, ele se mantém, que turista é esse que a gente tem hoje?

Claudia Pessoa – Temos um fluxo turístico aumentado, graças a possibilidade e capacidade de compra que o brasileiro como um todo veio a ter. Existem campanhas e trabalhos do ministério do turismo para fomentar o turismo interno e não a evasão desse turista para outros países. Claro que a gente observa que aqueles que tem mais capacidade financeira, muitas vezes opta por destinos fora do Brasil. Mas algumas ações vem agindo, algumas vezes incisivamente nos órgãos que bastantemente pesão né, ou seja, seja na tributação dos cartões no exterior, seja nas ações de promoção de turismo aqui interno, é que tem uma tendência da gente trazer pra o Brasil, para o fluxo do Brasil, esse público de melhor capacidade financeira. Mas eu diria o seguinte, perfil não apenas na questão econômica, mas na questão do tipo do turista a gente tem sempre buscado a família, o jovem, a melhor idade, a gente tem sempre buscado o público qualificado, quer dizer, não significa que tenha muito dinheiro, mas é um público qualificado, que foi o que nós vimos nas edições do Maceió Verão.

Elias Ferreira – A presença dele aqui parece ser maior que todas as outras temporadas.

Claudia Pessoa – Isso, é maior, um pouco maior, como a gente é criterioso. Era em torno de 3,8 noites na cidade de Maceió. Hoje aumentou um pouco, tá perto de 5, como média, como número estatístico, mas a meta nossa, a expectativa nossa é que trabalhemos para que isso não somente venha a crescer, mas também, o que não é nenhum demérito para Maceió, mas que vá também para outros municípios do estado. Pois então aí que a questão do trabalho e sinergia com a secretaria de estado.

Elias Ferreira – A gente tem acomodação pra esse pessoal todo a quem o Vinicius tem chamado para Alagoas, pra Maceió?

Claudia Pessoa – Pois é, a gente vai dando um jeito, não vamos dando jeitinho, por que o turismo tem que ter o viés sobretudo profissional. Mas a gente vai buscando as alternativas dos meios de hospedagens da grande Maceió e vai se estendendo um pouquinho mais, a via duplicada vai facilitando. Mas eu reafirmo essa questão do perfil que nós vimos últimas edições do Maceió Verão, famílias, nós víamos crianças nos colos dos seus pais, aqui no cangote como a gente diz, no pescoço dos pais, das mães. Muitos a gente via que a pele era bem clarinha, os olhos muito claro, via que era muito gente de fora mesmo, até do exterior, aí a gente fica muito feliz por que a visão clara que é a realização de um trabalho esteado na responsabilidade, na parceira também com a comunidade, que precisou, como Vinicius bem disse ontem, precisou ajustar a dispersão, a questão da própria, inclusive, como é que eu vou falar, aqueles sons altos né, que entravam depois do horário do término do evento, lastimosos né, isso foi diminuindo aos poucos, isso foi graças claro, eu vi cada edição os locutores falando, enfatizando isso, eu teria muita vergonha, muita vergonha de me expor e colocar um sonzão alto fora do horário né .

Elias Ferreira – Eu estou na linha com duas pessoas muito importantes para Alagoas, para Maceió, para cultura e para o Carnaval. O primeiro deles Sérgio Onofre já está na linha. Já está conosco.

Sérgio Onofre – Bom dia a todos, eu quero parabenizar ao Vinicius por essa mudança de paradigma, nós estamos vivendo efetivamente uma mudança de paradigma, aproveitando que temos o turismo e a cultura na mesma mesa, muito se apregooou que Maceió era a cidade do descanso no período do Carnaval. Quem gostava de folia tinha que sair de Alagoas para receber aqueles que queriam descanso. Então a prefeitura hoje, através da fundação municipal, nessa nova gestão tá de fato de parabéns, com o foco completamente distinto, gostaria que os dois convidados comentassem sobre isso.

Elias Ferreira – Muito bem Sérgio, um bom dia pra você, um bom final de semana, uma prévia carnavalesca sempre muito animada. Um segundo antes deles responderem aqui, era um Menino da Albânia sabe, mas hoje tá um gigante do Carnaval alagoano Edberto Ticianeli um bom dia.

Edberto Ticianeli – Um bom dia Elias, pois é rapaz, dos Meninos da Albânia para o Jaraguá Folia tem muita história viu.

Elias Ferreira – Edberto, o que pode esperar os foliões, a família alagoana que deve comparecer a prévia carnavalesca que inicio de fato hoje lá em Jaraguá e com o percurso estendido?

Edberto – Pois é Elias, acho que a gente tem uma bela expectativa. Eu tenho dito isso em todas as entrevistas que eu estou dando nesse período que se criou um clima em Maceió de que em função dos investimentos, principalmente esse que a prefeitura vem fazendo, criou-se um clima de Carnaval, um clima de extensão, um clima de alegria, um clima de que agora teremos uma nova realidade. Isso tá sendo muito positivo e o nosso evento recebe reflexos, a gente já tinha decidido desde dezembro que ampliaríamos o percurso, essa discussão não é nova ela é antiga, mas o pedido de inscrição de novos blocos já no final do ano passado a gente então resolveu definir dessa forma. Esse ano a concentração é na praça sinimbu, o desfile segue pela avenida da paz, entra na Sá e Albuquerque e vai até a praça Dois Leões. Pra você ter ideia eu estava divulgando que iria ter noventa e poucos blocos, e fui

fechar a relação, alguns tinham algumas dúvidas, outros não estão conseguindo mais orquestras, e eu cheguei a 103 blocos ontem. Ou seja, é um número expressivo pra um evento que não pretendia tanta coisa como o Jaraguá Folia.

Elias Ferreira – Bom, agora não tem mais como né? Já está em 103, fora aqueles que se formam de forma espontaneamente durante o percurso, a gente sabe da criatividade que o Carnaval propicia. O Vinicius estava me falando em noventa, eu estava falando pra ele que iria passar dos cem. E isso não é brincadeira, isso já passou viu Vinicius.

Vinicius – Com certeza, e agora com mais pique na folia, parte deles está incentivado, recebeu recurso, cinco blocos receberam vinte mil reais, e cerca de cem acredito, um pouco menos receberam cinco mil reais já para essas prévias e para esse Carnaval.

Elias Ferreira – Edberto, chegando aqui um bom folião, Marcos Guimarães.

Edberto – Esse é bom!

Elias Ferreira – Esse é antigo, tem o passo firmado no pé.

Edberto – Esse saiu no bloco do Rás Gonguila

(Risos)

Elias Ferreira – Edberto, obrigado por sua participação, e nós todos estaremos em Jaraguá, lá na avenida da paz, na praça sinimbu que é a concentração, pra que a gente possa participar de toda essa festa sempre muito animada, sempre com muita alegria no coração. Muito obrigado e uma excelente prévia.

Edberto – Obrigado!

Vinicius – Antes de começar de a falar do Carnaval a gente tem uma última etapa da prévia, que é importante a gente falar, que é o baile municipal, tão procurado, tão decantado por ai por todo mundo que participou dele nesses últimos anos. Esse ano, que é uma novidade, que é um baile beneficente. Nós estamos reforçando a situação do baile, principalmente, porque seis instituições dependem do sucesso do baile pra receber dele o seu resultado. Então gente o baile vai acontecer na VOX, vai ser no dia 26, na quarta feira, antes daqueles que costumam viajar para fora de Maceió, que normalmente viajam na quinta...

Elias – Viajava!

Claudia – É o esquente na verdade...

Vinicius – Viajava. O baile está sendo vendido, mesas e individuais podem encontrar no Park Shopping. R\$ 100 individual, R\$ 50 meia para estudante e terceira idade. Mesa R\$ 120,00. Ela tem um caráter novo, é beneficente. Venham para que essas instituições sejam beneficiadas.

Elias Ferreira – Professor Lindenberg, da UFAL, também aqui participando a partir de agora aqui nessa nossa conversa. Bom dia!

Lindemberg – Bom dia, sou professor da UFAL e trabalho na linha de pesquisa de Turismo, tenho doutorado em planejamento turístico, e eu fico muito alegre com o que está sendo feito aqui no município de Maceió, sobretudo pelo trabalho do Vinicius, por que a valorização da cultura é de extrema importância para o desenvolvimento do turismo na forma como ela está sendo feita aqui em Maceió. Há uma visão errada que é preciso resgatar a cultura de um estado, de um município, através de grandes eventos preparados para o turismo. Isso na pesquisa a gente chama de encenação. São atividades encenadas para o turista. Isso não tem valor porque acaba sendo algo relativamente artificial. Quando é que a cultura passa realmente passa realmente a desenvolver um papel fundamental para o turismo? Quando o poder público, a iniciativa privada, as pessoas investem na cultura como parte da sua vida, seu dia a dia. Ou seja, quando aquela demanda reprimida,

digamos assim, com relação a cultura cria, tem mecanismos, facilidades de se manifestar como a prefeitura tá fazendo agora, isso ganha visibilidade e mexe num aspecto fundamental que é na autoestima do povo. Por que a cultura é algo, claro, muito forte no povo, No momento em que ela vê oportunidade de se manifestar, essas dimensões culturais que se move dentro de nós, isso eleva a autoestima e acaba ganhando visibilidade na mídia também. Então o Vinicius e o poder público municipal estão de parabéns, eu sou mineiro de nascimento, mas moro aqui há muito tempo e me considero alagoano. Fico muito triste com os aspectos negativos dos índices sociais alagoanos, mas esse aspecto cultural é fundamental. Quero chamar atenção também para a questão do turismo, aproveitando os dois, a cultura e o turismo andam muito junto, é que nós precisamos melhorar em relação aos serviços, com relação a infraestrutura e com relação ao meio ambiente. Vou dar um exemplo só, sei que a Claudia e a Danielle são pessoas extremamente competentes entusiasmadas com o turismo em Maceió e em Alagoas, mas outras áreas do poder público precisar de ações mais efetivas com relação ao turismo. Eu levei uma pessoa a um bar, excelente, famoso aqui em Maceió, uma pessoa estrangeira, eu fiz o doutorado na Inglaterra, então vez em quando o pessoal vem visitar aqui, falei muito desse bar, da música ao vivo, dos músicos alagoanos tal... aí uma colega inglesa pediu uma bebida, veio outra bebida, ela pediu um escondidinho de alguma coisa, veio de outro tipo, três coisas seguidas que vieram erradas. A pessoa que foi com uma expectativa muito grande para aquele bar. Então quero chamar a atenção do poder público para isso, nos serviços, incentivar a preparação da mão de obra, é preciso investir em meio ambiente porque eu lembro que na década de 80 Maceió chegou a ser a terceira destinação mais visitada no Nordeste, no começo da década de 90 caiu para sétimo lugar e as pesquisas mostraram que foi o descaso com o meio ambiente. Os turistas começaram a falar e isso ganhou muita visibilidade e se criou uma imagem negativa para Alagoas. Alagoas tá recuperando bastante já essa questão da demanda turística deve estar no quarto lugar de destinação mais visitada no Nordeste. Como há esse clima de Maceió, de Alagoas, e como há o poder público agora atuando em alguns aspectos de forma mais positiva. Gostaria de lembrar o poder público nessas outras áreas também. Com isso temos a capacidade de nos tornar um diferencial no nordeste do Brasil, porque diferentemente do que se fala que Alagoas tem muito atrativo, Alagoas não tem muito atrativo, Alagoas tem um

potencial natural e cultural fantástico. Tem atrativo quando há a preparação de infraestrutura, de serviços que permita que o turista usufrua bem aquele patrimônio. Alagoas tem muito potencial, pouco atrativo, e falta muito mais investimento.

Elias – Vinicius, gostaria que você contemplasse o nosso ouvinte Sérgio Onofre.

Vinicius – Eu acho que a gente consegue conviver bem com as duas possibilidades. A possibilidade de termos turistas em Maceió...desculpe Cláudia tomando aqui a frente um pouco, o hotel pode tá lotado, mas a gente não pode negar a cidade o direito a maior festa que o país tem, a maior tradição que o país tem, e que equivocadamente a gente fez isso no passado. Acreditamos em um Carnaval da mesma forma como falou o professor, voltado para nossa própria vontade, ao nosso próprio desejo de fazer isso, de vivenciar esse aspecto cultural, carnavalesco, momesco que a gente tem, com o coração da gente, na vida da gente, trazendo nossas tradições à tona, isso pode por que isso nós temos. E mostrar o turista isso. Que seja muito bem vindo, que venha ver como é lindo o povo do pontal e o povo da ponta grossa dançando um frevo rasgado, qual o turista que não vai querer ver isso? Ipioca, um lugar tão lindo, Fernão Velho, quer dizer...mostrar o que a gente é. Pernambuco não faz isso? A Bahia também não faz? E a gente não precisa se desvirtuar pra fazer isso. A gente pode fazer isso como a gente é. Não tem que fazer uma macacada, travestindo a nossa cultura, cultura é o que a gente é do jeito que a gente é, com o nosso sotaque. Então é isso, tem que apresentar Maceió lotando de pessoas nos dias de Carnaval.

Elias – Claudia, nos recuperamos, nós recuperamos Alagoas se ocupa uma posição bastante privilegiada esse ano.

Claudia – Isso, em números absolutos o professor tem toda razão sobre a questão do quarto lugar do estado no Nordeste por que tem outros destinos que tem uma malha aérea maior que a nossa, ampliada e uma capacidade hoteleira. Em números relativos, percentuais, a gente tá um pouco melhor aí. A gente fica numa briga entre segundo e terceiro, mas seguimos em frente buscando, como eu disse, Dani disse mais cedo, ter a ocupação caprichada o ano inteiro. E veja o que Vinicius disse, do

Pontal, eu disse Ipioca, Fernão Velho, mas esse danado aqui e a equipe dele tá levando o Carnaval para nove polos na cidade.

Elias – São 10.

Vinicius – São 9 bairros e 10 polos. Benedito Bentes ganha dois polos pela dimensão do bairro.

Elias – Benedito Bentes que ganha hoje o Céu das Artes.

Vinicius – Pois estou pedindo licença que o prefeito irá inaugurar esse grande complexo de arte esporte e lazer no bairro. Quero agradecer o convite dizer a todos que o Carnaval já começou em Maceió, por que hoje é sexta feira, dia do Jaraguá Folia, vamos simhora por que a gente sabe fazer isso melhor do que muita gente pensa. A gente não sabe, mas a gente sabe que pode fazer melhor que muitos que tem por ai.

APÊNDICE D - Entrevista com Bruno César Cavalcanti – Antropólogo e pesquisador no Laboratório da Cidade e do Contemporâneo (LACC) do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas. 14 de janeiro de 2014

Ernani – Como você percebe a dinâmica cultural da cidade de Maceió hoje?

Bruno – Acho que Maceió tem uma particularidade regional muito grande né? Eu acho que a gente tem defeitos que são, que podem se tornar grandes virtudes. Acho que somos menos provincianos, sob certos aspectos, do que outras capitais do nordeste. Recife, Salvador são cidades mais provincianas no meu entendimento. Acho que somos, não por mérito, mas por trauma, mais cosmopolita. Nossa urbanização muito tardia cria vários problemas. Uma segregação social absurda entre ricos e pobres. Temos uma cultura popular riquíssima e que a gente detesta. Aprendemos a valorizá-la como um símbolo de negociação social, o que não quer dizer que a gente goste, a gente gosta de dizer que tem uma diversidade folclórica muito grande, mas a gente não sabe cantar uma música. Isso paradoxalmente dá uma liberdade criativa muito grande. Uma cidade artisticamente muito curiosa, com fenômenos muito específicos. Aqui no Nordeste não tivéssemos fenômenos como Hermeto, como Djavan, se eles fossem de outra capital seriam tolhidos pelo processo criativo pela cobrança das raízes, pelo tradicionalismo. Aqui a gente vive essa alienação saudável eu diria. Paradoxo alagoano que me atrai muito como tema de estudo. Acho que a gente vive um momento importante de problematização dessa dimensão cultural local. Outra característica nossa é uma dilatação muito traumática nos últimos tempos. Até os anos 50, Alagoas estava acima da média nacional em termos de ruralidade, éramos um estado extremamente rural, e hoje estamos na vanguarda da urbanização do país. Em termos de dilatação, de crescimento do espaço urbano, de vida urbana. Uma mudança muito grande, a cidade não se preparou para isso, então ela tem um contexto, uma dinâmica, uma utilização da esfera pública que eu acho muito curioso. Uma onda de pessoas ocupando esses espaços, se movimentando dentro disso. Então é uma cidade muito instigante para ser investigada, estudada.

Ernani – Como avalia o fato de termos uma prévia carnavalesca consolidada e a atual gestão da Fundação Municipal da Cidade de Maceió rearticular os festejos nos dias de Carnaval?

Bruno – Eu gostaria de dizer em off, mas como estás gravando vou dizer assim mesmo. Eu não acredito no Carnaval em Maceió. Não acredito que ele venha prestar. No fundo, no fundo, eu sou muito pessimista. Acho um Carnaval morto, muito pastiche. Em todos os sentidos. Dos grupos que saem, eu acho todos eles assim. Todos sem exceção. Alguns conseguem ter uns momentos assim de efervescência mais forte. É muito delicado dizer isso por que um primo meu que veio da Bahia certa vez me disse assim: Rapaz, a gente vai ficando velho vai perdendo o tesão pelo Carnaval. Vai dizendo que o Carnaval é ruim, mas é a gente que tá ficando velho. Talvez ele tenha razão, mas eu penso que não. Eu acho seguinte, acho que essa segregação espacial e temporal da festa primeiro ela é estruturante nosso. Sempre existiu uma tendência de prévias aqui. Major Bonifácio já reclamava dessa fuga das elites e tal. Agora, algumas situações me parecem que foram definitivas para complicar a história do Carnaval daqui. A principal delas é a saída do centro da cidade, foi mortal para o Carnaval. Mortal. O Carnaval da orla é um Carnaval segregador. Isso aqui não é o espaço do povo. O povo não identifica com isso. Mesmo que o Carnaval nunca seja um espaço – tempo que abole as distinções sociais, ele cria um confusional favorável. Por exemplo: No Recife Antigo é um Carnaval elitizado, mas tem momentos em que o cara atravessou a ponte e o povo tá ali. Se você tem uma separação espacial, você tem uma coexistência temporal, pessoas estão brincando numa mesma tarde, num mesmo dia a mesma festa. E aqui não, a gente segregou também, além de espacialmente, temporalmente. As prévias é uma segregação temporal. Eu brinco uma semana antes que você. Depois, tanto Jaraguá quanto a orla, é uma Carnaval de classe média. Um certo perfil sociológico, o povão mesmo a massa está excluída da festa. Auto excluída digamos assim. E eu acho difícil resolver isso sem uma política cultural rigorosa. Há um momento interessante, a prefeitura se movimentando, mas é muito pouco, mas não deixa de ser uma medida que eu veja com bons olhos. Agora é pouquíssimo para o que a gente precisaria para ter de fato um Carnaval popular. Não estou muito otimista com relação a isso não. Estamos em um tempo em que especializou – se

muito os espaços de festas. Na verdade, temos três grandes carnavais e carnavais residuais. Carnaval é uma feste existente no mundo inteiro. No Brasil ele resiste, virou um grande negócio. Mas nas pequenas cidades ele perdeu muito do que já foi no passado. Entre outras coisas, o Carnaval é uma festa do final da idade média pra cá. Essa bobagem de ficar rememorando saturnálias, na verdade essa festa é um rito de inversão que tem a ver com sociedades moralmente muito coesas. Então eu penso que há uma crise estrutural daquilo que chamamos de Carnaval, por que não temos mais essa sociedade coesa. Então o Carnaval não tem mais o que inverter. Então o que resta é uma festa de massa que reproduz muito do que nós já fazemos em nossa vida cotidiana. Perdeu muito de uma certa expressão simbólica que ele já teve. Do começo da sociedade burguesa, vitoriana, pudica, o Carnaval invertia tudo, ou mesmo na vida medieval. Esses ritos de inversão são muito fortes em sociedades hierárquicas. Na África, esses ritos de inversão de gênero, nas sociedades tribais onde tem muita opressão você tem essas compensações rituais. Hoje temos uma opressão, mas não necessariamente moral. Algumas características permanecem em alguns grupos Carnavalescos. Teatralização, a performance, o espetáculo, a grandiosidade, o excesso, mas enfim, acho que essa questão cultural que o Carnaval passou a ser um grande espetáculo de mídia hoje também. Agora particularmente em Maceió nós temos problemas de uma sociedade que é muito excludente e tem uma dificuldade tremenda de estabelecer um espaço público comum. O Carnaval é ainda uma dessas oportunidades que a cidade tem de fazer uma festa de grande expressão coletiva. Uma festa de inclusão. Mas isso se perdeu. Quando a gente era uma pequena cidade isso funcionava relativamente bem, por que o centro da cidade era o lugar onde os pobres trabalhavam. Então o Carnaval era a oportunidade de ocupar o lugar de trabalho de outro modo. É isso que a orla não dá aos pobres. O cara que mora no vergel, na vila brejal, ele não ocupa a orla constantemente. Não faz parte da vida dele. Quando a cidade se resumia a 10 bairros mais ou menos a toda faixa da pobreza estava abaixo da Levada (bairro) de segunda a sábado elas iam ao centro e voltavam. A nossa elite econômica era muito formada pelos comerciantes. O grande capital ainda morava em fazendas. E a elite econômica das cidades habitavam esses centros. E ocupavam em momentos Carnavalescos. A rua Boa Vista por exemplo eram as meninas de boa família, as dondocas todas se enfeitavam. Mas os pobres frequentavam também o Carnaval, os

filhos dos ricos também. No mesmo espaço, no mesmo tempo. O Maestro Manezinho, comentou uma estratégia que ele e que outros amigos faziam pra virar manchete no jornal. Eles faziam o seguinte: Eles diziam ó quando fossem subir a rua do Sol, e fossem pelo acesso da Lavada, os peões da lira equalizavam o tempo e entrevam no contrafluxo do curso para chamar a atenção dos repórteres que estavam ali pra fotografar a elite para sair na capa do jornal do outro dia. Emparelhavam os cursos. Tirava a foto do Dr. Fulano e do Maestro logo atrás. A graça era se ver no jornal no dia seguinte. Então quer dizer esse truque era típico de uma pequena cidade apinhada na rua do comércio. Então é isso que o Carnaval possibilitava. Mesmo que de uma forma ritual, mas uma co – presença, onde nós somos Maceió, eu e você. Por que um engraxate tinha um destaque como Rás Gonguila, e o Moleque Namorador. Sobre o moleque namorador há uma lenda que eu nunca consegui comprovar, na verdade eu nunca consegui achar a revista Cruzeiro que teria feito uma grande matéria com o Moleque Namorador. Já consultei essa revista, não sei se isso existiu. Se isso existiu é muito sintomático por ele tenha se tornado uma celebridade. O Que todo bom burguês o invejaria por estar estampado em uma revista de renome nacional. Não sei se isso aconteceu, mas ele, o Gonguila, eram tipos muito curiosos. O Gonguila convivia com todos engraxando sapatos. Esses caras conseguiam por exemplo, usando a estratégia, como eles financiavam seus grupos? Havia uma empresa Carnavalesca, uma empresa que atuava instigando a população pra vender seus lança perfumes, vendiam caixas e caixas disso né. A cidade era muito pequena e tinha todas essas agencias, e todas essas agencias funcionando, criando um clima favorável. Como esses caras conseguiam ser matéria de jornal? Eles visitavam redações. Então todo mundo passava todo dia pelo moleque namorador, ou pelo Gonguila engraxando no comércio. Hoje o que é que você tem? Hoje você tem um bloco como o pinto, formado por exemplo com pessoas bem colocadas na sociedade e que consegue explorar bem uma rede de contatos. Então os caras utilizam as verbas publicitárias do governo do estado para ser veiculada na televisão a custo zero. Mas o seu fulaninho, o Mestre Benon não sabe fazer isso. Não sabe aonde vai, não sabe nem onde é a ASCOM. Então tem todo um lado B da cidade que fica fora do circuito. O mestre Benon tem o mordido do porco por exemplo em bebedouro e não consegue

vir pra cá. Não consegue sair no rabo do Pinto, não consegue. Não se sente acolhido ali.

Ernani – Não se identifica?

Bruno – Também. Não é papel do Pinto fazer a política pública. Quando e converso com os meninos sobre isso eles não gostam muito não. Não é bem por aí não, não se culpem por isso. Não é a obrigação de vocês isso. Vocês arrastam a Ponta Verde, o Farol, a família de bem, é a classe média que vem prali. É como o Filhinhos da Mamãe, quem é que vem prali? Os artistas, os universitários. Quem é que vai para o Jaraguá? As classes profissionais, os funcionários de banco, dos correios, funcionário públicos, mas não é o cara do Clima Bom. Essa galera precisa de políticas públicas efetivas, mas que não só os financiassem lá, que criassem redes que o fizessem ir ao centro da festa. Por que toda cidade tem um centro de festa. No Recife você tem os polos nos bairros, mas os polos nos bairros são pra noite. De tarde, o Galo da Madrugada, vai todo mundo. O governador ta no palanque, a favela do coque tá ali se empurrando. Essa é a grande diferença entre o Pinto e o Galo. O Galo é um bloco de massa, o Pinto não. Não, porque o modelo social que a gente tem é desagregador. É excludente, sempre foi, e hoje se tornou muito maior. Tem umas coisas curiosas. Maceió quando era uma cidade pequena, nos anos 30, se você olhar os jornais de época, o Major Bonifácio fazia glosas, concursos de versinhos, dava prêmios, muitas vezes quem ganhava esses prêmios eram mulheres da boa sociedade. Impensável hoje uma mulher da Ponta Verde se inscrever em um concurso proposto pelo Jornal Gazeta de Alagoas junto com Dona Chiquinha lá do Clima Bom. O problema não é termos prévias, é termos prévias com exclusividade, por que depois vai todo mundo embora e o resto que se exploda. Se houvesse prévias com todo mundo ficava até interessante. Desde que existe trem que se vai a Recife, Rio. Diegues Jr. nos anos 30 já dizia, o banho de mar a fantasia sempre foi prévia. Sempre foi antes do Carnaval. Então é tradicional, essa tendência nossa a prévia não é recente não. Agora o que existia antes, até o governo Djalma Falcão, acho que foi o último que teve Carnaval aqui mais ou menos, popular mais ou menos, o que existia é que antes do prefeito Sandoval Cajú, o modelo de Carnaval que a gente adotou é o de municipalidade. O cara que não fizer um Carnaval que

preste no Recife não se elege. Era uma pauta política fazer um bom Carnaval, inclusive uma das queixas que se tem, se você conversar com os antigos maestros vão lhe confirmar isso, na era Kátia, Ronaldo, começou com mais ênfase, por exemplo quando tinham aqueles desfiles na Avenida, que já era o lado B da cidade. O Turismo por exemplo tentou a vários anos tirar o Boi da orla. Botar pra Jaraguá, os caras aceitavam né, vai dar palco etc. Totalmente despolitizados, na verdade era o recado de que não os queriam ali perto do turista, da porta do hotel, deixar tudo limpinho. É inegável nessa gestão da fundação cultural, que existe um perfil diferente. O Vinicius foi elevado à condição de secretário com um apoio muito grande de grupos culturais e ele tá sabendo conduzir isso respeitando as decisões desses grupos a esse modelo de gestão cultural. Tá visível isso em todas as ações, os editais respondem a isso. Agora, o que eu acho que tá acontecendo é que antes, os vínculos entre o trade hoteleiro e turístico e a administração pública municipal era escancarados. Você ouvia muito mais a secretaria de turismo funcionar que a de cultura. Durante o Carnaval, você ouvia muito mais a voz da menina, da Claudia, do que dos outros secretários de cultura. Vê o Eduardo Bonfim, acabou logo com o concurso de blocos tradicionais. É bem verdade que aqueles blocos eram uma grande mentira, era muito ruim aquele modelo, falido, o pires na mão mesmo. Nunca fizeram uma capacitação, um treinamento, mas a solução foi terrível, afundá-los de vez. Essa recuperação então é muito válida, acho que pode ser aprimorado, como fez Buenos Aires. A Argentina o Carnaval estava completamente destruído também, então a prefeitura de Buenos Aires fez o seguinte, ela criou um processo de patrimonialização, resolveu registrar os grupos Carnavalescos como uma espécie de patrimônio da cidade e tal, então isso reavivou nos grupos uma vontade, uma força de tradição, de resgatar e tal. Bombou, ressurgiu né. Que é o que acontece aqui, quando perguntam por que é que a gente tem tanto vínculo com Pernambuco, sempre respondo que é preciso ter cuidado quando a gente diz isso, por que temos uma forma muito seletiva nessa identificação. O Carnaval de frevo daqui é o Carnaval que exclui o folgado, tira tudo. A gente por exemplo, tem um papel importantíssimo para o Carnaval do Recife em matéria de caboclinhos. Os caboclinhos desapareceram daqui, mas migraram pra lá. Se você procurar o pessoal de caboclinho do Recife, eles têm vínculos com Fernão Velho, Bebedouro, por que na verdade eles perderam espaço aqui. Os folgados eles participam do Carnaval

de Recife. É preciso uma política pública que seja capaz de destacar isso. Não é preciso um Guerreiro pulando no meio do povo, mas por que não usamos um chapéu de Guerreiro como alegoria Carnavalesca?

Ernani – O que atualizamos neste rito festivo das prévias carnavalescas?

Bruno – Hoje em dia há uma crítica muito grande sobre a questão da identidade né. Para o homem comum continua sendo algo muito importante, as pessoas acreditam que a identidade é uma essência coisa e tal. Quando a gente pensa a cultura como fenômeno humano ela engloba em grande parte uma dimensão consciente e outra inconsciente. Por exemplo eu sou CSA conscientemente, ninguém torce por um time inconscientemente. Gostar de um ritmo musical, nada disso é inconsciente. Mas por exemplo, meu racismo, meu machismo são inconscientes, uma série de coisas habitam em mim sem pedir licença, vamos dizer assim. A cultura engloba grande parte de aspectos conscientes e representações que habitam na gente. Então cultura é esse complexo todo. Dentro desse universo a questão da identidade é necessariamente consciente, fria e calculada. Não existe uma identidade cultural que não seja uma construção de um grupo. Partindo dessa premissa é uma invenção, em um dado momento um grupo elege, seleciona e etc. A primeira coisa a perceber é que em dado momento histórico algo é descartado e algo é evidenciado. No Recife, esse Carnaval multicultural, esse apelo a personagens históricos, isso foi uma pedagogia dos anos 30, que pode ser demonstrado pela documentação histórica. Nos anos 30 a federação Carnavalesca pernambucana foi criada por norte americanos, como aqui foi criada pela companhia inglesa de trens, a federação não admitia a presença de Carnavalescos nela, tinha um ideário quase integralista, nacionalista. Então como existia os elementos históricos de Pernambuco, guerras e tudo mais, que já davam a eles essa identidade forte que eles têm, a mesma coisa essa coisa na Bahia, essa baianidade nem sempre existiu. Até os anos 70 o negro baiano se vestia de índio norte americano, não era índio do Nordeste, era índio de penacho, então a alteridade era essa, a vítima do cowboy do cinema. Depois da reafricanização da Bahia, o trade turístico baiano viu que podia faturar em cima do modelo étnico, assim como no Recife fatura em cima do modelo épico. Nós temos dificuldades de auto definição, qual imagem a gente quer construir como auto

representação, porque somos muito segregados desses elementos. Isso não é de hoje esse dilema, ele é antigo. Por exemplo o Théo Brandão no congresso nacional de folclore, não lembro se foi no Rio Grande do Sul ou em São Paulo nos anos 50, junto com Aluísio Vilela, se vestiram de vaqueiro como símbolo que podiam representar Alagoas, um gibão de vaqueiro, que é mais forte no sertão pernambucano que aqui. O que dificulta a nossa questão de identidade cultural é que a gente não criou um consenso mínimo. Os fatos de guerra fazem com que o maior empresário de Pernambuco ao mais pobre torcedor do Santa Cruz tenha o mesmo amor pela cidade. Temos um mal de origem digamos assim, não tivemos um elemento fundador, uma luta, uma batalha. Toda identidade se faz mediante fronteira, se a gente não conquistou a gente ganhou. Acho que a gente vive ainda um dilema de consenso mínimo de alagoanidade. Acho que a gente pode explorar mais essa ideia de cosmopolitismo, de sociedade aberta, permissiva. Pra acabar com essa birra de querer ser pernambucano, ser baiano, essa birra que há. Hermeto e Djavan pra mim é muito sintomático disso.

Ernani – Como Turismo e Cultura se relacionam em Maceió?

Bruno – Temos um problema sério de quadros profissionais. Não temos gestão, nem documentos que registrem memórias dessas gestões. É muito grave isso. Hoje há uma abertura maior pra cultura aqui em relação ao turismo ainda que utilitária. O legal seria que o turista que chega aqui visse a população local prestigiando o giro de folgedos junto com ele. Parece uma relação de prateleira, de vitrine. O Jaraguá, o turista vai pra Jaraguá, o bairro é agradável, ali não tem nada pra fazer, podiam organizar ali brechós, eu e Cícero Péricles pensa muito nessa ideia. Feiras de trocas, café, a prefeitura pode fazer isso pra cidade, depois isso cria interesse turístico. Temos que fazer coisas mais orgânicas pra cidade. Uma cidade de verdade, não uma cidade-cenário. Turista gosta de experiência né, a palavra de ordem é essa né, experiência. Vê o Jaraguá, quando se pensou na revitalização não se pensou no entorno, por que o pessoal vai ali roubar carro, por que fizeram um bairro só pra quem podia pagar caro por uma cerveja e não se pensou em quem estava ali. Podia fazer galpões com oficinas de boi, daria atração. Se a comunidade ganhasse com o que se faz ali, ninguém ia roubar. Nunca houve essa preocupação

em deixar a cidade mais orgânica pra quem nela vive. A gestão cultural no Recife, na Bahia, eles fazem indicadores, balanços das suas gestões e projetam ações, produzem documentos e arquivam, memória.

APÊNDICE E - Panfletarias | SEMPTUR | 14 de agosto de 2014

SEMPTUR – Secretaria Municipal de Promoção ao Turismo da Cidade de Maceió

<http://www.maceio.al.gov.br/turismo/>

A CIDADE

<http://www.maceio.al.gov.br/turismo/cultura/>

Maceió, capital de Alagoas, é banhada por lagoas, um mar que mescla o azul-turquesa e o verde-esmeralda e belas praias ornadas por jardins de coqueirais. Conhecida como “Paraíso das Águas”, hoje é considerada como o “Caribe Brasileiro” devido às suas belezas naturais que atraem turistas de todo o mundo. O seu nome é de origem tupi. Os índios batizaram o lugar de “Maçayó” ou “Maçai-o-k”, que significa “O que tapa o alagadiço”. Historiadores afirmam que a capital do Estado de Alagoas nasceu de um antigo engenho de açúcar, por volta do século 18. Para outros, por ser praiana, seu surgimento está ligado a uma pequena vila de pescadores. Seja qual for sua origem, do mar ou do açúcar, Maceió é um lugar abençoado por Nossa Senhora dos Prazeres. A cultura maceioense é expressiva e marcante, principalmente pelo seu rico folclore, além de seus artistas, escritores e músicos como o cantor e compositor Djavan e o poeta Lêdo Ivo. Entre as manifestações folclóricas há os folguedos como: Caboclinho, Carvalhada, Chegança, Bumba Meu Boi, Coco Alagoano, Festa de Reis, Guerreiro, Pastoril, Reisado, Quilombo e Zabumba. O artesanato representado pelo filé e pela cerâmica que encanta a todos por sua criatividade, originalidade e beleza.

HINO DA CIDADE DE MACEIÓ

Letra: Carlos Moliterno

Música: Edilberto Trigueiros

És, Maceió, altiva e majestosa | Feliz nascente entre a lagoa e o mar | Ao lado da capela milagrosa | De um velho engenho pobre e secular

*Pelo trabalho e pelo esforço ingente | Como a bravura de teus filhos nobres | E
debaixo de um sol glorioso e quente | Veio a riqueza dessas terras pobres*

*A tua glória promana | Desses teus filhos audazes | Cujo alto valor se imana | Aos
dos heróis mais capazes*

*Maceió, terra adorada! | Ó terra bela e altaneira! | Tua história é proclamada | Pela
nação brasileira*

*Tu tens paisagens, Maceió, famosas | Teu sol é quente e teu luar é claro | São tuas
praias belas e formosas | De um tom de prata, deslumbrante e raro*

*E desse alvorecer das madrugadas | De Ponta Verde às curvas do Pontal | Os
coqueiros e as velas das jangadas | Dão-lhe um vigor de tela natural*

*A tua glória promana | Desses teus filhos audazes | Cujo alto valor se imana | Aos
dos heróis mais capazes*

*Maceió, terra adorada! | Ó terra bela e altaneira! | Tua história é proclamada | Pela
nação brasileira*

BELEZAS NATURAIS

<http://www.maceio.al.gov.br/turismo/belezas-naturais/>

Maceió, cidade de motivos para se apaixonar. Das praias às piscinas naturais repletas de peixes coloridos, a beleza da natureza convive em harmonia com a cidade e seus encantos culturais e históricos. Seja pelo clima ou mar perfeito para relaxar em águas mornas e cristalinas, há um fascínio convidativo em Maceió.

MACEIÓ, UM PEDACINHO DO PARAÍSO

As praias de Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Cruz das Almas ficam em área urbana e compõem a orla marítima de Maceió, considerada a mais bonita do Brasil. Nesta área, é possível usufruir de excelentes hotéis, restaurantes, bares, pizzarias, cervejarias, ciclovias e um calçadão com quiosques. Ao final da tarde, ele se transforma em uma passarela perfeita para a prática de atividades físicas ou simplesmente para apreciar o pôr-do-sol. Também é possível conhecer praias mais afastadas no litoral norte, como Ipioca, Pratagy, Mirante da Sereia, Riacho Doce, Garça Torta, Guaxuma e Jacarecica. As praias de Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Cruz das Almas ficam em área urbana e compõem a orla marítima de Maceió,

considerada a mais bonita do Brasil. Nesta área, é possível usufruir de excelentes hotéis, restaurantes, bares, pizzarias, cervejarias, ciclovia e um calçadão com quiosques. Ao final da tarde, ele se transforma em uma passarela perfeita para a prática de atividades físicas ou simplesmente para apreciar o pôr-do-sol. Também é possível conhecer praias mais afastadas no litoral norte, como Ipioca, Pratygy, Mirante da Sereia, Riacho Doce, Garça Torta, Guaxuma e Jacarecica. O passeio de barco na Lagoa Mundaú e Manguaba é garantia de um momento inesquecível em Maceió. No bairro Pontal da Barra, é possível realizar o 'Passeio das Nove ilhas', com barcos que navegam em um arquipélago localizado na Lagoa Mundaú. Das nove ilhas, oito delas ficam na capital alagoana e uma em Marechal Deodoro, município vizinho. São elas: Ilha do Irineu: Tem esse nome em homenagem ao Senhor Irineu, velho pescador da região, conhecido em todo o Brasil por ser um dos poucos trígamos do país;

Ilha das Andorinhas: Tem esse nome porque há vários ninhos de andorinhas na ilha e ocorre todo ano um fluxo migratório na região dessas aves; Ilha do Fogo: Possui esse nome porque no local havia um alambique de pinga, que faliu anos depois porque os funcionários consumiam o produto; Ilha de Santa Marta: O nome é uma homenagem a Santa Marta; Ilha do Almirante: Tem esse nome porque lá viveu um almirante da marinha que faleceu lá mesmo; Ilha de Um Coqueiro Só: Possui esse nome porque em 1989 uma enchente devastou a ilha e só sobreviveu um coqueiro na região; Ilha das Cabras: Tem esse nome porque um fazendeiro criava cabras na ilha, mas teve que interromper a criação por causa da poluição da região; Ilha Bora Bora: Ganhou esse nome porque o povo da região encurtava a palavra "embora" para "bora", quando queria-se ir para a ilha. Ilha de Santa Rita: Pertence ao município de Marechal Deodoro. É a maior ilha lacustre do país, pois possui 12 km². Atualmente, a ilha é uma área de preservação ambiental porque possui uma fauna e uma flora riquíssimas.

FIQUE SABENDO QUE...

...para ir de jangada até a paradisíaca piscina natural da Pajuçara, a apenas 2km da costa, é importante consultar a Tábua de Marés. O ideal é de 0.0 a 0.5. Procure jangadeiros credenciados no local. ...em 2010 foi inaugurada a primeira jangada

adaptada da capital, que leva cadeirantes às piscinas naturais da famosa praia de Pajuçara.

MIRANTES

- **Mirante Ambrósio Lira:** Localizado na Rua Ambrósio Lira, bairro do Farol, entre as Ladeiras do Brito e dos Martírios. Por ele, observa-se o mar da Praia da Avenida e todo o resto da costa que vai até o Pontal da Barra e o Centro da cidade de Maceió.

- **Mirante Chã de Bebedouro:** Localizado na Avenida Osvaldo Cruz, estrada de Santa Amélia, no Bairro da Chã de Bebedouro. Boa parte da Lagoa Mundaú pode ser vista de lá.

- **Mirante do Cortiço:** Por trás do Colégio Santíssimo Sacramento, no bairro do Farol, proporciona a vista do Centro da cidade e parte da Praia da Avenida.

- **Mirante Kátia Assunção:** Localizado no bairro do Jacintinho, avista-se quase todo o litoral da cidade, desde a Praia de Cruz das Almas até a Praia da Avenida, onde está localizado o porto da cidade.

- **Mirante da Sereia:** Localizado no litoral norte, na AL 101 norte, está na Praia de Pratagy – Mirante da Sereia. Avista-se o mar de Pratagy, com sua piscina natural, rodeada de arrecifes, onde está localizada a estátua da sereia.

- **Mirante de São Gonçalo:** Próximo a Igreja de São Gonçalo, no bairro do Farol. Avista-se o Centro da cidade, o mar da Pajuçara e Ponta Verde, o Porto de Maceió e toda extensão da costa sul.

- **Mirante de Santa Terezinha:** Em frente a Igreja de Santa Terezinha, no bairro do Farol. É possível ver, parcialmente, a Lagoa Mundaú, o Palácio dos Martírios e o Estádio Rei Pelé (conhecido como Trapichão).

GASTRONOMIA

<http://www.maceio.al.gov.br/turismo/gastronomia/>

A culinária alagoana é uma mistura das tradições dos índios, dos portugueses (colonizadores) e dos africanos que chegaram ao Brasil como escravos. Os índios, os primeiros habitantes do paraíso alagoano, deixaram a tradição da tapioca (massa de farinha de mandioca, também conhecida com aipim ou macaxeira) muito apreciada no café da manhã e nos fins de tarde em toda a orla de Maceió. A cidade tem sabores do pernambucano, mineiro, baiano, carioca, capixaba. Do mundo, tem

os sabores da Itália, da África, do Japão, da China, do Peru, França. Tudo para agradar a qualquer paladar!

FRUTOS DO MAR

Maceió é uma cidade com grande número de lagoas e, por isso, possui em sua tradicional culinária pratos a base de moluscos. Entre as iguarias da cidade, a de maior destaque é o **Sururu de Capote**, prato com o molusco cozido ainda dentro da concha com leite de coco, tomate, cheiro verde e outros temperos. Quem aprecia frutos do mar, se apaixona por **lagostas, camarões, siris e pitus** (parentes da lagosta, que vivem em água doce) servidos em restaurantes e bares em toda Maceió. Esses ingredientes encabeçam os pratos típicos da cidade. Na beira da Lagoa Mundaú, os pratos servidos são melhores apreciados com o pôr do sol. Outros pratos encontrados são à base **de macaxeira, milho e coco**, preparados para encantar e atender todos os gostos.

COMIDAS TÍPICAS

A **Tapioca** é famosa na culinária maceioense. Ela é preparada com a goma da mandioca, coco ralado e queijo. Em Maceió, é fácil encontrar barracas especializadas na tapioca, que acompanhadas de uma água de coco mostram parte do sabor que é estar na cidade. As comidas de origem indígena e africana, **como cuscuz de milho, massa puba, arroz doce, batata doce, inhame e macaxeira com carne de sol, beiju, munguzá, canjica e pamonha** costumam ser servidas nos cafés da manhã e da noite. É importante lembrar também das variedades de quitutes no litoral norte. **Pé-de-moleque, brasileiras, bolos de milho, goma e suspiro** podem ser comprados e degustados nas barracas na beira da estrada que mantém essa tradição na região há décadas.

MUSEUS

<http://www.maceio.al.gov.br/turismo/museus/>

Arquitetura barroca, palácios, belas igrejas e casas com sobrados seculares fazem parte da beleza do patrimônio histórico de Maceió. Os museus resguardam as histórias da capital alagoana de geração em geração. **Museu de Arte da Fundação**

Pierre Chalita – rico acervo de imagens sacras dos séculos 17 e 18. Praça Manoel Duarte, 77, Pajuçara. **Museu Theo Brandão** - na Avenida da Paz, conta a história da cultura popular de Alagoas. Possui um acervo com as mais expressivas coleções sobre a cultura e a arte popular alagoana. **Palácio Marechal Floriano Peixoto** - antiga sede do governo, transformou-se em museu, mostrando ao público suas ricas coleções de cristais, pratarias e móveis antigos em madeira e couro. Também abriga os Memorais de dois ilustres alagoanos: o poeta Lêdo Ivo e o dicionarista Aurélio Buarque. Praça Marechal Floriano Peixoto, 517, Centro. **Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas** - possui um dos mais completos acervos afro-brasileiros do País e coleção da famosa louça Marajoara e peças de etnografia de grupos indígenas amazônicos. Ladeira do Brito – Rua do Sol, 382, Centro. **Memorial Pontes de Miranda da Justiça do Trabalho** - em Alagoas preserva e divulga a obra do célebre jurista alagoano Pontes de Miranda, bem como a história da Justiça do Trabalho em Alagoas. Avenida da Paz, 2076, 3º andar, Centro. **Museu dos Esportes** - resguarda histórias de todos os esportes do Brasil, especialmente de Alagoas. Jornais desde o ano de 1920, revistas, camisas, troféus, taças, diplomas, fitas de vídeo, áudio e outros materiais que documentam o esporte alagoano. Avenida Siqueira Campos, Estádio Rei Pelé, Trapiche. **Associação Comercial de Maceió** - abriga os museus do Comércio de Alagoas e da Tecnologia do século 20. Rua Sá e Albuquerque, 467, Palácio do Comércio – Jaraguá. **Casa Jorge de Lima** – antiga residência do médico e poeta alagoano foi restaurada e aberta à visitação pública. Praça Sinimbu, Centro. **Casa do Patrimônio** – Sede do IPHAN e exposição do acervo dos mestres artesãos alagoanos e do Nordeste, de Tânia de Maya Pedrosa. Rua Sá e Albuquerque, 157, Jaraguá. **Museu da Imagem e do Som (Misa)** – possui um rico acervo de fotografias, discos, fitas de vídeo, livros e outros registros sobre a história de Maceió. Praça Dois Leões, nº 275, Jaraguá. **Fundação Teotônio Vilela** – Biblioteca e acervo do senador da anistia, o alagoano Teotônio Vilela. Av. Dr. Antônio Gouveia, S/N – Pajuçara. Visite também: **Casa da Arte** (Praia de Garça Torta), **Museu da 2ª Guerra** (Centro), **Pinacoteca Universitária** (Centro), **Memorial à República** (Jaraguá) e **Museu de História Natural** (Farol).

PASSEIOS IMPERDÍVEIS EM MACEIÓ

<http://www.maceio.al.gov.br/turismo/passeios/>

Orla de Maceió

Conhecer Maceió, suas belezas, histórias e lugares é garantia de momentos inesquecíveis. Quem visita a capital alagoana não pode deixar de caminhar na orla urbana de Maceió, a mais bonita e iluminada do Brasil. Tomar água de coco, saborear sorvete de cajá, manga, graviola e outros sabores da terra. E no fim da tarde, comer tapioca e apreciar as jangadas no balanço do mar.

Para onde ir em Maceió:

Alugar uma bicicleta para conhecer Maceió pela ciclovia da **Praia do Pontal da Barra** até a **Praia da Jatiúca**. Navegar até as **piscinas naturais da Pajuçara**, o cartão-postal mais antigo de Maceió e que guardam o patrimônio natural de corais. Pessoas com mobilidade física reduzida, a exemplo dos cadeirantes e idosos, contam com três jangadas acessíveis. As piscinas naturais da Pajuçara também são perfeitos spas a céu aberto. Longe da cidade e no meio do mar as massagens e exercícios antiestresse fazem bem ao corpo e à mente. **Pontal da Barra**, bairro localizado no Litoral Sul de Maceió, é o destino para desvendar os segredos do mais típico artesanato alagoano: o filé, uma renda milenar, tradição passada de mãe para filha. Agora, além das mulheres, os homens também dominam o ofício. Além da arte das renderias, o Pontal da Barra tem **o mais belo pôr do sol na Lagoa Mundaú** e vários restaurantes de gastronomia regional. Para comprar artesanato ainda tem **Feirinha da Pajuçara, Pavilhão da Pajuçara** e **Guerreiros de Alagoas**. Visitar o **Mercado do Artesanato** no Centro de Maceió também é parada obrigatória. Tem cerâmica, bordados, sandálias de couro, bolsas de palha e, principalmente, as esculturas de **palitos de fósforo do artista Arlindo Monteiro**. Ainda no Centro de Maceió, uma visita à **galeria de arte Karandash**, que expõe arte contemporânea e obras dos artistas da cultura popular de Alagoas. No domingo levar a família para um dia de lazer na Praia da Pajuçara. A avenida beira-mar fica fechada para caminhar, pedalar e promover muitas brincadeiras para a criançada. Também aos domingos, na parte alta da cidade, levar a família para o **Lazer na Praça do Centenário**. A Praça possui espaço para a prática de esportes, cultura e outras atividades de lazer como piquenique. A rua sentido Centro é interditada para a realização de esportes. **Pegar onda nas praias de Cruz Almas, Jatiúca,**

Jacarecica e Riacho Doce. Praias serenas: Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca, Guaxuma, Garça Torta, Mirante da Sereia, Pratygy e Ipioca. No caminho do Litoral Norte saborear os bolos e doces da Praia de Riacho Doce. Tapioca, beiju, grude, brasileira, cocadas, bolo de macaxeira e massa puba, todos fabricados em antigos fornos de barro e lenha.

APÊNDICE F - Programação Oficial do Carnaval 2014 em Maceió – Nas ondas do Edécio

FMAC – Fundação Municipal de Ação Cultural da Cidade de Maceió

<http://maceio.al.gov.br/Carnaval/>

CARNAVAL 2014 – “NAS ONDAS DO EDÉCIO”

O CARNAVAL este ano começou no dia 21 de fevereiro, no Jaraguá Folia, com desfiles que encheram as ruas históricas do bairro com os tradicionais blocos Carnavalescos, entre eles, alguns dos 94 que receberam incentivo da Prefeitura via edital. Os festejos de momo seguiram a marca da descentralização no município, foram 10 polos espalhados em nove bairros levando para a população 100 shows com artistas locais e movimentando a cadeia produtiva da cultura em Maceió.

PRÉVIA

DIA 21/02 - Desfile de Blocos

(Blocos contemplados pelo edital da FMAC)

Farol - Estacionamento da Adefal - 14h - Balança Mas Não Cai

Santo Eduardo - Associação de Moradores e Amigos do bairro - 17h - Amigos do Santo Eduardo

Prado - Praça Da Faculdade - 19h - A Mulher Da Capa Preta

Jaraguá Folia

Praça Sinimbu

19h às 23h - Concentração dos blocos, maracatus, afoxés, bois de Carnaval e escolas de samba. - Palco com apresentação do Coletivo Afro Caeté, Banda Afro Mandela, Afoxé Oju Omim Omorewá, Maracatu Raízes da Tradição, Civilização Negra e Afoxé Odô Iyá.

Avenida da Paz e Rua Sá e Albuquerque

20h às 2h - Desfiles de blocos, maracatus, afoxés, bois de Carnaval e escolas de samba.

Praça Dois Leões

20h às 2h - Igbonan Rocha e Orquestra Pão com Ovo do maestro Everaldo Borges.

Largo dos Pombos

20h às 22h - Apresentação do Folgado Mané do Rosário de Coruripe e Baque Alagoano.

Praça Marcílio Dias

19h às 2h - Grito Rock com as bandas Baztian (AL), Far From Alaska (RN), Skabong (PE), Tequila Bomb (AL) e Dezcomunal (AL).

Lista dos blocos que desfilam no Jaraguá Folia 2014

40 na Folia - A Gente Rala mas Passa Bem - Afoxé Odô Iyá (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Afoxé Oju Omim Omorewá - Afro Mandela (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - AFSEBRAE na Folia - Amigos da Maravilha - Amigos do Rei - Arrasta Véia - Bate Lata - Bateria da Escola de Samba Girassol - Boi Águia - Boi Amizade - Boi Anaconda - Boi Cobra - Boi Dragão - Boi Gavião - Boi Trovão - Carmarista - Carnamélia - Carnaval da Alegria - Circuito Raça Ruynn - Colégio de São José - Colégio Santa Tereza - Colégio Santa Ursula - Colégio Santíssima Trindade - Colégio São Jorge - Coletivo Afro Caeté - Comendador Leguelé - Comerciarío - Coração Rubro Negro - Cultura e Folia - Curto Circuito - Da Cidadania - Da Diversidade - Da Uncisal - Das Bicicletas - Diagnose na Folia - Do HMAR - Do Jacaré - Do Prazer - Do Sintéal - Dos Sem (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Educação e Folia - Empurre o Jegue - Escola Aurelina Palmeira - Família Folia (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Filé Folia - Filhinhos da Mamãe (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Folia COC - Forró na Folia - Frevoridade Social (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Gatos Pingados - Geração Saber na Folia - Giz e Pó: Alergia Só - Gracibeleza a Boneca Gigante (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Grupo Afro Civilização Negra - Guarnição da Alegria - Guerreiros da Saúde - Hap Família - Hemoal Vida - Hemopac na Folia - Hemovida - HGE na Folia - Hospital Arthur Ramos - Já Fui Bom Nisso e Ainda Sou - Jaguar é Show (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Jambo Folia - Jaraguá é o Bicho (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Jurisfolia - Kizumba (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Layout Aprovado - Maracatu Baque Alagoano (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Maracatu Raízes da Tradição - Movimento Familiar Cristão - Nação Maracatu A Corte de Airá - Nega da Costa - No Escurinho é Mais Gostoso (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - O Nosso Sai de Qualquer Jeito - Os Timoneiros - Prazer De Viver (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Pilombeta - Pirikití (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Pitigoiana - Poço na Folia - Poténfolia - Raphinha - Sacrafolia - Santa Juliana - Santa Mônica - Segura Onda - Semas na Folia - Sindspref na Folia - Supremo Tribunal da Folia - Sururu Guerreiro - Tia Marcelina (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Tomba mas não Cai Tucanas Alagoanas na Folia - Turma da Esquina (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Turma do Carrinho de Mão - Trup Drag (contemplado pelo edital de blocos da FMAC) - Uncisal - Unifolia - Vara na Madrugada - Xibata de Jumento - Zona Postal

DIA 22/02 - Desfile de blocos

(Blocos contemplados pelo edital da FMAC)

Orla de Pajuçara e Ponta verde

6h - Bloco Pinto da Madrugada (concentração no início da orla de Pajuçara)

13h - Bloco Pecinhas de Maceió (concentração próxima aos sete coqueiros)

12h - Bloco Turma Da Rolinha (concentração na Praça Multieventos)
12h - Bloco Sururu na Lama (concentração em frente aos sete coqueiros)

Benedito Bentes I

Praça de Esportes
15h - Bloco Donas De Casas Na Folia

Clima Bom

Osman Loureiro, quadra D-6
15h - Bloco João Caganeira

Tabuleiro

Conj. Morada dos Palmares
15h - Bloco Moradão

Salvador Lyra

Quadra 21
13h - As Bonecas do Salvador Lyra

DIA 23/02 - Desfile de blocos

(Blocos contemplados pelo edital da FMAC)Ponta Verde – Multieventos - 8h30 -
Bloco Vulcão

Salvador Lyra - Quadra de Esportes - 15h - Foliões Da Melhor Idade, Resgatando
Tradições

Poço e Ponta da Terra - Em frente à sede do bloco na Rua Delegado Nataniel F.
Silva

12h - Dê o que Der, É Nazaré

Jacintinho - Rua Ivaldo Marinho, Piabas - 13h - Piabas na Folia - Rua da Saudade,
Piabas

10h - Bloco da Saudade - Grota do Cigano

10h - Bloco da Cachorrada - Próximo a Rádio 96 FM

18h - Rachas dos Piriguetes - Jatiúca - Conj. Castelo Branco

9h30 - Os Inocentes – Feitosa - Rua do Acre

11h - As Piriguetes Do Feitosa - Rua Pau D'arco

14h - Feitosa na Folia - Ponta Grossa - Rua Prof. Virgílio Guedes

15h - Bloco Carnavalesco Maria Moura - Benedito Bentes I - Praça Padre Cícero

13h - Bloco Carnaval Da ATI (Academia Da Terceira Idade) - Em frente à Escola
Estadual Pastor José Tavares

13h - Bloco dos Desempregados - Conj. Frei Damião, próximo ao antigo Terminal da
Piedade

9h - Bloco Ai Tonho - Clima Bom - Rua da Alegria

14h - Só Vai Quem Trepa - Praça Central do Conj. Osman Loureiro

14h - Coco Mania – Pitanguinha - Rua Ministro Salgado Filho

16h - Bloco Seresteiros da Pitanguinha - Joaquim Leão - Quadra 29

11h - Toma-Kana - Jardim Petrópolis II - Quadra Poliesportiva

14h - Lapadão Na Folia - Eustáquio Gomes - Em frente ao Colégio Auxiliadora

14h - Turma da Neném - Santos Dummont - Associação dos Moradores

11h - Periguetes da Esquina - Pontal Da Barra - Terminal de Ônibus - Bloco Meladinha

Vergel - Praça dos Pobres

15h - Bloco Os Pimpolhos na Folia - Vila Kennedy

15h - Bloco Meninos Da Vila – Antares - Loteamento Casa Forte

10h - Só Vai Quem Chupa - Garça Torta - Bar do Titio

9h - Submarinho da Garça – Beatles com Tempero Nordestino - João Sampaio

Pç. do Conj. João Sampaio I (Pç. do Trenzinho)

14h - Bloco do Maluco

DIA 27/02 - Desfile de blocos

(Bloco contemplado pelo edital da FMAC)

Jatiúca - Conj. Castelo Branco - 9h30 - Os Inocentes

Carnaval de Maceió na Sexta (28 / 02 / 2014)

PONTA GROSSA (PRAÇA MOLEQUE NAMORADOR)

21h – Orquestra de Frevo Moleque Namorador

00h- Orquestra de Frevo Big Moleque

PONTA GROSSA (PRAÇA MOLEQUE NAMORADOR)

21h – Orquestra de Frevo Moleque Namorador

00h- Orquestra de Frevo Big Moleque

Shows no palco das 20h às 02h

Carnaval de Maceió no Sábado (01 / 03 / 2014)

JATIÚCA – POSTO 7

19h- Artherphato - 20h- Dona Maria - 21h- Demis Santana e Orfãos do cangaço -

22h- Necronomicon

PAJUÇARA – PRAÇA DE MULTIEVENTOS

Desfile das escolas de samba das 20h às 02h

BENEDITO BENTES – POLO 1

Benedito Bentes 2 – Das 14h às 17h – Desfile de blocos na Avenida Benedito Bentes 2

Orquestra de Frevo “É de Perder os Sapatos” (Maestro Miguel)

Orquestra Los Paranhos

Shows no palco das 17h às 20h – Em frente à Escola Estadual Rubens Canuto, na Av. Guaxuma

17h – Val do Boca

18:30h – Orquestra Big Folia

CLIMA BOM (Praça Central do Osman Loureiro)

17h – Nubatuke

18:30h – Orquestra de Frevo Pé no Chão

IPIOCA

17h – Frevo Sanfonado (Xameguinho)

18:30h – BoraBora - 20h – Orquestra Jaraguá
Shows no palco das 20h às 00h, no Alto de Ipioca

JACINTINHO

Concentra às 14h desfile e sai às 17h

Orquestra Furiosa do frevo

18h – Parceiros do Samba - 19:30h- Orquestra Maceió - 21h – Axékisamba

PONTA GROSSA (PRAÇA MOLEQUE NAMORADOR)

21h – Orquestra de Frevo Moleque Namorador - 00h- Orquestra de Frevo Big Moleque

Shows no palco das 20h às 02h

PONTAL

Desfile de blocos – Orquestra Maestro Neilton

21h – Carlos Moura - 22h- Frevo no Pife – Chau do Pife - 00h – Boca de Forno

Desfile de blocos à tarde das 13h às 17h

Carnaval de Maceió no Domingo (02 / 03 / 2014)

CLIMA BOM (Praça Central do Osman Loureiro)

17h – Quinteto E+ Um - 18:30h – Orquestra de frevo do Maestro Fernandes

20h – Orquestra Everaldo Borges

JATIÚCA – POSTO 7

19h- Groove Reggae - 20h- Unidade Nova Praia - 21h- Radiola Reggae - 22h- Vitor Piralho

BENEDITO BENTES – POLO 2

Benedito Bentes 1 – Das 14h às 17h – Desfile de blocos – Concentração em frente à Escola Estadual Pastor José Tavares pelas ruas do Benedito Bentes 1. Orquestra Quebra-gelo e Orquestra Maceió Frevo.

Shows no palco das 17h às 20h – Em frente à associação ASDABBNE, por trás do 5º Batalhão da PM

17h – Geléia e banda Prakatun

18:30h – Mac Frevo & Folia

PAJUÇARA – PRAÇA DE MULTIEVENTOS

18h – Desfile de blocos de frevo - 22h – Spok Frevo Orquestra

IPIOCA

17h – Njeitos - 18:30h –Julio Uça - 20h – Orquestra Pajuçara no Frevo

Shows no palco das 20h às 00h, no Alto de Ipioca

JACINTINHO

Desfile de blocos de frevo a partir das 10h

Orquestra Carlos Gomes

Shows das 15h às 21h

17h – Spok Frevo Orquestra - 18:20h- Orquestra Sal da Terra - 20h – Sabaki

PONTA GROSSA (PRAÇA MOLEQUE NAMORADOR)

Matineé

15h – Orquestra de Frevo Moleque Namorador

21h – Orquestra de Frevo Moleque Namorador

00h- Orquestra de Frevo Big Moleque

Shows no palco das 20h às 02h

PONTAL

Desfile de blocos – Orquestra Diamantes do frevo

20h – Frevo sanfonado (Xameguinho)

22h- Cai Dentro

00h –Orquestra de Frevo Los paranhos

Desfile de blocos à tarde das 13h às 17h

Carnaval de Maceió na Segunda (03 / 03 / 2014)

PONTA GROSSA (PRAÇA MOLEQUE NAMORADOR)

21h – Orquestra de Frevo Moleque Namorador

00h – Orquestra de Frevo Big Moleque

Shows no palco das 20h às 02h

JACINTINHO

Desfile de blocos de frevo a partir das 16h

Orquestra Diamantes do frevo

Shows das 20h às 23h

20h – Frevo no Pife – Chau do Pife

21h- Orquestra Jaraguá

22h – Patusco

PAJUÇARA – PRAÇA DE MULTIEVENTOS

17h- Desfile de blocos afro

19h- Apresentações no palco

Afoxé Ofaomin | Arê Yorubá | Afoxé Odô Iyá | Maracatu Raízes da Tradição | Inaê (Guesb) | Afro Gurgumba | Coletivo AfroCaeté | Orquestra de Tambores | Afro Mandela | Luana Costa | 23h – Banda Didá (Bahia)

PONTAL

Desfile de blocos – Orquestra Los Paranhos

20h – Dé Boy Nascimento - 22h- Sutaki - 00h – Orquestra Everaldo Borges

Desfile de blocos à tarde das 13h às 17h

Carnaval de Maceió na Terça (04 / 03 / 2014)

PAJUÇARA – PRAÇA DE MULTIEVENTOS

Das 16h às 20h desfile de bonecos gigantes e Concurso de fantasias, do antigo CRB a Praça Multieventos

Shows a partir das 19h

18h – Sabaki - 20h – Orquestra Jaraguá - 22h – Maestro Danda e Orquestra (PE)

IPIOCA

Desfile de blocos pelas ruas do bairro de Ipioca – Rua Manuel Lopes, Rua São Miguel, Rua Boa Vista, AL 101 Norte até a Asplana das 13h às 19h

PONTA GROSSA (PRAÇA MOLEQUE NAMORADOR)

Shows no palco das 20h às 02h

21h – Orquestra de Frevo Moleque Namorador

00h- Orquestra de Frevo Big Moleque

PONTAL

Desfile de blocos – Orquestra Maestro Neilton

21h – Carlos Moura - 22h- Frevo no Pife – Chau do Pife - 00h – Boca de Forno

Desfile de blocos à tarde das 13h às 17h